

P. GERMANO DE SANTO ESTANISLAU

# Santa Gema Galgani

A FLOR DA PAIXÃO

Tradução do Rev.º P.º MATOS SOARES

TERCEIRA EDIÇÃO

Aumentada e actualizada

PELO

P.º JOSÉ DE OLIVEIRA DIAS, S. J.

— 13.º MILHAR —

2



PORTO  
LIVRARIA APOSTOLADO DA IMPRENSA  
RUA DE CEDOFEITA, 628

1940

Nihil obstat  
Olysiopone, 3-2-1940  
PAULUS DURÃO, S. J.  
Praep. Prov. Lusit.

Pode imprimir-se.  
Porto 16 de Fev.º de 1940.  
† A. A., BISPO DO PORTO

Todos os direitos de propriedade reservados

## Explicação que se impõe



ESTA nova edição da vida de Santa Gema Galgani atendeu-se sobretudo a enriquecê-la com abundante ilustração — 42 são as fotografuras que a adornam —, a esclarecê-la com algumas notas oportunas, a actualizá-la e a completá-la, pondo-a em dia com a adição dos novos capítulos referentes à glorificação da mística Passiflora de Luca.

Este trabalho porém competia por todos os títulos ao Rev.º P.º Matos Soares, a quem se deve a tradução desta encantadora biografia. Com ela teve Sua Rev.ª o merecimento de tornar conhecida em Portugal, de há 18 anos para cá, esta jóia autêntica da graça divina, cujo nome auspicioso foi a definição perfeita da sua alma.

Mas, absorvido actualmente por um grande empreendimento da glória de Deus, não pôde o Rev.º tradutor ocupar-se d'este trabalho, para o qual ninguém mais do que elle estava naturalmente indicado.

E, o que mãos menos competentes fizeram, não o



*fariam, se não fôsse o que já estava feito. Por isso ainda se pode dizer que esta nova edição é obra do Sr. P.<sup>e</sup> Matos Soares, exceptuando as deficiências que o leitor nela encontrar.*

*Creio que a encantadora virgem de Luca, que tanta influência mostrou exercer no coração do Divino Crucificado, não me levará a mal que eu aqui lhe diga que o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>e</sup> Matos Soares, iniciador da sua devoção em Portugal, tem direito a tôdas as bênçãos da Sua protecção para a grandiosa obra que nesta hora o preocupa.*

J. O. D.

# P R E F Á C I O



EMA GALGANI Santa'

*São as premicias auspiciosas dum pontificado que desponta esperançoso, embora sobreilado pelos clãs de Marte. São as primicias de santidade em que desabrochou o século XX, que ela é, afinal, a primeira santa do nosso século.*

*Gema santa! Santa, há muito que o mundo lho chamava, que essa foi a fama que na terra deixou ao voar para o céu. Vox populi vox Dei, costuma dizer-se. E de-facto, Santa lhe começa a chamar hoje a Igreja na sua esplendorosa liturgia.*

*Operou em mim grandes maravilhas Aquêlê que é poderoso e cujo nome é santo, podia ela dizer, fazendo-se eco da Virgem de Nazaré. Sim, também Gema Galgani tinha o seu Magnificat para entoar. E entoa-o hoje, sob a majestosa cúpula de S. Pedro, pela voz de Cristo repercutida nos lábios do seu Vigário, antifoneiro augusto de tôdas as gerações que lhe hão de cha-*

mar bem-aventurada, que hoje lhe começam a chamar santa.

Escuta, leitor, as harmonias dêsse Magnificat, recolhe os ecos dessa apoteose que transcende todos os encômios que na terra se podem tributar a um simples mortal:

«Para honra da Santíssima Trindade e de cada uma das Pessoas Divinas, para exaltação da fé católica e aumento da religião cristã, por autoridade de N. S. Jesus Cristo e dos bemaventurados Apóstolos Pedro e Paulo, depois de madura deliberação e tendo reiteradas vezes implorado o socorro divino e tomado conselho com os Cardiais da Santa Igreja Romana, Patriarcas, Arcebispos e Bispos presentes nesta cidade de Roma, DECLARAMOS SANTA A BEATA GEMA GALGANI, como tal a definimos e inscrevemos no catálogo dos Santos».

É a voz de Cristo, tornado visível no seu Pontífice, a anunciar ao mundo que em Gema Galgani operou de-facto grandes maravilhas Aquêlle que é poderoso e cujo nome é santo.

E queres saber, leitor, que maravilhas foram essas do poder e da santidade de Deus?

Abre este livro, que nêlle verás a angélica açucena de Luca aliando a uma inocência imaculada os santos excessos duma penitência que nunca puderam saciar os seus anseios de expiação. Vê-la-ás enveredando corajosamente pelos caminhos da santidade. Mas a santidade de Gema não foi infusa, não. Também ela pecou em Adão, e... não foi confirmada em graça. Nem foi de rosas o caminho que seus pés trilharam. Os espinhos — e dos mais dolorosos — foram a sua herança. Orfã

desde menina, viu sobre a sua família, afeita a uma vida desafogada, desabar a ruína e a miséria.

A leitura destes contratempos não fará mais que aumentar em ti o interesse que desperta uma vida tão cheia de maravilhas.

Abre este livro, leitor: e, no meio da tantos vaivens da fortuna, verás a jóia primorosa da família Galgani aureolada de refulgentes carismas, como os que mais nos assombram na vida dos maiores santos. Vê-la-ás em frequentes êxtases que arrebatavam o seu espirito às alturas luminosas dum mundo sobrenatural e que acabaram por fazer de toda a sua vida um continuo êxtase de amor e de inesfável contacto com a Divindade.

Abre este livro e de-prêssa experimentarás esse magnetismo divino, essa irresistível atracção que no mundo das almas não cessa de exercer a gema virginal de Luca, «cui nomen omen», disse esta manhã o Augusto Pontífice no aureo panegirico engastado na homilia da Canonização.

Verdadeira jóia da graça, esplendorosa pérola do paraíso, o seu nome foi de-facto o auspicioso preságio da sua auréola de santa. É a atracção da virtude, é a insinuação da santidade, são os castos enlevos duma candura que extasia e cativa, começando por te despertar a admiração e terminando — quem sabe? e oxalá! — por te arrastar à imitação.

Folheia este livro, e ser-te-á dado assistir a inesfáveis ascensões duma alma que sobe de claridade em claridade por todos os degraus da vida mística, desde o recolhimento infuso, e da união extática até um inexprimível contacto divino, até não sei que transfigurações será-



ficas, deliciosas fruições do amor divino, que nos deixam a ilusão de serem já beatíficas.

Observa através destas desprezenciosas páginas os passos da sua vida angelical, sobretudo nos últimos anos, e verás a grande apaixonada da Paixão do Salvador, ora banhada em misterioso suor de sangue, que lhe jorra copiosamente de todos os poros durante os seus êxtases, ora ferida visivelmente, freqüentemente e dum modo cruento pelos estigmas do Divino Crucificado, que se lhe reproduzem nas mãos, nos pés, no lado, enquanto o espírito, transportado para as regiões luminosas dum mundo superior, se abisma na contemplação dos mistérios de Getsemani, do Pretório, do Gólgota.

Não é tudo, leitor. Para acabar de retratar em Gema a fisionomia dolorosa do Salvador, são ainda as chagas da flagelação que misteriosamente se lhe abrem por todo o corpo, e nêle cicatrizam não menos misteriosamente: é a agonia mortal; é a cruenta coroação de espinhos que lhe deixa toda a cabeça crivada de inexplicáveis picadas, donde dimana o sangue em fio; são enfim lágrimas de sangue que lhe brotam dos olhos e deslisam pela face, fenómeno inédito nos anais da agiografia mística. Efeitos assombrosos, originados da simples meditação da Paixão, em que se abisma a alma compassiva da mística Passiflora de Luca, ou Flor da Paixão, como hoje mesmo lhe chamava Pio XII no acto da canonização.

Volta a página, leitor, prossegue na tua leitura. Perscruta as confidências da santa donzela, as intimidades da sua vida angelica; e no santuário augusto dum recatado aposento, transformado em celeste mansão

duma virgem candidissima, terás mil ocasiões de a veres perdida na contemplação do Salvador, que, ora em aparições sensíveis, ora em visões extáticas, se lhe apresenta e a entretém, já com indizíveis comunicações e colóquios que te convido a saborear, já com revelações e caricias divinas que não te é dado ambicionar.

Nem deixarás de a admirar também, já sorrindo extaticamente para a Rainha das Virgens que visivelmente lhe sorri, e a quem ela com encantadora familiaridade chama a sua querida mamã, já recreada num espontâneo à-vontade por alguns bem-aventurados e espiritos angélicos que a vêm visitar, já travando até relações de fraternal convivência e vivendo, quasi diria, de braço dado com o seu bom Anjo, que serve de correio visível para lhe levar as cartas ao director da sua alma.

Penetra no santuário do seu espirito e vê-lo-ás com frequência iluminado de luz profética descobrindo o futuro e o longinquo com a clarividência duma perfeita intuição e lendo no interior das almas os seus mais recônditos segredos.

E quer se não sentirá extasiado diante dessa simplicidade infantil, com que tão naturalmente a todos julgava dotados dos mesmos carismas que ela, a ponto de um dia pedir ao Senhor escondesse da vista de outros o semblante demasiado severo do seu Anjo Custódio? Não encontrarás, leitor, exemplo de tão sublime ingenuidade, como a que, ao sentir pela primeira vez em suas mãos e pés os estigmas da crucifixão, fez correr a inocente menina com as mãos abertas para sua tia, e dizer-lhe: «Olhe o que me fez Jesus!»



Não dês ainda por terminada a tua leitura. Terás também ensejo de presenciar episódios duma vida seráfica. Estende a mão sobre esse peito incandescente, onde palpita um coração em cachões. Bruscamente, instantaneamente, julgando à vecmência da combustão, terás de a retirar quasi a arder, como teve de a retirar quem ousou fazer a experiência. Labaredas inefáveis do amor divino, que lhe deixaram o peito marcado de queimaduras bem visíveis e que tão depressa acabaram por lhe consumir a existência!

Ausculda as pulsações inauditas dêsse coração incendiado, e vê-lo-ás sublevar os pesados cobertores que o abafavam: vê-lo-ás encurvar violentamente as três vértebras da caixa torácica que teimavam em represar na sua cavidade natural o fogo dum coração que nenhuma força humana podia reprimir. Coração de virgem e coração de serafim, consumido por misteriosas chamas, que sujeito a uma autópsia indiscreta quando nêlo já não palpitava a vida, deixou boquiaberta a ciência médica, ciência bem limitada que tanto ambicionava proferir o seu oráculo e que teve de emudecer diante de maravilhas para ela incompreensíveis!

Nas páginas dêsse livro te aparecerá ainda a figura imaculada de Gema Galgani nimbada com a glória do apostolado. E, se o ideal da Acção Católica te seduz, nela e nos seus exemplos encontrarás o mais simpático estímulo do zelo das almas. Vítima de expiação pelos pecadores mais empedernidos, também ela soube dar almas a Jesus. Mas o Salvador exigiu que ela lhas pagasse pelo mesmo preço por que Ele as comprou: oração, sacrifícios, sangue. Foram conversões admiráveis, mas custa-

ram-lhe suores de sangue, custaram-lhe as flagelações do Pretório, custaram-lhe a agonia do Getsemani. E porque assim cooperou apaixonada e cruentamente na obra da Redenção, por isso são também sem conta as conversões por meio dela operadas na sua vida gloriosa.

...

Deraneios de fantasia exaltada tudo o que acabas de ler? Maravilhas de palácios encantados? Senhos duma ilusa, duma histérica?

Também eu seria tentado a crê-lo, se não se tratasse duma vida contemporânea cujos prodígios puderam ser verificados, estudados, testemunhados e sujeitos à crítica mais exigente. Também eu me inclinaria a ver em Gema Galgani uma simples figura lendária, se não estivesse fresca ainda a tinta dos seus escritos, retrato da sua bela alma, fresco o sangue dos seus estigmas e das suas transpirações, fresca a memória de tantas maravilhas: se durante mais de trinta anos a Igreja não tivesse intervindo com todo o rigor dos seus exames, sujeitando à mais implacável crítica a vida, as virtudes, os milagres e os escritos de Gema, sem excluir a sua autobiografia, as suas cartas e os seus êxtases.

E depois de trinta e três anos de exame severíssimo a Igreja acaba por colocá-la nos altares. É a Igreja na canonização dos santos empenha rigorosamente a sua infalibilidade dogmática. E uma Igreja infalível não canoniza ilusas nem histéricas.



Por outro lado não há testemunhos que ofereçam garantia mais sólida que os desta biografia. Ela não podia ter autor mais autorizado do que teve. Dir-se-ia divinamente predestinado para escrever a vida desta alma, assim como fôra por Deus predestinado para a dirigir.

O P.<sup>e</sup> Germano de Santo Estanislau era o director espiritual da Santa, cuja alma foi para elle um livro aberto. E foi, além disso, testemunha ocular de muitas maravilhas que conta.

«Não me foi preciso, diz elle, interrogar tradições antigas, nem referir-me a testemunhos alheios para reconstituir a vida da Serva de Deus. Também não corri o risco de apresentar ao leitor, como verdades históricas, impressões de estranhos, que muitas vezes são menos justas. Fui eu próprio a testemunha. A maior e a melhor parte da vida mística de Gema desenrolou-se sob os meus olhos, podendo repetir com verdade as palavras do Evangelista S. João: vamos anunciar-vos o que vimos, o que ouvimos, o que apalpámos com as nossas mãos. E o meu testemunho não é o dum observador ordinário, que só vê as coisas superficialmente, mas é o da testemunha mais íntima que pode haver: do confessor e director espiritual a quem não podia escapar nenhum segredo duma alma tão cândida».

Não te escandalizem, leitor, estas últimas palavras. Dos segredos que esse director espiritual revela, uns foram presenciados por elle, não como confessor, mas

como testemunha, outros foram-lhe confiados fora da intimidade do fôro sacramental, quasi tudo lhe foi comunicado por escrito — de ordinário em correspondência epistolar —, e sobretudo elle recebeu da santa dirigida autorização para de tôdas as manifestações de consciência, feitas de qualquer modo que fôsse, fazer o uso que a glória de Deus lhe inspirasse.

Em conclusão, ao autor desta biografia não se pode assacar ignorância de causa. E falta de competência, para interpretar objectivamente os phenomenos extraordinários de que era teatro a alma da sua dirigida, muito menos. Elle foi um dos homens mais eminentes que honraram a Igreja e a benemérita Congregação de S. Paulo da Cruz.

Arqueólogo illustre, immortalizou-se pelas excavações que empreendeu e pelas interessantissimas descobertas levadas a cabo no sub-solo da Basilica romana dos Santos Mártires João e Paulo. Professor abalizado, ensinou com brilho quasi tôdas as ciências ecclesiásticas, como se em cada uma se houvesse especializado, sem falar dos seus profundos conhecimentos de pintura, escultura, architectura, epigraphia e litteratura. De tudo dão testemunho as numerosas obras que publicou.

Mas é sobretudo em theologia mística que elle se manifestou mestre consumado e merecedor do elogio que lhe tributoi Pio X, em carta assinada pelo Cardial Merry del Val a 19 de Setembro de 1907.

A par dêsse conhecimento das ciências místicas, o P.<sup>e</sup> Germano foi um profundo conhecedor das ciências médicas, fisiológicas e patológicas.

Este duplo conhecimento, com que dominava a mis-



tica e a medicina, foi o que lhe deu a autoridade e a competência cabal de guia duma alma que pairava em tão elevadas esferas da vida mística.

Mais do que ninguém habilitado a discernir o fenómeno místico dos efeitos do histerismo e do hipnotismo, o sábio *Passionista*, com uma intuição de mestre que desde o principio acertou sempre, pôde com olhar sereno fazer a autópsia delicadíssima da alma, cuja direcção Deus lhe confiara dum modo tão maravilhoso.

Para defender o seu ponto de vista, publicou três dissertações que revelam os mais sólidos conhecimentos de patologia e que foram tidas em grande aprego por médicos eminentes. Nelas ficaram refutadas as néscias interpretações de médicos materialistas, que tanto se esforçaram por attribuir a causas morbosas de histerismo e de hipnotismo os fenómenos sobrenaturais verificados na vida de Gema Galgani. E a Igreja infalível, canonizando a mística passiflora de Luca, deixou plenamente autorizado o P.<sup>e</sup> Germano, porque, digamo-lo outra vez, a Igreja não põe nos altares históricas nem illusas.

Mas há também no Autor desta obra uma qualidade que o preserva de precipitações e de entusiasmos descabidos.

Os Apóstolos obstinaram-se em não acreditar na verdade da Ressurreição, emquanto a não vissem e apalpassem. O P.<sup>e</sup> Germano principiou por nem querer ir ver e apalpar, a-pesar-de instantemente solicitado pela Santa e por seu confessor Mons. Volpi. Foi necessário que seu Superior Provincial intervisse, dando-lhe ordem expressa de ir a Luca.

E, já que me referi a Mons. Volpi, não será inopor-

tuno acrescentar, à guisa de parêntese, que este virtuoso Prelado, confessor de Gema desde a mais tenra infância, não se mostrou menos exigente e céptico. Mas também elle, como Tomé, veio a cair de joelhos diante da verdade. E ao falecer, a 19 de Junho de 1931, quando já clareava os horizontes do seu espirito a aurora da glorificação de Gema Galgani, quis deixar em testamento boa parte da sua fortuna para se levantar um templo à santidade da sua penitente.

...

Caro leitor, quando chegares ao termo destas paginas, não terás a menor dificuldade em fazer tuas as palavras do Em.<sup>mo</sup> Cardinal Fr. A. Gasquet, O. S. B., ao prefaciá a tradução inglesa desta biografia: «Quanto a mim, não conheço biografia de santo pertencente a qualquer época da Igreja que tanto tenha aproximado do meu espirito o sobrenatural, como a biografia de Gema Galgani, escrita pelo P.<sup>e</sup> Germano. Considero a vida de Gema como um daqueles auxilios que de tempos a tempos nos são dados para avigorar a nossa fé e aproximar as nossas almas de Deus...»

Assim é de-facto. É raro encontrar na agiografia cristã uma vida tão saturada de sobrenatural. Disse-se que Deus quis inundar a seráfica donzela dos seus mais extraordinários carismas, para que o nosso século, que é um século de naturalismo e de matéria pudesse apalpar o mundo sobrenatural. E assim se explica a santa fascinação exercida pela vida de Gema em todo o mundo. São exemplares da sua vida que de ano para ano se têm esgotado por dezenas de milhar em edições sucessivas:



são traduções que se multiplicam em tôdas as línguas conhecidas. São graças e milagres, são conversões, que como chuva benéfica de bênçãos não cessam de proclamar que verdadeiramente operou nela grandes maravilhas quem é poderoso e cujo nome é santo.

Até os leitores sófregos do sensacional têm encontrado nestas páginas o que nem nas páginas de novela nem nos filmes do cinema têm podido saciar essa avidez de paladares estragados. Não é o sensacional mórbido, produzido por fantasias mais ou menos engenhosas, o sensacional sempre mentiroso do romance que encontrarás nestas páginas. É o sensacional que inspira os grandes ideais da santidade, o sensacional que eleva as almas, que as transfigura e arrasta até ao heroísmo da virtude, porque é o sensacional inimigo do fantástico, que só se alia com a realidade pura e simples: realidade empolgante, como as que mais o são, mas antes de tudo, realidade flagrante, realidade autêntica, realidade palpitante.

Tais são as grandes realidades que se desenrolam nesta biografia e que tão salutares revoluções têm provocado nas almas generosas, desde que o nome de Gema Galgani começou a ser pronunciado fora de Luca.

. . .

Na profusão de tão extraordinários carismas, que enriqueceram a alma de Gema, vê-se que de-facto non est abbreviata manus Domini.

E porque o Senhor não escolheu ainda a sua mão pródiga de dons sobrenaturais, praza ao céu que pela

leitura duma vida que é toda ela um monumento levantado às maravilhas do Altíssimo e uma epopeia das divinas prodigalidades, se suscitem em Portugal renovado pelas virtudes dos novos, novas gemas, novas pérolas de igual quilate, jóias de refulgente santidade, como a que hoje, na apoteóse duma suprema ascensão, subiu glorificada ao altar de Deus. Em vez duma única estrela, será uma esplendorosa constelação a cintilar no firmamento da Igreja.

Não te detenho mais, leitor. Oxalá sintas através destas páginas palpitar o coração de Gema Galgani, comunicando aos seus leitores os incêndios de amor divino que ela experimentou, comunicando-lhes essas suas ânsias de amar, que te levarão a dizer talvez: foi um serafim que passou pela terra.

Braga, 2 de Maio de 1940.

Festa da Ascensão do Senhor.

P. E. JOSÉ DE OLIVEIRA DIAS, S. J.

# C A P Í T U L O I

Nascimento e infância de Gema — Precoces flores de virtude — Doença e morte de sua mãe

— 1878 - 1886 —



AMIGLIANO, pequena povoação vizinha da cidade de Luca, na Toscana, foi o berço da angélica virgem, cuja vida vou descrever. Nasceu a 12 de Março de 1878. Seu pai tinha fixado residência com todos os seus, havia já alguns anos, nesta localidade, onde exercia a profissão de farmacêutico. Chamava-se Henrique Galgani e era descendente por parte da mãe, segundo se diz, da família do Beato João Leonardo.

Sua mãe, Aurélia, pertencia à respeitável casa dos Landi. Eram dois cristãos de fé antiga. Do seu casamento nasceram oito filhos: cinco meninos, um dos quais morreu ainda no berço, e três meninas: excepto três todos morreram no verdor dos anos. Gema era a mais velha das meninas.

Segundo o costume de pais verdadeiramente cristãos, os esposos Galgani eram solícitos em não retardar aos recém-nascidos a graça sacramental. Por isso, no



dia seguinte ao do nascimento, levavam-nos à pia baptismal para serem regenerados em Cristo. O mesmo aconteceu com Gema, baptizada vinte e quatro horas depois de nascer, na manhã do dia 13 de Março, pelo P.<sup>o</sup> Pedro Quilici, Pároco de S. Miguel (1).

Não deixa de parecer singularmente providencial o nome que a menina recebeu. Ficava bem o nome de Gema a uma criança que pelo brilho das suas virtudes, devia ilustrar a sua família e resplandecer na Igreja de Deus como *pérola* brilhantíssima (2). Seus pais escolheram-no, levados certamente pelo grande affecto que con-

(1) Eis, por ordem cronológica, o nome dos filhos da casa Galgani:

Guido, nascido a 30 de Maio de 1871; falecido perto de Pisa (Itália) a 19 de Junho de 1922;

Heitor, nascido a 21 de Março de 1873; falecido no Brasil em 1927;

Eugénio, nascido a 5 de Junho de 1876; falecido em Luca a 11 de Setembro de 1894;

Gema — Maria — Umberta — Pia, nascida a 12 de Março de 1878; falecida a 11 de Abril de 1903;

António, nascido a 14 de Março de 1880; falecido em Luca a 21 de Outubro de 1902;

Angela, nascida a 30 de Setembro de 1881; única sobrevivente à data da canonização de Gema. Viveu na América do Sul. Actualmente viúva reside em Luca.

Júlia, nascida a 30 de Outubro de 1883; falecida em Luca a 19 de Agosto de 1902.

Acêrca do outro filho, falecido quasi ao nascer, não temos noticias certas.

(2) Gemina em italiano, do mesmo modo que em português, significa pedra preciosa. (Nota do Revisor).

sagravam a esta filha abençoada. Entre todos os seus irmãozinhos Gema era a mais querida. Henrique Galgani dizia muitas vezes: «só tenho dois filhos: Eugénio e Gema».

Ainda não era decorrido um mês depois do nascimento da querida menina, quando Henrique Galgani, para ficar em condições de dar a seus filhos educação mais esmerada, fixou residência em Luca, com toda a sua família.

Havia nesta cidade um pensionato para meninos e meninas, magistralmente dirigido por duas irmãs, as Senhoras Emilia e Helena Vallini. H. Galgani, que as tinha conhecido muito bem na sua pequena cidade natal quando, ainda jovem, vivia com seu pai Carlos, deutor em medicina, não hesitou em lhes confiar Eugénio e Gema, e depois sucessivamente António, Angela e Júlia. Gema frequentou este instituto durante cinco anos, indo para lá de manhã e só voltando à tarde ao seio de sua família, domiciliada então na vizinha rua dos *Borghi*.

De-pressa aprendeu as primeiras letras, assim como a prática de pequenos trabalhos manuais, próprios do seu sexo e da sua idade. Suas belas disposições morais, não menos que suas qualidades intellectuais, causaram grande admiração às mestras que, alguns anos depois de Gema ter saído de casa, escreviam: «A querida Gema apenas tinha dois anos quando o pai nos confiou a sua educação. Mostrou desde logo uma intelligência precoce, parecendo até que a razão já tivesse nela desabrochado. Súdida, reflectida, grave em toda a sua conduta, em nada se parecia com as companheiras, mesmo mais velhas.



Nunca foi vista a chorar nem a discutir; a sua fisionomia respirava sempre uma sorridente serenidade. Mostrava-se sempre a mesma, quer fosse elogiada, quer fosse repreendida. A sua resposta, em tais circunstâncias, consistia em um modesto sorriso, enquanto que a sua atitude conservava uma calma imperturbável, embora fosse dotada de um temperamento vivo e ardente. Enquanto tivemos a felicidade de a possuir, nunca houve precisão de a castigar. Nas suas pequenas faltas, inevitáveis em tão tenra idade, bastava uma ligeira observação para a fazer entrar logo na ordem.

«Dois irmãos e duas irmãs a acompanhavam à nossa escola; só uma vez foi surpreendida em discussão com êles. A merenda privava-se em seu favor da melhor fruta. A refeição do meio-dia preparada no instituto, Gema mostrava-se sempre satisfeita; nos lábios nunca lhe murchava o seu perpétuo sorriso.

Aprendeu sem interrupção, e primeiro que os outros, as orações usadas em nossa escola, cuja recitação completa levava cerca de meia hora. Aos cinco anos lia o ofício de Nossa Senhora e dos defuntos com tanta facilidade como uma pessoa grande; tal era a diligência que tinha empregado no estudo do breviário, que já sabia ser um tecido de louvores ao Senhor. Era, além disso, assídua no trabalho e depressa compreendia tudo o que se lhe queria ensinar, mesmo coisas acima do nível de sua idade. Tais qualidades tão raras em uma tenra menina, faziam com que Gema fosse amada em nosso instituto, especialmente por suas companheiras que parecia não poderem saciar-se de sua companhia».

Ainda há pouco (1) tive ocasião de ver confirmado pelas duas referidas senhoras tudo o que se contém nesta relação, a qual termina com o facto seguinte:

«Acêrca desta inocente e virtuosa menina diremos mais que, por suas orações, alcançámos de Deus uma graça extraordinária. Tinha-se declarado na cidade a coqueluche, atingindo todos os membros da nossa família. Em consciência não podíamos, pelo perigo de contágio, conservar connosco os cinco filhos de H. Galgani. Não sabendo que fazer, aconselhámo-nos com o Pároco da sua freguesia, o qual nos disse que não abandonássemos as pobres criancinhas; tanto mais que sua mãe estava gravemente doente e em perigo de vida. Aceitámos o conselho e imediatamente, obedecendo aos nossos desejos, Gema começou a implorar os auxílios de Deus, desaparecendo a doença sem ter atingido uma só das nossas educandas. — Assinado: Emilia e Helena Vallini».

H. Galgani, que contemplava com satisfação os rápidos progressos da sua Gema na virtude e no estudo, sentia aumentar cada vez mais a sua ternura paternal para com ela. Nos dias feriados queria-a incessantemente junto de si. Se era obrigado a ausentar-se, à noite quando voltava, as suas primeiras palavras eram quasi sempre estas: «E Gema, onde está ela?». Indicavam-lhe então o estreito aposento onde a querida menina se recolhia habitualmente para estudar, trabalhar ou pedir

(1) O autor escreve pouco depois da morte da Santa. «Ainda há pouco» significa portanto «ai por 1905». (Nota do Revisor).



a protecção do seu Jesus, passando quasi despercebida na casa.

Era uma alegria para H. Galgani levar a passeio a sua querida filhinha pela cidade ou pelo campo. E se não era possível, em tais circunstâncias, chegar a casa à hora da refeição, encomendava para ela nos melhores hotéis as iguarias mais exquisitas; para ela também mandava vir dos mais célebres estabelecimentos os vestuários e enfeites.

Semelhante parcialidade, porém, por muito merecida que seja, não é para louvar num pai, sabendo-se quantas invejas e discórdias provoca quasi sempre. A própria Gema, cuja rectidão de espirito e de coração se manifestou, podemos affirmá-lo, logo ao sair do berço, não agradava este procedimento do pai; e, embora os seus irmãozinhos não manifestassem sombra de inveja, ela queixava-se vivamente a seu pai, protestava que não merecia distincções e que não as queria. Quando não conseguia impedil-as, chorava de desgosto.

Algumas vezes este pai affectuoso tomava a encantadora criança sobre os joelhos para a cumular de caricias e de beijos. Encontrou sempre resistência e quasi nunca levava a melhor. Aquêllo anjo em carne pensava, numa idade tão tenra, que não se deve fazer distincção entre as pessoas no que diz respeito à modéstia, e por isso, debatendo-se com suas pequeninas forças, exclamava chorando: «Não me toque, Papá.

— Mas eu sou teu pai, replicava elle.

— Sim, Papá, mas eu não quero ser tocada por ninguém». Para não a contristar o pai deixava-a logo em paz. E embora ficasse descontente, terminava quasi

sempre por misturar suas lágrimas com as da filha, admirado de ver tanta virtude em tão tenra idade.

Conhecendo o poder mágico das suas lágrimas, a pequenina Gema, que foi sempre muito atilada, sabia tê-las de reserva para casos inocentes em que o seu efeito era infalível.

A ternura da Sr.<sup>a</sup> Galgani para com sua filha, não menos profunda que a do pai, era de outra tempera. Era esta senhora uma verdadeira santa e um dos mais perfeitos modelos de mãe cristã. Orava incessantemente e abeirava-se todas as manhãs da mesa eucarística, embora o seu estado de saúde lhe não permitisse ir à igreja senão com grande dificuldade. Era o Pão dos anjos que a enchia de força e de coragem para se desempenhar, com pontualidade e perfeição, de todos os seus deveres. Amava todos os filhos, mas o seu coração era atraído para Gema dum modo mais particular, porque nela, melhor que nos outros, se manifestava a predilecção do Senhor.

Efectivamente a graça do Altíssimo tinha começado bem cedo a formar esta alma ainda tenra: manifestava-se no seu carácter tão bom e tão dócil, no seu amor à solidão e ao silêncio, no desprezo de diversões e de futilidades pueris, e numa tal ou qual majestade de porte que não se costuma encontrar na idade infantil.

Em vez de se expandir em vãs demonstrações de ternura sensível, a Sr.<sup>a</sup> Galgani, conscia do seu dever, pôs todos os cuidados na cultura destes gérmenes precoces de virtude e constituiu-se, sem hesitar, directora espiritual de sua filha. Gema recordava muitas vezes com reconhecimento as indústrias incessantes com que



se exercia este magistério maternal, e declarava dever sobretudo a sua mãe o conhecimento de Deus e o amor da virtude.

A Sr.<sup>a</sup> Galgani tomava muitas vezes nos braços a querida menina e, apertando-a contra o seio que a tinha nutrido, dava-lhe santos ensinamentos, acompanhados muitas vezes de lágrimas: «*Pedi tanto a Jesus, lhe dizia ela, que me desse uma filha; ouviu-me, é certo, mas um pouco tarde. Estou doente e dentro em breve terei de te deixar.*»

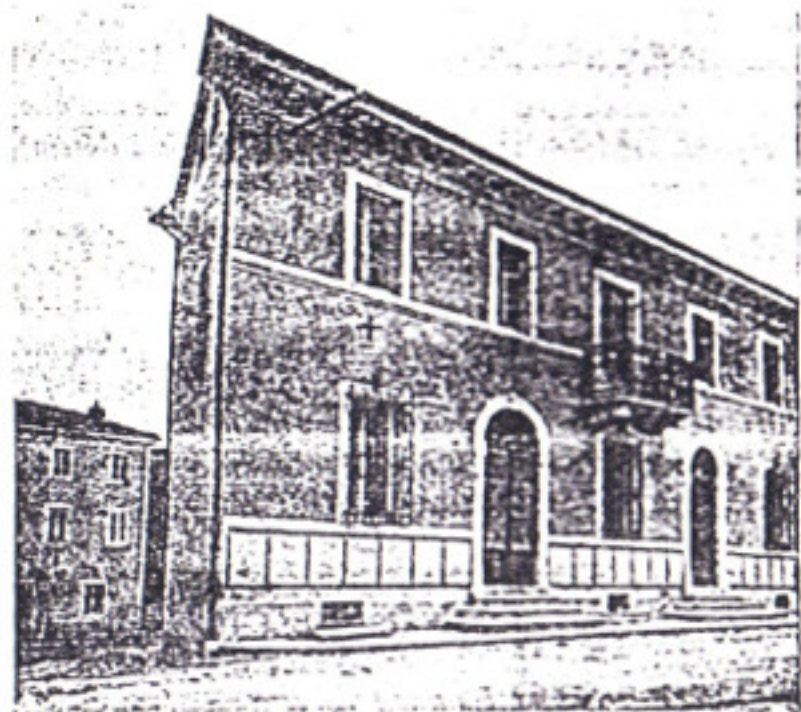
Explicava-lhe as verdades da nossa santa fé, o valor da alma, a fealdade do pecado, a dita de ser toda de Deus e a vaidade das coisas deste mundo. Outras vezes mostrava-lhe o crucifixo e dizia: «*Olha Gema, este querido Jesus morreu na cruz por nós*»; e, adaptando-se à capacidade da menina, procurava fazer-lhe compreender o mistério do amor de Deus para com os homens e o modo por que todo o cristão é obrigado a corresponder-lhe. Para lhe incutir o hábito da oração recitava com ela várias preces, de manhã ao levantar, à noite antes de se deitar e com frequência durante o dia.

Todos sabem quanto custa às crianças ouvir instruções religiosas e recitar orações vocais, incapazes como são de estar atentas muito tempo, e inclinadas à dissipação e aos brinquedos.

Gema não era assim. A sua felicidade consistia nestes primeiros ensaios de piedade cristã. Nunca se cansava de ouvir e de orar. E quando sua mãe a deixava, por causa dos cuidados domésticos, a querida menina agarrava-se-lhe aos vestidos, dizendo: «*Mamã, fale-me um pouco mais de Jesus.*»

Esta piedosa mãe, à medida que se aproximava o fim da sua vida, com o aumento dos sofrimentos, redobrava de zelo na educação religiosa dos filhos queridos. Todos os sábados acompanhava ou, não podendo, mandava acompanhar os mais velhos à igreja para se confessarem.

Deste modo queria habituá-los cedo à frequência de tão salutar sacramento. Ela mesma os preparava; e



Camigliano — Casa em que a Santa nasceu. A porta da direita dá entrada à vivenda doméstica, a da esquerda a farmácia regida por seu pai.



quando chegava a vez de Gema, a vista da sua gravidade, do seu recolhimento e da viva dor que sentia pelas suas pequeninas faltas, arrancava-lhe muitas vezes lágrimas.

Um dia disse-lhe a mãe: «*Oh! se eu pudesse levar-te comigo! Querias vir?*»

— *E para onde?* perguntou a menina.

— *Para o Paraíso a viver com Jesus e com os anjos.*

Estas palavras encheram a criança de grande alegria, e desde esse momento ateou-se em seu coração um ardente desejo de ir para o céu, desejo que aumentou sempre, terminando por consumi-la.

«*Foi minha mãe, escreveu mais tarde Gema, que começou, sendo eu ainda pequenina, a fazer-me desejar o Paraíso.*» E acrescentava com sua simplicidade habitual, referindo-se à proibição de pedir a morte: «*Agora, se ainda desejo ir para o céu, e vos peço licença para isso, respondeis-me com um formal não. Eu tinha dito a minha mãe que sim, e recordo-me que, depois de ela me ter dito que queria levar-me para o Paraíso, a minha vontade era não a deixar mais, nem sair do seu quarto.*»

A doença de D. Aurélia era a tuberculose que há cinco anos a ia consumindo. Logo que os médicos reconheceram a natureza do mal, foi proibido severamente aos filhos aproximarem-se do leito da pobre enferma.

Gema ficou muito aflita por se ver assim de repente separada daquela que amava duplamente, como mãe e como mestra. Pediu, chorou e com muito custo obteve que abrissem para ela uma excepção. E agora imagine o leitor como é que a fervorosa menina se aproveitaria da permissão obtida. Aproveitou-a bem: mas, a-pesar-disso,

mais tarde, fazendo um cuidadoso exame de consciência, ficou muito aflita por lhe parecer que tinha desobedecido e que se tinha deixado levar pelo capricho. Ela mesmo nos vai dizer o que fazia junto do leito da enferma:

«*Tôdas as noites, antes de me deitar, ia junto dela para dizer as orações, ajoelhava à cabeceira do leito e rezava.*» Sublime impulso de uma criança que nem sete anos completos tinha ainda!

Entretanto a tísica multiplicava os seus estragos, e o dia da suprema separação não podia tardar. A piedosa mãe teve o cuidado de fazer com que Gema recebesse o Sacramento da Confirmação (1). «*Que melhor poderei eu fazer, pensava ela, do que confiar esta querida filhinha ao Espírito Santo antes de dar contas ao meu Deus? Quando eu lhe faltar, sei a quem fica entregue.*»

Ela mesmo a tinha já ido preparando e afervorando para receber dignamente aquêle sacramento. Mas, não satisfeita com isto, mandava vir tôdas as tardes a sua casa uma mestra de doutrina para aperfeiçoar a sua obra. Depois, na primeira ocasião que se ofereceu, a 26 de Maio de 1885, levaram a criança à basilica de S. Miguel in Foro, onde o Senhor Arcebispo Nicolau Ghilardi administrava o Crisma. Um pormenor, que escapou mais tarde à sua reserva, nos dará uma idea das graças de eleição, de que o Espírito Santo a cumulou.

Terminada a cerimônia, as pessoas que a tinham

(1) Na Itália, como em muitos outros países católicos, as crianças recebem este Sacramento, antes da primeira comunhão.



acompanhado quizeram ficar na igreja a ouvir missa em acção de graças. Gema alegrou-se com o pensamento de poder consagrar este tempo a Deus, recomendando-lhe sua pobre mãe quasi moribunda. «*Eu ouvia, o melhor que me era possível, a santa missa, conta ela, e orava pela mamã; de repente uma voz diz-me ao coração: Queres dar-me tua mamã?*

— *Sim, respondi eu, mas com a condição de que também me levereis.*

— *Não, replicou a voz, dá-me de boa vontade tua mamã. Conduz-te-a ao céu. Dás-ma de boa vontade? Fui obrigada a dizer que sim.*

*Terminada a missa, corri para casa. Meu Deus! Permanecia junto da mamã e chorava. Não podia afastar-me dela».*

Foi esta, segundo os apontamentos de que dispo-nho, a primeira comunicação sobrenatural com que Gema foi favorecida. A circunstância da descida do Espírito Santo pelo Sacramento da Confirmação a uma alma tão pura é, por si mesma uma prova convincente de que foi Ele o verdadeiro autor deste colóquio, facto que os acontecimentos futuros mostraram ser verdadeiro. Gema tinha feito a Deus o sacrificio do que no mundo lhe era mais querido: no céu lhe ficava certo o mérito.

De volta a casa, entra no quarto de sua mãe e encontra-a quasi a expirar. Ajoelhando junto do leito, desata em soluços, reza com o coração angustiado e declara que não se afastará deste leito, porque quer recolher as últimas palavras de sua mãe. Embora conformada com a vontade divina generosamente aceita junto do altar, Gema conservava a esperança secreta de a seguir ao céu.

Entretanto a doente experimentou certas melhoras efêmeras. Depois tornou a piorar, e perderam-se todas as esperanças. O pai, porém, temendo que a presença duma filha tão amada apressasse o fim da moribunda, mandou-a sair e confiou-a, até nova ordem, a uma tia materna chamada Helena Landi.

Passado pouco tempo, a 19 de Setembro de 1856, D. Aurélia Galgani expirava santamente na idade de trinta e nove anos.

Levaram a triste nova a Gema, que ainda estava em casa da tia. A resignação desta criança de oito anos foi tanto mais admirável, quanto mais cruelmente a dor duma tal separação havia de ser sentida pelo seu coração tão affectuoso.

É assim, ó meu Deus, que, para as desprender do mundo e as purificar sempre mais, Vos comprazeis em abandonar ao martirio as almas que Vos são mais queridas e desde os seus mais verdes anos!





## C A P Í T U L O I I

Começa a frequentar o Instituto Guerra  
Primeira Comunhão e retiro preparatório

— 1850 - 1857 —

**P**OR muito boa e piedosa que fôsse D. Helena Landi, não podia atenuar em Gema a saúde de sua mãe. A santa menina, que só sentia encanto nos exercícios de piedade, experimentou bem depressa a falta que lhe fez sua querida mãe. «Foi então, disse-me ela um dia, que tive saúdaes do tempo em que a minha mãe me fazia orar tanto».

Desejava ir à igreja de manhã cedo e ninguém a queria acompanhar àquela hora. Desejava encontrar-se sôzinha para conversar com Deus e não lhe deixavam um momento de tranquilidade. Grande pecadora como era, dizia, tinha necessidade de se confessar todos os dias; e raras vezes lhe concediam esta satisfação; tão manifesta era aos olhos de todos a sua cândida inocência. Privada de director espiritual, ninguém lhe falava de Jesus, único amor de sua alma. A pobre menina sofria pois e morria de desgosto em S. Januário.

Entretanto Helena Landi, que amava muito a sobri-

nha por suas maneiras ingénuas e graves, por sua modestia e esclarecida piedade, verdadeiramente excepcional em criança de tão tenra idade, esperava obter a permissão de a conservar ainda muito tempo.

Informado d'este projecto, Eugénio, irmão de Gema, a quem a ausência da irmã, desde alguns meses, parecia intolerável, fêz valer junto do pai todos os argumentos próprios para impedir uma separação mais prolongada. E o Sr. Galgani não tinha menos desejo de conservar em casa a sua filhinha predilecta. Depois de madura reflexão sobre o melhor partido a tomar, em seguida à dor cruel que acabava de o ferir, chamou para junto de si todos os filhos, dispersos por várias partes, a fim de olhar melhor pela sua instrução. Era nos fins de Dezembro de 1886.

Gema entrou, pois, na casa paterna no meio das lágrimas de alegria de toda a família e particularmente de seu irmão Eugénio.

Não devia pensar-se em interná-la numa casa de educação: um novo afastamento custaria muito ao coração terno de seu pai. Mandaram-na como externa ao instituto, tão célebre, das Irmãs de Santa Zita, vulgarmente chamado instituto Guerra, do nome de sua fundadora. Excelente lembrança a do Sr. Galgani em confiar sua filha a estas mestras eminentes que dão às meninas, juntamente com vastos conhecimentos literários e artisticos, uma intensa instrução religiosa, formando-as numa sólida piedade.

Gema exprimiu nestes termos ao seu director a alegria que lhe causou esta determinação de seu pai, inspirado muito provavelmente por ela: «Logo que comecei a



*Exercício de desenho e prova escrita (ditado) de francês —  
extraídos do caderno escolar de Santa Gema, quando aluna do  
Instituto Guerra.*



Exercício de desenho e prova escrita (ditado) de francês —  
extraídos do caderno escolar de Santa Gema, quando aluna do  
Instituto Guerra.

N. B. Neste fac-simile se distinguem perfeitamente os erros de  
Gemazinha e as correções da mestra.



*freqüentar a escola das religiosas, estava no Paraíso*. Efectivamente sob a direcção de mestras consagradas a Deus, entre tantos exercicios e práticas de piedade, sãbiamente distribuidas pelo decorrer do dia, com tantas instruções e exortações religiosas, a fervorosa menina, habituada por sua mãe a viver mais no céu que na terra, devia sem dúvida encontrar-se no seu elemento.

Logo que se viu neste instituto, Gema solicitou o favor de fazer a sua primeira comunhão. Já desde há muito, ferida no coração por Jesus com as setas do mais puro amor, como inocente pomba soltava gemidos e consumia-se com o desejo de se unir a Ele pelo Sacramento da Eucaristia. Sua mãe querida tinha-lhe descoberto todas as doçuras e dado como que um ante-gosto d'este manjar celeste. Para intensificar mais e mais os seus ardores, conduzia-a muitas vezes ao pé do santo tabernáculo, donde o Senhor difunde os raios da sua graça e as chamas do seu amor sobre os que O procuram, e principalmente sobre as almas simples e puras.

Excessivamente apaixonada pelo *Amigo Divino*, Gema queria-O e, todos os dias, suplicava com lágrimas ao seu confessor, a seu pai e a sua mestra que lho dessem. Opunham-lhe o costume de não se admitirem à comunhão crianças de tão pouca idade, tanto mais que sua pequena estatura e membros delicados mal aparentavam seis anos, quanto mais nove.

Gema, porém, voltava incessantemente à carga, com argumentos sempre novos: *«Dai-me Jesus e haveis de ver que serei mais sossegada; não farei mais pecados; não serei já a mesma. Dai-mo; sinto-me consumir e não posso mais»*.



## 18 SANTA GEMA GALGANI

Perante tão extraordinárias instâncias, o confessor, P.<sup>e</sup> Volpi, que veio a ser bispo de Arezzo, terminou por ceder e disse a Henrique Galgani que, se não queria ver a sua filha definhando de tristeza, era preciso autorizá-la sem demora a nutrir-se com o *Pão da vida*.

Quem poderá descrever a alegria desse anjo ao saber desta determinação? Depois de ardentes acções de graças ao Senhor e à Santíssima Virgem, procurou o melhor modo de se preparar para tão insigne favor, e tomou, sem deliberação demorada, o partido de se recolher no convento de suas mestras para aí seguir, em pacífica solidão, um curso regular de exercícios espirituais.

Não era fácil levar o pai a aceitar este projecto, pois julgava não poder ficar um só dia privado da sua querida Gema. Ela porém foi tão insistente e tantas lágrimas derramou que ainda desta vez Henrique Galgani se viu obrigado a ceder. Ouçamo-la: é ela mesmo que nos vai contar o resultado:

«Obtive a permissão à tarde, e no dia seguinte de manhã fui sem perda de tempo para o convento, onde fiquei dez dias. Durante este tempo não vi ninguém da minha família. Mas como eu estava bem! que Paraíso! Apenas me vi no convento, corri à capela a agradecer a Jesus e a pedir-lhe ardentemente que me preparasse bem para a Santa Comunhão. Neste momento senti nascer em minha alma um grande desejo de conhecer circunstanciadamente toda a vida de Jesus e a sua Paixão».

Já dissemos que Gema tinha sido iniciada na meditação por sua própria mãe. Mas quem tinha ensinado a

este anjo de nove anos que o mistério da Paixão do Salvador está tão intimamente ligado ao mistério da Eucaristia, que o melhor caminho para chegar ao segundo é passar pelo primeiro? Certamente o mesmo Espírito Santo, que a tinha já inundado de tanta luz e inflamado de tanto amor para com o Augusto Sacramento do altar.

«Manifestei este desejo a minha mestra, continua Gema, e ela começou imediatamente as suas explicações. Uma noite, era já tarde, falava-me ela da crucifixão, da coroação de espinhos, de todos os suplicios de Jesus: fez uma pintura tão viva que uma dor intensa se apoderou de mim, causando-me no mesmo instante uma febre ardente que me prendeu ao leito todo o dia seguinte.

As explicações foram-me suprimidas imediatamente.

«Seguia as práticas na capela. Todos os dias o pregador nos dizia: «Quem se nutre de Jesus viverá da sua vida». Estas palavras enchiam-me de grande consolação, levavam-me a fazer este raciocínio: «Sendo assim, quando Jesus estiver comigo, não viverei mais em mim, visto que em mim viverá Jesus». E ardia em desejos de chegar ao momento em que pudesse dizer com toda a verdade: «Jesus vive em mim». Algumas vezes, meditando este pensamento, passava toda a noite a consumir-me de desejos.

«Preparei-me para a confissão geral que fiz, indo por três vezes aos pés do Senhor P.<sup>e</sup> Volpi, terminando-a no sábado, véspera do ditoso dia».

Este dia feliz foi o dia 17 de Junho de 1887, festa do Sagrado Coração de Jesus, transferida da sexta-feira



antecedente. Na véspera, Gema quis escrever a seu pai. Inspirando-se no seu coração tão cheio de celestes afectos, fêz só por si a carta seguinte, breve, porque, quanto mais o coração transborda, menos se fala:

«Querido papá, estamos na véspera do dia da primeira comunhão, dia para mim duma felicidade extrema. Resolvi escrever-vos estas poucas linhas para vos certificar do meu amor e vos dizer que peço a Jesus a fim-de que, na sua primeira vinda à minha alma me encontre preparada para receber tôdas as graças que me tem destinadas.

«Peço-vos perdão de tantas desobediências e de todos os desgostos que vos causei; suplico-vos, nesta tarde, que esqueçais tudo.

«Pedindo a vossa bênção, subscrevo-me vossa filha muito affectuosa, GEMA».

Antes de sair do santo retiro, Gema pôs por escrito as resoluções seguintes: «1.º Sempre me confessarei e comungarei como se a morte devesse surpreender-me imediatamente depois; 2.º Visitarei muitas vezes a Jesus Sacramentado sobretudo em tempo de aflição; 3.º Preparar-me-ei para cada festa da minha Mãe celeste com alguma mortificação, e tôdas as noites lhe pedirei a bênção; 4.º Quero conservar-me sempre na presença de Deus; 5.º Sempre que derem horas, direi três vezes: Meu Jesus, Misericórdia!»

Gema teria desejado continuar as suas resoluções: a mestra, porém, que a surpreendeu a escrevê-las, não lho permitiu, com receio de que, sobrecarregando-se muito, prejudicasse a saúde; pois sabia bem que a terna menina, dotada duma grande firmeza de carácter e dum

fervor extraordinário, applicaria tôdas as energias da sua alma ao cumprimento de suas promessas.

Chegou enfim o domingo de manhã, continua com uma fé ardente a admirável criança, levantei-me com prontidão e corri a Jesus pela primeira vez... As minhas aspirações foram finalmente satisfeitas e compreendi então a promessa de Jesus: «Aquêle que se nutre de mim viverá da minha vida».

O meu Pai, escreverá ela mais tarde ao seu director espiritual, o que se passou nesse momento entre Jesus e mim, eu não o poderei exprimir. Jesus fez-se sentir muito, muitissimo à minha alma indigna. Experimentei nesse instante quanto as delicias do céu diferem das delicias da terra. Senti-me dominada pelo desejo de tornar continua esta união com o meu Deus. Encontrava-me cada vez mais desprendida do mundo e mais disposta ao recolhimento.

Gema quis fazer a segunda comunhão no dia seguinte, na igreja paroquial, a insigne basilica de S. Frediano, onde se conserva o precioso tesouro dos restos mortais de Santa Zita.

As celestes impressões de sua primeira comunhão não se apagaram nunca. «A querida menina, atesta uma de suas mestras, lembrava-se dêste belo dia com um júbilo inexprimível; nas horas de recreio falava das puras e suaves delicias saboreadas nestes ditos momentos. Todos os anos quando chegava a época da primeira comunhão, sua alegria era extrema, e seguia com os primeiros comungantes os exercicios do retiro preparatório».

Todos os anos comemorava com especial devoção



aquêlê dia grande que chamava o dia da sua festa. A carta seguinte dirigida ao seu director em 1901 no dia immediato a um dêstes aniversários, vai-nos dizer que sentimentos a animavam então. Tem duas partes: a primeira, espécie de prólogo, foi escrita num dêsses êxtases que a tomavam muitas vezes, mesmo em presença dos seus familiares.

«Meu Pai, não sei se já vos disse que o dia da festa do Sagrado Coração de Jesus é também o dia da minha festa. Ontem vivi um dia de Paraíso: estive sempre com Jesus, falei sempre de Jesus, fui feliz com Jesus e chorei também com Jesus. O recolhimento interior reteve-me, mais que de ordinário, unida ao meu bem-amado Jesus... Ó frios pensamentos do mundo, afastai-vos de mim: eu não quero estar senão com Jesus, e Jesus só». Concentrando-se neste momento em si mesma para se humilhar, como costumava, depois dos seus transportes de amor, continua: «Meu Jesus, e ainda me supertais? Quanto mais penso em meus deméritos, mais confundida fico, e só encontro meio de me tranquilizar recorrendo prontamente à vossa imensa misericórdia, ó compassivo Jesus!»

Depois desta expansão de alma, Gema recupera os sentidos e vê-se com uma pena na mão diante da carta começada. Retoma o seu assunto com a maior sem-cerimônia: «Pai, para onde vai agora o meu pensamento? Para o belo dia de minha primeira comunhão. Ontem, festa do Coração de Jesus, experimentei de novo o júbilo dêsse ditoso dia. Ontem de novo gozei o Paraíso. Mas, que é gozâ-lo um só dia, quando é certo que mais tarde o gozaremos para sempre?

«O dia da minha primeira comunhão foi, posso afirmá-lo, aquêlê em que o meu coração se encontrou mais abrasado de amor por Jesus. Como eu era feliz quando, possuindo Jesus, podia exclamar: Ó meu Deus, o vosso Coração é meu. O que faz a vossa felicidade pode também fazer a minha. Que faltava então à minha felicidade? Nada».

E Gema entra de novo em si para se humilhar: «Ó Pai, Pai, mas nem todos os dias se parecem: há alguns em que tenho vergonha de mim. Oh! Quantas vezes tenho cedido aos atractivos do mundo! Que Jesus me tome depressa o coração e o guarde para si, se o não quiere ver ainda bem cedo roubado pelos meus pecados».

Nunca eu terminaria se quisesse reproduzir por completo os pensamentos e sentimentos expressos nas cartas de Gema, com uma eloquência sempre nova, sobre o assunto da sua primeira comunhão. O pouco que reproduzi bastará para mostrar em que altura pairava, longe das baixezas da terra, o grande coração dêste anjo, desde a idade dos nove anos.

Ditosa criança, bem cedo te foi concedido conhecer os mistérios do reino de Deus, ocultos à maior parte dos homens, e saborear a suavidade celeste do Maná Eucarístico preparado por Aquêlê que disse: «O que comer a minha carne e beber o meu sangue terá a vida eterna.



Carácter de Gema — Seu espírito de  
piedade — Morte de seu pai e de seu  
irmão Eugénio .

— 1888 - 1894 —

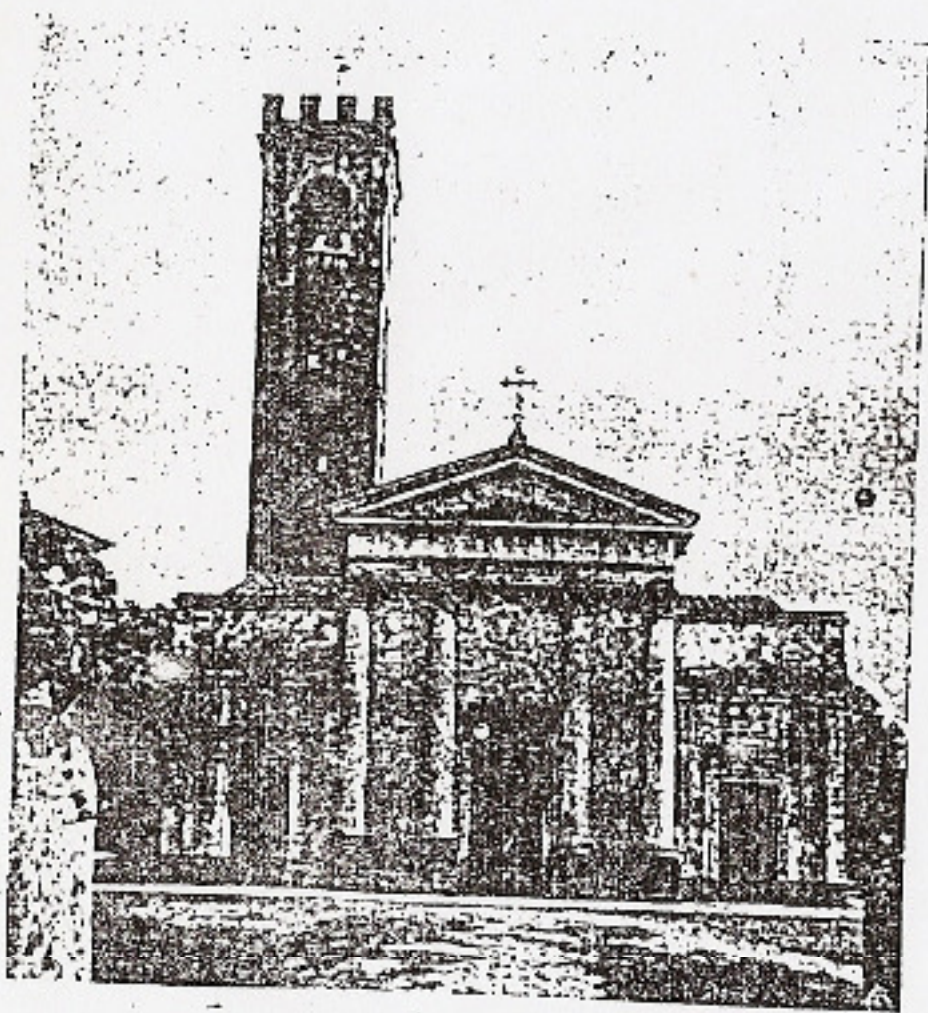
**D**EPOIS das festas da sua primeira comunhão. Gema reteve com ardor a vida escolar. Mestras e alunas, que tinham notado desde o princípio as raras disposições da recém-vinda, não se cansavam de a admirar. Entretanto a santa menina procurava dissimular as suas qualidades para permanecer desconhecida. Não o conseguia, de tal modo transparecia a candura desta bela alma em toda a sua pessoa e sobretudo nos olhos. «Gema, Gema, lhe disse um dia uma das suas mestras, se eu não lesse nos teus olhos não te conhecia».

Embora fôsse das mais novas da aula, inspirava tal respeito que todas a tratavam como mais velha. «Era a alma da escola, atesta uma outra mestra, e nada se fazia aí sem ela. Todas as companheiras a estimavam e gostavam de a associar às suas festas e brincadeiras; e não obstante Gema tinha uma natureza pouco expansiva,



brevidade de palavras, acção decidida e maneiras por vezes aparentemente rudes».

Assim se manifestava no exterior. Mas no exterior somente, porque o seu temperamento era muito diferente. Confessou-me muitas vezes que tomava de propósito



Camigliano — Igreja paroquial de S. Miguel, onde a Santa foi baptizada

maneiras um tanto ásperas com o fim de se ocultar e com receio de cair na dissipação e ofensa de Deus, distraíndo-se por causa dos sentidos. Sabia dominar-se a ponto de lhe tomarem por efeito da nossa pobre natureza o que era nela fruto de virtude. E foi assim que alguém, vendo-a tão grave e tão avara de palavras, a tratou de altiva e orgulhosa.

«Como me falais de orgulho? respondeu sorrindo: nem sequer penso nisso. Não falo muito, porque não sei o que hei-de dizer; não sei também se falaria bem ou mal, por isso calo-me».

Quando, sendo já maior, Gema se lembrar de ter sido acusada de orgulho, escreverá com impressionante humildade: «Sim, era o meu grande pecado: Jesus julgará se eu o tinha, ou não, sem saber. Estire muitas vezes para ir pedir perdão a minhas mestras, a minhas companheiras e à Mestra Superiora. Depois à tarde e muitas vezes de noite chorava em silêncio. Não conhecia este pecado em mim».

Oh!... não tivéssemos nós outro que dêsse só germinaria em nós, como germinou na virgencinha de Luca a encantadora flor da humildade.

O traço dominante do carácter de Gema era a vivacidade. Um observador atento bem depressa descobria nela um temperamento ardente, cujo sangue facilmente irritável lhe fervia nas veias. Sem uma violência continua sobre si, esta criança teria sido, como costuma dizer-se, um vivo demónio; ao mesmo tempo que, pelos recursos dum espírito pronto e perspicaz, teria exercido sobre qualquer um completo dominio.

Quantas vezes a vi eu abafar, mesmo à custa de



esforços musculares, os primeiros movimentos de cólera!

Outros formaram dela a mesma opinião. «Embora de natureza viva, diz uma testemunha, Gema era pacífica, porque triunfava sempre de si mesma. Longe de se perturbar, de discutir, se alguém a provocava, se a maltratavam mesmo, a princípio respondia por um amável olhar, depois por um sorriso tão meigo que algumas vezes a sua adversária, desarmada, se lhe lançava nos braços para a apertar affectuosamente ao coração».

Quando lhe atribuíam uma desordem acontecida na casa, declara uma outra, e a repreendiam por isso enérgicamente, Gema ouvia em silêncio, depois, quer tivesse quer não tivesse razão, dizia com voz calma: «Não vos perturbeis, não vos encolerizeis: serei obediente, prometo-vos, não farei mais isso». Era assim que este anjo sabia dominar-se.

Quanto à aparente aspereza de que fala uma das suas mestras, provinha ela do natural franco e sincero que particularmente distinguia esta bemdita criança. Para ela *sim* era *sim*, e não era não; branco era branco e preto preto.

Não havia refulhos em seu coração; falava e agia segundo o seu pensamento, sem usar de rodeios. Ignorava tudo o que no mundo se chama *cerimónia*, *etiqueta*. Cuidadosa em observar as regras essenciais da delicadeza, Gema não queria saber de mais nada. Falava francamente a todos sem distinção de pessoas, e não compreenderia que se pudesse achar que dizer acerca desta sinceridade. De-facto, ninguém jamais se ofendeu com a sua linguagem ou com as suas maneiras.

Por outro lado, quando a cândida menina estava disposta a prestar-se a uma longa conversa — o que era raro — de boa vontade ficaria qualquer longas horas sob o encanto das suas palavras. É o que acontecia no Instituto Guerra, cujas alunas, na sua totalidade, tinham pela sua Gema um tal affecto, que haveria um luto geral no dia em que a doença a fizesse voltar definitivamente para o seio de sua família.

Esta singular parcimónia de palavras, junto com um habitual recolhimento, fizeram com que alguns a julgassem tímida por natureza. Houve até quem a considerasse quasi estúpida. Gema não se preocupava com estas apreciações, e se lhe falavam nelas, dizia humildemente: «Que necessidade tenho eu de agradar ao mundo? Estúpida, sou-o muito; têm-me peço que sou na realidade; mas, pouco me importa».

Estando doente, veio um dia o médico vê-la. Admirado do seu recolhimento, modéstia e repugnância em deixar-se tocar, tomou-a por uma deyoia fanática e no fim da visita tentou convencê-la de erro, recorrendo a argumentos trazidos dos salões mundanos. Gema, até então silenciosa, respondeu imediatamente. Refutou um por um estes mesquinhos argumentos, com tal prontidão e tal vigor de frase, que o pretencioso vendo-se na impossibilidade de responder, retirou-se confundido, com singular admiração das pessoas presentes.

Eu mesmo, mais de uma vez, usando de certos sofismas quis experimentar até onde chegava a sua lógica e penetração de juízo. Devo, porém, confessar que as suas respostas subtis e judiciosas lhe deram sempre vantagem. Tanto é verdade que os homens julgam segundo as-



aparências, só Deus, porém, conhece perfeitamente os corações.

Voltemos ao instituto Guerra. A admiração das mestras para com sua discípula é traduzida nos seguintes termos extraídos duma longa memória a que temos já recorrido: «*Tôdas as religiosas, incluindo a Superiora que foi sua mestra no curso superior do ano escolar 1891-1892, tiveram uma profunda estima e vivo affecto a esta querida menina. Eu mesma, que escrevo estas linhas, tive ocasião, em virtude do meu cargo, de a ver mais de perto e de admirar particularmente a sua sólida piedade e a sua ingenuidade infantil. Desde os primeiros dias em que a conheci, julguei-a uma alma predilecta de Deus, mas oculta ao mundo.*

«*Eu ensinava as alunas a fazer de manhã um pouco de meditação, e à noite alguns minutos de exame de consciência. Observei que Gema, conhecedora já destas práticas piedosas, as tomava mais a peito. Nunca me foi possível saber dela o tempo preciso que consagrava a estes exercícios. De suas respostas evasivas conclui que devia dar-lhes muito, sobretudo à meditação.*

«*Avida de ouvir a palavra de Deus, manifestava uma alegria extraordinária nos dias em que o capelão vinha explicar o catecismo. O mesmo acontecia por ocasião das prêgações que se fazem na capela do instituto nas diversas festas do ano. Queria tornar-se uma santa à imitação da venerável Bartoloméa Capitanio. E eu lembrava-lhe muitas vezes a sua resolução por estas palavras: «Pensai bem, Gema, vós deveis ser uma gema de grande preço».*

Por sua vez a Reverenda Madre Guerra me escre-

via a respeito de Gema, treze anos depois da sua saída do instituto: «*O meu pobre coração exulta ao saber que Vossa Reverência trabalha em glorificar uma santa das minhas alunas, Gema Galgani. Tive-a cerca de dois anos nas aulas que dava, e posso afirmar que nunca se ofereceu ocasião de me queixar dela. Era muito silenciosa e muito obediente. — Irmã Helena Guerra.*

Como tôda a santidade se forma junto da Cruz, Deus pôs na alma desta jovem um vivo desejo de conhecer o grande mistério da nossa Redenção. Começou a importunar sua mestra (a mesma que lhe falava da Paixão durante o seu retiro para a primeira comunhão) e terminou por obter, à força de instâncias, a promessa de receber amplas explicações sobre este mistério, durante uma hora, tôdas as vezes que obtivesse na aula dez valores, isto é óptima, tanto no estudo como nos trabalhos manuais.

Que melhor recompensa poderia eu esperar? dizia ela a si mesmo; e, redobrando de diligência, conseguiu, a partir d'este momento, merecer quasi todos os dias o óptimo, de modo que a hora do exercício combinado lhe estava ordinariamente assegurada. «*Quantas vezes, me dizia ela um dia, reflectindo no amor de Jesus que tanto sofreu por nós, e na ingratidão com que lhe pagamos, ambas chorávamos, a mestra e eu!*

A piedosa directora indicava-lhe pequenas mortificações corporais para compensar um pouco esta ingratidão dos homens, e dava-lhe a conhecer diversos instrumentos de penitência. A fervorosa criança procurou uns e fabricou outros. Foi-lhe inútil, porém, insistir, pois não lhe permitiram fazer uso déles. Por conselho da mesma



directora substituiu as macerações da carne por uma rigorosa mortificação dos olhos, da lingua, de todos os sentidos, e mais particularmente da vontade; e nisso foi verdadeiramente admirável durante o resto da vida.

No mês de Março de 1888 foi Deus servido chamar a si esta excelente mestra, irmã Camila Vaglieusi, religiosa de rara santidade, e Gema passou para a direcção da irmã Júlia Sistini, bela alma de não menos virtude, e dotada, dum modo particular, do espirito de oração.

*«Sob a direcção desta mestra, me contou ela, comecei a sentir uma grande necessidade de orar. Todas as tardes depois da aula, logo que chegava a casa, encerrava-me num quarto para recitar de joelhos o rosário inteiro; de noite, levantava-me muitas vezes durante cerca de um quarto de hora, para encomendar a minha pobre alma a Jesus».*

Foi neste fervor de espirito e na paz doméstica que se passou o resto do ano. Desta criança podia dizer-se o que do Salvador adolescente atesta o Evangelho: que, avançando em idade, crescia em sabedoria e em graça diante de Deus e dos homens.

Mas a passagem dos justos sobre a terra é ordinariamente assinalada mais por tristezas que por alegrias, mais por trabalhos que por deleites e passatempos; e muito raro é que o Senhor os não submeta à prova desde a juventude para os habituar, pouco a pouco, às grandes lutas da vida espiritual.

Assim aconteceu bem cedo, como vimos, a Gema que aos sete anos perdeu uma tão tarinhosa e virtuosa mãe como era a sua. Mas uma tribulação muito mais

cruel ia agora cair sobre sua alma: a desolação espiritual, chamada pelos doutores ascéticos *martirio interior*. Até aqui a piedosa menina só saboreou consolações celestes e só conheceu atractivos e estimulantes para a virtude perfeita. Agora, à sua aversão sensível por tudo o que é do mundo succedem o desgosto, a tristeza e a repugnância pela oração. Quasi que já não sente o seu Jesus, cujos amorosos amplexos, de repente desaparecidos, lhe apparecem como sonhos longinquos: sofrimento intolerável este para o seu coração tão pouco habituado a tal abandono, e que se prolongará, não por alguns dias, mas por um ano quasi inteiro.

Entretanto este periodo de extrema aridez não será para ela um tempo de repouso no caminho da perfeição. Pelo contrario, sentindo occultar-se este Deus cujo amor era já o único encanto da sua vida, lança-se em Sua procura com mais ardor ainda, pelo desprendimento progressivo dos affectos terrestres, pela frequência fervorosa da santa comunhão e pela prática assidua das virtudes mais sólidas.

Esforça-se por arraigar bem no seu coração o horror ao pecado, que veremos aumentar incessantemente com a idade, e uma dor cada vez mais intensa das pequenas faltas, que lhe parecem graves e de que pede perdão a todos com receio de ser objecto de escândalo. Para melhor purificar a alma quis mesmo renovar a sua confissão geral, o que o confessor, bem convencido da sua candura, não permitiu.

Para dizer toda a verdade, este método de vida adoptado pela nossa Gemazinha agradava pouco aos membros da sua familia, que ignoravam os altos desi-



gnios do céu acerca dela; e repreendiam-na muitas vezes da sua piedade, que lhes parecia exagerada. Não lhe permitiam ir à igreja de manhã cedo e frequentá-la muito. À tarde queriam-na no passeio e preparada como as irmãs mais novas, etc. Semelhantes contrariedades enchiam de tristeza o coração da pobre criança.

A Providência, porém, veio em seu auxílio. Em seguida à morte de seu tio Maurício, que foi a 15 de Março de 1890, dois anos depois da de seu avô Carlos, suas tias Elena e Elisa vieram habitar com o irmão Henrique, pai de Gema. Eram duas senhoras de grande piedade e muito afeiçoadas aos sobrinhos. Com a chegada das tias, Gema, confiada aos seus cuidados, recuperou inteira liberdade.

Tôdas as manhãs, antes da aula, assistia ao lado delas à primeira missa, e à tarde visitava o Santíssimo Sacramento. Juntas oravam e conversavam piedosamente. A fervorosa criança julgou ter voltado aos belos dias em que vivia sua virtuosa mãe. Daí por diante nunca mais foi privada da santa comunhão. Comungava infalivelmente todos os dias, embora até aí o seu confessor apenas lho permitisse três vezes por semana.

A medida que progredia na vida espiritual, Jesus tornava-se-lhe mais íntimo. *«Fazia-se sentir de cada vez mais à minha pobre alma, confessa ela ingenuamente: dizia-me muitas coisas e dava-me a saborear mais frequentemente grandes consolações».*

Chegou o ano de 1891. Gema, tendo agora 13 anos de idade, encontra-se elevada a um grau de virtude tal que outros raramente o atingem depois dum longo tempo de esforços assíduos. Entretanto ela julga-se quasi esta-

cionária. A exemplo do Apóstolo, sem olhar para os progressos obtidos, tem constantemente os olhos fixos na perfeição ideal a que o Senhor a chama, e trabalha sem descanso por adquiri-la. Este ano devia facilitar-lhe novos progressos.

As irmãs do instituto Guerra costumam de dois em dois anos proporcionar às suas alunas um turno de exercícios espirituais: *«Custava-me a crer, escreverá ela mais tarde, que se me oferecesse esta ocasião de me encontrar de novo com Jesus. Desta vez deixaram-me só, sem auxiliar»;* quer ela dizer, sem a assistência de suas mestras, considerada inútil para essa alma de eleição.

*«Compreendi, continua ela, que Jesus me oferecia uma ocasião de bem me conhecer, e de melhor me purificar para assim lhe ser mais agradável».* No livro das suas mais caras lembranças tomou nota deste retiro nos seguintes termos: *«Exercícios do ano de 1891, durante os quais Gema deve mudar e dar-se toda a Deus».* Não se podiam desejar melhores disposições numa menina de treze anos.

*«Lembro-me, escreverá ela, que o pregador nos fez uma meditação sobre o pecado. Foi então que compreendi verdadeiramente quanto era digna do desprezo de todos: via-me ingrata para com o meu Deus e cheia de pecados. Veiu depois a meditação sobre o inferno: reconheci tê-lo merecido e tomei a resolução de fazer actos de contrição, mesmo durante o dia, sobretudo depois de alguma falta».* Mesmo durante o dia: estas palavras deixam perceber que a santa menina consagrava a tais actos uma parte das noites.

*«Nas últimas práticas dos exercícios, continua ainda,*



*meditou-se sobre os exemplos de humildade, mansidão, obediência e paciência de Jesus: e desta meditação tirei duas resoluções:*

1.<sup>a</sup> — *Visitar todos os dias a Jesus Sacramentado e falar-lhe mais com o coração do que com os lábios;*

2.<sup>a</sup> — *Ter o maior cuidado possível em evitar conversas indiferentes, e falar de coisas celestes».*

Ah! se os cristãos de idade madura levassem aos exercícios espirituais as mesmas disposições que levava esta tenra menina, que abundantes frutos de salvação não colheriam!

Uma tal aplicação às coisas divinas não levava a angélica menina a negligenciar os exercícios escolares. Pelo contrário, era apontada entre as mais laboriosas e obtinha sempre os prêmios mais honrosos. No fim do ano escolar de 1893-1894 obteve em religião o prêmio grande em ouro que somente se dá a alunas que, durante todo o curso de catecismo, alcançaram a nota mais alta.

Quando chegavam as exposições de trabalhos escolares, em uso no instituto, as mestras conseguiam algumas vezes vencer a repugnância que a humilde menina tinha de aparecer, e mandavam-lhe fazer poesias, exercícios de francês, problemas de aritmética, etc.: prova indiscutível de seus bons êxitos nestas matérias. Conta-se que os seus, vendo-a tão absorvida no estudo, lhe diziam algumas vezes em tom de vitupério: *«Para que é tanto estudar? És já tão sábia e ainda não estás satisfeita?»*

Entretanto preparava-se uma grande provação para a querida menina. Seu irmão Eugénio, que tinha con-

traído a doença da mãe, aproximava-se do fim da vida. Eram duas almas em perfeita comunhão de ideias e de sentimentos, de sentimentos de piedade sobretudo. *«Eu amava-o mais que todos os outros, diz Gema, e nos dias de férias estávamos sempre juntos, entretendo-nos a armar altazinhos e a imitar as cerimônias religiosas».*

Eugénio tinha obtido de seu pai autorização para entrar no Seminário. Já com ordens menores, preparava-se para o subdiaconato quando a doença o prostrou. Em tais circunstâncias poderiam separar-se estes dois corações? O bom irmão, logo que sabia que sua irmãzinha estava em casa, queria-a imediatamente junto do seu leito. Sem desconhecer o perigo real do contágio, Gema, pouco cuidadosa com a própria vida, conservava-se dia e noite à cabeceira do doente, servia-o, confortava-o, sugerindo-lhe piedosos pensamentos a fim de o dispor para uma santa morte. O casto jovem adormeceu no Senhor no mês de Setembro de 1894, com disposições admiráveis.

Atingida por sua vez duma doença grave que a obrigou a ficar de cama durante mais de três meses, a generosa menina viu a sua vida ameaçada. Foi para a família uma consternação geral, essa perspectiva dum novo luto. Recorreram ansiosamente a todos os meios para arrancar à morte ao menos esta filha, esta irmã, esta sobrinha tão amada. *«Não posso exprimir, conta Gema, os cuidados de que era objecto por parte de todos, mas sobretudo de meu pai que eu via muitas vezes chorar e oferecer a Jesus a sua vida para salvar a minha».*

Parece que o céu aceitou o sacrifício do pai afectuoso, porque morreu ao cabo de dois anos, como vere-



mos no próximo capítulo, enquanto a filha bem de-pressa escapava de todo o perigo. Contudo a demora da convalescença obrigou-a a dizer um adeus definitivo às suas queridas mestras do Instituto Guerra. Resignou-se pacificamente com a vontade do Senhor para viver só no seio de sua família.

É assim que Deus semeia de flores e de espinhos as veredas dos escolhidos. Não lhes dá felicidade alguma sem a fazer seguir imediatamente de alguma tristeza. Feliz daquele que, como Gema, encara os diversos acontecimentos da vida perfeitamente conformado com a vontade de Deus.



Vida de Gema em família — Primeiras comunicações sobrenaturais — Começa a provar o cálix da dor — Morte de seu pai

— 1893 - 1897 —

**C**OMPLETAVA Gema os seus dezassete anos. Livre daqui em diante das ocupações do estudo, entregou-se por completo aos cuidados do governo da casa e sobretudo à educação de seus irmãozinhos, os quais se esforçou por dirigir no caminho da virtude por meio do seu próprio exemplo, por meio de bons conselhos e por uma cuidadosa vigilância.

Informações precisas sobre o carácter da sua direcção fraternal, não as temos; mas o que já sabemos desta bendita menina permite conjecturar o que deveria ser. Compenetrada da importância da sua missão, cujas contas temia ter de dar ao Senhor, esforçava-se por cumpri-la com um cuidado extremo; e quando algum dos seus educandos caía em qualquer falta, atribuía a si a responsabilidade, por não ter sabido preveni-la com uma vigilância mais activa. Era solícita em acudir às necessidades de cada um, a-fim-de evitar os descontentamentos



e discussões que tão facilmente surgem entre rapazes e meninas de tenra idade.

O seu bom exemplo no seio da família oferecia além disso um espectáculo raro em nossos dias; provocava a admiração dos mesmos estranhos que ainda a recordam. Um criado da casa, Pedro Maggi, ligado mais particularmente ao serviço da bondosa menina, exprimia assim a sua admiração sempre nova perante a extraordinária virtude de Gema: «*Que quereis? Gema não tem igual*».

Motivo particular de admiração nesta menina era o seu amor aos pobres, o único bem que lhe restava, segundo a sua opinião, entre tantas faltas e misérias espirituais. «*Tôdas as vezes que eu saía, conta ela, pedia dinheiro a meu pai e, se mo recusava, pedia-lhe que me deixasse levar pão, farinha ou outros comestíveis. Graças a Deus, encontrava sempre pobres no caminho e até três ou quatro. Aos que vinham a casa dava roupa branca e tudo o que tinha à mão.*

*Em breve, porém, meu confessor mo proibiu: meu pai não me deu mais dinheiro, e não me deixou apoderar de mais nada. Entretanto, quando saía, não encontrava senão pobres que corriam para mim, e não tinha que lhes dar. Chorava continuamente de tristeza e terminei por não sair mais*».

Nem sempre foi permitido a Gema viver inteiramente enclausurada no seio da família. Seu pai, sabendo-a uma destas naturezas ardentes que têm necessidade de movimento, obrigava-a a sair algumas vezes, e também algumas vezes, na falta de outros, lhe confiava a vigilância dos irmãos nos passeios que davam. A jo-

vem obedecia. Mas, apenas transposto o limiar da porta, dirigia-se apressadamente por travessas bem conhecidas para o campo, a-fim-de gozar ao mesmo tempo do ar livre e da solidão, longe das habitações.

Para a contristar, serviu-se o demónio um dia desta inocente distração tomada por obediência e com tantas precauções práticas. Um jovem oficial, que a tinha observado, pôs-se a segui-la. A angélica virgem, cujos olhos andavam sempre baixos, não deu por isso: quando o notou, sua aflicção foi extrema: chorou muito e, depois de fervorosas preces, tomou de novo a resolução de nunca mais sair senão para a igreja vizinha de S. Frediano. Soube dispor tão bem tôdas as coisas que seu pai quasi a não contrariou neste ponto.

Tal era em sua vida familiar a virtude deste anjo: virtude que ela julgava não ter, esforçando-se incessantemente por adquiri-la. «*Gema, repeta, ela a todos os instantes, é preciso que mudes e te dês toda a Jesus*».



*Pia baptismal de Camigliano onde a Santa foi baptizada*



Para se animar ao fervor tirava motivo de tudo: das solenidades da Igreja, das belezas da natureza, da sucessão das estações, e dos próprios jogos em que algumas vezes tomava parte para se distrair. Num destes, o da palha, a sorte deu-lhe um dia a haste maior. «Eis, disse ela, um sinal de que Deus quer de mim uma grande santidade, e eu também a quero».

Findava o ano de 1895, e eis que a idea dum ano novo lhe veio inspirar novos desejos de vida mais perfeita. Levantou-se da meditação, tomou o livro das resoluções e escreveu: «Neste novo ano proponho começar uma vida nova. O que elle me reserva não o sei; abandono-me a Vós, ó meu Deus. Tôdas as minhas esperanças e todos os meus affectos serão para Vós. Sinto-me fraca, ó Jesus, mas com o vosso auxilio espero e quero viver dum modo diferente, isto é, mais próxima de Vós».

O seu regulamento de vida era o seguinte:

Logo ao levantar, sempre cedo, recitação das orações costumadas, em seguida assistência à santa missa e comunhão. Tôdas as tardes, a sua visita tão querida ao Santissimo Sacramento, mais ou menos prolongada, segundo o número e urgência de suas obrigações domésticas.

Ainda à tarde, meditação com outros exercícios de piedade e recitação do santo rosário de joelhos. De noite continuava, a interromper o sono, ao menos uma vez, durante perto de um quarto de hora, para recomendar a Jesus a sua pobre alma.

Que vivos sentimentos de amor, de confiança e de arrependimento das suas faltas não brotariam do seu coração durante estes momentos de prece solitária aos

pés do seu Jesus! Soube-se da sua própria boca que Deus, desde então, se comunicava à sua alma por suaves amplexos de amor, e ao seu espirito por vivas illustrações ou claras luzes, segundo a sua expressão. E assim, noite e dia, mesmo entre as occupações domésticas, emquanto os pés pisavam a terra, o seu espirito pairava nas regiões celestes.

Tão profundo recolhimento interior, longe de ser prejudicial às suas occupações materiais, ajudava-a pelo contrário a desempenhar-se delas com mais perfeição, pela lembrança de assim se conformar com a Vontade Divina, cujo cumprimento fará sempre a alegria da verdadeira piedade.

A-fim-de mais desprender ainda das coisas terrenas o coração desta virgencinha e ensinar-lhe a não se comprazer com nada aqui no mundo que não fôsse Elle, o Senhor tinha-se servido, no decurso do ano de 1895, dum meio extraordinário.

Como oferta dum seu parente, recebeu um dia um relógio de ouro e uma cruz com a sua cadeiazinha do mesmo metal precioso. Gema, para ser agradável ao doador, julgou dever levar estes objectos num dos seus passeios.

De volta a casa, emquanto tirava estas jóias, recebeu-lhe ver o seu Anjo da Guarda. O espirito celeste, olhando-a com aspecto severo, pronunciou pausadamente estas palavras: *As únicas jóias que embelezam a esposa dum rei crucificado são os espinhos e a cruz; e desapareceu.*

A impressão produzida no espirito da piedosa menina por esta visão sem precedentes e por palavras tão



expressivas fácil é adivinhá-la. Atira com desprezo para longe de si o relógio e a cadeia, tira do dedo um lindo anel, e prostrada com o rosto por terra, toma, chorando, a seguinte resolução: «*Por vosso amor, ó Jesus, e para não agradar senão a Vós, prometo-Vos não mais trazer objecto que traduza vaidade e não falar mais nêle*». Cumpriu a sua palavra e, a partir desse dia, não mais quis saber de modas nem de adornos.

Tal é, segundo as memórias de Gema, o primeiro vestígio dessas aparições angélicas que depois se tornaram freqüentes e até quotidianas, como veremos.

O próprio Rei dos anjos se dignava desde então honrá-la com ternas visitas, segundo esta ingênua declaração ao seu Director:

«*A-pesar-de eu ser tão má, Jesus vinha ver-me e dizia-me muitas coisas*». E continua: «*Não sei como não me aparecia irritado: só uma vez o vi encolerizado*». Este aspecto severo, duma só vez, era mais uma prova do que o castigo de qualquer falta voluntária, visto que Gema, no decorrer da sua vida, nunca cometeu pecado algum com plena deliberação.

Ditosa menina, que fôste julgada digna, desde a idade dos dezassete anos, de ouvir a voz humana de Jesus, de O ver e de O contemplar com teus olhos mortais!

Sem dúvida tais favores não constituem a santidade, pois muitas almas há que, sem os ter recebido, mereceram, por heróicas virtudes, as honras dos altares. Todavia são um sinal muito certo de santidade, porque nunca se notam em almas de virtude ordinária.

Não é de admirar que esta criatura privilegiada, olhando com desdém para os bens caducos desta pobre vida, suspirasse ardentemente pela pátria celeste.

«*Desde o dia, escreve ela, em que minha mãe me inspirou o desejo do Paraíso, não deixei de o experimentar; e, se o Senhor me tivesse dado a escolher, eu teria preferido ver quebrarem-se os laços do meu corpo para voar ao céu. Todas as vezes que era acometida de febre ou de qualquer outra doença, experimentava uma doce esperança. Minha dor porém aumentava quando, afastando-se a doença, sentia voltarem-me as forças*».

Um dia, depois da Sagrada Comunhão, perguntei a Jesus porque motivo me não levava para o Paraíso.

— «*Minha filha, respondeu, quero dar-te no decorrer da tua existência muitas ocasiões de te enriqueceres*



D. Antônia Landi, mãe de Santa Gema



*de méritos: avivarei sempre mais o teu desejo do céu, e continuarás a suportar a vida com paciência».*

Com estas incessantes aspirações cresciam rapidamente em seu coração as chamadas do amor divino. E dentro em breve, no ano de 1896, despertava nela e nela se radicava mais e mais um novo desejo que bem revela a sinceridade do seu amor e o seu grau de perfeição. Dêmos-lhe a palavra:

*«Um outro desejo desabrochou na minha alma, um ardente desejo de sofrer e de acompanhar Jesus nas suas dores» (1).*

E continua: *«No meio dos meus numerosos pecados, pedia todos os dias a Jesus sofrimento e muito sofrimento. Sim, meu Jesus, repetia eu, quero sofrer por Vós e sofrer muito».*

*Um ardente desejo*, disse bem: porque lhe bastava uma palavra, uma lembrança, um olhar sobre a imagem de Jesus Crucificado, para se sentir completamente penetrada de compaixão e de amor. *«Um dia, conta ela, fixando o olhar no crucifixo, fui possuída de tal dor que caí desfalecida. Meu pai, que estava presente, pôs-se a repreender-me e acusou-me de prejudicar a saúde com a minha vida retirada e com o hábito de ir à igreja muito cedo».*

(1) Mais que uma vez, o Salvador se mostrará à sua serva sob o aspecto da dor, ou como que suportando verdadeiramente os suplicios da Paixão, ou saturado de tristeza por causa da ingratiidão dos homens. Todos os santos conheceram este mistério, e, com esta visão de piedade, real ou imaginária, procuraram condoer-se amorosamente dos sofrimentos do nosso Redentor, embora a fé lhes revelasse que Ele está para sempre glorioso e impassível.

*«O que me faz mal, respondi, é ser obrigada a estar longe do tabernáculo de Jesus. E fui encerrar-me no quarto onde, pela primeira vez, desafoguei a minha dor, só com o Coração de Jesus».*

Destas palavras se deduz que até esse momento, isto é, até aos dezóito anos, a piedosa menina tinha abafado na sua alma a tristeza que lhe causavam semelhantes dificuldades. E continua ainda: *«Eu disse a Jesus: quero seguir-Vos, ó Jesus, à custa de sofrimentos, sejam eles quais forem; quero seguir-Vos com fervor. Não, meu Jesus, não mais quero causar-Vos repugnância com as minhas obras tibias, nem inspirar-Vos desgosto com a frouxidão com que Vos tenho procurado até agora».*

E, como se quisesse garantir as suas promessas, acrescenta: *«Por isso, para o futuro, oração mais recolhida, comunhão mais fervorosa. Meu Jesus por Vós quero sofrer muito, tendo sempre a prece nos lábios».*

Depois, ao considerar, as suas resoluções, o pensamento da fragilidade humana leva-a a escrever esta reflexão: *«Caí muitas vezes quem muitas vezes forma bons propósitos; mas que será de quem só raramente os forma?»*

Gema não era de modo algum inexperiente no caminho da dor, que ela tão ardentemente deseja percorrer em seguimento do seu Divino Mestre. Muito querida de Jesus desde a mais tenra idade, tinha, em consequência disso, recebido cedo a sua parte da cruz. *«Posso dizer, descobria ela ao seu Director, que, desde a morte de minha mãe, não passei um só dia sem sofrer alguma coisa por Jesus».*

Agora, que já não estava na infância, mas numa



idade madura, o Senhor ia tornar pesada a sua mão divina e aplicar golpes de mestre.

A princípio veio-lhe um mal terrível a um pé, a necrose, acompanhada de dores muito agudas. A virtuosa donzela, julgando não dever ligar importância ao mal, suportava os sofrimentos com uma generosa coragem. O mal, porém, desprezado, agravou-se, a cárie propagou-se, e foi forçoso recorrer ao cirurgião. Este, à vista dos estragos da gangrena, não ocultou os seus receios e declarou que provavelmente seria necessária a amputação do pé. Limitando-se a princípio a uma operação parcial, descobriu o osso atacado e pôs-se a raspá-lo profundamente para eliminar d'ele os pontos cariados.

A paciente, que não tinha querido ser cloroformizada, suportava heróicamente as torturas da operação; e, enquanto todos os assistentes estremeciam de horror e pena, só ela, imóvel, parecia estar indiferente. No mais duro da operação, soltou alguns suspiros involuntários, mas, olhando imediatamente para a imagem de Jesus Crucificado, pediu-lhe perdão desta fraqueza e retomou a impassibilidade.

É assim que, para empregar a sua própria expressão, depois de tanto ter pedido um pouco de sofrimento, Jesus a tinha *consolado*! O Divino Mestre libertou em breve a sua amada serva d'estes primeiros tormentos corporais, mas para lhe apresentar, no cális de sua paixão, amargura bem diferente.

Henrique Galgani, seu pai, era um homem educado à antiga: bom, simples, caridoso, incapaz de enganar alguém, incapaz de julgar que o enganassem a ele. Mas, embora o não supusesse, vivia em maus tempos. Muitos

dos que conheciam a sua bondade excessiva procuravam explorá-la em seu proveito. De toda a parte vinham ter com ele. Este vinha pedir dinheiro emprestado, aquêle vinha pedir-lhe que ficasse por seu fiador; os seus arrendatários e inquilinos não pagavam as rendas. Além disso, longas e continuas doenças na família, entre elas as de sua esposa, e de dois filhos, doenças a que se seguiu a morte, e mil outros infortúnios contribuíram para consumir pouco a pouco o seu rico património.

Quando chegou o vencimento das letras, imprudentemente caucionadas, foi completa a ruína. Todos os bens móveis e imóveis foram penhorados, e a numerosa família encontrou-se reduzida à mais lamentável miséria.

Pouco depois, o pobre pai caía doente com um cancro na garganta e não tardou a expirar, deixando os seus queridos filhos na mais completa penúria. A nova do seu falecimento, os oficiais da justiça e a força pública vieram, em nome dos credores, fechar a farmácia e selar os poucos móveis que ainda restavam.

Perante a narração dum tal infortúnio, não te parece, ó leitor, ver passar diante dos olhos as diferentes cenas das desgraças de Job? Entretanto eis quais eram os sentimentos de Gema em semelhante aflicção:

*«Entrávamos no ano de 1897, tão doloroso para toda a família. Só eu, sem coração, ficava indiferente a tantos reveses (1). O que mais affligia os outros, era encontrarem-se sem recursos e, para cúmulo, verem nosso pai tão doente. Certa manhã compreendi a gran-*

(1) Sem coração — modestia encantadora com que esconde o heroísmo de sua virtude.



deza do novo sacrificio que Jesus ia impor-me; chorei muito. Mas o Divino Mestre nestes dias de dor, fazia-se sentir muito à minha alma. E depois, a vista da edificante resignação de meu pai em face da morte inspirou-me tanta força que recebi o golpe terrível com calma.

No dia do seu falecimento, Jesus proíbiu-me derramar lágrimas inúteis. Passei-o em oração, muito resignada com a vontade de Deus, meu Pai do céu, que neste momento tomou o lugar do meu pai da terra. Depois desta perda ficávamos sem nada: não tínhamos com que viver.

Era a 11 de Novembro de 1897 que Gema se via órfã pela segunda vez. Com que heroísmo abraçou as cruzes, de cada vez mais pesadas, que o Divino Mestre costuma distribuir pródigoamente pelos seus predilectos.



## C A P Í T U L O V

Gema com sua tia em Camaione — O seu pudor virginal — Volta a Luca — As portas da morte — Aparições celestes e cura prodigiosa

— 1897-1899 —

**S**é sempre grande a desolação numa família depois da morte do pai, para a casa Galgani foi ela incalculável. O falecido deixava sem o menor recurso seis filhos e duas irmãs: Helena e Elisa.

Felizmente, outras tias que viviam fora, comovidas por um tal abandono, vieram em auxilio dos seus sobrinhos, e Gema, a preferida de entre todos, foi recolhida por sua tia de Camaione, Carolina Lencioni, cujas riquezas lhe permitiriam voltar aos dias mais prósperos da casa paterna.

Mas, assim como a virtuosa donzela se não tinha affligido com a extrema penúria de Luca, assim também não se regozijou com a opulência de Camaione. A sua única felicidade devia consistir, como sempre, no trabalho, na oração e na união íntima com Jesus. Retemperada no amor divino pela tribulação, esperava poder agora gozar em paz os seus frutos e levar em casa de sua tia, como num mosteiro, uma vida tãda celeste.



Esta expectativa foi iludida. Se no seio de sua família lhe deixavam plena liberdade para se entregar a práticas de piedade, evitando as distrações mundanas, em Camaiore, como outrora em S. Gennaro, multiplicaram-se de dia para dia os entraves ao seu ideal de santidade. Por um lado, o seu bom coração sofria em se subtrair às conveniências da sua condição, por outro experimentava, em as seguir, escrúpulo e remorsos.

Que fazer?

Longe de seu confessor ordinário, Gema não podia manifestar-lhe as suas incertezas. Abrir-se com outro, pouco ao corrente do trabalho interior da graça em sua alma, era coisa que lhe repugnava invencivelmente. Além disso, ainda que o quisesse, não poderia explicar-se nem fazer-se compreender.

A todos estes motivos de amargura vieram juntar-se inúmeras dificuldades externas contra a Comunhão frequente, seu único sustento. Em tal angústia, dirigia ao seu Jesus súplicas e queixas amorosas. Mas Ele, parecendo permanecer surdo, abandonava-a a uma profunda aridez.

A piedosa menina multiplicava contudo os esforços para se tornar mais agradável a seus olhos; e, à imitação de Santa Catarina de Sena, como que tinha levantado em seu coração um altar donde incessantemente se elevavam à Majestade Divina humildes adorações e palpitações de amor. Quando lhe era concedida autorização, dirigia-se a toda a pressa, em companhia de sua prima, para a igreja da colegiada vizinha, a fim de viver alguns instantes muito curtos junto do seu amado Jesus.

Ainda hoje os Reverendos Cônegos da Colegiada

gostam de indicar aos visitantes o lugar que ocupava habitualmente a nossa santa nas suas visitas eucarísticas.

Os seus passeios, aliás forçados, tinham quasi sempre por meta o santuário da Abadia em que se venera uma antiga imagem da Virgem Santíssima. Com que felicidade expandia aí a sua terna devoção para com sua querida Mãe, como costumava chamar-lhe! Recomendava-lhe com lágrimas a alma de seu falecido pai e dali só se retirava ao sinal de obediência.

Bem depressa um acontecimento doutra natureza a veio perturbar profundamente. A modestíssima virgem, nos seus vinte anos, era dotada de rara beleza. Dum porte nobre e gracioso, em seu modo de vestir, pôsto que dos mais simples, apresentava-se encantadora. Os seus olhos, difíceis de ver, porque os trazia constantemente baixos, brilhavam como o meigo scintilar das estrêlas; e a estes atractivos externos, a piedade, o recolhimento e a modéstia, que transpareciam em toda a sua pessoa, acrescentavam novo encanto.

Ora, aconteceu, pela segunda vez, que um jovem da terra, de muito honrada família, só com vê-la se enamorou dela; e, sem tirar muitas informações, pediu a sua mão. Era uma ocasião favorável para levantar da ruína a família Galgani. A angélica donzela, porém, nem sequer quis ouvir falar em casamento, e para se subtrair a inúteis vexames tomou a resolução de abandonar Camaiore.

Vendo que este motivo não seria facilmente admitido por sua tia, implorou de novo com a mais viva confiança o auxilio do Senhor; e Ele para livrar a sua serva de todo o perigo, permitiu que logo se lhe declarassem



dores agudas na espinha dorsal e nos rins. Animando-se então e sem se preocupar com a perspectiva das privações que a esperam em Luca, Gema pretexta o seu estado de saúde para solicitar a partida. A força de instâncias e de lágrimas obtém a permissão de entrar novamente na casa paterna que ela ia encontrar, como a tinha deixado, sepultada na miséria.

Conta-se que no momento da despedida todos os membros da família Lencioni sentiram despedaçar-se-lhes o coração, tanto os tinha atraído por suas belas qualidades a cativante menina. Viu-se o próprio tio, carácter rude e difícil de comover, lançar-se irresistivelmente nos braços desta querida sobrinha, derramando abundantes lágrimas.

Mal chegara a Luca, sentiu Gema agravar-se o seu estado. As dores dos rins e da espinha dorsal vieram juntar-se o desvio da coluna vertebral, crises terríveis da meningite, perda total do ouvir, queda do cabelo e por último a paralisia dos membros. A principio, na esperança de evitar o exame médico, temido pelo seu pudor, dissimulou ela a agudeza dos sofrimentos, particularmente excessivos na região dos rins. Como se deixaria examinar e tocar por um estranho, ela que nem sequer se permitia dirigir um olhar para os membros dolorosos, nem mesmo aproximar d'elles a mão para verificar a existência do mal?

Perante o agravamento assustador dos sintomas, a sua perplexidade tornou-se extrema. Teria certamente preferido suportar torturas dez vezes mais cruéis a receber uma visita médica, porque, lembrando-se sempre das palavras de sua mãe — *o nosso corpo é o templo do Espi-*

rito Santo —, queria a todo o custo fazê-lo respeitar como tal.

Uma tarde, porém, um médico, chamado pela família sem ela o saber, entrou-lhe súbitamente no quarto, e, a-pesar-da sua recusa inacessível a qualquer argumento, quis a tóda a força examiná-la. Perante a ordem formal de suas tias, Gema teve de oferecer a Deus o inevitável sacrificio.

O exame revelou na região lombar um grande abcesso, parecendo comunicar com um dos rins. O médico, assustado, reuniu uma junta de outros clínicos que declararam unânimemente a jovem atingida duma afecção vertebral de natureza muito grave e difficilmente curável (1). Receitaram alguns medicamentos cujo efeito foi nulo. Bem depressa os progressos incessantes do mal obrigaram a enferma ao leito incapacitada já de movimento.

Emquanto se consumia o frágil corpo da inocente menina, a sua alma expandia-se em ternos gemidos, nesses gemidos de amor que consolam e aliviam, e que ninguém trocava pelos efêmeros prazeres mundanos. Seu pensamento voava constantemente para Jesus que lhe satisfazia emfim os ardentes desejos de sofrer para Lhe agradar. Por outro lado, como o confessor estava agora ao seu alcance, a sua alma permanecia em paz; e o Senhor, em sinal de particular estima, fazia-lhe sentir uma dor intensa e um horror sempre maior ao pecado.

Dores físicas e arrependimento purificador dum

(1) Mal de Pott.



passado menos perfeito uniam-se para activar a obra de sua santificação.

Impossibilitada de se mover por si mesma, a doente, no seu leito de sofrimento, permaneceria em perpétua imobilidade, se braços caridosos lhe não viessem trazer o alívio duma mudança de posição. E assim se lhe iam passando os dias e as noites, sem outras consolações interiores além das que lhe davam a oração e a conformidade com as disposições da Providência Divina.

Algumas vezes, quando se queixava amorosamente ao Salvador de nem mesmo poder já orar, recebia por intermédio do seu Anjo da Guarda fortificantes exortações. «*Se Jesus te aflige no teu corpo, dizia o Espírito celeste, é para melhor purificar a tua alma: tem paciência.*»

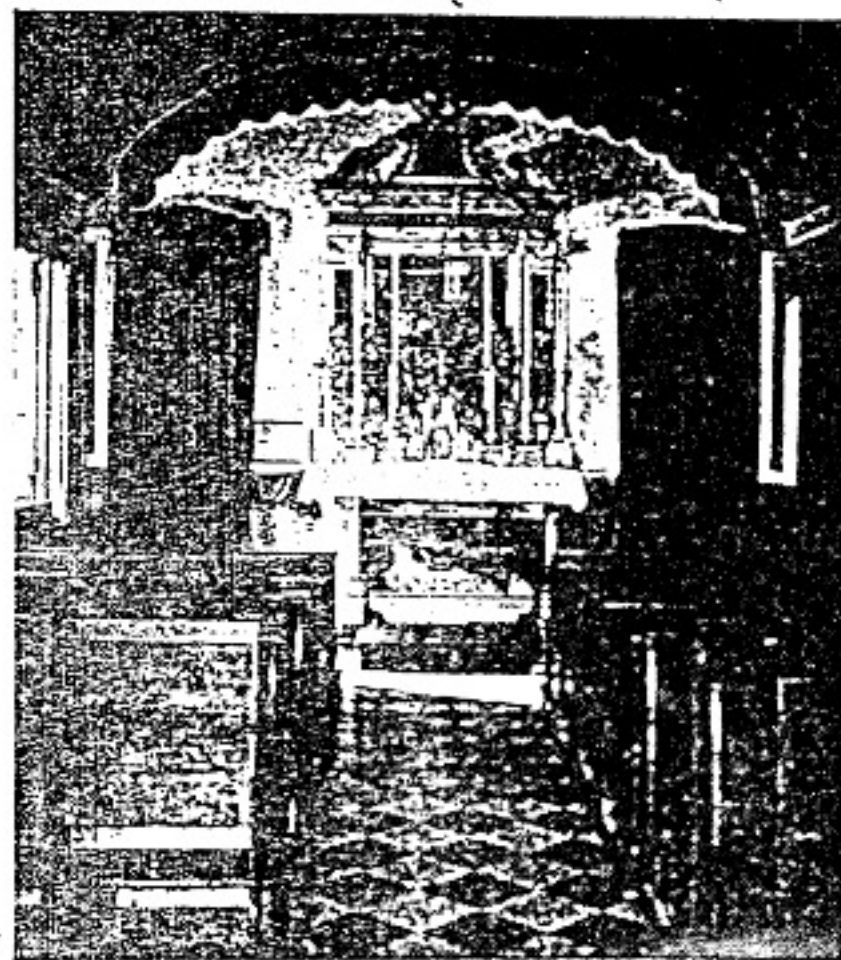
Aludindo mais tarde a esta familiaridade sempre crescente com o seu bom Anjo, escreveu Gema: «*Oh! quantas vezes, durante a minha longa doença, me disse ao coração palavras consoladoras!*»

Os membros da família Galgani faziam o impossível para valer à sua querida Gema. A-pesar-de reduzidos a uma penúria extrema, com nenhum cuidado lhe faltavam, diante de nenhum sacrifício recuavam para obter a sua cura, até que por fim, desesperando dos meios humanos, se voltaram confiadamente para o céu.

Comovida por tantos testemunhos de afecto, a jovem sofria ao lembrar-se que era para todos um motivo de embaraço por causa da sua longa e fastidiosa doença. A tristeza tornou-se-lhe tão intensa que o Senhor, quer para a humilhar quer para a confortar, se dignou vir pessoalmente repreendê-la por isso.

«*Certa manhã, conta Gema, depois de me terem*

trazido a Sagrada Comunhão, Jesus com voz muito forte, dirigiu-me uma grande censura: «*Alma pusilânime, me*



Capela interior das Irmãs de Santa Zita, em Luca (Instituto Guerra)

*disse, é o teu amor-próprio que recalcitra por não poder tomar parte na vida ordinária dos que te cercam; ou antes é a necessidade inevitável dos cuidados doutrem*



*que te causa uma excessiva confusão. Mais morta para ti mesma, não experimentarias semelhante inquietação».*

Tão consolada como esclarecida por estas palavras, a piedosa donzela recuperou a paz, e desde então ficou indiferente tanto às vicissitudes do seu estado, como aos incidentes da família.

Entretanto a notícia da sua cruel doença tinha-se espalhado pela cidade, e numerosas amigas vinham admirar de perto o que elas próprias chamavam um prodígio de paciência em tão tenra donzela. Gema, acolhendo-as com amável sorriso e provas de gratidão, trocava com elas palavras edificantes, as únicas que sabia tirar do seu coração. Era-lhe indiferente, dizia ela, voar ao céu imediatamente ou ficar ainda nesta pobre terra para sofrer tanto quanto aprouvesse a Deus.

Essas boas amigas vendo a inutilidade dos cuidados médicos, esforçavam-se por lhe fazer esperar um milagre, umas vezes por intercessão dum santo, outras por intercessão doutro, segundo a sua devoção particular.

Uma destas visitantes, querendo excitar a sua confiança em um novo intercessor, ou ao menos amenizar por uma edificante leitura as longas horas do dia, trouxe-lhe a vida de S. Gabriel de Nossa Senhora das Dores, da Congregação dos Passionistas, então somente Venerável. Gema nunca tinha ouvido falar dêsse Santo jovem nem de seus numerosos milagres, cuja nomeada enchia já toda a Itália. Também não manifestou nenhum entusiasmo a seu respeito, embora a família comesasse a dirigir-lhe ardentes súplicas.

Eis como o Senhor acendeu no coração da sua serva uma centelha de devoção, de confiança e de amor para

com este Santo, centelha que depressa se devia transformar em incêndio.

Em uma das suas horas de solidão, a pobre paciente sentiu-se de repente invadida por sombrios pensamentos de melancolia e por uma tristeza imensa. Cansada, enfraquecida, impotente para encontrar em motivos de fé o menor conforto, apoderou-se dela um desalento profundo e a vida parecia-lhe insuportável. Nada parece mais natural que semelhante crise numa rapariga doente e reduzida a tão lamentável estado.

Todavia isto não era mais do que uma tentação hábilmente dissimulada, do astucioso inimigo, que assim procurava insinuar-se-lhe pela calada na alma para mais seguramente conseguir perdê-la. Quando por seu artificio julgou tê-la completamente perturbada, tirando de súbito a máscara, manifesta-se e diz-lhe: *«Se me ouvires eu te livrarei dos teus tormentos; dar-te-ei com certeza a saúde, e com a saúde tudo o que te puder agradar».*

Pela primeira vez vemos Gema face a face com Satanás que vem abertamente travar a luta. Não sabemos se esta tentação foi produzida por meio de aparição real, se, como parecem dar a entender as palavras da serva de Deus, por meio de simples sugestão. Fosse o que fosse, o resultado foi bem claro.

A uma forte agitação e grande perturbação interior, até aí desconhecida, a piedosa menina, a-pesar-da sua inexperiência em casos desta natureza, reconheceu imediatamente a presença do demónio. Lembra-se de S. Gabriel, invoca-o confiadamente e exclama: *primeiro a alma, e só depois o corpo.*



O tentador foi repellido; mas não tardou a voltar para um segundo assalto. Nova invocação ao santo e o sinal da cruz puseram-no definitivamente em fuga.

Depois da vitória, Gema recuperou a calma e uma união mais íntima com Deus, que a recompensou generosamente da sua enérgica resistência.

Tendo assim experimentado a eficaz protecção do Santo jovem, sentiu nascer em sua alma sentimentos de gratidão e um princípio de affecto para com elle. No fim do combate, o seu primeiro pensamento foi procurar o livro da sua vida que tinha colocado sobre o travesseiro.

«Nessa mesma tarde, diz ella, pus-me a ler a *Vida do Irmão Gabriel*, li-a muitas vezes; não me podia saciar de a ler e de admirar suas virtudes e exemplos. Desde o dia em que o novo protector me tinha salvado a alma senti uma devoção particular para com elle: de noite não conciliava o sono se a sua imagem não estivesse sobre o meu travesseiro. Tinha sempre junto de mim o irmão Gabriel.

Neste ponto não me sei explicar; mas sentia a sua presença e em cada um dos meus actos me vinha elle à lembrança».

A senhora que tinha emprestado à enferma a *Vida do Santo* veio para a levar. Mas, quanto não diferiam agora os sentimentos da donzela, prestes a perder o livro, daqueles com que o tinha recebido! O seu coração entristeceu-se e as lágrimas brotaram-lhe dos olhos. A senhora, comovida, deixou-lho por mais algum tempo. Todavia, Gema teve finalmente que separar-se d'elle.

«Este Santo do céu, escreveu ella, quis dentro em breve recompensar-me d'este pequeno sacrificio, porque

na noite seguinte-me appareceu, envolvido num manto branco. Não o conheci. Mas elle, percebendo isso, abriu o manto e deixou ver o hábito dos *Passionistas*. Não tardei em o reconhecer. Perguntou-me porque tinha eu chorado, ao entregar o livro da sua vida. Não sei qual foi a minha resposta. Elle, porém, disse-me: *Sê virtuosa; voltarei a ver-te*».

Esta curta visita de S. Gabriel, enchendo de deliciosa paz e suavidade a alma da santa, reavivou fortemente o seu antigo desejo do céu: «*Vamos a Jesus* ouviam-na muitas vezes exclaimar, *sim, vamos a Jesus para ficar sempre com Elle*». Mas Jesus não tencionava ouvi-la ainda, e ella, sufocando no coração aquêle ardente desejo, permanecia tranqüila no seu leito de dor, plenamente resignada com a vontade divina.

Além dos membros da família, as caridosas irmãs de S. Camilo, chamadas *Barbantinas*, prestavam-lhe assiduamente seus cuidados, levadas a isso certamente não só pela caridade heróica de que fazem profissão, mas também pelo muito que veneravam a querida enferma.

Por vezes traziam alguma das suas noviças para que se edificasse com o espectáculo de tanto fervor e virtude. Vinham igualmente com o fim de se edificarem as irmãs de Santa Zita, que conservavam um vivo affecto à sua antiga aluna e que recordam ainda os belissimos exemplos de virtude, de que foram testemunhas durante a sua longa doença.

Entretanto os meses iam correndo sem trazer melhoras à dolorosa situação da padecente. A miséria da família aumentava com as dividas ocasionadas por tantos



médicos e remédios, chegando a ponto de ninguém lhe querer emprestar um único ceitil. As almas caridosas que vinham ver a santa enfôrma teriam certamente, por qualquer maneira, dado remédio a esta pobreza, mas os infelizes filhos de Henrique Galgani, lembrando-se da sua prosperidade de outrora abstinham-se cuidadosamente de a revelar. E assim acontecia que muitas vezes nem dispunham dum centavo para procurar a esta queridíssima irmã o mais ligeiro alívio.

Chegou a véspera da Imaculada Conceição, 7 de Dezembro de 1898. As irmãs Barbantinas apresentaram-se para a sua visita habitual, acompanhadas duma postulante a quem a pouca idade impedia de vestir o hábito religioso. A vista d'este anjo despertou em Gema o desejo de a imitar. Crendo ser uma inspiração divina, faz voto a Nossa Senhora de entrar para a Congregação das Barbantinas; se chegar a convalescer.

«Este pensamento consolou-me, escreveu ela: falei nêle à irmã Leonilda que tomou o compromisso, se eu chegasse a sarar, de me admitir à profissão na mesma época que a jovem postulante».

Muito feliz, a-pesar-dos sofrimentos físicos, a bondosa enfôrma manifestou a sua intenção ao confessor, que veio nesse mesmo dia trazer-lhe as graças do Sacramento da Penitência. «Aprovou imediatamente o meu projecto, continua, e concedeu-me ainda outra consolação, sempre recusada até aí: a de fazer nessa mesma tarde o voto de virgindade perpétua».

Gema atingia enfim o apogeu dos seus desejos. Agora já pode proclamar-se tãda de Jesus, e de Jesus só. Nessa noite uma paz celestial desceu à sua alma, e o seu

amor esperou com impaciência a alvorada do dia seguinte que devia pela primeira vez depois do voto de virgindade perpétua, uni-la a Jesus na Santa Comunhão, e dar-lhe ao mesmo tempo a alegria de oferecer à sua Mãi celeste, na festa da Imaculada Conceição, a bela promessa de tomar o véu.

Tendo-se abandonado a êstes doces pensamentos, veio um tranqüilo sono cerrar-lhe as pálpebras e pôr em repouso os seus doridos membros. Apareceu-lhe então de novo o seu querido protector, S. Gabriel, que lhe disse: «Gema, *faça de boa vontade o voto de entrar em religião, mas não lhe acrescentes nada*».

«Porque não lhe acrescentar nada?» pergunta ela, não compreendendo o sentido destas palavras.

Por única resposta ouviu estas duas palavras, acompanhadas pelo Santo dum terno olhar e dum delicioso sorriso: *Sorella mia! Minha irmã!*

«Eu nada compreendia de tudo aquilo, continua Gema. Para lhe agradecer beijei-lhe o hábito. Desprende então do seu peito o coração (emblema dos Passionistas), deu-mo a beijar, e colocou-o sobre o meu, por cima dos lençóis, dizendo de novo: *Sorella mia! E desapareceu*» (1).

Na manhã seguinte a santa jovem, recebia Jesus

(1) O Santo queria significar à donzela que formulasse simplesmente o voto de entrar em religião, sem se ligar a nenhuma congregação. Em seguida dava-lhe facilmente a entender que seria religiosa passionista, pelo menos de espírito e coração, isto é, misticamente transformada em Jesus Crucificado.



Sacramentado e pronunciava o seu voto, com a alma inundada das mais suaves delícias.

Estes favores espirituais não impediam o enfraquecimento progressivo de suas forças. Os médicos recorreram, como remédio extremo, à operação do abcesso dos rins e à aplicação de pontas de fogo ao longo da espinha dorsal. Era a 4 de Janeiro de 1899. A santa menina que antes de tudo se preocupava sempre com a guarda do seu pudor, não se deixou cloroformizar. Suportou heróicamente o suplicio, aliás inútil, porque, continuando o mal com os seus estragos, a 28 do mesmo mês lhe apareceu um tumor na cabeça que causava à pobre enferma dores horrorosas.

O médico, chamado a tóda a pressa, limitou-se a verificar a gravidade do perigo. A fraqueza de Gema não permitia atalhá-lo com uma operação cirúrgica. Outros médicos igualmente declararam o caso desesperado. «A 2 de Fevereiro, escreve Gema, confessei-me, recebi o Sagrado Viático, e esperei o momento de ir para Jesus. Os médicos, julgando que eu não ouvia, disseram entre si que não chegaria à meia-noite».

A-pesar-de tudo, Gema não devia morrer ainda. Estava nos desígnios do Senhor glorificar-se nela pela efusão dos mais extraordinários dons sobrenaturais. A cura exigia um milagre; mas Deus fê-lo e do modo muito singular que Gema nos vai descrever.

«A minha família, diz ela, fazia tríduos e novenas pela minha cura. Só eu, confortada pelas doces e ternas palavras que ouvia da própria boca de Jesus, estava indiferente. Uma das minhas antigas mestras veio visitar-me pela última vez, para me dizer adeus até nos vermos no

céu. Insistiu comigo para que eu mesmo fizesse uma novena à Beata Margarida Maria Alcoque, assegurando-me que obteria a graça duma cura perfeita ou duma pronta morte que me abria o céu. Para lhe fazer a vontade comecei-a; era a 18 de Fevereiro de 1889.



Luca — Igreja de S. Frediano onde a Santa fez a primeira comunhão a 17 de Junho de 1557

No dia seguinte, porém, esqueci-me. Comecei de novo no dia 20, mas de novo a esqueci. Que atenção na reza, meu Padrel!

Comecei pela terceira vez no dia 23. Alguns momentos antes da meia-noite senti o mover dum têrço, senti uma mão pousar-se-me sobre a fronte e uma voz começar nove vezes a seguir um Pater, Ave, Glória. Respondia



com dificuldade, tão fraca eu estava. Esta voz disse-me em seguida: Queres sarar? Invoca com fervor tôdas as noites o Sagrado Coração de Jesus. Virei ter contigo todos os dias da novena e oraremos juntamente.

Era o Venerável Gabriel, Passionista, que de-facto voltou tôdas as noites. Colocava-me sempre a mão sobre a fronte e recitávamos as preces ao Sagrado Coração de Jesus: fazia-me acrescentar três Glórias em honra da Beata Margarida Maria.

A novena terminou na primeira sexta-feira do mês. Confessei-me e, de manhã cedo, recebi a Sagrada Comunhão. Oh! que momentos deliciosos passei com Jesus!... Repetia-me: Gema, queres sarar? Eu, de comoção, não podia responder. No íntimo do meu coração disse: Jesus, como quizerdes. Como Jesus é bom! a graça estava concedida, eu estava curada (1).

Ainda não se tinham passado duas horas depois da Comunhão e eu já de pé. A minha família chorava de alegria. Eu também estava contente, não por ter recuperado a saúde, mas porque Jesus me tinha escolhido para sua filha.

Com efeito, antes de me deixar, nessa manhã, tinha-me dito ao coração com uma voz penetrante: Minha filha depois da graça que acabas de receber, seguir-me-ás com mais ardor ainda. Estarei sempre contigo.

---

(1) Dois dias antes desta cura miraculosa tem Gema uma notável aparição da Santíssima Virgem, presenciada também por Leticia Bertuccelli. O relato desta aparição feito pela testemunha ocular encontrá-lo-á o leitor mais adiante, quasi no fim desta biografia. (Nota do Revisor).

servir-te-ei de pai, e tua mãe, ei-la (mostrava-me a Virgem das Dores)» (1).

A minha assistência paternal não pode faltar àquele que se abandona nas minhas mãos; por isso nada te faltará, mesmo quando eu te tirar tôda a consolação e todo o apoio sobre a terra».

Feliz perda! ditoso ganho! Sim, feliz perda de tôdas as alegrias humanas, quando é compensada pelo ganho e pela posse de Jesus! A seqüência desta biografia vai-nos dar uma prova palpável desta afirmação.

---

(1) O Salvador mostrava uma estatueta de Nossa Senhora das Dores, colocada em frente da cabeceira da doente. Gema tinha-a recebido de sua mãe moribunda, particularidade que lha tornava duplamente querida. Gostava de fitar nela muitas vezes o olhar, mesmo durante a noite, para se condoer das inefáveis dores de sua Mãe Celeste e oferecer-lhe o coração.



Sonhos de vida claustral — Exercícios  
espirituais no convento da Visitação

Março — Maio 1899



CURA de Gema foi instantânea e perfeita. Logo que saiu do leito de dor em que sua alma se tinha purificado, como o ouro no crisol, e abrasado por completo no amor divino, a angélica menina apressou-se a retomar tôdas as práticas de piedade, principalmente a da comunhão quotidiana. «Nessa ocasião, diz ela, eu não podia viver se não fôsse a Jesus tôdas as manhãs».

Sentia-se devorada por uma fome intensa da Eucaristia, fome que de modo algum tinham podido mitigar, durante a sua doença de mais de doze meses, algumas comunhões, concedidas de longe em longe. É no Banquete sagrado que ela verá realizada a promessa do Senhor: «*Nada te faltará, mesmo quando eu te tirar toda a consolação e todo o apoio sobre a terra*». Jesus Sacramentado suprir-lhe-á tudo.

Apenas curada, Gema, que há muitos anos suspirava pela vida claustral, manifestou à família a intenção



de executar o seu projecto e o seu voto. Ninguém pensou nesse momento em contrariar uma vocação, a todos tão manifesta, tanto mais que não supunham próxima a sua realização. A serva de Deus, porém, tencionava voar sem demora para a solidão dum claustro silencioso a-fim-de aí viver só com Jesus.

Diversas circunstâncias dos últimos tempos da doença podiam deixá-la indecisa sobre a escolha duma congregação. Sob a inspiração das irmãs Barbantinas, tinha prometido à Virgem Santíssima, no caso de cura, entrar para o seu instituto. Por outro lado o Beato Gabriel, na aparição já relatada tinha-lhe várias vezes chamado irmã, colocando-lhe sobre o peito o emblema dos Passionistas.

Emfim, uma voz misteriosa parecia tê-la convidado a tomar o véu na Visitação. Gema inclinava-se mais para esta última Ordem, levada sem dúvida pelo reconhecimento para com a Beata Margarida Maria (1), cuja intercessão lhe tinha obtido a saúde. Seis dias depois da sua prodigiosa cura, escrevia: *«Eu queria voar quanto antes para onde me quer a Bem-aventurada Margarida Maria. Oh! como se está mal no mundo! Desde que deixei o meu leito de enferma, sinto uma inexprimível aversão ao que passa»*.

Entretanto a notícia da cura espalhava-se pela cidade de Luca, não sem suscitar numerosos comentários. As Visitandinas manifestaram desejo de ver a donzela

(1) Curiosa coincidência: os então Beatos e hoje Santos Gabriel e Margarida Maria vieram a ser canonizados ambos no mesmo dia, por Bento XV, a 13 de Maio de 1920. (Nota do Revisor).

para ouvir de sua própria boca as particularidades d'este acontecimento. Não se podia recusar-lhes uma tão legítima satisfação.

A miraculada foi acolhida com alvoroço no mosteiro, e as religiosas, na persuasão de a possuírem um dia definitivamente, manifestaram todo o seu júbilo. Este dia esperava Gema certamente vê-lo alvorecer desde aquêl momento da sua cura, em que uma voz celeste lhe tinha feito ouvir estas palavras: *«Renova a Jesus tôdas as tuas promessas, e acrescenta que, no mês consagrado ao Seu Coração, irás também consagrar-te a Ele»*.

A piedosa menina tinha interpretado estas palavras como um chamamento à Visitação, e, no impaciente desejo de corresponder, esmorecia por ver ainda afastado este momento. *«Hoje, escrevia ela, estamos a 9 de Março; como esperar até ao dia 1.º de Junho?»* Para suavizar o seu tormento, as Visitandinas prometeram recebê-la como recolhida pelos princípios de Maio, e um mês depois como postulante. Passaram-se trinta dias de espera, durante os quais o Senhor cumulou a sua serva de inefáveis consolações.

Nesta época começa para Gema uma vida toda celeste e a tal ponto extraordinária que pouco difere da dos maiores santos.

Até aqui foi sem dúvida favorecida por luzes intellectuais, colóquios divinos, suaves impressões de alma, aparições celestes, mas somente por intervalos mais ou menos longos. Hoje abre-se a série das comunicações divinas quasi ininterruptas e de ordem mais elevada; inspirações luminosas, sublimes atracções, poderosos

estimulantes que tão rapidamente vão conduzir a virtuosa jovem a uma admirável perfeição.

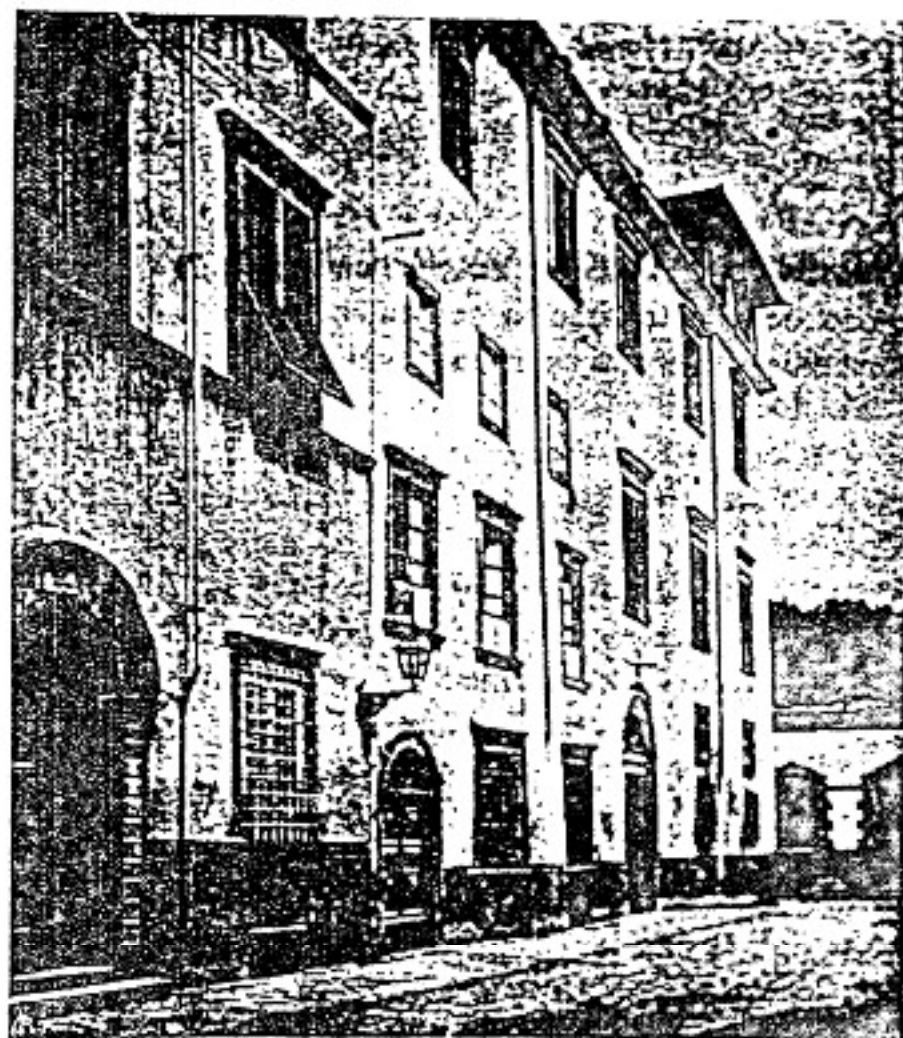
É íntima a sua união com Deus, contempla-O sem desfalecimento, sem poder deter-se em nenhuma criatura. Pelo seu absoluto abandono à Providência, pela sua inalterável conformidade com a Vontade Divina, conserva a paz e a alegria no meio das mais duras provas. Numa palavra, Gema não vive senão para Deus, para Deus convergem todos os seus desejos, por Deus clamam todas as palpitações do seu coração. Nêle só se deleita a sua alma e nêle repousa tranqüila.

Entretanto a Semana Santa vinha-se aproximando. Gema esperava-a com impaciência para expandir nesses dias memoráveis os seus ternos sentimentos para com Jesus Crucificado. Antes de referir as graças importantes recebidas nesta grande semana devemos falar da *Hora santa*, posta em prática pela santa donzela, pois foi durante este piedoso exercício que nela se realizaram, nos últimos anos da sua vida, os mais admiráveis prodígios do amor divino.

Esta piedosa prática de solidariedade com o Divino Padecente tinha-lhe sido sugerida e explicada durante a doença pela irmã Júlia, uma das suas antigas mestras do Instituto Guerra, com o fim de fortificar a sua paciência.

Unir-se dum modo especial ao divino Redentor cada quinta-feira, dia em que começou a dolorosíssima Paixão, devia agradar imenso à fervorosa menina que, não obstante o enfraquecimento físico, quis abraçar sem demora esta devoção. Pediu o manual da *Hora santa*. Este opúsculo, devido à fundadora do Instituto de Santa

Zita, Helena Guerra, tem por título: «Uma hora de oração com Jesus agonizante em Gethesemani» e contém quatro meditações muito piedosas sobre este mistério, seguidas de orações e ofertas.



Instituto Guerra, em Luca, regido pelas Irmãs de Santa Zita, onde a Santa foi educada



Depois de ter dado uma vista de olhos a estas páginas, Gema julgou-se na posse dum tesouro e fez ao Coração de Jesus a promessa de jamais em sua vida omitir tão comovente devoção, se chegasse a sarar da sua doença mortal. Recuperada a saúde miraculosamente, apressou-se a cumprir a sua palavra com a aprovação do confessor. Era em Quinta-feira Santa.

Com o fim de se dispor melhor para o piedoso exercício, a santa fê-lo preceder duma confissão geral. Esta preparação tão séria revela o alto conceito que o Senhor lhe tinha inspirado acêrca duma prática secretamente ordenada por sua Providência com um fim misericordioso de que trataremos em outro capítulo. Ouçamos Gema descrever-nos as operações da graça nesta Quinta-feira Santa.

*«Comecei pela primeira vez a fazer a Hora santa fora do leito, segundo a minha promessa ao Sagrado Coração. O arrependimento de meus pecados atingiu tal intensidade que sofri um verdadeiro martírio. Em minha dor imensa restava-me uma força que era ao mesmo tempo um alívio: a de chorar. Chorei, pois, e orei durante tôda a hora; em seguida sentei-me. A dor continuava.*

*Alguns instantes depois senti um grande recolhimento e como que um enfraquecimento repentino de minhas forças. Quási que não pude levantar-me para fechar à chave a porta do quarto.*

*Onde me encontrei então? Em presença de Jesus Crucificado, jorrando sangue de tôdas às partes. Muito perturbada com esta aparição, baixei os olhos e fiz o sinal da Cruz. A perturbação succedeu dentro em pouco*

*a tranqüilidade de espírito (1); mas a dor dos meus pecados tornava-se com isto cada vez mais viva. Não me sentindo com coragem de, nem sequer por um instante, levantar os olhos para Jesus, prostrei-me com a fronte em terra e fiquei muitas horas nesta posição. Voltei a mim: as chagas de Jesus tinham-se gravado tanto no meu espírito que não mais se apagaram».*

A visão desapareceu. Gema ardendo no amor de Jesus Crucificado, suspirou então pela alvorada de Sexta-feira Santa para contemplar Suas inefáveis dores e para se unir às Suas três horas de agonia. Chegada, porém, a hora dos Santos Ofícios, a família, por prudência, recusou-lhe autorização de ir à igreja, com receio de que em tal dia a vivacidade da sua fé e a ternura do seu amor lhe despedaçassem o coração.

Gema sentiu profundamente esta contrariedade e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Dominou-se contudo, pois nos declara: *«Fiz resolutamente a Jesus este primeiro sacrificio, e Jesus tão generoso para comigo quis recompensá-lo».*

Para não perder o fruto do exercício que quisera realizar na igreja, a nossa santa encerrou-se no quarto; e a sós começou as três horas de oração. Que digo, a sós? Mal se havia ajoelhado, vê aproximar-se o seu Anjo

(1) Eis segundo os teólogos, a diferença entre as aparições celestes e as aparições diabólicas: as primeiras a principio inspiram temor e, logo depois uma suave tranqüilidade, enquanto que as segundas para melhor se insinuarem começam por uma fingida segurança, para terminarem por uma grande perturbação e vivo terror. Não é pois difícil ordinariamente distinguir umas das outras.

da Guarda. O espirito celeste censura-lhe as lágrimas que acaba de derramar; dirige-lhe sábias advertências sobre a força de alma que Deus quer em face do sacrificio; depois uniu-se às suas orações e ajudou-a a fazer companhia a Jesus padecente e à Virgem Dolorosa.

Com esta assistência Gema recebeu em sua contemplação tão grandes graças que mais tarde poderá dizer ao seu director: *«Foi a primeira vez e a primeira sexta-feira em que Jesus se fez sentir tão fortemente à minha alma; e embora O não tivesse recebido das mãos do sacerdote, porque era impossível (1), o próprio Jesus veio dar-se a mim (2). A nossa união foi tão íntima que fiquei confundida. Como era impressionante a voz de Jesus».*

Estes favores enchendo de consolação a alma da santa donzela, enchiam-na também de confusão e de temor, tão indigna se julgava deles. Queria, em sua humildade, não os deixar entrever a ninguém. Para que se resolvesse a revelar ao seu próprio confessor a intercedora aparição de Sexta-feira Santa, teve o Anjo da Guarda de a exortar muitas vezes e de a repreender até.

A vista do Redentor, todo coberto de sangue, tinha excitado no coração de Gema dois sentimentos: *«O do amor, nos dizia ela, do amor até ao sacrificio, e um vivo desejo de sofrer alguma coisa por Aquêlê que tanto tinha sofrido por mim».*

Como consequência disto, que idea havia ela de ter?

(1) Em Sexta-feira Santa não se dá a comunhão aos fiéis.

(2) De que modo Jesus se deu a Gema, ver-se-á no capítulo XXVIII.

Sem ser notada, vai ao poço da casa, desprende a corda, dá-lhe muitos nós e, com ela assim, aperta a sua carne.

Mas, como chegar ao sonhado grau de amor de Deus? A fervorosa menina pergunta-o ao confessor, e como a resposta lhe parecesse insufficiente, dirigiu-se directamente ao Senhor. *«Eu estava inquieta, escreve, por não saber amar; Jesus, porém, em sua bondade infinita, dignou-se descer até ao ponto de se tornar meu mestre».*

Era um dia de Abril do ano de 1899, durante a oração da noite. Sôzinha, no seu estreito quarto, a fervorosa virgem tinha o pensamento e o coração abismados no Divino Padecente, quando *«de-repente, continua ela, me senti profundamente recolhida e me encontrei pela segunda vez em presença de Jesus Crucificado. Mostrando-me as suas cinco chagas abertas, disse: Vê, minha filha, e aprende como se ama. Vês esta cruz, estes espinhos e estes cravos, estas carnes lividas, estas pisaduras, estas chagas? Tudo é obra do amor e do amor infinito. Eis até que ponto te amei. Queres amar-me verdadeiramente? APRENDE PRIMEIRO A SOFRER: O SOFRIMENTO ENSINA A AMAR».*

Diante desta visão e ao ouvir tais palavras, a terna menina experimentou uma dor tão intensa que, abandonada de suas forças, caiu desmaiada e ficou muitas horas estendida no chão.

Predestinada menina, agora já sabes da própria boca do Divino Mestre como se ama. Prepara-te, agora, para a dor que vai fazer de ti um ardente serafim.



Ia-se aproximando o primeiro de Maio, dia fixado a Gema pelas religiosas Visitandinas para o começo dum turno de exercícios espirituais no convento. A santa donzela contava as horas que a separavam ainda desta data tão ansiosamente esperada, que bem supunha devia ser a do seu adeus definitivo ao mundo e a da sua inteira doação ao muito Amado Jesus. Por seu lado, o Salvador continuava activamente na purificação desta alma eleita, com o fim de a preparar para um dom místico dos mais raros.

Chegou enfim o primeiro de Maio. Pelas oito horas da tarde, Gema dirigiu-se, transbordando de alegria, ao santo asilo da Visitação onde lhe pareceu, segundo a sua expressão, estar no Paraíso. Tinha proibido aos seus que fôsem visitá-la durante os dias do retiro, que deviam ser, lhes disse, «*todos para Jesus*».

Sigamos a fervorosa menina nestes santos exercícios de que há de conservar a mais preciosa lembrança. Dever-lhes-á a última preparação para a graça extraordinária que vai ser o assunto do capítulo seguinte.

Recebendo-a em seu mosteiro, as Visitandinas não tinham somente a intenção, como já dissemos, de a conservar alguns dias; estavam na esperança de a adquirir, porque, não obstante a sua pobreza e privação bem conhecidas, Gema, por suas grandes virtudes, constituía um verdadeiro tesouro. Foi decidido também, de acôrdo com o seu confessor, que não faria os exercícios espirituais em particular, como uma pessoa estranha, mas seguiria em tudo o horário da comunidade. Tomaria parte no officio do côro, na meditação comum, nas re-

feições e nos outros exercícios da regra, como uma verdadeira noviça.

A humilde virgenzinha preferiria permanecer solitária e passar despercebida, mas, sabendo que a obediência e a abnegação da vontade própria agradam mais ao Senhor, abandonou-se confiadamente à direcção da mestra de noviças, como se fôsse uma delas. Confirmadas como estavam em sua grande estima a esta menina por Mgr. Volpi, seu confessor e grande protector do mosteiro, as Visitandinas intentavam assim examiná-la de perto e ao mesmo tempo proporcionar às jovens recolhidas um grande proveito espiritual pela edificação de seus bons exemplos.

Prevenidas em seu favor, noviças e professoras puseram-se a cercar de atenções a recém-chegada. Sobretudo a Superiora prodigalizava-lhe sinais particulares de affecto. No refeitório queria que estivesse a seu lado, no lugar de honra. Sua alegria era falar muitas vezes com ela de coisas divinas, durante o recreio da tarde, ou no seu quarto, durante os momentos que a fervorosa exercitante não passava no côro, a sós com Deus.

As luzes e comunicações celestes recebidas nestes santos dias, Gema no-las deixa entrever por estas palavras: «*Jesus, sem olhar para a minha miséria, trazia-me as suas consolações e fazia-se sentir cada vez mais à minha alma*». Isto quer dizer, para quem conhece a sua linguagem, que o céu se derramava em sua alma para a excitar ao bem e arrebatá-la todos os seus affectos.

Gema sentia-se realmente feliz no convento da Visitação. Entretanto não se encontrava no seu verdadeiro

elemento. A regra parecia muito pouco severa ao seu fervor. Para o seu desejo de oferecer a Jesus grandes penitências, este género de vida parecia-lhe demasiado suave, e o próprio Divino Mestre lho teria dado a entender. «Muitas vezes... conta ela, Jesus me disse interiormente: Minha filha, quero para ti uma regra mais austera».

Mas, enfim, ela ficaria de boa vontade no mosteiro: só a atemorizava a idea de vir a deixá-lo para de novo se recolher à sua família. E por isso não cessava de pedir ao seu confessor lhe obtivesse da autoridade eclesiástica permissão para ali ficar definitivamente.

Foram ter com o Arcebispo. O santo prelado — era Monsenhor Ghilardi — já tinha ouvido falar de Gema; e tinham-lha representado como uma pessoa de saúde delicada, a-pesar-do milagre da sua cura, e de constituição fraca, trazendo além disso ainda o espartilho de ferro imposto pelos médicos no principio da doença, para suspender o desvio vertebral. Nestas condições houve por bem o prudente Arcebispo recusar a autorização pedida.

A esta notícia, a Superiora, vivamente desejosa de suprimir todo o obstáculo, ordenou à jovem que deixasse o espartilho de ferro. Gema não se fez rogada. No mesmo instante se despojou do malfadado aparelho e nunca mais o retomou, sem que tivesse por forma alguma sentido a falta d'ele.

Tudo, porém, foi inútil.

O Arcebispo, inspirado certamente por Deus, permaneceu inflexível e proibiu que admitissem a aspirante ao noviciado no mês de Junho, como estava projectado.



A estátua de N.ª S.ª das Dores que a Santa recebera de sua mãe moribunda e à qual tinha grande afeição.

«Ah! minha querida Mãe, hei-de amar-Vos sempre, sempre».



Autorizou somente a conservassem no mosteiro até vinte de Maio, para lhe dar a alegria de assistir à profissão de algumas noviças, fixada para esta data.

Não comunicaram logo a Gema a decisão arqui-episcopal. Na manhã do dia vinte de Maio e durante a cerimônia da profissão, com que também ela esperava ser mais tarde beneficiada, viram-na tãda radiante de alegria. «Jesus, diz ela, enterneceu o meu coração mais que de costume»; sem dúvida com o fim de a preparar para a partida iminente. Estava num lugar isolado, absorvida em doce contemplação.



O Sr. Henrique Galgani, pai de Santa Gema .

«Chorei, chorei muito», acrescenta: lágrimas de amor e de celestial alegria.

Conta-se que neste dia, enquanto tãda a comunidade festejava as novas professas, Gema, ficara em oração tãda a manhã na capela, sem que ninguém tivesse notado a sua ausência ao almôço nem ao jantar. E ela em sua união íntima com Deus, ainda menos tinha pensado nisso.

Mas depois do meio-dia a fraqueza natural traiu-a.

Logo que as religiosas conheceram a causa da indisposição, apressaram-se a conduzi-la ao refeitório.

Este incômodo porém nada era, em comparação do que ia experimentar essa mesma tarde: ter que sair do mosteiro e voltar para a sua família. Foi extrema a dor da nossa santa e só a pôde suavizar a sua heróica submissão às disposições da Providência. *«Foi às cinco horas da manhã, no dia 21 de Maio de 1899, que tive de partir, escreveu ela; pedi, chorando, a bênção à Superiora, saudei as religiosas e saí. Meu Deus, que dor!»*

A pobre menina entrou consternadíssima em sua casa, a qual tão diferente lhe pareceu do convento que julgou não poder viver nela. Como eram diferentes as ocupações, as pessoas, as conversas. Todavia, para cumprir a vontade de Deus, acomodou-se e entregou-se aos cuidados domésticos com o ardor de antes. Via por outro lado que estes cuidados não lhe desviavam a atenção das coisas celestes, as únicas que apaixonavam o seu coração.

Abafando na alma as suas tristezas e a sua dor, aspirava ao cumprimento perfeito dos seus deveres para com as tias e os irmãozinhos. Conservava-se inteiramente ao seu serviço, e com o exemplo animava-os à paciência no meio da penúria sempre crescente da sua tão provada família.

Entre as piedosas práticas da santa donzela nesta época, conta-se a que vamos descrever.

Sabemos quão ternamente amava seu pai, a quem sempre cercara de atenções filiais até ao último suspiro. Depois da sua morte, este affecto traduziu-se por continuos sufrágios pelo repouso de sua alma. Durante a

estada em casa da tia de Camalôre, lá muitas vezes, acompanhada de sua prima, à igreja da Abadia, como que em devota romagem, para lá recomendar à Virgem Santíssima a alma de seu pai. De volta a Luca, não deixou passar nenhum dia de festa sem ir ao cemitério com sua irmã Júlia orar sobre as campas de seus queridos pais.

E agora, de volta do convento da Visitação, Gema retoma com mais fervor a mesma prática de piedade filial. Depois de ouvir missa e de receber o Pão Eucarístico, dirige-se com a sua querida companheira para o cemitério, situado fora da cidade. Aí permanecem ambas até ao meio-dia, hora a que se fecham as portas.

Entretanto a sua piedade não está ainda satisfeita, e esperam fora a reabertura do cemitério, silenciosas, recolhidas e sem se importarem nem com chuva nem com frio ou calor.

Um dia uma vizinha pobre viu do seu casebre as duas meninas expostas no caminho público às intempéries da estação. Convidou-as a abrigarem-se, e sabendo que estavam em jejum, ofereceu-lhes uma pequena refeição. Vendo de perto as duas irmãs, não tardou a ganhar-lhes afeição e arrancou-lhes a promessa de virem sempre repousar em sua humilde choupana.

Depois disto aconteceu muitas vezes às piedosas meninas encontrarem ausente a caridosa hospedeira; muito tímidas para irem bater a outra porta, ficavam sem alimento até ao fim do dia. E quando se retiravam não iam ainda directamente para casa. Ouvindo os sinos da cidade chamar os fiéis às cerimónias da tarde, deti-



nham-se nalguma igreja para assistirem à bênção do Santíssimo Sacramento.

Assim acabavam de santificar o dia estes dois anjos, depois de terem dado uma inteira satisfação aos seus sentimentos de piedade filial.

Despedindo Gema, a 21 de Maio d'este ano, as Visitandinas não lhe tinham tirado t'oda a esperança de a tornar a receber, quando as dificuldades que sobrevieram fôsse aplanadas. A santa por sua vez, embora não encontrasse o seu ideal neste convento, a elle voltaria de boa vontade, ainda que fôsse s'omente para fugir à vida secular.

A consagração ao Sagrado Coração, de que o Senhor lhe tinha falado no momento da sua cura miraculosa, interpretara-a ela no sentido de consagração religiosa num mosteiro da Visitação. Afinal era simplesmente um meio de apressar a sua total transformação em Deus pela dor e pelo amor. Gema, porém, tomando à letra as palavras do Salvador, suspirava ainda e suspirava ardentemente, pôsto que com resignação, pela vida claustral e renovava sem se cansar o pedido de admissão ao noviciado.

Entretanto as dificuldades longe de desaparecer, iam-se multiplicando. Exigiam agora certificados do médico e não sei que outros atestados difíceis de obter.

Além disso, como todo o seu dote consistia unicamente na sua grande virtude e em seus modestos vestuários, as Visitandinas, como no princípio não tivessem tido isto em consideração, julgaram encontrar agora com o tempo e com novas reflexões, um obstáculo insuperável.

A santa menina de-pressa compreendeu a hesitação dessas boas religiosas, mas sem se perturbar. Com a sua confiança habitual voltou-se de novo para o Senhor, que lhe deu claramente a entender desta vez que a misteriosa consagração não dizia respeito à vida religiosa, pelo menos na ordem da Visitação. Gema deixou imediatamente de instar e esperou no seio de sua família, com resignação e calma, que se manifestasse melhor a vontade do céu acêrca do seu futuro.



## Prodígios de estigmatização

— 8 de Junho de 1899 —



REPRODUIR em sua pessoa uma perfeita imagem de Jesus, tal era a suprema aspiração de Gema; e como o Filho de Deus para resgatar as nossas almas e ganhar mais eficazmente os nossos corações apareceu no mundo sob a forma da dor, sua fiel serva não queria conhecer senão a Jesus Crucificado.

Os mistérios das grandezas divinas pareciam preocupar pouco o seu espírito. «*Ah! o meu Bem-Amado, dizia ela com a Espôsa dos Cantares, é para mim um feixe de mirra; não quero considerar nêle outra coisa, porque foi a parte que escolheu. Vá quem quiser contemplá-lo no Tabor, eu fico no Calvário, em companhia de minha querida Mãe das Dores*». Gema não queria outras imagens de devoção além das que representavam a Jesus sofrendo por nós.

Pequenina ainda, ouvia-se dizer muitas vezes a sua piedosa mãe: «*Mamã, falai-me da Paixão de Jesus*»; e às mestras do instituto Guerra: «*Irmãs, explicai-me*



algum ponto dos mistérios dolorosos de Jesus». E bem se recordam elas que era preciso ter uma grande prudência na satisfação destes santos desejos, com receio de que a viva emoção, sempre provocada nesta alma terna pela narrativa dos sofrimentos de seu Bem-Amado Jesus, lhe causasse qualquer perturbação de saúde.

Tais princípios, longe de se desmentirem, pela vida adiante, depressa foram seguidos de admiráveis prodígios, que vieram revelar dum modo evidente e coroar, a completa transformação de Gema em Jesus Crucificado.

Vimos como o Salvador, a-fim-de inflamar a devoção de sua serva para com sua dolorosa Paixão, lhe aparecia algumas vezes todo coberto de sangue e pela vista surpreendente das suas chagas abertas a estimulava a amá-lo e a sofrer por Ele.

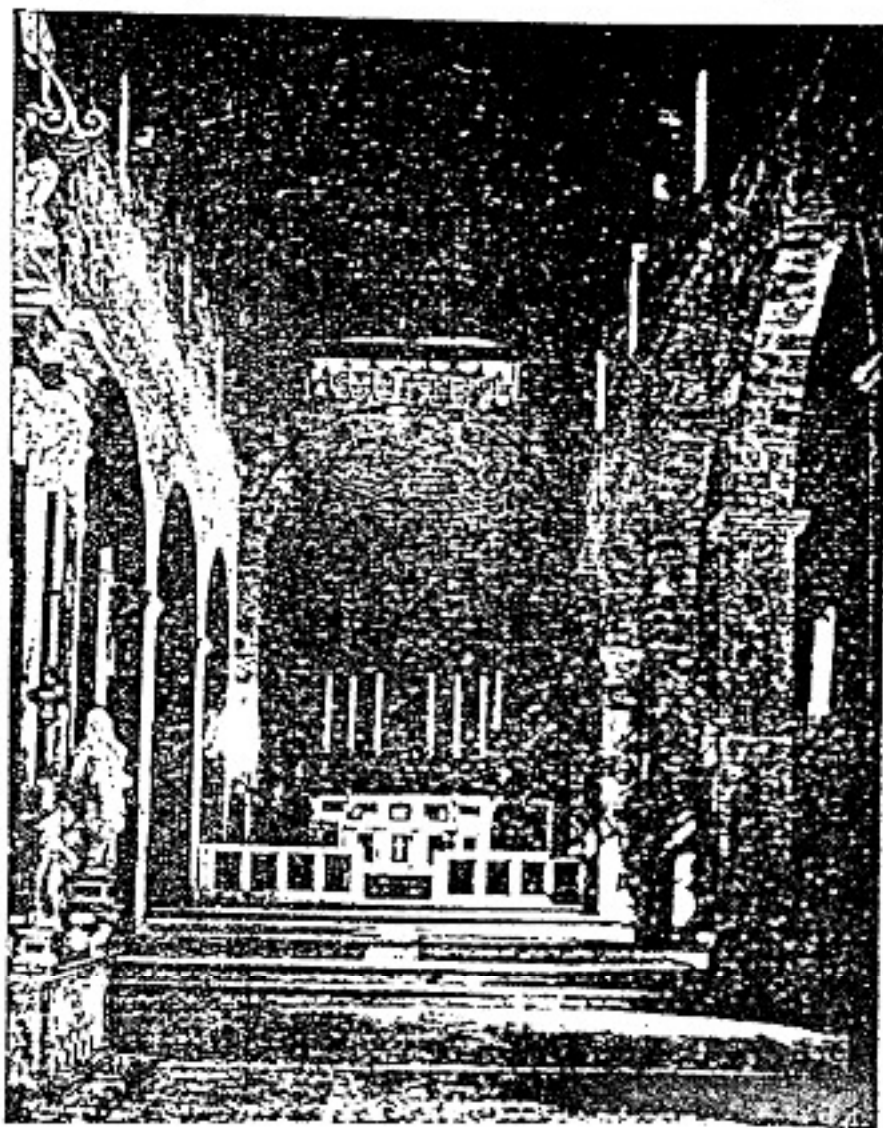
Essas visões sobrenaturais e inefáveis entrevistas dispostas com uma providência muito particular, iam preparando gradualmente a sua alma para o dom inapreciável que lhe reservava o Sagrado Coração.

Depois de ter saído do convento da Visitação, Gema ouviu uma voz misteriosa dizer-lhe com força ao ouvido: «Vamos, toma coragem; esquece tôdas as criaturas; abandona-te sem reserva a Deus. Ama-O muito, não oponhas nenhum obstáculo aos seus designios, e verás o caminho que em pouco tempo te fará percorrer, sem tu mesmo o notares. Afasta todo o temor; o Coração de Jesus é o trono da misericórdia, em que os miseráveis são os mais bem acolhidos».

Reconfortada por estas palavras, a santa, voltando-se para uma imagem do Sagrado Coração, exclama:

«Ó meu Jesus, queria amar-Vos, muito, muito; mas não sei».

E a voz sobrenatural continuou: «Queres amar sempre a Jesus? Não deixes um momento de sofrer por



Abadia de Camiãre. Interior da Igreja.

*Ele. A cruz é o trono dos verdadeiros amantes; a cruz é, nesta vida, o patrimônio dos escolhidos.*

Finalmente, um dia ouviu depois da Santa Comunhão o próprio Jesus dizer-lhe: «Gema, coragem! espero-te no Calvário, sobre esta montanha para a qual te dirigi».

É realmente para este nobre ponto de reunião que a Providência a tinha encaminhado pelas múltiplas provas da vida doméstica, pelas atrozes dores de sua longa doença, e recentemente por um retiro de três semanas na Visitação, por um arrependimento extraordinário de suas faltas, por uma confissão geral acompanhada de muitas lágrimas, pela recusa das mesmas Visitandinas em a receber no noviciado, numa palavra, pelas graças extraordinárias prodigalizadas à virgencinha de Luca, desde a sua cura prodigiosa até este dia. Agora que sua alma brilha com uma pureza ideal, Jesus convida-a ao Calvário.

Corresponde, sim, ao seu convite, predestinada menina, e deixa-te transformar em teu Espôso Crucificado.

A 8 de Junho de 1899, véspera da grande festa do Sagrado Coração, alguns momentos depois de comungar, deu o Senhor a entender à sua privilegiada serva que, nessa mesma tarde, um favor insigne lhe seria concedido. Sem perda de tempo, corre a informar disto o seu confessor e pede-lhe mais uma absolvição de suas faltas. Depois, com o espírito cheio de santos pensamentos, o coração a transbordar de paz e duma alegria fora do costume, entrou em casa.

«A tarde, conta ela, fui tomada súbitamente, e mais depressa que de costume, dum vivo arrependimento dos meus pecados, mas dum arrependimento tão vivo que não mais experimentei semelhante, julgando-me a ponto de morrer.

«Pouco depois, todas as potências de minha alma entraram num misterioso recolhimento: a inteligência somente via os meus pecados e o horror da ofensa de Deus: a memória recordava-mos todos, assim como os tormentos suportados por Jesus para me salvar; a vontade detestava-os, prometendo sofrer tudo para os expiar. Ondas de sentimentos se comprimiam no meu coração: sentimentos de dor, de amor, de esperança, de coragem, de temor.

«A este recolhimento interior sucedeu em breve a perda dos sentidos, e encontrei-me em presença de minha Mãe celeste. Tinha à sua direita o meu Anjo, que antes de tudo me ordenou que recitasse o acto de contrição.

«Quando terminei, minha Mãe dirigiu-me estas palavras: «Minha filha, Jesus quer fazer-te uma graça: saberás tornar-te digna dela?»

«A minha miséria não sabia que responder.

«Maria continuou: «Serei para ti uma mãe; mostrar-te-ás para comigo uma verdadeira filha?»

Estendendo então o manto cobriu-me com ele. No mesmo instante apareceu Jesus: suas chagas estavam abertas, mas não saía sangue; saíam chamas ardentes. De súbito estas chamas tocaram minhas mãos, meus pés e o meu coração. Senti-me morrer e ia a cair, quando minha Mãe me sustentou, conservando-me sempre sob o seu manto. Fiquei muitas horas nesta posição: em se-



guida minha Mãe beijou-me na fronte, e tudo desapareceu. Encontrei-me ajoelhada no meu quarto.

«Uma forte dor persistia nas mãos, nos pés, no coração, e notei, ao levantar-me, que destes lugares corria sangue. Cobri o melhor possível as partes dolorosas: depois, ajudada pelo meu Anjo, pude subir para o leito».

Assim adornada com as jóias divinas dos divinos estigmas, Gema tomava lugar junto da cruz entre as mais belas e elevadas almas, ao lado de S. Francisco de Assis, de Santa Catarina de Sena, de Santa Verónica Giuliani, igualmente favorecidos com este dom. Podia aplicar a si estas palavras de S. Paulo: «Ninguém me seja molesto, porque trago em meu corpo os estigmas do meu Senhor Jesus» (1).

Quando o Seráfico Patriarca de Assis, recebeu a impressão dos sagrados estigmas, sentiu-se completamente transformado em Deus pelo amor, mas o seu embaraço não foi pequeno ao lembrar-se que não poderia ocultar aos olhos profanos estas chagas misteriosas. Por conselho de seus discípulos do Alverne (2), o Santo resolveu dissimulá-las o melhor possível.

Poderia Gema tomar semelhante atitude, ela que vivia, não sobre um monte solitário, mas no meio do mundo e cercada de pessoas curiosas? Não podia pri-

(1) O prodígio da estigmatização deu-se na casa n.º 13 da Rua Biscione onde Gema vivia então com os seus.

(2) Monte dos Apeninos onde S. Francisco recebeu o maravilhoso favor.

var-se de ir à igreja, de manhã para a Santa Comunhão e de tarde para a visita ao Santíssimo Sacramento. Ora os seus estigmas derramavam sangue em abundância. Que deverá fazer? Toda a noite se interrogou a si mesma sobre este ponto.

Quando, ao romper do dia, se quis levantar, mal os seus pés tocaram no chão, experimentou uma dor intolerável de que julgava morrer a cada instante.

Conseguindo enfim ter-se de pé, a jovem calçou as luvas para esconder as chagas das mãos e arrastou-se até à igreja.

De volta a casa viu-se duplamente perplexa: por um lado não podia continuar a encobrir o prodígio, por outro não conhecia a sua significação precisa, nem sabia se era fenómeno raro, se freqüente entre as pessoas piedosas.

Supondo que todas as almas desposadas com Cristo pelos votos de religião recebiam estes sinais, foi perguntar a uma e a outra, com um constrangimento cheio de candura, se algumas vezes lhes não tinham sobrevivido feridas de tal e de tal forma. Nenhuma resposta afirmativa. Ou nada compreendem do motivo de suas perguntas ingênuas, ou se riem da sua simplicidade.

Entretanto o sangue corria sempre por debaixo das luvas e Gema decide-se a revelar o fenómeno a uma de suas tias. Apresentando os braços estendidos e as mãos cobertas pelo mantelete, diz: «Minha tia, vêde o que me fez Jesus». A tais palavras e à vista das profundas impressões sangrentas, a boa senhora ficou estupefacta, tão longe estava de explicar, como mais tarde o fará, tão estranho mistério.

O leitor espera certamente por particularidades sobre a natureza dos estigmas na serva de Deus, como é que apareceram, como evoluçionavam e por que tempo permaneciam. É o que passo a expor, notando antes de tudo que este fenómeno místico, embora raro, não é novo na vida dos Santos.

Em diferentes séculos foi ele admirado em muitos dos maiores vultos da Igreja, alguns dos quais, como os já referidos, estão canonizados. Foi verificado dum modo particular no último século por milhares de testemunhas na pessoa da virgem belga, Lúzia Lateau, a quem examinaram, sob o ponto de vista fisiológico, sábios médicos católicos e racionalistas e, sob o ponto de vista teológico, doutores igualmente distintos por sua ciência e virtude, que publicaram sobre este caso particular volumes inteiros.

Na virgem de Luca a estigmatização, depois de se ter manifestado a primeira vez pelo modo que acabamos de ler, reproduziu-se, durante dois anos, todas as semanas, em dia e hora fixos, isto é, na quinta-feira pelas oito horas da noite, para desaparecer na sexta às três horas depois do meio-dia.

Exceptuando o recolhimento precursor do êxtase, nenhum sintoma físico, nenhuma impressão dolorosa anunciava a sua aproximação. Mas de-repente, com o êxtase, via-se aparecer nas costas das mãos e no centro das palmas uma mancha vermelha; progressivamente abria-se sob a epiderme e no vivo da carne uma fenda, irregularmente circular nas palmas e oblonga na face oposta. Emfim a epiderme rasgava-se, pondo a descoberto uma chaga viva duns bons dez milímetros de

largo por vinte de comprido na palma, e somente com dois milímetros de largo nas costas da mão.

Esta fenda, algumas vezes muito superficial e mesmo quasi invisível a olho nu, atingia de ordinário uma grande profundidade, parecendo até atravessar toda a espessura da mão, que se diria trespassada de lado a lado. Dizemos *parecendo até atravessar*, porque, vertendo as feridas sangue em parte coagulado e fechando-se logo que o sangue parava, seria preciso, para ter a certeza, sondá-las com auxilio dum estilete médico, o que nunca se ousou, pelo temor reverencial que inspirava a extática neste estado misterioso.

Além disso a operação seria difficil: as mãos inteiriçavam-se convulsivamente sob a opressão da dor, e a abertura das chagas ficava coberta, na face palmar, por uma protuberância que à primeira vista se julgaria ser uma reunião de grumos de sangue, mas que na realidade era carnuda e dura; levantava-se nos bordos, inteiramente livres, affectando a forma duma cabeça de prego de dois centímetros e meio de diâmetro.

Os estigmas dos pés, maiores e cercados de cores lívidas, apresentavam, ao contrario dos das mãos, no peito do pé um diâmetro maior do que na planta. Além disso, o do pé esquerdo era tão largo na face superior, como o do pé direito na planta, o que é natural se os pés do Redentor foram pregados à cruz por um só cravo, tendo o direito sobreposto ao esquerdo.

Algumas vezes, em lugar de se formarem pouco a pouco no espaço de cinco a seis minutos, começando sob a pele ou epiderme, as feridas abriam-se instantaneamente, começando do exterior, como sob o impulso vio-



lento de cravos invisíveis. Era então um suplicio ver a querida mártir, assim ferida de improviso, tremer de dor em todos os músculos dos braços, das pernas, de todo o corpo.

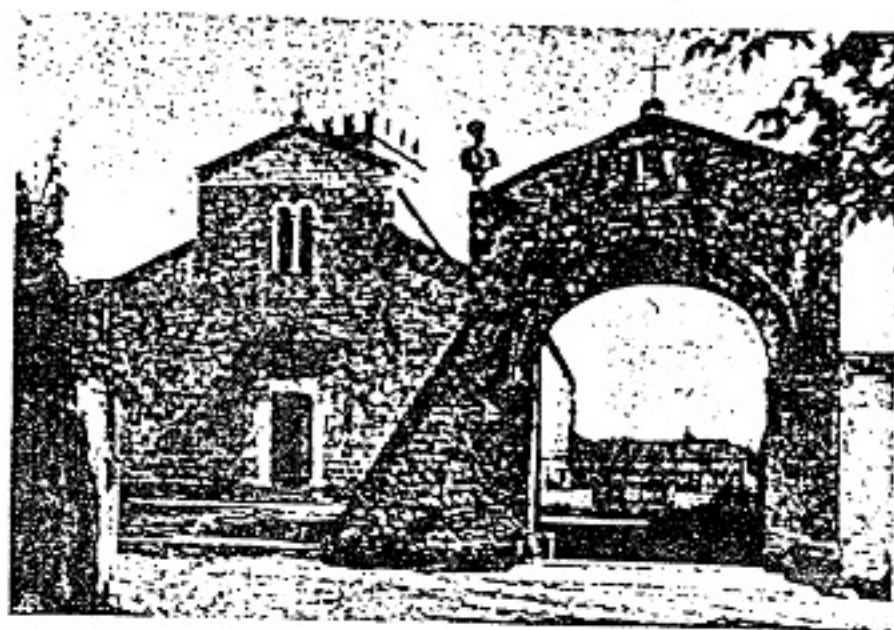
A abertura do lado raramente foi observada e por poucas pessoas. Ninguém ousava descobrir, para uma simples satisfação de curiosidade, a sua carne virginal. Foi por isso que eu mesmo me privei da consolação de a ver. Mas, a julgar pela agudeza do sofrimento, que penetrava até ao mais íntimo do coração, devia êle atingir também esta viscera. Demais, se o fim do Senhor na realização de tais prodígios é traçar em alguns dos seus servos privilegiados uma viva e perfeita imagem de Jesus Crucificado, não há motivo para supor que a reprodução não seja completa.

Fazendo a autópsia duma serva de Deus igualmente estigmatizada, Joana da Cruz, os cirurgiões notaram, com espanto, que a ferida do lado atravessava o pulmão para atingir em cheio o coração. O mesmo teria sido verificado em Gema, se o prodígio não tivesse cessado por completo dois anos antes da sua morte.

Nesta santa donzela, o estigma do lado apresentava a forma dum crescente, com as extremidades voltadas para cima. O seu comprimento em linha recta era de seis centímetros; a largura, no meio, de três milímetros; e a curvatura igualava a dum arco do mesmo tamanho, tendo uma flecha de meio centímetro.

A forma de crescente, nova entre os estigmatizados conhecidos, causava-me espanto, enquanto não vim a saber, pela leitura da vida da Venerável Diomira Allegri, florentina, do século XVII, que esta serva de Deus

tinha recebido um estigma de aspecto idêntico, segundo a declaração, certificada por juramento, dos médicos encarregados de a examinar e de muitas outras testemunhas oculares.



*Abadia de Camaiore. O exterior da Igreja*

Uma forma tão bem definida, reaparecendo três séculos depois, permite acreditar em uma conformação correspondente do ferro da lança que atravessou o lado do Salvador.

Esta ferida produzia-se em Gema, uma vez instantaneamente e do exterior, como se fôsse aberta por uma lançada, outras pouco a pouco e começando do interior. No último caso viam-se a princípio aparecer, em número sempre crescente, pequeninos orifícios verme-

lhós; depois a pele rasgava-se, deixando ver a chaga tão impressionante já descrita.

O sangue corria em tal abundância que os vestidos interiores ficavam ensopados. A humilde virgem esforçava-se o mais possível por encobri-lo: applicava sôbre o peito um pano dobrado muitas vezes que lhe era preciso renovar freqüentemente e que ela lavava em segredo.

Todavia a fluência do sangue não era contínua. Recomeçava com intervalos, mais ou menos longos, durante os quais a chaga secava algumas vezes, a ponto de, sendo lavada, parecer em via de cura. Mas, como não se tratava dum fenómeno natural, ao primeiro incêndio do fogo misterioso que se mantinha no interior, a ferida inflamava-se de novo e o sangue corria em grande quantidade.

Em muitas de suas cartas Gema fala da chaga do lado: *«Esta manhã, pelas dez horas, diz ela, o meu coração batia, batia... Sentia-me enfraquecer... A dor do coração succedeu uma dor muito forte em todos os membros; mas o que precedia e ultrapassava tudo era a dor dos meus pecados. Como é intensa esta dor! Se aumentasse não poderia sobreviver-lhe, como não poderia sobreviver ao golpe violento que experimentei (1). O meu pobre coração, não podendo por mais tempo permanecer fechado, começou a expelir sangue em grande abundância»*. E numa outra carta: *«Jesus fêz-se sentir muito à minha alma, e não podendo o meu coração conter-se, a chaga do lado abriu-se e deu sangue»*.

(1) Este golpe violento é a invisível lançada que lhe abria a chaga do lado.

Não sabemos quantas vezes se produziu este fenómeno maravilhoso fora dos dias habituais, nem também podemos precisar a quantidade de sangue que perdia a santa vítima durante as vinte horas, pouco mais ou menos, que duravam os estigmas. Mas, segundo o testemunho das pessoas que mais se aproximavam dela, era considerável.

Uma destas pessoas afirmou, sob juramento, que o fluxo de sangue do lado chegava até à terra, se não se lhe opusesse obstáculo. A mesma declaração foi feita a respeito do fluxo das mãos e dos pés.

O sangue era vivo, de cor bela e da mesma natureza que o que sai duma ferida recentemente aberta, com o qual se parecia ainda depois da sua completa dissecação sôbre a pele, sôbre os vestidos ou sôbre o soalho.

O modo por que desapareciam os estigmas não era menos maravilhoso que o da sua formação.

Depois do êxtase de sexta-feira a fluência do sangue cessava definitivamente, as fibras dos tecidos lacerados tornavam a soldar-se pouco a pouco, e no dia seguinte ou, o mais tardar, no domingo nenhum vestigio ficava destas profundas feridas, cobertas já duma pele nova, semelhante à das outras partes contiguas. Apenas uma mancha esbranquiçada indicava o lugar que tinham ocupado e que ocupariam de novo, para se tornarem a fechar sempre do mesmo modo.

Dois anos depois do desaparecimento definitivo das chagas, esta mancha persistia e pôde ser observada à vontade por ocasião da morte de Gema, sobretudo nos pés, os quais, enquanto viva, era muito difficil desnudar durante os êxtases.



Antes de seus directores, por disposição manifestamente inspirada, lhe proibirem sujeitar-se aos estigmas, o fenómeno renovava-se invariavelmente tôdas as semanas, de quinta para sexta-feira e nunca em outros dias, a-pesar-da sua solenidade ou da forma extraordinária de certos êxtases da santa donzela. Digamos já tudo: houve apenas uma excepção que nos será referida mais adiante pelo P.<sup>e</sup> Pedro Paulo, passionista, que foi ocasião e testemunha dela.

O favor dos estigmas é evidentemente dos mais raros. Mas quem pode negar ao Senhor o direito de o conceder a certas almas privilegiadas como foi, sem dúvida alguma, a virgem de Luca? O que se mostrasse escandalizado, sòmente por ouvir falar nisto, daria prova duma completa ignorância das leis da Providência na santificação das almas, e mesmo de fé pouco sólida.



## CAPÍTULO VIII

Primeiro contacto com os Padres Passionistas — Dificuldades com que tropeça no seio da sua família — Na benemérita família Giannini encontra uma segunda mãe — Contradições e humilhações que suscita o exame indiscreto dos estigmas

— 1899-1900 —



**A**DIVINHA-SE quão seráfica teria sido a comunhão de 9 de Junho, depois do misterioso acontecimento da véspera. Pela primeira vez Gema apresentava-se ao Salvador com as mãos e os pés de lado a lado atravessados como os seus, e o próprio lado aberto por uma larga ferida. Que sentimentos de gratidão e de amor! Que celestes doçuras a suavizarem a dor dos estigmas! Quantas vezes neste feliz estado não terá ela repetido com toda a efusão da sua alma: «O meu Bem-Amado é para mim e eu sou para Ele. Estou verdadeiramente crucificada com Jesus. Vivo, mas não sou eu, é Jesus que vive em mim».

Entretanto a humilde virgem não tardou em experimentar uma verdadeira perplexidade com a lembrança de ter que dar conta da operação divina ao seu confessor, a quem na véspera tinha avisado do seu pressentimento sobre a iminência duma graça extraordinária.

Reservada em extremo quando a necessidade a obri-

gava a falar de si, e além disso não se abrindo senão com uma grande repugnância, e rubor até, como iria ela desvendar um favor tão insólito, tão misterioso? «Que pensará o meu confessor, dizia a si mesma, ao ouvir a narração deste favor celeste, éle que conhece perfeitamente quanto sou indigna? E se chegasse a divulgar-se, como todos me conhecem cheia de pecados, não me tornarei eu antes pedra de escândalo?» —

A estes sentimentos de humildade acrescia talvez, para agravar a repugnância da santa, a falta de coragem, ou uma tentação do demónio.

O facto é que o Anjo da Guarda instou com ela muitas vezes para que se vencesse, e com vivas repreensões. Todo o mês de Junho se passou nesta perplexidade, sem que Gema pudesse resolver-se a cumprir o seu dever. Mas o misericordioso Salvador veiu em seu auxílio, encaminhando-a por sua admirável providência na via traçada por seus eternos designios.

Estava-se no ano de 1899. Por ordem de Leão XIII, deviam prègar-se missões em tôdas as cidades da Itália, para afervorar os fiéis por ocasião do jubileu que comemorava o final do século XIX e o começo do século XX. Os Padres Passionistas foram enviados pelos fins de Junho à igreja catedral de Luca, onde os seus trabalhos apostólicos produziram frutos extraordinários de salvação.

Gema seguia então numa outra igreja as prègações do mês do Sagrado Coração.

No começo de Julho, movida por um impulso divino, correu aos exercícios da missão na catedral. Qual não foi a sua alegria ao reconhecer no hábito dos missionários o

mesmo que trazia em suas aparições S. Gabriel, seu querido protector?! «A impressão foi tal, diz ela, que não pode descrever-se. A primeira vez que vi estes Padres, senti-me possuída por êles dum affecto especial e não perdi uma só das suas prègações» (1).

Não se estranhe que a jovem, cuja vida inteira se tinha passado em Luca onde os Padres Passionistas vinham muitas vezes exercer o santo ministério, não conhecesse ainda de vista nenhum dêles, tanto mais que a poucos quilómetros da cidade se eleva um dos

(1) Passionistas assim se chamam os religiosos da Congregação de Clérigos Descalços da Santíssima Cruz e Paixão de N. S. Jesus Cristo, fundada em Itália por São Paulo da Cruz em 1735 e aprovada pelos Pontífices Bento XIV (1746), Clemente XIV (1769), Pio VI (1775) e Pio VII (1801). O nome é justificado por um 4.º voto especial que fazem os seus membros de promover a devoção e memória da Paixão e Morte de Jesus Cristo. Têm por escudo, pregado ao próprio hábito, um coração enclmado por uma cruz e tendo no centro, sobre fundo negro, a legenda *Iesu Xpi Passio*, e na parte inferior três cravos. O coração é circundado por um ramo de palma e outro de oliveira entrelaçados.

A Congregação, em 2 séculos de existência, propagou-se por quasi todos os países do velho e novo mundo. Em Espanha muitos de seus filhos, nos calamitosos anos que acabam de decorrer, glorificaram a Deus com um heróico martirio. Duas foram as vítimas imoladas em 1934 durante a Revolução das Astúrias e cerca de 30 os que em 1936, durante o domínio dos comunistas ateus, deram o sangue generoso e a vida por Jesus Cristo.

A perseguição religiosa, que a nação vizinha trouxera o advento da 2.ª República, já antes obrigara alguns dèsses beneméritos religiosos a refugiarem-se em Portugal, onde actualmente desenvolvem o seu zelo apostólico, por meio de missões rurais, depois de fundarem entre nós duas residências, uma em Braga, outra em Barroselas, provincia do Minho. (Nota do Revisor).



seus conventos, muito freqüentado pelos habitantes de Luca. É que a vida muito retirada da serva de Deus e a sua singular mortificação afastava-a de toda a curiosidade, mesmo da mais inocente.

Ouçamos a angélica Gema continuar a narração do seu primeiro encontro com os Passionistas:

*«Estávamos no último dia da santa missão. Todo o povo se encontrava reunido na igreja para a comunhão geral em que tomei parte, misturada com a multidão. Jesus agradou-se do meu acto, porque se fez sentir intensamente à minha alma e me fez esta pergunta: Gema agrada-te o hábito de que este padre está vestido? E indicava-me um Passionista próximo de mim.*

*«Nenhuma palavra me vinha para responder a Jesus. O meu coração porém melhor que os lábios, falava por meio das suas palpitações.*

*«Gostarias, continuou Jesus, de vestir também este mesmo hábito?*

*«Meu Deus! exclamei...*

*«E acrescentou: Serás uma filha da minha Paixão e uma filha predilecta. Um desses será teu pai. Vai e revela tudo».*

Gema tomou à letra estas palavras, susceptíveis contudo duma dupla interpretação; e a lembrança de vestir um dia a libré da Paixão inundou sua alma da mais doce alegria. Ao mesmo tempo, toda a repugnância em se abrir tinha desaparecido.

Para obedecer sem demora à ordem do Salvador correu a lançar-se aos pés dum dos missionários, o P.<sup>o</sup> Caetano do Menino Jesus, e descobriu-lhe com inteira liberdade os seus mais íntimos segredos. Depois

falou-lhe dos estigmas e da dificuldade que sentia em os descobrir ao seu confessor.

Maravilhado de tais confidências, não menos que da ingenuidade da confidente, o Padre animou-a e exortou-a a conservar-se humilde e reconhecida pelos benefícios divinos. Mas, antes de se pronunciar sobre a ori-



Luca — Mosteiro das Visitandinas.



gem dos factos extraordinários submetidos ao seu juízo, declarou querer reflectir maduramente.

Prometendo-lhe ouvir-lhe de novo sobre este assunto logo que voltasse a Luca, o prudente religioso impôs-lhe a ordem formal de revelar tudo ao seu confessor ordinário.

Há muito tempo que a pobre menina, convencida de ter sido chamada por Jesus à vida religiosa entre as Filhas de S. Paulo da Cruz, desejava fazer, por devoção particular, voto de pobreza, castidade e obediência. Julgou pois propício o momento de obter este favor dum missionário passionista.

O P.<sup>e</sup> Caetano concedeu-lho, mas por pouco tempo, e com a condição de não renovar esses votos sem o consentimento do confessor ordinário. Mostrou-se, porém, pouco condescendente a respeito dos instrumentos de penitência fabricados pela jovem com o fim de macerar a carne. Proibiu-lhos, convencido de que o confessor ordinário não teria procedido de modo diferente.

Com que alegria a fervorosa menina se não ligou a primeira vez pelos três votos! Ela mesmo no-lo vai dizer: *«Eu tinha tido sempre grande desejo de os fazer; aproveitei a ocasião. O Padre fez-mos pronunciar a cinco de Junho; deviam durar até à solene festa de oito de Setembro. Fiquei muito contente; foi mesmo uma das minhas maiores consolações»*.

Julgará talvez o leitor que Gema não foi bastante franca com o seu confessor ordinário. Nada disso, Gema não estava em condições de agir de outro modo. Expliquemo-nos:

Mons. Volpi exercia um ministério muito laborioso

em condições difíceis. Além dos múltiplos cuidados do seu cargo (1) e das absorventes obras de zelo, tinha recorrido à sua direcção espiritual tal número de almas que lhe era impossível ocupar-se de todas.

O seu confessionário, onde passava todos os dias muitas horas, via-se literalmente cercado. Embora não repelisse nenhum penitente que lhe parecesse ter real necessidade do seu ministério, muitos todavia podiam desejar mais tempo do que as circunstâncias permitiam conceder-lhes.

Para almas, como Gema, conduzidas pelos caminhos extraordinários da graça divina, esta pressa tem os seus inconvenientes. A pobre menina sofria em silêncio. Muitas vezes, na impossibilidade de se aproximar de Mons. Volpi, pedia-lhe por escrito uma regra de conduta a-proósito de alguma graça recebida ou de qualquer dificuldade; a resposta nunca era dada senão a seu tempo no confessionário, onde a necessidade de se não demorar, mal se conformava com as suas precições. É evidente que isto não bastava para a direcção desta alma.

Além disso, logo que voltou a Luca, o P.<sup>e</sup> Caetano, de acôrdo com a santa, resolveu encarregar-se elle mesmo de manifestar a Mons. Volpi as últimas operações da graça, de que Gema fora favorecida.

O missionário foi ter com Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, seguido logo depois por Gema que lhe abriu inteiramente o seu coração.

(1) Mons. Volpi exercia então as funções de coadjutor do Arcebispo de Luca.



O Prelado recebeu-os a ambos com afabilidade e grande benevolência. Aprovou a obra do confessor extraordinário; mas a respeito dos estigmas, levado pela responsabilidade que tinha diante de Deus e diante dos homens, como confessor e como bispo, não ousou pronunciar-se sobre a sua origem. «*Que se dirá, pensava êle, dum facto tão insólito neste século incrédulo?*»

Por um lado temia para a sua penitente as consequências lastimosas sofridas por outras pessoas por causa de semelhantes factos extraordinários, em que não se reconheceu depois a intervenção divina.

Por outro lado, perfeitamente convencido da candura de Gema, da beleza de sua alma, da profundidade de sua virtude que nunca tinha sido atingida pelo menor desfalecimento, do seu ardente amor de Deus, e das complacências do Senhor para com ela, repugnava-lhe supô-la vítima da ilusão, duma doença, ou da malícia de Satanás.

A-pesar-disso, não queria de modo algum, sem provas convincentes, pronunciar-se a favor de qualquer intervenção sobrenatural. Segundo o conselho do Espírito Santo: «*Nolite omni spiritui credere, omnia autem probate*», resolveu estudar maduramente o fenómeno.

Entretanto, em virtude de circunstâncias diversas e por causa destas manifestações místicas, a vida da donzela no seio da sua família era das mais penosas, sobretudo depois da partida de seu irmão Heitor para o serviço militar, e de seu outro irmão, Guido, para a América.

Obrigada a sujeitar-se a ocupações, pouco ou nada em harmonia com os seus gostos de vida interior, sofria

por não poder à sua vontade permanecer no quarto a-fim-de se entregar à oração ou a um trabalho solitário.

Aconteceu uma vez ter certa pessoa da família, no ardor duma altercação, proferido palavras irreverentes contra a Majestade divina. Tanta foi a dor de Gema que o sangue transudou de todo o seu corpo, correndo até à terra. Inútil lhe foi procurar encobrir este facto prodigioso.

Havia algum tempo já que os seus, tendo observado nela coisas novas e misteriosas, perguntavam entre si com certa inquietação: Que será isto? Certos ditos, vindos de fora tinham contribuído para lhes despertar a atenção, sobretudo na tia Cavolina, a quem a cândida donzela revelara a impressão dos estigmas.

Uma cena violenta seguiu o último fenómeno do suor de sangue.

Dêmos a Gema a palavra: «*Ex.<sup>ma</sup> Senhor, escreveu a seu confessor, quereis saber o que ontem me fêz uma das minhas tias? Quando entrei no quarto aproximou-se de mim muito encolerizada e disse-me: «Esta noite não tens tua irmã Júlia para te defender. Mostra-me donde saiu todo esse sangue, senão acabo contigo à força de pancadas».*

«*Calei-me. Então agarrando-me com uma das mãos pelo pescoço, com a outra quis-me tirar os vestidos. No mesmo instante bateram à porta e retirou-se.*

*Mas não tinha acabado ainda; à hora de deitar voltou e disse-me que era tempo de acabar com estes fingimentos e que eu já tinha espantado demais o povo. Ouve, continuou, se me não dizes donde saiu esse sangue,*



nunca mais te deixo sair de casa sem companhia, e nunca mais te mando a nenhuma parte».

*«Imaginal a minha dor (1). A tais palavras pus-me a chorar, não sabendo que fazer. Emfim decidi-me a satisfazer minha tia. São as blasfêmias, respondi; quando ouço blasfemar vejo a Jesus sofrer muito e soffro com Elle; soffro no coração e o sangue sai. Então pareceu sossegar um pouco e deixou-me tranqüila».*

Não foi esta a única vez que a santa donzela teve que sofrer por parte dos seus, que não compreendiam as obras maravilhosas da graça. Não podendo a outra sua tia, a boa Helena, de saúde delicada, acompanhá-la sempre à igreja, Cavolina não queria deixá-la ir só.

Uma curiosidade indiscreta de alguns membros da família vinha a afligi-la mais ainda.

Quando se retirava ao quarto, espiavam-na esperando ver produzir-se nela algum facto extraordinário. Se a surpreendiam em êxtase, comunicavam entre si as suas impressões, mais ou menos favoráveis, e corriam a convidar pessoas amigas para êste desusado espectáculo.

A pobre menina lamentava-se disto ao seu confessor e mesmo a Jesus, de quem tinha recebido a recomendação de subtrair tudo a olhos profanos.

O Divino Mestre ouviu as queixas de sua fiel serva.

Vivia então e vive ainda na cidade de Luca uma dessas famílias patriarcaes, para quem o temor de Deus e as virtudes cristãs constituem o principal tesouro. Com-

(1) Era o receio de que a tia não mais a autorizasse a ir à missa e comungar.

põe-se de pai, mãe, duma irmã e doze filhos. Seu nome é tão querido a todos os seus concidadãos quanto é grande a estima de que estão cercados. É a família do Senhor Mateus Giannini. Bemfeitora dos humildes filhos de S. Paulo da Cruz, dá hospitalidade aos que o exercício do ministério apostólico obriga frequentemente a passar por Luca.

A referida irmã, Cecilia Giannini, é senhora de grande piedade, totalmente dedicada a obras de zelo. Sômente conhecia Gema de vista.

O P.<sup>e</sup> Caetano falou-lhe nela logo que voltou a Luca e, querendo cumprir a promessa de tornar a ver a santa, pediu à boa senhora que a fôsse procurar. Esta, desejando relacionar-se com uma alma tão privilegiada, não se fêz rogada. Depressa a descobriu; trouxe-a para sua casa e em breve se felicitou por ter encontrado um tesouro.

A ausência da família Giannini, que tinha ido durante êste mês de Agosto para a estância balnear de Viareggio, permitiu-lhe convidar a santa donzela a vir passar todos os dias algumas horas com ela. Dentro em breve, pretextando a sua solidão, quis tê-la consigo também de noite.

Atendendo à bem reconhecida honradez da família, permitiram a Gema satisfazê-la também neste ponto, a princípio de tempos a tempos, depois quasi habitualmente. Foi uma alegria para a santa menina.

Nesta habitação de santos, em que nada perturbava a sua união com Deus, respirava ella um ar mais puro; e junto de D. Cecilia, cuja caridade sólida e máscula virtude, a tinham impressionado, sua alma dilata-



va-se à vontade, enquanto que o seu coração pressentia nela uma segunda mãe.

Por seu lado a excelente senhora, cada vez mais encantada com a rara bondade, simplicidade infantil, e singular modéstia de Gema, tinha por ela um vivo affecto. Experimentou, logo no princípio, uma certa perplexidade em face dos fenómenos maravilhosos que se verificavam nesta sua amiga. Para melhor se inteirar d'elles não deixou um momento de a observar, de a espiar, até nos menores movimentos.

Gema, por certo recato natural, e não menos por humildade, empregava tãda a sua indústria para os subtrair à intuição de sua boa amiga. Julgando-se profundamente indigna dos favores divinos, temia tornar-se um objecto de escândalo para a sua protectora no dia em que esta viesse a descobri-los.

O Senhor, porém, queria manifestar, para glória sua e bem das almas, os dons da graça; e tãda a circumspecção da sua serva de nada servia.

Eis como ela conta ao confessor uma dessas circunstâncias em que as suas precauções mais ponderadas foram inúteis e que ela mesma chama suas desventuras:

*«Ontem Jesus fêz-me sofrer muito. Suei sangue todo o dia; não estava em minha casa, mas em casa de D. Cecilia. Jesus recomenda-me continuamente que nada deixe suspeitar; se eu falto a isso, castiga-me. Diz-me repetidas vezes que devo ter vergonha de me deixar ver, seja por quem fôr, porque a minha alma está cheia de imperfeições».*

D. Cecilia, para não contristar a serva de Deus, nenhuma admiração manifestava perante factos tão pro-

digiosos. Bemdizia ao Senhor, redobrando de veneração e de amor para com a sua hóspeda. *«Viva Jesus! dizia*



*D. Cecilia Giannini a bondosa Senhora que foi a 2.ª mãe da Santa e confidente da sua vida mística*

*ela, temos em casa um anjo. Como corresponder a tão grande graça?»*

Entretanto, depois do P.<sup>o</sup> Caetano, o P.<sup>o</sup> Pedro Paulo, então provincial dos Passionistas, e depois arce-



bispo de Camerino, Mons. Moreschini, teve ocasião de verificar, a 29 de Agosto de 1899, na casa dos Giannini, o fenómeno dos estigmas. Como notei no capítulo sétimo, foi a única vez que a estigmatização se produziu fora dos dias habituais da quinta e sexta-feira.

Cedamos a palavra à eminente testemunha:

«Eu tinha, diz elle, ouvido contar acêrca da jovem coisas maravilhosas. Suspeitando que fôsem puras ilusões, assaz freqüentes no seu sexo, formei o projecto de me inteirar bem de tudo por mim mesmo.

«Dirigi-me pois para casa da família Giannini. Era uma terça-feira. Depois de a ter visto senti-me inspirado a pedir a Deus algum sinal palpável da origem divina destes factos prodigiosos, e, sem nada dizer a ninguém, especifiquei dois: um suor de sangue e a formação dos estigmas.

«A hora de vésperas, a jovem foi só para diante do grande crucifixo da sala de jantar a fim de fazer as suas orações costumadas. Minutos depois, abri a porta e vi-a em êxtase, transfigurada por completo. Embora abismada em uma dor imensa, parecia verdadeiramente um anjo.

«Aproximei-me: do rosto, da cabeça, das mãos e sem dúvida de todas as partes do corpo, corria um sangue vermelho que se dessecava antes de chegar à terra e que não parava senão depois de meia hora, pouco mais ou menos. Retirei-me vivamente comovido.

«Saida do êxtase, Gema disse confidencialmente a D. Cecilia: O Padre pediu dois sinais a Jesus, e Jesus deu-lhe um; dar-lhe-á também o outro.

«Que sinais serão estes? Sabei-lo?...

«Chegada a noite, foi esta Senhora ter comigo, ofegante de emoção: «Padre, me disse, não seriam os estigmas o segundo sinal que esperáveis?»

«Fiquei fora de mim, e ela continuou: «Pregunto-vos isto, porque se é assim, Gema já os tem abertos; vinde ver».

«Corri e encontrei esta bendita menina em êxtase. Como da primeira vez, suas mãos estavam traspassadas: traspassadas, afirmo-o, de lado a lado: tinham na carne viva uma larga chaga donde o sangue corria em abundância. O comovente espectáculo durou cinco minutos.

Aqui faz o venerando prelado uma descrição minuciosa que omito por concordar perfeitamente com a que atrás ficou já feita.

«No fim do êxtase o derramamento de sangue cessou, as feridas fecharam, a pele rasgada retomou subitamente o estado primitivo, e, logo que a serva de Deus lavou as mãos, nenhum vestigio do fenómeno se notou.

«Jesus tinha-se dignado ouvir a minha prece. Dando-lhe vivas acções de graças, abandonei toda a dúvida desfavorável, firmemente convencido de que estava ali o dedo de Deus».

Esta narração, enviada pelo autor a Mons. Volpi a 3 de Setembro de 1899, terminava pelas seguintes palavras: «Vi com os meus próprios olhos as chagas das mãos, tanto as das costas como as da face palmar, e eram verdadeiras feridas. No fim do êxtase tinham-se fechado todas, ficando somente as cicatrizes. Ora, como é possível que uma chaga se feche assim naturalmente? Quanto a mim reconheço aí a acção divina».

Por seu lado o Padre Caetano tinha subscrito a



declaração seguinte: «Eu, abaixo assinado, atesto ter visto no mês de Julho do ano de 1899, nas mãos da jovem Gema Galgani, certas chagas que nada tinham de comum com as que se observam ordinariamente na natureza. Via-se na parte inferior exactamente nas palmas, como que um bocado de carne saliente semelhante à cabeça de um prego, com a superfície de um sóldo (1). Nas costas de ambas as mãos aparecia uma abertura um pouco profunda. O que faltava de carne dava a impressão de ter sido levado por um prego rombo que se tivesse enterrado pela palma.

«Não hesito emitir a opinião, conforme a da testemunha ocular que me acompanhou, de que a origem destes estigmas de modo algum podia atribuir-se a uma causa natural; porque, tendo observado as mãos da jovem na quinta-feira à tarde, não notámos sinal de nada; na sexta-feira de manhã apresentavam o estado descrito, e no sábado apenas uma pequena cicatriz avermelhada se notava».

Tais testemunhas fizeram sentir mais a Mons. Volpi a delicadeza da sua posição. Julgando obrigação sua proceder com extrema reserva, resolveu, depois de madura deliberação, tentar uma experiência que supunha ser decisiva. Sem nada dizer à santa donzela, pediu a um médico de confiança, tão piedoso como sábio, o favor de verificar e estudar o fenómeno.

Gema conta na sua auto-biografia como o Senhor

(1) Moeda de 5 cêntimos da lira de então, cujo diâmetro é sensivelmente igual ao da nossa moeda hodierna de 20 centavos. (Nota do Revisor).

a informou dêste projecto. «Monsenhor, diz ela, julgou que era bem fazer-me visitar por um médico sem eu o saber; mas fui avisada pelo próprio Jesus que me disse: «Dize ao confessor que em presença do médico não farei nada do que êle deseja». Por ordem de Jesus adverti o confessor».

Com efeito Gema escreveu a Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup>: «Ontem à noite Jesus dirigiu-me estas palavras: Deves dizer ao teu confessor que, se êle quer um sinal de mim, lho darei e à sua escolha, contanto que esteja só. Que sossegue; não há doença como supuseram».

Que resolução definitiva iria tomar Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>m</sup>? Fiar-se na sua própria observação? Mas assim a responsabilidade que êle queria evitar cabia-lhe por completo; e se êle suspeitava que estes factos singulares eram o resultado de uma doença ou, digâmo-lo, de auto-sugestão, como é que, só por suas luzes e sem competência médica, poderia dissipar as dúvidas?

Manteve pois a sua decisão e informou disso a D. Cecília que o conservava ao corrente dos menores incidentes relativos à piedosa jovem. O exame médico foi marcado para sexta-feira, 8 de Setembro de 1899, festa da Natividade de Nossa Senhora.

Nesse dia, pelas 10 horas da manhã, Gema, retirada no seu quarto, entrou em êxtase. Pelas 11 horas retomou os sentidos e escreveu a Monsenhor, dizendo-lhe que podia vir, mas só, sem o quê Jesus, descontente, nada lhe daria a ver. «Entretanto, acrescentou ela, farei como bem vos parecer; de qualquer modo ficarei contente».

Entregou o bilhete a D. Cecília; e esta, depois de o ler, apressou-se a enviá-lo ao seu destino.



A uma hora da tardê Gema, de novo no seu quarto, tornou a cair em êxtase. D. Cecília, que não tardou a ir ter com ela, viu o sangue correr-lhe da fronte e das mãos abertas, marcadas com os estigmas. Vieram contemplá-la neste estado, com religioso respeito, o cavalheiro Mateus Giannini, que tinha chegado das águas, sua esposa Justina e alguns outros membros da família.

Pelas duas horas, Mons. Volpi e o médico foram anunciados. D. Cecília correu ao seu encontro: «*Vinde, vinde, lhes disse, radiante de alegria, estamos no momento mais belo*»; e introduziu-os no quarto onde ainda se encontravam as pessoas já mencionadas. O médico toma um pano, molha-o em água e limpa as mãos e a fronte da jovem em êxtase. Súbitamente o sangue pára e a pele aparece sem chaga, sem a menor arranhadura ou picadela. Imagine-se a estupefacção e o desapontamento de todos os espectadores. O médico, tendo ficado só com D. Cecília, quis examinar também os pés e o coração, mas nada descobriu de anormal.

Dêste modo o Senhor, cujos desígnios são muitas vezes impenetráveis para nós, confundia a ciência humana, não lhe permitindo verificar um facto de ordem sobrenatural. Gema diz-nos na sua auto-biografia com simplicidade ingênua: «*O confessor procedeu a seu modo, mas as coisas passaram-se como Jesus tinha anunciado*».

E nessa mesma tarde escrevia ao Prelado: «*Se tivésseis vindo só, Jesus ter-vos-ia persuadido bem*».

O êxtase tinha durado todo o tempo do exame. Por isso Gema nada advertiu. Recuperando porém os sentidos, notou certa mudança nas pessoas que a cerca-

vam, vendo-as desconcertadas, mortificadas, confundidas.

D. Cecília para a distrair e afastar dêste meio incômodo, propôs-lhe que saísse. No caminho diz-lhe Gema: «*Conduzis-me a Jesus? Tenho necessidade de Jesus*». A piedosa Senhora concordou em a acompanhar à igreja de S. Simão, bastante afastada. A visita ao Santíssimo Sacramento prolongou-se cerca de uma hora.

Ao sair da igreja a santa menina disse à sua protectora: «*Eu queria comunicar-vos uma coisa, mas sinto nisso muita vergonha*». Animada a falar, mostrou as mãos donde o sangue corria. D. Cecília teve a lembrança de as fazer ver neste estado a Mons. Volpi, e encarregou uma pessoa de confiança de lhe conduzir Gema.

O Prelado pôde verificar com seus próprios olhos, não o sangue, é verdade, mas a pequena ferida donde tinha corrido. Nenhuma admiração manifestou com receio de expor a donzela a qualquer perigo de vaidade, mas, depois duma simples observação das mãos, apressou-se a mandá-la embora.

O Senhor em sua misericórdia, atenuava assim a humilhação da sua serva, levantando um pouco a coragem de seu ministro e das outras testemunhas do inútil e desairoso exame médico.





Jesus acode em favor de Gema humilhada —  
Novas intervenções que comprovam a veracidade da estigmatização — Portentosos fenômenos místicos (suor de sangue, flagelação, coroação de espinhos, agonia mortal)

— 1899-1900 —



E algumas vezes Deus aflige os seus servos, não os abandona nunca. A Providência, sempre admirável em seus caminhos, sabe consolá-los e defendê-los nos casos mais desesperados. Gema, nós o veremos, ia decair muito na opinião de alguns depois do exame médico e, humanamente falando, não poderia mais levantar-se. Mas nela se realizarão as palavras do Eclesiástico: *Facile est in oculis Dei subito honestare pauperem.*

De-facto, a virtuosa menina escreve na sua autobiografia: «Desde o dia da visita do médico começou para mim uma vida nova». Teve uma vida de intimo sofrimento. Não só os membros da família Giannini, mas até o próprio confessor conservavam suas dúvidas inquietadoras, e este último, a-pesar-da verificação pessoal dos estigmas. «O confessor, diz Gema, de novo me proibiu tôdas as coisas extraordinárias da quinta e sexta-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado e domingo».



voltou como era costume, e até com mais intensidade que antes».

A serva de Deus, posta por Jesus ao corrente das incertezas de seu pai espiritual, afligia-se por êle.

Pessoalmente alegrava-se com esta humilhação «a mais bela, são palavras suas, que me deu o meu amado Jesus». Mas não podia deixar de se compadecer do estado de alma de quem desde a sua infância amava e venerava como pai. Além disso era agitada pelo temor de perder êste bom guia, seu único sustentáculo nas continuas provas. Abandonada por êle, a quem havia de recorrer?

O Senhor veio em auxilio de sua serva nestes momentos de prostração. «Minha filha, lhe disse, em tôdas as tuas incertezas, nas tuas aflições, na adversidade, lembra-te menos dos outros que de mim: procura mais em mim que nêles alivio e conforto». Por outros têrmos, por mais justa e razoável que fôsse a sua afeição ao ministro sagrado, por mais santa que fôsse a sua confiança nêle, não devia lamentar-se, ainda que viesse a perdê-lo sem culpa sua: ficar-lhe-ia Jesus, não necessitava de mais.

Gema compreendeu estas palavras divinas que restituiram imediatamente a paz ao seu coração aflito, acabando de o despojar de todo o sentimento humano. O seu abandono a Deus tornou-se completo; e como eram sômente os princípios da virtude que inspiravam as menores particularidades da sua conduta, os receios de que o bom Prelado tivesse concebido a seu respeito ideas desfavoráveis em nada diminuiriam a sua confiança nêle.



Casa em que viveu a Santa com sua família, na Rua Biscione, em Luca



Em muitas das suas cartas, dirigidas ao próprio Monsenhor Volpi e a outras pessoas íntimas, declara ela que pedia constantemente a Jesus o iluminasse e consolasse: Até nos colóquios de seus êxtases, no meio das expansões da sua alma cansada e dolorida, a lembrança do confessor apresentava-se muitas vezes ao seu espírito. «*Ó Jesus, ide consolar Monsenhor que é muito infeliz. Um julga uma coisa, outro julga outra. Mas preferis Vós que assim seja? Agora que todos me chamam louca tendes-me mais amor que no tempo em que me julgavam santa? Oh! Agora, não é verdade?*»

Os escritos, que só a força da obediência conseguira atrancar à humildade de Gema, projectava Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> submetê-los a outro médico. Mas a santa de-pressa soube, por meio do seu divino Espôso, do projecto do confessor. Eis com que cândida simplicidade exprimia o seu descontentamento num dos êxtases: «*Ó Jesus, querem mostrar os escritos até ao doutor? Que isto não aconteça. Ó Jesus, metem-Vos a ridiculo. Se quiserem ler os escritos que não vejam mais do que papel em branco. Ide, Jesus, ide ter com Monsenhor e tranquilizai-o, consolai-o.*»

Algumas vezes julgou-se ela abandonada do Prelado, o qual, em virtude de suas ausências e occupaões absorventes, ou simplesmente para se auxiliar com as luzes de outrem, a mandava umas vezes a um confessor, outras a outro.

Mas nem por isso deixou de lhe conservar toda a sua afeição e de continuar até à morte a confessar-se a ele, não cessando de o venerar como a um pai. Oh! quanto nos não ensina a admirável conduta de Gema

no meio de tantas provas! E como são verdadeiras as palavras de Jesus à sua serva: *Sofrendo aprende-se a amar.*

Neste mesmo mês de Setembro de 1899, motivos de saúde levaram a Luca o P.<sup>e</sup> Caetano. Sabendo o resultado do exame médico e a sua influência desfavorável sobre o espírito de Mons. Volpi, elle mesmo sentiu muito abalada a sua primitiva convicção. O Senhor, porém, dignou-se seguir a seu respeito o mesmo processo que seguiu para com o apóstolo S. Tomé. «*Metete aqui o dedo, considera as minhas mãos, e não sejas incrédulo mas fiel.*»

Durante os dois meses da sua residência na cidade o P.<sup>e</sup> Caetano viu de novo e à vontade o fenómeno da estigmatização, observou, apalpou e de-pressa lhe desapareceram as dúvidas.

Numa carta a Mons. Volpi apressava-se a annunciar que, tendo procurado repetir a experiência do médico, fizera lavar por três ou quatro vezes as chagas das mãos, de aparência profunda. Estas não desapareceram e o sangue, detido por um instante, outras tantas vezes tornava a brotar.

O Rev. P.<sup>e</sup> Pedro Paulo, a quem as funções de Provincial traziam frequentemente a Luca, Mateus Giannini, sua espôsa, seu filho mais velho e especialmente sua irmã Cecilia, todos pessoas muito honradas e absolutamente dignas de crédito, tiveram muitissimas vezes ocasião de verificar por espaço de ano e meio, tanto depois como antes da visita do médico, os estigmas e os outros sinais da Paixão de que se tratará no fim deste capítulo.



O testemunho do P.<sup>e</sup> Pedro Paulo é particularmente autorizado. Sua doutrina, seu zêlo e sua prudência no governo, no ministério apostólico e na direcção das almas são conhecidos e apreciados em Itália. Depois que exerceu por algum tempo o cargo de Superior Geral da Congregação dos Passionistas, o Santo Padre Pio X confiou-lhe a visita apostólica de dez dioceses importantes e acabou por elevá-lo à cadeira arquiépiscopal de Camerino.

Aos testemunhos precedentes seja-me permitido juntar o meu, porque tive tôdas as facilidades de verificar e examinar rigorosamente os factos prodigiosos que aprouve a Deus operar em sua serva.

Temos, é verdade, relativamente aos estigmas, a infrutuosa prova do médico, mas o depoimento de muitos membros da família Giannini, confirmando a realidade das chagas antes do exame, a predição miraculosa d'êste exame e da sua inutilidade, depois o súbito desaparecimento, sob as mãos do doutor, das chagas ou feridas na realidade existentes, visto que o sangue corria, constituem uma prova evidente do carácter sobrenatural do fenómeno.

Tudo se passara afinal como Gema tinha anunciado da parte de Jesus. No caso contrário é que haveria motivo para suspeitar da realidade das suas comunicações com o Salvador e portanto da origem divina dos estigmas.

Admiremos aqui as disposições da Providência. A santa menina não vivia na solidão dum claustro fechado à curiosidade pública, mas no meio do mundo. A necessidade de ir a casa dos Giannini, ou à igreja

a-fim-de ouvir a santa missa, receber a sagrada comunhão e visitar o Santíssimo Sacramento obrigava-a a sair muitas vezes ao dia. Somente algumas pessoas íntimas da família Giannini conheciam os factos extraordinários de que se trata, e guardavam tão bem o segredo que na realidade estes factos eram ignorados na cidade de Luca.

Mas o que teria acontecido, se o médico e outros estranhos tivessem verificado a existência dos estigmas e de semelhantes sinais maravilhosos? Quantas provas e contraprovas para o futuro! Quantos curiosos espreitando as saídas de Gema ou a sua chegada à igreja! A humilde virgem tornar-se-ia assunto das conversas de toda a cidade e das zombarias dum grande número. O Senhor, subtraindo aos olhares do médico e de outros profanos o prodigioso fenómeno, humilhou a sua serva e conservou escondida esta gema preciosa.

De resto, a prudência, a discreção, a ciência e honradez das pessoas que observaram estes prodígios, sem excluir o próprio Mons. Volpi, podem suprir bem o insucesso do exame médico.

A ciência não pode ter a pretensão de explicar o sobrenatural, deve limitar-se a verificar os factos. O testemunho dos sábios não é indispensável para que um facto seja admitido. Todo aquêle que tem mãos para apalpar e olhos para ver pode atestar a verdade. E como neste caso o fenómeno, sem ser permanente, se manifestava por diversas vezes, o sábio só poderia afirmar que no momento do seu exame não se produziu. Mas, para o tornar indubitável, deve bastar a palavra de testemunhas dignas de fé que o observaram muitas vezes.



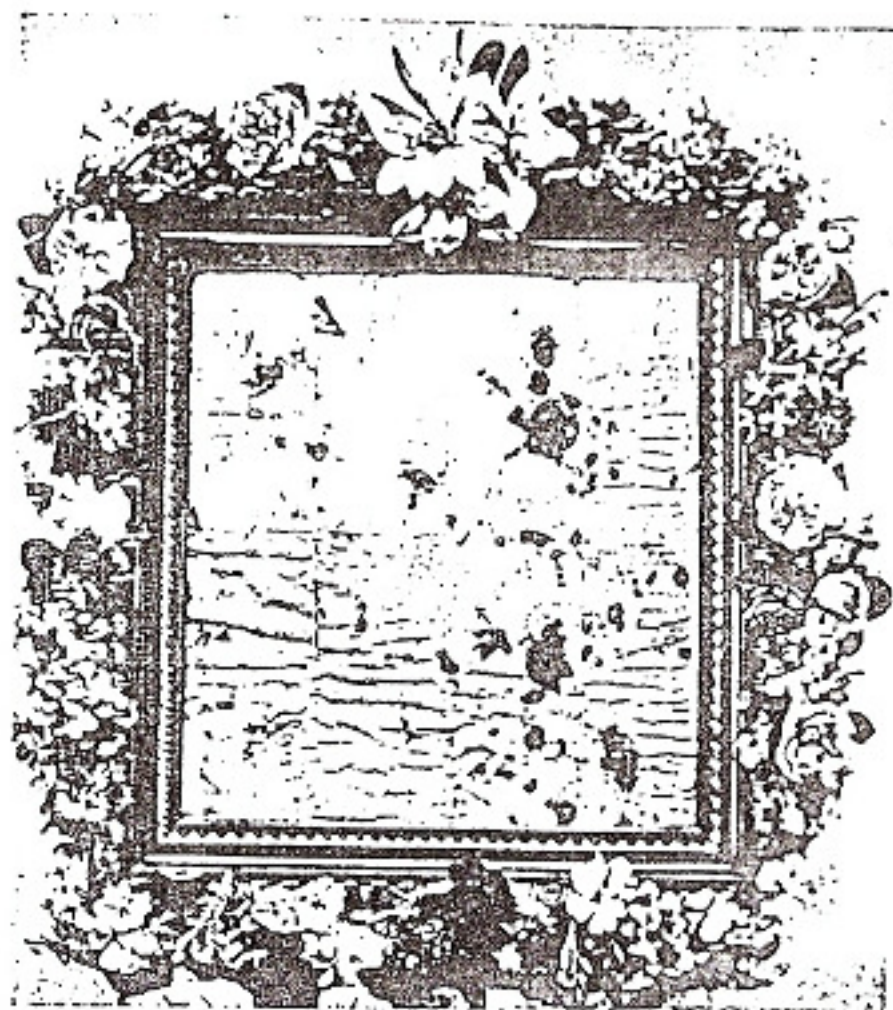
Os outros sinais da Paixão de que vou falar pela ordem cronológica, mencionando apenas alguns, não foram menos severamente verificados na serva de Deus.

Os santos favorecidos com os cinco estigmas ao mesmo tempo são raros. O *Espírito sopra onde quere e como quere*, atingindo sempre os seus altíssimos fins. Aprouve-lhe dirigir dum modo particular sobre a ditosa Gema a torrente dos seus favores, e torná-la participante, não só das cinco chagas simultâneas do divino Crucificado, mas também de todos os suplicios da Paixão.

O prodigioso suor de sangue, mencionado em sua narração por Mons. Moreschini e que eu tive já ocasião de assinalar, foi verificado freqüentemente na angélica menina durante as suas meditações sobre a agonia no Jardim das Oliveiras e sobre outros mistérios da Paixão.

Não aparecia, entretanto, nos êxtases periódicos da quinta e sexta-feira, mas em outros sim, e, mesmo algumas vezes, quando estava no uso pleno dos sentidos. Comprimido no coração e nas artérias pela veemência da sua compaixão dolorosa, o sangue saía por todos os poros, especialmente pelos do lado esquerdo do peito que encerra o coração, e Gema ficava literalmente banhada em sangue.

Com que respeito não recolheriam os anjos este sangue e o apresentariam ao Senhor, a-fim-de apaziguar a sua justiça pelos méritos da inocente vítima que o espalhava tão generosamente, a exemplo do divino Supliciado do Calvário!



Pano ainda manchado de sangue com que a Santa estigmatizada costumava limpar a chaga do lado.



Ao suor de sangue do Getesemani, seguiu-se pouco depois a flagelação do Redentor. A inocente virgem de Luca, contemplava sempre este doloroso mistério com um sentimento especial de devoção. Contando uma por uma as profundas chagas abertas pelos açoitamentos no corpo sagrado do celeste Espôso, dizia: «Tôdas são obras do amor». E era consumida pelo desejo de as ver igualmente impressas em sua própria carne.

Os êxtases nos quais o Senhor se mostrava coberto de chagas, que Gema era convidada a tocar e a beijar, não eram destinados a diminuir o fogo de seus desejos.

Na primeira sexta-feira de Março de 1901, durante o êxtase habitual, foi ouvida a súplica que ela com lágrimas dirigira ao seu Espôso para que a tornasse de algum modo participante do martírio da flagelação. «Na sexta-



*S. Gabriel de N. S. das Dores, jovem passionista que tantas vezes apareceu à nossa Santa*



-feira; pelas duas horas, escrevia-me ela, Jesus fêz-me sentir alguns pequenos açoutes, fiquei toda em chagas, meu Pai, e soffro com elas um pouquinho. Viva Jesus!» Estas chagas estavam longe de ser imaginárias. D. Cecília, que muitas vezes as examinou atentamente, faz delas a seguinte descrição:

«Na primeira sexta-feira de Março, notei que Gema soffria mais que de costume durante o êxtase. Tomei-lhe um braço; tinha grandes sulcos vermelhos. Aproximei d'elles um lenço; ficou tinto de sangue. Como a santa menina parecia soffrer muito e eu lhe ouvisse dizer: «Seriam estes os vossos açoutes, ó Jesus?» pensei numa invisível flagelação.

Isto renovou-se nas outras três sextas-feiras de Março, com agravamento progressivo. Na segunda sexta-feira, o corpo da extática ficava dilacerado; na terceira, quasi se viam os ossos; na quarta, era uma coisa indiscritivel: chagas por todas as partes e, nalguns sitios, da profundidade dum centimetro. Depois de dois ou três dias, desapareciam sem deixar vestígios.

Uma vez quis ligar duas destas chagas. Elas porém agravaram-se em vez de se fecharem, e não pude tirar o penso sem produzir as mais vivas dores; a cura effectuou-se por si pouco a pouco. As outras chagas tinham-se cicatrizado sem demora.

Estas chagas estavam dispostas do modo seguinte: duas em cada braço, do comprimento de quatro a cinco centímetros e muito profundas; uma no peito, bem no meio e na direcção da garganta; duas a cima do joelho, as mais consideráveis e mais oblongas; duas nos joelhos e duas nos cotovelos que quasi descobriam o osso; duas

em cada uma das panturrilhas, redondas e maiores que uma moeda de duas liras<sup>(1)</sup>; outras duas na frente da perna, ao longo do osso; finalmente uma profunda e mais ou menos circular no peito dos pés. Havia outras sobre o tronco que não pude notar bem.

Na primeira sexta-feira somente se notaram, como já dissemos, sulcos sanguinolentos; mas depois appareceram profundos rasgões, e perguntando eu a Gema a razão, respondeu-me: «a principio eram as varas; agora são os azorragues».

Para vos dar uma idea do seu estado lamentável, imaginai o grande crucifixo da nossa sala de jantar, aos pés do qual ela tanto gostava de orar. A semelhança era perfeita: as mesmas pisaduras, as mesmas lacerações da pele e da carne, nas mesmas partes do corpo, o mesmo aspecto comovente. O sangue corria por sulcos, alguns dos quais mediam quarenta a cinquenta centímetros de comprimento por cinco de largo; descia até à terra, se ela estava de pé, e, quando estava deitada, ensanguentava os lençóis do leito, molhando por completo o colchão».

Os que puderam ver estas chagas vivas, fizeram delas a mesma descrição. A sua origem sobrenatural não se pode contestar, porque seria impossivel à jovem dilacerar-se assim com disciplinas ou outros instrumentos de penitência.

(1) A moeda de 2 liras, moeda de prata então corrente na Itália era um pouco menor que a nossa actual moeda de dez escudos. «Nota do Revisor».



Por outro lado estas horríveis feridas formavam-se mesmo durante o êxtase, em presença de testemunhas, e desapareciam com uma rapidez humanamente inexplicável.

Adivinhava-se pela atitude da querida vítima quanto devia sofrer sob os golpes invisíveis que abriam tais chagas na carne viva.

«Durante a flagelação, diz uma testemunha, mostra-se possuída de terríveis sofrimentos, mas não se move. Algumas vezes sobreveem ligeiras convulsões, e os braços tremem. É evidente que possui então toda a sensibilidade. Pobre meninal como se nos conflagra o coração ao vê-la sofrer assim! E quereis saber o que ela me disse no meio destas torturas? «Recomendai-me muito a Jesus». E acrescentou: «Ó minha celeste Mãe! Ó eterno Pai!» Depois do êxtase sentiu fraqueza, mas por pouco tempo. Notei que conservava perfeitamente a lembrança de tudo o que se passara».

Não sabemos se este fenómeno místico se repetiu em outros dias além das sextas-feiras de Março de 1901. Poderia acontecer, porque a humilde virgem tinha uma habilidade sem igual para ocultar os dons de Deus.

Um dia em que pedira a D. Cecilia permissão para tomar um banho, porque sentia, segundo afirmava, os vestidos colados à carne, encontrou-lhe esta Senhora o corpo virginal sulcado em todos os sentidos de grandes chagas já secas às quais a camisa, em vários sítios, se tinha pegado. Para a arrancar das costas foi preciso reabrir as feridas, não sem atrozes dores.

Contudo, todos estes tormentos, dizia ela, consistiam somente «em alguns golpes pequenos que Jesus lhe

fazia sentir», para lhe dar a graça de sofrer «um pontochinho».

Depois da flagelação do Salvador, a soldadesca do Pretório, entre outras mostras de escárneo apoderando-se do Divino Padecente, coroou-o de espinhos, cujas pontas cruéis se enterravam na cabeça.

Coroa adorável! Que cristão poderia recusar-te o seu amor, e não consideraria uma suprema honra cingir contigo a fronte, ao lembrar-se como tu cingiste a própria fronte do Homem-Deus?

A virgem de Luca tinha aprofundado muito os mistérios da infinita grandeza de Jesus Padecente; e isto a levou a apaixonar-se bem cedo pelo seu doloroso diadema como por uma incomparável jóia. Por outro lado o Redentor aparecia-lhe muitas vezes, tendo na fronte a coroa sangrenta e perguntando-lhe se ela não a queria.

Quando a santa donzela adquiriu, por seus desejos e purificações místicas, a última preparação para este dom extraordinário, os actos sucederam às palavras, a realidade à visão.

«Finalmente esta noite, escrevia ela a 19 de Junho de 1900, depois de ter sofrido por seis dias o afastamento de Jesus, fiz esforços para me recolher. Comecei a orar, como em todas as quintas-feiras; meditei na crucificação de Jesus.

A princípio nenhum sentimento experimentei; alguns momentos depois, sobreveio um pouco de recolhimento; Jesus estava próximo. Neste recolhimento perdi a cabeça, como das outras vezes e encontrei-me diante de Jesus que sofria penas terríveis. Será possível ver sofrer



Jesus, e não procurar aliviá-lo? Senti-me penetrada dum grande desejo de sofrer e pedi instantemente a Jesus que o satisfizesse. Ouvia-me imediatamente.

Aproximando-se de mim, tirou da cabeça a coroa de espinhos para a colocar sobre a minha, comprimindo-a com suas divinas mãos contra as minhas fontes. Foram momentos dolorosos, mas felizes. Fiquei uma hora a sofrer assim como Jesus».

Um pouco mais tarde Gema, tornava a escrever: «Ontem, às três horas depois do meio-dia, cansada e esgotada, experimentei, para dizer a verdade, uma grande repugnância, quando de novo me encontrei diante de Jesus. Ele porém, já não estava triste, como em a noite passada.

Depois de me ter feito algumas carícias, tirou-me da cabeça, com um aspecto muito alegre, a coroa de espinhos (sofri um pouco neste momento, mas menos) e tornou-a a colocar na sua. Tõda a dor desapareceu; recuperei de súbito as forças e senti-me melhor que antes de sofrer».

Os efeitos palpáveis destas aparições demonstraram que elas não eram o produto duma imaginação doente. A cabeça da angélica donzela aparecia, ao mesmo tempo, crivada de picadelas donde corria um sangue vivo, não somente em volta, mas também em tõda a sua superfície por debaixo do cabelo; e isto dá crédito à opinião de alguns santos contemplativos, segundo os quais a coroa de espinhos cobriu tõda a cabeça do Salvador.

Algumas vezes as picadelas, quasi invisíveis a olho nu, adivinhavam-se somente pelo sangue que derramavam. Outras vezes, no dizer do Rev. Padre Lourenço

Agrimonti, e de outras testemunhas oculares, distinguam-se perfeitamente na fronte e no couro cabeludo buracos de espinhos, triangulares, em cada um dos quais brilhava, como pérola, uma grande gota de sangue.

O prodigio renovou-se regularmente, sempre durante o mesmo espaço de tempo, de quinta para sexta-feira de cada semana, mesmo depois do desaparecimento definitivo dos outros estigmas. Começava muitas vezes antes do êxtase habitual de quinta-feira à tarde.

Durante a refeição familiar, viam-se aparecer sobre a fronte de Gema, em número sempre crescente, gotas de sangue que desciam ao longo das faces, do pescoço, dos vestidos. «Cada cabelo, afirma uma testemunha, tinha uma gota, de sorte que o sangue corria até à terra».

Era um espectáculo comovedor, capaz de enternecer um coração de gelo. Estava-se diante da mais bela reprodução do *Ecce Homo*. «Se vós visseis, Padre, escrevi-me, o sangue corre-lhe dos olhos, dos ouvidos e da testa! Nêle molhei dois lenços. E que efervescência em seu peito» (1).

Um dia, em que eu mesmo fui testemunha d'este facto prodigioso, mandei-a enxugar e lavar tõdas as pequenas chagas da cabeça. Mas, depois de alguns minutos, o sangue tornava a correr dos mesmos pontos para de novo lhe banhar o rosto virginal. Saía com vivacidade, como sob uma forte pressão, corria ao longo das faces e não demorava a secar sobre a pele.

(1) A testemunha faz allusão às palpitações violentas mencionadas em outro lugar.



Mons. Moreschini, cuja opinião sobre os estigmas e suor de sangue já referimos, foi também espectador da mística coroação de espinhos. Eis o resultado das suas autorizadas observações:

«Tendo sabido, diz elle, que além dos estigmas a angélica virgem sofria muitas vezes o suplicio da coroação de espinhos, propus-me assistir a esta cena de dor, e presenciar com os meus olhos o sangue a correr-lhe da cabeça...

Cheguei à hora desejada e, depois de curta espera, entrei com o P.<sup>o</sup> Lourenço Agrimonti no quarto em que Gema se tinha retirado alguns momentos antes. Vi-a estendida sobre o leito, já sem sentidos, e parecendo entregue a um cruel martírio. Esperei mais de duas horas e meia, muito resolvido a não me retirar sem ter verificado o derramamento do sangue. O coração da extática, atormentado por palpitações de violência inaudita, levantava o cobertor por cima do peito e fazia trêmer a cama.

Experimentei sentimentos de devoção misturados, devo confessá-lo, de terror.

Uma hora depois, ou um pouco mais, as palpitações acalmaram e o sangue começou a rebentar da cabeça em tal abundância, que o travesseiro e até os lençóis, ficaram ensopados nêle.

Em muitos lugares, especialmente na parte superior da fronte, acumulava-se em grumos.

O derramamento parou pelas 11 horas e meia da noite, e a jovem, que tinha até então alguns ligeiros movimentos, conservou imobilidade completa, até às três horas pouco mais ou menos. A respiração mal se pres-

sentia. O rosto, banhado dum sangue vermelho, apresentava um aspecto cadavérico: ter-se-ia julgado morta.

Retirei-me. Quando a vi de novo ao romper do dia, pelas seis horas, já levantada e pronta para ir à igreja comungar, o seu rosto tinha retomado as cores naturais, como se a noite tivesse sido calma e sem sofrimento».

Muitos contemplativos gostaram de se deter, como Santa Teresa, na consideração duma chaga particular do Redentor, que o Evangelho deixou em silêncio: a do ombro esquerdo, cavada pelo pêso da cruz durante o doloroso tracto do Pretório ao Calvário.

Gema tinha-a também na sua carne, embora alguns a tenham confundido com as chagas da flagelação. Muito larga, profunda, e sempre a sangrar, era a sede duma viva dor que obrigava a pobre paciente a andar inclinada dêste lado. Desaparecia ao mesmo tempo que as outras na sexta-feira à noite ou, o mais tardar, no sábado de manhã, com a diferença porém de que a dor continuava a fazer-se sentir, mais ou menos, por muito tempo.

Esta participação maravilhosa nos diferentes suplicios da Paixão, durava ainda no fim de Fevereiro de 1901. Escrevi então a Gema que implorasse do divino Salvador o fim dêstes fenómenos externos. A humilde jovem, que tanto tinha desejado o seu desaparecimento e muitas vezes tinha suplicado a Jesus que lho concedesse, pedindo agora com o mérito da obediência, foi ouvida.

Os estigmas das mãos, dos pés e do lado não mais se abriram, excepto uma vez, como já contei. As picadelas dos espinhos persistiam somente algum tempo sobre toda a cabeça, assim como as chagas da flagelação. As



dores, porém, longe de desaparecer, tornaram-se mais vivas. O derramamento de sangue trazia à paciente vítima, segundo ela mesma confessa, um verdadeiro alívio. Continuaram, pois, as lágrimas a cair-lhe dos olhos e todo o corpo tremia quando estas torturas reapareciam.

Entretanto o Senhor quis proporcionar à sua Serva uma consolação: à força de bater dentro do peito, o coração provocava freqüentemente a rotura de algum vaso, cujo sangue afluía à boca em golfadas. A inocente donzela mostrava-se com isto muito satisfeita. Em um êxtase ouvia-se exclamar: *«Jesus, de boa vontade Vos daria as minhas mãos e os meus pés, mas não posso»*. Neste momento, o Senhor para experimentar a sua obediência mostrava-lhe as mãos trespassadas, como a pedir sangue por sangue.

*«Mas eu não posso, repetia Gema; sofro com isso, mas a obediência é preferível às vítimas»*.

*«Se a visseis Sexta-feira Santa, da uma às três horas! escrevia-me D. Cecília. Julguei que morria. Que quantidade de sangue lançou pela boca! «Meu Jesus, dizia ela, não posso dar-Vos o sangue das outras partes do meu corpo, mas dou-Vos o sangue do coração»*.

Resta-me recordar neste momento, para ser completo, como a admirável vítima, depois de terem desaparecido os estigmas sangrentos, participou realmente dos outros tormentos da Paixão: o deslocar dos ossos do Salvador durante o suplicio da crucifixão, a horrível tensão dos seus membros pregados ao duro madeiro, a extenuação de todos os órgãos do Sagrado Corpo, durante

as três horas da cruel agonia, a sede ardente que O fazia exclamar: *Sitio*.

Segundo a própria confissão de Gema, e segundo o testemunho unânime de muitas pessoas, que maravilhadas observaram nela estes diferentes fenômenos externos, nada lhe faltou do que era preciso para a tornar uma perfeita imagem de Jesus Crucificado. Com o fim de abreviar, não referirei nem estas particularidades nem estes testemunhos.

Igualmente deveria mencionar o martírio interior do coração, que foi certamente o mais inefável de todos os mistérios da Paixão. Depois de ter tomado parte nas dores físicas de Jesus, Gema agonizou em espirito com Ele sobre o Calvário. Disto nos oferece um exemplo o testemunho, citado acima, de Mons. Moreschini.

Mas como descrever em nossa pobre linguagem humana estas misteriosas agonias? O peito ofegante da extática, os olhos cavos, os lábios descórados, a cor cadavérica davam delas uma pálida imagem.

Assim foi ouvida, em toda a sua extensão, a fervorosa prece que, bem cedo, a vista de Jesus crucificado fizera brotar do coração e dos lábios desta menina amada do Céu: *«Ó Jesus, tornai-me semelhante a Vós; fazei-me sofrer convosco; não me poupeis. Vós sofreis, eu quero sofrer também; Vós o Homem das dores, eu quero ser a filha das dores»*.

Podemos certamente aplicar a Gema, no seu pleno sentido, as palavras de S. Paulo: *«Os que retratam em si a verdadeira imagem do Filho de Deus são os predes-*

«O duodécimo filho» da família Giannini —  
Uma carta encantadora — Vida de Gema em  
casa dos seus benfeitores — Apreciações dos  
que a tratavam — O seu amor aos pobres

— 1899-1900 —



No dia em que o senhor e a senhora Giannini voltaram com os seus filhos da sua cura de águas, D. Cecília, a quem desolava o pensamento de ter que reenviar para a família a sua querida Gema, viu-se sobremaneira embaraçada.

Não podendo conformar-se com a separação, apresentou-se diante do irmão e da cunhada e disse-lhes: «Deus encaminhou para aqui o anjo que vêdes; não poderia ela continuar connosco? É verdade que há já onze filhos em casa, mas um a mais não fará diferença». Tranquilizada por uma resposta favorável, a bondosa Senhora correu a casa das tias de Gema para obter delas o consentimento de a conservar como sua própria filha.

Esta proposta affligiu muito as boas tias a quem parecia bastante duro privarem-se da única consolação do seu lar desolado. Entretanto, reflectindo na grande penúria da família, na situação particular de Gema,



recolhimento e da sua vocação religiosa, há muito tempo manifesta, a princípio autorizaram-na a viver, conforme quisesse, ora em casa delas, ora em casa da família Giannini.

Gema serviu-se admiravelmente desta permissão, sobretudo nas quintas e sextas-feiras, para ocultar aos seus as graças prodigiosas já referidas. Finalmente, no mês de Setembro de 1900, depois de muitas tergiversações, suas tias deram plena satisfação ao desejo dos benfeitores, e passou definitivamente a viver com a família Giannini.

São admiráveis as disposições da Providência, manifestadas neste passo da vida de Gema. Encontram-se, é certo, em nossas povoações cristãs, viúvas sem filhos, piedosas senhoras solitárias que, com o fim de caridade ou simplesmente para consolação e comodidade pessoal, adoptam órfãos abandonados.

Mas, quem não julgaria arriscado, temerário e irrealizável até o generoso pensamento de admitir Gema em uma família que contava já onze filhos, todos de tenra idade e habitando uma casa relativamente pequena? Mais ainda: a que propunham para ser adoptada tinha perdido sua mãe, vitimada, jovem ainda, pela tuberculose.

Não seria então temeridade introduzir no meio duma juventude florescente uma estranha, talvez contaminada?

Mas era esta a vontade divina; e aos designios de Deus não há, diz o apóstolo S. Paulo, nem prudência, nem conselho, nem obstáculo que se oponha.

Com efeito, as primeiras propostas de D. Cecilia foram acolhidas com alegria por Mateus Giannini, por

sua esposa, por todos os seus filhos e pelo venerando P.<sup>o</sup> Lourenço Agrimonti, que vivia recolhido nesta família, onde era amado como um segundo pai.

Os próprios criados manifestavam a sua satisfação. «Que Gema seja benvinda, disseram os piedosos pais. Será o duodécimo filho que o céu nos dá. Que todos honrem a nossa nova filha; respeitem-na os criados e que nada lhe falte».

«Será a nossa sétima irmã, diziam as meninas, e amá-la-emos como uma de entre nós».

Assim falavam igualmente os rapazes que já eram crescidos.

A chegada de Gema foi pois um motivo de festa e de alegria para toda esta abençoada família.

A mais velha das meninas, Aninhas, afeiçoou-se dum modo particular à recém-chegada. Já, quando se encontraram as primeiras vezes, em Julho de 1899, estas duas almas se tinham compreendido e ligado com uma amizade que o tempo não deixaria esfriar.

A carta seguinte põe em relêvo o carácter desta intimidade. Mandava-a Gema no dia 7 de Agosto a Aninhas que tinha partido recentemente com sua família para as águas de Viareggio.

«Minha querida Aninhas — Tomando a pena para falar convosco, vem-me à lembrança as nossas últimas despedidas, com as promessas trocadas entre nós nesse momento da separação. E como poderíamos esquecê-las? Eu, pelo menos, como o poderia? Não, isso não me parece possível. Só por poucos dias tive o prazer de conversar convosco, mas essas poucas palavras, essas pequenas conversas de que Jesus era o único assunto



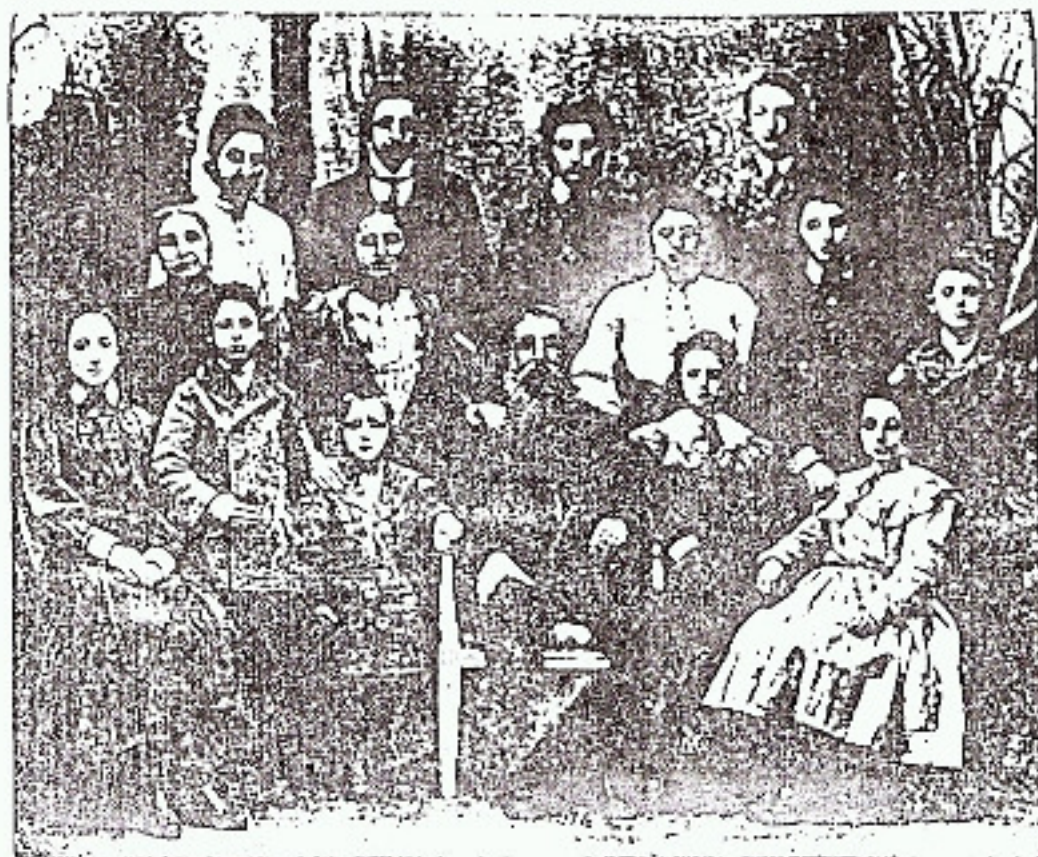
deixavam-me na alma uma tão viva impressão e, permiti-me que vo-lo diga, um tal affecto por vós que não sei como exprimir-me.

«Conhecemo-nos muito tarde ou, pelo menos, muito tarde começou a nossa amizade. Mas, precisamente porque começou tarde, é que nos queremos aplicar melhor a amar a Jesus e a amá-lo muito. Queremos consagrar-lhe os nossos mais ternos sentimentos.

«Queria que o meu coração não tivesse palpitações, suspiros, vida senão para Jesus; queria que a minha lingua não soubesse senão proferir o nome de Jesus, que os meus olhos se não voltassem se não para Jesus, que a minha pena não soubesse escrever senão de Jesus, e que o meu pensamento não voasse senão para Jesus. Muitas vezes procurei sobre a terra um objecto que pudesse receber os meus affectos, mas não encontrei outro digno d'elles, na terra nem no céu, além do meu Bem-amado Jesus.

«Entretanto tenho-me perdido muitas vezes entre as fastidiosas dissipações da terra; e como são numerosos os que se perdem nas vaidades do mundo! São loucos certamente; quanto não aproveitariam se pensassem em Jesus! Jesus transformar-lhes-ia o coração, os affectos, os sentimentos e os suspiros; e se experimentassem por um só momento a felicidade de estar com Jesus, afirmo que não queriam jamais deixá-lo.

«E nós, conseguiremos enfim amar verdadeiramente a Jesus? Eu sobretudo que não cesso de O ofender e que tenho a coragem de acrescentar novos espinhos aos da pungente coroa que oprime o seu coração. Pobre Jesus! Mas este Jesus, sabeis como se vinga das



Família Giannini. No centro o chefe da família, Sr. Mateus Giannini, farmacêutico, falecido a 10 de Maio de 1936. A direita e collocando-lhe a mão no ombro, D. Justina, sua esposa. A direita desta, D. Cecilia, irmã do Sr. Mateus, falecida a 23 de Dezembro de 1931. Cinco filhas são hoje religiosas. — Eufémia, a grande confidente da Santa, hoje Madre Gema, passionista, encontra-se na 1.ª linha de cima entre sua mãe D. Justina e sua tia D. Cecilia. Os filhos são José (advogado), Marieno (professor), Martinho (médico), Carlos e Gabriel (engenheiros). O mais miúdo, a direita de seu pai, ainda não era nascido quando a Santa lhe veio tomar «o 12.º lugar».

Desta abençoada família dizio Santa Gema:

«Meu Deus, como hei de reconhecer todo o bem que me fazem... Pensai Vós n'elles, meu Deus, abençoai-os em seus interesses materiais».



minhas infidelidades? Mostra-me muitas vezes as suas chagas, as suas mãos, donde corre um sangue redentor, o seu Coração consumido por um incêndio de amor, os seus braços abertos para nos estreitar, e diz-me que é todo vítima do seu grande amor por nós.

«Peço sempre a Jesus que me faça chegar depressa ao momento tão desejado de entrar num convento; pois sinto que no mundo nos não encontramos bem, e que de nenhum modo êle nos pode tornar felizes.

«Peço-vos que não me esqueçais em vossas orações aos pés de Jesus Crucificado. Farei o mesmo como puder a vosso respeito. Nada espereis, porém, das minhas orações: são muito fracas. Esta carta encontrar-vos-á, eu o desejo e espero, de boa saúde. Se não vos custar, fard-me-eis o favor de dar recomendações a vossa mãe e de lhe pedir que se lembre algumas vezes de mim junto de Jesus.

«Desculpai a minha desprezível escrita, e também o pouco sentido desta carta; nada sei fazer. Peçamos, peçamos todos a Jesus que nos dê força de não vivermos se não para o amar a Êle só. Que apenas vivamos para O amar, e que Êle nos conceda a graça de expirar sobre o seu Coração, em um fervoroso transporte de amor. Envio-vos muitas saúdes. Orai muito, muito pela pobre Gema».

Só a vista desta jovem, então na idade de 21 anos, inspirava à sua nova família grande simpatia e não menor admiração. Começaram logo a conhecê-la: humilde, dócil, respeitosa, incapaz duma leviandade ou dum capri-



No meio dos seus bemfeitores nunca foi motivo de perturbações, de mal-entendidos ou de discussões, nem com os criados, nem com os filhos da casa. E todavia, quem ignora a facilidade com que as crianças, de carácter, idade e sexo diferentes, encontram sempre que dizer em desabôno duma pessoa estranha admitida em sua casa, não como serva, mas como cômensal e igual? Os factos, porém, aí estão, e muito recentes; podem-se verificar.

«Posso jurar, atesta a senhora desta casa, não ter nunca notado em minha família, durante os três anos e oito meses que possuímos Gema, o menor inconveniente que lhe pudesse ser imputado, como também nenhum defeito notei nela; digo nenhum inconveniente, nenhum defeito, mesmo dos mais leves».

A Serva de Deus começava, em certo modo, um género novo de vida. Por falta de lugar, dormia umas vezes no quarto duma das filhas mais velhas, outras no de sua mãe adoptiva, Cecília, a quem daqui por diante chamaremos tia para evitar confusões. Gema chamava-lhe, com infável ternura, sua mãe.

Como na casa paterna, Jesus ocupava-lhe a melhor e a maior parte do dia.

De manhã, logo que sua tia despertava, levantava-se prontamente, vestia-se em alguns minutos, punha o chapéu e estava pronta para ir à igreja. Neste momento não empieendia nenhum trabalho, por urgente que fôsse, e abstinha-se mesmo de falar. As primícias do dia deviam ser para Jesus. Por isso, de acôrdo com sua tia, que afinal lhe seguia sempre o exemplo, estava a pé antes de nacer o dia, quando os outros ainda dor-

miam e nenhuma necessidade tinham dos seus serviços.

Ia, silenciosa e recolhida, ouvir duas missas: uma como preparação para a comunhão que nunca omitia, outra como acção de graças.

De volta a casa, juntava-se às meninas mais velhas e às criadas para cuidar dos mais novos e fazê-los rezar; depois, com um pequeno trabalho nas mãos, andava por um lado e por outro, por toda a parte onde a sua presença podia ser útil.

Gema era muito entendida em bordados e trabalhos delicados de senhora. Todavia nunca dêles se quis ocupar; isso seria, a seus olhos, vaidade e perda de tempo. Preferia remendar, fazer meia, e dar-se a outros trabalhos semelhantes, de modesta aparência, mas de muita paciência e de mui grande utilidade em uma família numerosa.

Embora habituada desde a infância a ser servida por criados, tinha grande predilecção pelos trabalhos mais humildes. Via-se tirar água, arrumar os quartos com as criadas, lavar a louça e auxiliar a cozinheira.

A pedido seu, estava encarregada dos doentes, e bastava ela para atender a tôdas as suas necessidades.

Uma criada da casa, afligida com abcessos repugnantes nas pernas, recebeu também a oferta dos seus serviços e foi tratada com admirável solicitude. A última das servas não teria mostrado tanto desvêlo pela melhor das senhoras. Gema fazia-lhe a cama, arrumava-lhe o quarto, e, de joelhos diante dela, curava-lhe as chagas purulentas.

Por único reconhecimento, esta mulher rude cobria a carinhosa enfermeira de injúrias e despezos. «Vós



*causais-me horror, lhe disse ela um dia, não quero mais ver-vos junto do meu leito*. Longe de se agastar com isto, a bondosa menina, redobrando de dedicação, procurava novos meios de ser agradável à serva ingrata e pouco delicada.

Se a deixassem livre, Gema trabalharia durante o dia todo e sem um momento de descanso.

Mas sua tia não concordava com este fervor. Tinham-na recebido na família para ser nela uma consolação e um bom exemplo por suas virtudes e santas conversas, mas de nenhum modo para servir.

Por isso, quando se tinha desempenhado da parte que lhe competia nas ocupações comuns, a sua protetora dizia: *«deixai agora, deixai repousar a minha querida Gema»*; e conduzia-a à sala de trabalho ou ao pátio da casa. Ai, entregando-se a qualquer ligeiro trabalho de costura ou de meia, estas duas belas almas conversavam familiarmente sobre coisas espirituais. Falavam do amor de Jesus, da comunhão da manhã, da festa do dia. A tia aproveitava estes momentos para armar laços inocentes à simplicidade da santa e surpreender os segredos da sua vida interior.

No meio dum diálogo animado, apertava-a de súbito com perguntas, e com uma habilidade tal que muitas vezes Gema comunicava ingenuamente as luzes recebidas no divino banquete, as resoluções tomadas, as particularidades dos seus êxtases, etc.

Graças a este piedoso estratagema, que eu mesmo tinha sugerido, foi-nos possível descobrir muitas particularidades extraordinárias e edificantes que, sem isso, ficariam para sempre ignoradas. A conversação recomen-

çava todos os dias em todos os momentos livres, sem nada perder do seu encanto.

Depois destes fervorosos colóquios, se a virtuosa senhora se retirava por tempo notável e a vinha substituir outro membro da família, Gema aproveitava o primeiro momento propício para se retirar sem ruído à solidão do seu quarto ou ao oratório doméstico e aí falar intimamente com Jesus.

Assim passavam os dias estas duas santas almas.

Quando se pensa no trabalho excessivo que tinha D. Cecília com a boa administração da casa, pergunta-se como é que, sem desprezar nenhuma das suas numerosas ocupações, ainda encontrava longos momentos para passar em companhia da sua querida filha adoptiva.

É verdade que ela costumava dizer: *«Com Gema, repouso. A sua vista recreia-me e não sinto o peso da fadiga nem o amargo das provações. Que contas, acrescentava, darei a Deus, se não apreciar o dom que me concedeu nesta angélica menina, e se d'ele não tirar proveito para a minha alma?»*

D. Justina Giannini escrevia-me igualmente: *«Sobre a nossa Gema, dir-vos-ei somente que nela o sobrenatural brilha cada dia mais; quando olho para ela, parece-me notar em sua fisionomia um não sei quê que não é d'este mundo. Que felicidade viver com este anjo! É impossível descrevê-la. Para dizer tudo: é um anjo em carne»*.

Foi este, até ao fim, o sentimento de toda a família.

O venerando sacerdote que era o hóspede querido da família depôs também o seguinte: *«Comecei a admi-*



rar, desde o primeiro momento em que a conheci, esta menina tão enriquecida dos dons de Deus. Havia nela, uma extraordinária e encantadora ingenuidade que servia de contrapêso a uma inteligência e perspicácia pouco vulgares.

«Não podia abster-me de a observar continuamente. Durante todo o tempo que nos fez companhia, não notei nela a menor falta, mas tive sempre ocasião de admirar a sua escrupulosa exactidão em todos os deveres, uma inteira abnegação da vontade e a prática de tôdas as virtudes.

«Estas virtudes eram exercidas com tanto entusiasmo, constância e serenidade de espirito que pareciam ter-se-lhe tornado naturais. Admirava-me particularmente do seu profundo recolhimento e íntima união com Deus. Mesmo no meio das mais distractivas occupaões domésticas andava como absorvida nas coisas divinas, o que de nenhum modo a impedia de se desempenhar bem do seu trabalho. A sua admirável piedade irradiava de toda a sua pessoa, dos olhos sobretudo, sempre modestamente baixos. Confesso que, se me sucedia encontrá-los ficava tão impressionado que não os podia fixar».

O depoimento d'este bom padre, cheio de outras particularidades, termina assim: «O bem espiritual que tirei do trato com esta alma privilegiada, só Deus o sabe. A consolação e alívio que dêle hauri, não o pode calar o coração, pois ainda está e estará sempre sob o encanto de suas maneiras angélicas, que me edificaram mais que nunca na ocasião da minha doença. Fiquei maravilhado com a delicadeza dos seus cuidados, da sua habilidade

e da sua solicitude que tinha alguma coisa de verdadeiramente maternal».

Outro eclesiástico muito digno, amigo e freqüentador da família Giannini, exprime-se do mesmo modo. Eis um extracto do seu testemunho:

«A modéstia e ingênua simplicidade que reflectia a fisionomia de Gema deixavam-me profundamente impressionado. Não me foi possível notar nela a mais leve imperfeição, embora a pudesse observar muitas vezes e de muito perto.

«O seu modo de tratar tinha um cunho de graça e afabilidade naturais que revelavam a beleza duma alma pura. Nunca fixava o rosto do interlocutor; o seu olhar dirigia-se para outro lado com não sei que expressão extraordinária. As suas palavras eram raras, pois limitava-se a responder quando a interrogavam.

«Nunca a ouvi falar de si mesma. Informavam-se da sua fraca saúde? As suas palavras, medidas, pareciam sair-lhe a custo da bôca. Eu estava convencido que era uma alma muito bela, de invulgar delicadeza de consciência e toda inflamada no amor divino; mas nunca teria suspeitado da sua eminente santidade».

Gema assistia à refeição comum da manhã e da tarde, mas, dir-se-ia que, só por pura formalidade. Como apenas algumas onças de alimento lhe bastavam, logo que tinha tomado algumas colheres de sopa, levantava-se da mesa sob qualquer pretexto, ia para a cozinha e não voltava senão para tomar mais qualquer bocadinho em companhia da família. No fim da refeição retirava-se imediatamente para o quarto, sem tomar parte na conversação que de costume se seguia.



Nunca ia a passeios, e como a sua repugnância por eles era conhecida, ninguém insistia com ela.

A tarde ia à igreja para receber a bênção do SS. Sacramento, tanto em uso na piedosa cidade de Luca, e só voltava a horas tardias.

Falava tão pouco durante o trabalho e era tal a sua discrição no interior da casa, que quasi passava despercebida. Nunca se ouvia falar pela casa, nem muito menos rir. Nunca se via correr ou andar atarefadamente, embora o ardor do seu carácter a levasse naturalmente à vivacidade dos movimentos.

A chegada duma pessoa estranha retirava-se logo, tanto para deixar toda a liberdade aos membros da família, como para evitar, pela fuga de conversas inúteis, as causas de dissipação. E neste ponto levou tão longe o escrúpulo, que, depois de muitos anos não conhecia, por assim dizer, nenhum dos frequentadores da casa. Do mesmo modo ignorava os incidentes da vida doméstica, e desviava a atenção logo que elles se tornavam assunto da conversa.

Para pôr em prática uma semelhante reserva é certamente necessário um interior bem harmonizado, que somente tenha por norma a virtude e a Deus por fim.

Nesta família verdadeiramente cristã a compassiva jovem experimentava a miúdo a consolação de exercer para com os pobres aquela caridade, de que lhe vimos dar provas nos dias da abundância da casa paterna. Via-se a cada instante pedir a sua tia alguns restos da cozinha em favor dum indigente.

Tôdas as vezes que ouvia bater à porta, julgava ser

um pobre, e se não abriam prontamente pedia licença para ir ela abrir.

Quasi sempre Gema se encontrava em presença dum mendigo. Feliz então e contente, como se descobrisse um tesouro, mandava-o entrar para o pátio, pedia-lhe que se sentasse, corria a procurar algum bom bocado e voltava depressa, toda contente, a oferecê-lo com maneiras encantadoras.

Assentava-se a seu lado e, enquanto elle comia, fazia-lhe uma piedosa exortação. «*Ouvistes hoje missa? Há quanto tempo vos não aproximais dos sacramentos? E a oração, fazei-la de manhã e à noite? Pensais algumas vezes no que Jesus sofreu por nós? etc.*». Depois d'este exórdio, insinuava suavemente no espirito do pobre salutaros pensamentos de fé, piedade, resignação. E elle, completamente restaurado no corpo e na alma, retirava-se contente.

A tia, bem ao corrente da industriosa caridade da sua filha adoptiva, presenceava muitas vezes, por detrás das persianas duma janela, esta cena enternecedora; via o rosto angélico de Gema inflamar-se, animarem-se os seus gestos, todo o seu ser respirar uma affectuosa compaixão. E a bondosa Senhora bendizia por isto ao Senhor.

Apanhada algumas vezes em flagrante, a jovem, envergonhada, explicava do modo seguinte o seu amor aos miseráveis: «*Não sou eu também pobre? Jesus tirou-me tudo, e todavia não me deixa ter falta de nada: sou até muito bem tratada. E porque é que aos outros haveria de faltar o necessário?*»

Repisando um dia esta idea, disse com um senti-



mento comovente de humildade: «O que fazem por mim, devem fazê-lo como a um pobre encontrado no caminho, aliás não teriam nenhum mérito».

Esta sublime delicadeza cristã diz assaz qual devia ser o reconhecimento de Gema para com os seus benfeitores. Simples nas maneiras e contrária a elogios, não sabia quasi exprimir por palavras este reconhecimento, mas em certas circunstâncias a fisionomia mostrava bem os sentimentos do seu coração.

«Meu Deus, exclamava ela um dia, julgando-se só, como hei-de reconhecer todo o bem que me fazem? Nem mesmo sei dizer-lhes obrigada, tão grosseira e ignorante sou. Pensai Vós nêles, meu Deus, abençoai-os em seus interesses materiais. Retribui-lhes centuplicadamente tantos benefícios. Se lhes há-de acontecer alguma desgraça, desviái-a para mim».

Na última doença, disse algumas vezes com voz affectuosa a um ou outro membro da família: «tende paciência comigo por mais um pouco. Lembrar-me-ei de vós junto de Jesus. Sim, no céu pedirei sempre por vós».

É fácil compreender por estas palavras que, apesar do amor e dos cuidados delicadissimos que a cercavam, a piedosa menina, recolhida por motivo de caridade, sentia ao vivo a baixeza da sua situação e quasi se envergonhava de si mesma. Entretanto, perfeitamente resignada com a vontade divina, esperava em paz o cumprimento dos desígnios da Providência.

Sabia tão bem ocultar as suas penas que nunca ninguém notou esta ferida que trazia no coração. «Concentro-me em minha alma, escrevia ao seu director, lá encon-

tro Jesus, e, ao lembrar-me que possuo Jesus, sorrio no meio das minhas lágrimas. Sim, sinto, sinto que sou feliz, mesmo no meio das desolações».

As continuas orações desta alma pura pelos seus benfeitores tocavam o coração de Deus e levavam-no a cumulá-los de benefícios. «Oh! se soubésseis, escrevia-me ela, como Jesus os protege; abençoa-os a todos os instantes e afasta dêles a desgraça».

A digna mãe desta família foi acometida por uma doença muito grave, acompanhada de violentas dores nos intestinos. Os médicos faziam já os prognósticos mais pessimistas.

Gema, levada pela piedade, suplicou ao Senhor que mudasse para ela estes sofrimentos. Sua prece foi ouvida, segundo mo contou nos seguintes termos: «As dores da mãe, que vós conheceis, tomei-as para mim; elas, porém, são atrozes. Padre, e não sei o que será de mim».

De-facto, a mãe foi curada, mas a heróica menina sofreu durante longos meses um cruel martírio.

Anjo tutelar dos seus caridosos hospedeiros, Gema deveu-lhes por seu lado muitos benefícios, mesmo na ordem espiritual. O Senhor, em sua sabedoria infinita, tinha-a conduzido para uma família tão cristã a-fim-de atingir os seus fins misericordiosos sobre esta alma privilegiada. Queria conduzi-la por extraordinários caminhos e glorificar-se nela por prodígios exteriores, que ainda não assinalámos na sua totalidade.

Na casa paterna estas manifestações místicas teriam sido mal interpretadas; além disso Gema não teria encontrado lá ninguém capaz de a compreender, guiar e subtrair às vistas profanas. Ela mesmo estava tão con-



vencida disto, que só o pensamento de lá voltar por um único dia a fazia tremer.

Com sua família adoptiva estava tão bem ou melhor que num mosteiro. Não tinha visitas mundanas, não tinha dissipações. Tôdas as pessoas que a cercavam, sem excepção, eram de sentimentos profundamente religiosos. D. Cecília, que lhe servia de mãe, facilmente podia compreender, por sua grande experiência da vida interior, os segredos desta alma e auxiliá-la poderosamente. Dotada de rara prudência, conseguiu evitar as bisbilhotices e os comentários que nunca deixam de levantar-se entre o povo em volta dos factos extraordinários de ordem sobrenatural.

Assim, numa família numerosa e muito relacionada, visto entregar-se ao comércio, a santa menina podia viver ignorada do mundo. E os favores com que Deus a cumulou foram conhecidos somente pelos seus confesores e directores espirituais.

Quem não vê brilhar aqui a bondade de Deus no exercício da sua Providência?

E agora, antes de concluir este capítulo, não podemos deixar de nos dirigir à illustre família que deu a Gema uma hospitalidade tão affectuosa. Com o coração comovido e em nome do Senhor, a quem tinha intenção de honrar pelo exercício da sua caridade cristã, nós lhe agradecemos os benefícios prodigalizados à sua serva.

## C A P Í T U L O X I

Director espiritual eleito por Deus — Um drama sublime — Primeiro contacto de Gema com o novo director da sua alma

— 1900-1903 —



AS grandes provas que se seguiram à aparição dos estigmas, tinha o Senhor enviado à sua serva, para a animar e consolar, vários Padres Passionistas, entre outros o P.<sup>e</sup> Caetano e o P.<sup>e</sup> Pedro Paulo. Tinha-lhe feito saber ao mesmo tempo, por palavras claras, que um religioso desta congregação viria a ser o seu director. Os primeiros prestaram a Gema um grande auxilio nas necessidades espirituais da ocasião, mas, terminada a sua passageira missão, retiravam-se um após outro, alegres por terem admirado nesta alma de predilecção os prodígios da graça.

Os juizos de Deus, diz o Apóstolo, diferem dos juizos dos homens. Muitas vezes até encontram-se em flagrante opposição. Para realizar seus altos desígnios compraz-se o Senhor em utilizar o que nada vale, instrumentos vis e abjectos para que aos olhos dos homens, claramente lhe fique a Ele toda a glória da obra realizada. Desta natureza devia ser o director que Deus reservava à nossa santa.



Ela nunca o tinha visto, nunca ninguém lhe tinha falado nêle. Humanamente não podia saber que existia no mundo esse homem. E todavia conhecia-o, em seu carácter, idade e até no seu exterior.

Este religioso vivia em Roma.

Logo que o Salvador lho mostrou dum modo sobrenatural e lho designou como Pai, Gema, abandonando-se à confiança ilimitada que sentia a seu respeito, escreveu-lhe uma carta de dez páginas que começava assim:

*«Meu Reverendo Padre, já há muito eu sentia em meu coração um grande desejo de vos ver e também de vos escrever. Pedia ao meu confessor permissão de me corresponder convosco; recusava-me sempre. No sábado último renovei o pedido e acolheu-o favoravelmente com grande satisfação minha.*

*«Mas no momento em que vos escrevo sinto-me possuída de temor; e sabeis porquê? Tenho que vos comunicar coisas muito extraordinárias, de que certamente ficareis admirado. Confesso-vos, francamente, tenho a cabeça um pouco perturbada; umas vezes imagino ver, outras julgo ouvir coisas impossíveis. Digo impossíveis, porque Jesus nunca falou, nunca se revelou a almas como a minha, tão má».*

Aqui conta Gema a visão em que lhe foi mostrado o seu novo director (1).

(1) Grande humildade a dêste bom Padre Germano, que interrompe o texto da carta no ponto mais interessante, para se esconder a si mesmo. Ouça o leitor essas linhas preciosas em que Gema relata a visão que o Senhor lhe concedeu do futuro director da sua alma.

*«Tempos atrás ocorreu-me a ideia de dizer a Jesus que me con-*

Depois, referindo-se aos dois últimos anos, falou da sua grave doença, da cura miraculosa, de S. Gabriel, da sua vocação para o estado religioso.

Por último anunciou a futura fundação, em Luca, dum mosteiro de religiosas Passionistas, entrando a êste respeito nos mais circunstanciados pormenores cuja perfeita realização veremos mais adiante.

A carta, datada de 21 de Janeiro de 1900, termina pela fórmula, de que ela não desistirá jamais: *«Peço-vos que me deis a vossa bênção, que me auxiliéis e que peçais pela pobre Gema».*

Passado pouco tempo, escreveu outra de seis páginas, da qual extraio a seguinte passagem: *«Ontem, encontrando-me em oração diante do Santíssimo Sacramento, ouvi que me chamavam, pareceu-me ser Jesus. (Padre, antes de continuar a ler-me, peço-vos a caridade de não me acreditardes. Não acrediteis em nada; escrevo somente por obediência, sem isso não diria uma só palavra do que vai seguir-se).*

*«Jesus disse-me: minha filha, manda dizer ao Padre*

---

*cedesse ver a V. Rev. cia. Não me respondeu por então; mas poucos dias mais tarde pareceu-me, enquanto eu estava em oração, ver um Passionista que também estava orando diante de Jesus Sacramentado. E disse-me Jesus: «Vê lá quem é o P. e Germano». Olhei e sabe como era? Estatura um pouco cheia, estava ajoelhado, firme e imóvel, com as mãos juntas, e parecia-me que tinha os cabelos mais brancos do que pretos».*

Qualquer outro teria publicado estas linhas, quando mais não fôsse, para demonstrar que a sua missão junto da Santa era obra divina e que a direcção dessa alma eleita lhe fôra confiada pelo próprio Salvador. (Nota do Revisor).



que teu confessor se porá de boa vontade em correspondência com êle. Faze isto, é o meu desejo." — Meu Jesus compreendo-Vos; quereis que o Padre saiba tudo o que me diz respeito...

«Ia a continuar, mas pareceu-me que Jesus, se não era a minha cabeça, me interrompeu, dizendo: Para o futuro a minha vontade é esta: que o confessor ponha o Padre ao corrente de tudo».

E na realidade Monsenhor Volpi sentia-se inspirado a procurar este auxílio que, contudo, não conhecia.

Em melhores condições que ninguém para apreciar as raras virtudes desta bondosa menina, compreendia êle a importância da direcção duma tal alma e a grandeza da sua responsabilidade.

Algumas vezes, por causa das suas numerosas e graves occupaões e ainda por humildade, o sábio Prelado, como já dissemos, mandava a sua penitente a outros confessores, cujos conselhos depois pedia (1).

O fenómeno da estigmatização, do suor de sangue e dos êxtases, tornados mui freqüentes, terminaram por despertar-lhe muitas apreensões e, embora tranqüilizado a princípio pelo P.<sup>e</sup> Caetano e pelo P.<sup>e</sup> Pedro Paulo, as dúvidas voltavam-lhe por momentos ao espírito, e o temor ao coração.

Aproveitando a ocasião duma viagem a Roma,

(1) O leitor — não é necessário que lho lembre — já compreende que estas consultas entre o confessor ordinário e outros confessores de ocasião, a-pesar-de não versarem sobre matéria directa da confissão, eram expressamente autorizadas pela penitente. (Nota do Revisor).



P.<sup>e</sup> Germano de Santo Eustachio, director espiritual da Santa e autor da sua biografia



Monsenhor Volpi quis ter uma conversa comigo, mas não nos pudemos encontrar.

No mês de Agosto mandou-me convidar, por intermédio do meu Provincial, para ir a Luca, a-fim-de proceder ao estudo da serva de Deus.

Como por princípio sou extremamente difícil em admitir a acção divina nestes factos extraordinários, sobretudo quando elles se produzem em mulheres, aconselhei-o a que não se inquietasse em excesso e que pusesse simplesmente a sua penitente no caminho ordinário seguido pelo comum dos fiéis.

Sua Excelência Rev.<sup>ma</sup> escreveu novamente a dar-me certos esclarecimentos sobre estas manifestações extraordinárias.

Persisti na minha opinião e cheguei até à imprudência de sugerir ao venerando Bispo a tentativa dos exorcismos. Perante uma tal desconfiança da minha parte, a sua perplexidade continuou a aumentar.

Querendo que a minha opinião fôsse baseada em experiências pessoais, obtive do meu Provincial uma ordem que me obrigou a obedecer aos seus desejos.

Cheguei a Luca no princípio do Setembro e dirigi-me a casa da família Giannini.

Ao ver-me, Gema reconheceu-me e saiu-me ao encontro com viva alegria.

Confesso que em sua presença experimentei sentimentos de devoção e de veneração, como se estivesse diante dum ser celeste.

Fomos ajoelhar juntos aos pés do crucifixo do oratório doméstico. Gema chorou de alegria e reconhecimento para com o Senhor e eu também não pude conter



as lágrimas. «Meu Deus, disse eu então, se a presença dum justo excita tais sentimentos na alma, que fará a vossa presença na pátria dos bem-aventurados?»

Por estas singulares impressões, o Senhor preparava-me para admirar uma cena maravilhosa que devia afastar do meu espírito, desde logo e para sempre, toda a sombra de dúvida.

Era uma quinta-feira. A meio do jantar, Gema, pressentindo o êxtase, levantou-se da mesa, e retirou-se tranqüilamente para o quarto. Pouco depois, D. Cecilia, sua mãe adoptiva, chamou-me; segui-a e encontrei a donzela em pleno êxtase, na ocasião em que travava com a Justiça divina uma viva luta, cujo fim era a conversão dum pecador. Confesso que em minha vida nunca assisti a um espectáculo tão comovedor.

A extática, sentada sobre o seu pobre leito, voltava os olhos, o rosto, toda a sua pessoa para o ponto do quarto em que o Senhor se encontrava. Comovida, mas sem agitação, mostra-se resoluta, na atitude duma pessoa que discute e que quer vencer a todo o custo. Começou assim: «Já que viestes, Jesus, pedir-vos-ei de novo pelo meu pecador. É vosso filho e meu irmão, salvai-o, ó Jesus», e nomeou-o.

Era um estrangeiro que ela tinha conhecido em Luca e a quem muitas vezes já, levada por uma inspiração interior, tinha advertido de viva voz e por escrito, que pusesse em ordem a sua consciência e não se contentasse com a fama de bom cristão, de que gozava entre o povo.

Ora Jesus, surdo às recomendações da sua serva, parecia decidido a tratá-lo como justo Juiz. Gema conti-

nuou sem desanimar: «Porque é que hoje me não ouvis, ó Jesus! Tanto fizestes por uma só alma e a esta recusais salvá-la? Salvai-a, Jesus, salvai-a (1).

«Sede bom, Jesus, não me faleis assim. Na boca de Quem é a mesma misericórdia, esta palavra Eu o abandono não sôa bem; não deveis pronunciá-la. Vós derramastes, sem medida, o vosso sangue pelos pecadores. E agora quereis medir a quantidade dos nossos pecados? Não me ouvis? A quem hei-de eu recorrer então? Derramastes o vosso sangue por ele, assim como por mim.

«Salvais-me a mim, e a ele não? Não me levantarei daqui; salvai-o. Dizei-me que o salvais. Ofereço-me como vítima por todos, mas particularmente por ele. Prometo-Vos que nada Vos hei-de recusar. Dais-mo? É uma alma. Pensai nisso, Jesus, é uma alma que Vos custou muito. Virá a ser boa e há-de corrigir-se».

Por única resposta, o Senhor continuou a opor a divina justiça. E Gema continuou também, animando-se cada vez mais:

«Eu não procuro a vossa justiça, mas a vossa misericórdia. Por quem sois Jesus, ide ter com esse pobre pecador, e dai um terno abraço ao seu coração. Vereis que ele se converte. Experimental ao menos... Ouvi, Jesus, Vós, como dizeis, tendes multiplicado os assaltos para o ganhar, mas nunca lhe chamastes vosso filho; experimental. Dizei-lhe que sois seu pai e que ele é vosso

(1) Nesta altura do êxtase Jesus deve ter-lhe dito que abandonava por uma vez esse pecador. Só assim se explica o que segue.



filho. Vereis, vereis que, a este doce nome de pai, o seu coração endurecido se há-de abrandar».

Nesta ocasião, o Senhor, para mostrar à sua serva os motivos desta severidade, descobriu-lhe, uma por uma, com as mais pequenas circunstâncias de tempo e de lugar, as faltas deste pecador, concluindo por dizer que a medida estava cheia.

A pobre menina, que repetiu em alta voz toda esta confissão, ficou espantada: os braços caíram-lhe; soltou um profundo suspiro, pareceu ter-lhe fugido toda a esperança de vencer.

De repente dissipa-se o seu abatimento e volta à carga: «Eu sei, eu sei, Jesus, que éle Vos ofendeu muito, mas não Vos tenho eu ofendido ainda mais? E não obstante, tendes usado de misericórdia para comigo. Eu sei, eu sei, Jesus, que éle vos fez chorar, mas neste momento não deveis pensar nos seus pecados, deveis sim, pensar no vosso sangue derramado. Que bondade tendes tido para comigo! Usai pãra com o meu pecador, eu vo-lo peço, das mesmas delicadezas de amor de que tenho sido objecto. Lembrai-Vos, Jesus, que o quero no céu! Triunfai, triunfai, eu vo-lo peço pela vossa caridade».

Entretanto o Senhor permanecia sempre inflexível e Gema voltou a cair no mesmo desalento. Está em silêncio, parecendo abandonar a luta, quando de súbito brilha no seu espírito um outro motivo que lhe parece invencível.

Retoma a coragem e exclama: «Bem, eu sou uma pecadora, não poderíeis encontrar ninguém pior do que eu. Vós mesmo mo dissestes. Não, não mereço, confesso-o, não mereço que me atendaís. Apresento-Vos.

porém, outra intercessora: é a vossa própria Mãe, que Vos pede em seu favor. Ides dizer que não a vossa Mãe? Certamente a Ela não o podereis fazer. E agora dizei-me, Jesus, que o meu pecador está salvo».

Desta vez alcançou a vitória. O misericordioso Senhor concedeu a graça e a cena mudou de aspecto. Com um ar de alegria indescritível, Gema exclamou: «Está salvo, está salvo! Vencestes, Jesus, triunfai sempre assim». E saiu do êxtase.

Este espectáculo, verdadeiramente admirável, tinha durado boa meia hora. Para o descrever, utilizei as próprias palavras de Gema, recolhidas à pena na ocasião ou cuidadosamente confiadas à minha memória.

Tinha-me retirado para o meu quarto, entregue a mil pensamentos, quando ouvi bater à porta. Anunciaram-me que era um indivíduo estranho. Mandei-o entrar. Lançou-se a meus pés, chorando, e pediu-me que o confessasse. Meu Deus, qual não foi a minha surpresa! Era o pecador de Gema, convertido poucos momentos antes. Acusou-se de todas as faltas reveladas no êxtase pela serva de Deus, esquecendo somente uma, que lhe pude recordar. Consolei-o, contei-lhe a cena que acabava de se dar e obtive d'ele autorização de publicar estas maravilhas do Senhor.

Depois de nos termos abraçado, despedi-o.

Já lá vão alguns anos. Mas parece-me ter ainda diante dos olhos toda esta cena, tão profunda foi a impressão que ela me causou.

A acção divina manifestava-se claramente neste conjunto de circunstâncias extraordinárias que terminaram pela conversão dum pecador. Que homem de bom



senso poderia ver nisto uma simples criação da fantasia ou o efeito duma excitação nervosa? E quanto ao demônio, bem absurda seria a hipótese da sua intervenção. A sua missão é arrastar almas ao inferno, não é levá-las ao arrependimento, sobretudo pela forma que acabamos de ver.

Entretanto, como é prudente formar um juízo definitivo sobre um facto isolado, por maravilhoso que seja, pus-me a estudar com maior cuidado o espírito da serva de Deus.

As minhas observações continuaram sem interrupção durante três anos.

Auxiliado pelas luzes da Teologia Ascética e Mística, e das ciências fisiológicas modernas, submeti a jovem a provas longas e variadas; não desprezei nenhuma das indicadas para semelhantes casos, e, circunstância digna de nota, nenhuma veio desmentir as minhas primeiras impressões.

Monsenhor Volpi mostrou-se muito satisfeito com o meu trabalho e feliz por me confiar a direcção da sua penitente.

Gema pareceu voltar da morte à vida no dia em que lhe dei a certeza de que as manifestações sobrenaturais com que era favorecida vinham do céu, e que podia sem temor deixar-se conduzir neste caminho pelo Espírito Santo.

Todavia, com o fim de a humilhar, preferi tratá-la com severidade até ao fim, mortifiquei-a constantemente, mas nem por isso deixou de ser dedicada e cheia de atenções para comigo, chamando-me até com uma ingenuidade infantil, seu papá.

Algumas vezes modificava amavelmente o apelido. «Oh! dizia ela, que mau papá me deu Jesus!»

O seu reconhecimento para com Deus que lhe tinha, segundo ela julgava, enviado um tal auxiliar, e para com o Seu pobre ministro, cujos serviços exagerava muito, era sem igual.

Escrevia-me um dia: *«Meu Padre, infinitamente obrigada por tantos cuidados que tomais e com certeza tomareis pela minha pobre alma. Se conseguirdes salvar-me, haveis de ver o que farei por vós, vereis. Quando estiver no céu, atrair-vos-ei a todo o custo para junto de mim».*

E por outra vez: *«Se soubésseis o bem que me fazem as vossas cartas, as vossas exortaçõesinhas!... Estou convencida de que agora me conheceis a fundo. Pedi a Jesus por mim, e para que Ele vos ilumine a meu respeito. Em seguida convertei-me. Consegui-lo-eis, meu bom Padre? Tenho sido sempre tão dura de coração!... Quando a vossa última carta provocou em mim esta reflexão, chorei, e choro ainda ao pensar nisto. Viva Jesus!»*

Como se conclue das palavras precedentes, esta direcção espiritual fazia-se sobretudo por correspondência.

Contudo muitas vezes o Senhor, querendo proporcionar a uma alma que lhe era tão querida uma assistência especial, dispunha os acontecimentos de tal modo que, sem combinação da minha parte, me via obrigado, por ocasião duma viagem, a passar pela cidade de Luca.

Com o consentimento dos meus superiores, ia a casa da família Giannini, onde tinha toda a facilidade em prover às necessidades espirituais da santa menina e em continuar de perto as minhas observações.



Na verdade era-me agradável guiar uma alma tão virtuosa, tão desprendida de espírito e de coração de todas as coisas da terra e ainda mais de si mesma: humilde, dócil, affectuosa; tão pronta para o sacrificio, tão cheia de fé e de amor divino, e ao mesmo tempo de maneiras tão naturais e espontâneas que difficilmente a distinguíeis, sob este ponto de vista, de qualquer outra donzela.

Não é aqui occasião de descrever as suas raras qualidades. Só direi que as conversas e o aumento de trabalho exigidos pelo dever de activar de cada vez mais os progressos desta minha filha espiritual para a perfeição, e a sua correspondência aos impulsos da graça, não me causavam nem aborrecimento, nem cansaço, mas um verdadeiro prazer.

Podia estar longas horas a discorrer com ela sobre coisas divinas, sem notar a demora. A sua palavra, pôsto que breve e parecendo sair-lhe com difficuldade dos lábios, trazia de tal modo o cunho do bom senso, justeza e unção celeste que era um encanto ouvi-la.

Menos lacónica na correspondência, sem dúvida porque a ausência do interlocutor atenuava a grande repugnância que tinha em falar de si, escrevia cartas bastante longas, sem se preocupar com a arte, mas sob a inspiração da sua alma, ou mesmo do espírito de Deus. A-pesar-disso, a redacção nada deixa a desejar.

Gema dirigia-as a princípio ao seu confessor, depois dirigiu-as também e com mais frequência e abandono ao seu novo director.

Eu conservava-as cuidadosamente, confrontava-as umas com outras, as recentes com as antigas, e de cada

vez me convencia mais da realidade da acção divina nesta bela alma e dos seus progressos de gigante no caminho da santidade.

Quantas vezes ao lê-las, encantado e enternecido até às lágrimas, me surpreendi elevando as mãos ao céu para apresentar ao Senhor estas páginas admiráveis, fruto da sua divina graça.

Não sei por que motivo me arroguei neste capítulo o título de novo director de Gema. Diga o que disser a serva de Deus, não o acho exacto.

O seu confessor e director, desde os primeiros anos até à morte, foi sempre o Senhor Bispo, D. João Volpi, a quem simplesmente servi de auxiliar. Eu tinha mais vagar e não estava, como Sua Excelência Rev.<sup>ma</sup>, obrigado, em virtude da sua alta posição na hierarquia ecclesiástica, a uma reserva que roçava pela desconfiança e, direi mesmo, pelo desprezo.

De resto, o verdadeiro director de Gema, era o Espírito Santo, que se compraz em tomar o governo immediato de certas almas privilegiadas: era o seu divino Espôso, Jesus, era a sua Mãe celeste, o seu Anjo da Guarda, como veremos mais adiante.

Pelo que me diz respeito, um facto permanece indubitável: do meu contacto espiritual com a serva de Deus obtive bens inapreciáveis. Senti reavivar-se em minha alma a fé, o desejo das coisas celestes, o amor da virtude.

Infinitas graças Vos sejam dadas, ó Jesus, que, por meios sempre admiráveis, providenciais ao bem das almas que somente têm a aspiração de Vos agradar.



Feição característica da santidade de  
Gema



LÉM do espírito essencial da santidade, comum a todos os justos, há um espírito particular, próprio de cada um dêles. O primeiro consiste na posse de tôdas as virtudes ensinadas por Jesus, protótipo de toda a santidade. O segundo consiste na profissão especial desta ou daquela virtude, que é como que a vida e alma de tôdas as outras e constitue a fisionomia pessoal de cada santo.

Gema trabalhou infatigavelmente, desde os mais tenros anos, pela aquisição de tôdas as virtudes, chegando a possuí-las em grau tão eminente que se torna difficil discernir qual delas é a principal.

Uma há contudo que ela com particular carinho praticou e que é, podemos dizer, a sua virtude característica. Manifestava-se no exterior, embelezava os seus actos e conquistava-lhe todos os corações. Foi a simplicidade evangélica.

Não será, pois, inútil que se faça conhecer e admi-

rar sob todos os seus aspectos uma qualidade tão rara.

Que importa que o mundo a tenha em tão pouca estima? Deus tem-na em tão alto apreço que todo o seu coração está inclinado para aquêles que caminham na simplicidade. Reserva-lhes as suas mais íntimas comunicações. *Se vos não fizerdes como crianças, diz Ele no Evangelho, não entrareis no reino dos céus.*

Esta comparação expressiva dá o verdadeiro sentido da simplicidade cristã. leva o homem a fazer por virtude o que a criança faz por natureza. afastando a sua alma de toda a dobrez ou cálculo egoísta e informando todas as suas faculdades da perfeita rectidão, porque esta virtude, no dizer de Santo Tomás de Aquino, é fruto de verdade e de modéstia. Ora, Gema possuiu-a num grau extraordinário e sob uma forma completamente nova.

Era simples no pensar e incapaz de formar qualquer juízo pelo que visse ou ouvisse. O seu espírito, sempre voltado para Deus, descobria nêle o verdadeiro valor moral das coisas: a sua bondade ou malícia, utilidade ou nocividade. Era como um cristal muito puro em que tudo se podia reflectir sem deixar a menor impressão e sem nunca turvar a sua admirável transparência. Por isso Gema gozava uma inalterável paz e perpétua serenidade.

Esta amável virtude transparecia no seu exterior, o qual, longe de inspirar temor reverencial, atraía pelo contrário e arrebatava os corações, enchendo-os de sentimentos de veneração e de doce confiança. Depois dum curta conversa com ela, dizia certo prelado: «Eu não

*tinha nenhuma dificuldade em fazer a minha confissão geral a esta menina e em lhe confiar os mais íntimos segredos da minha consciência, tão grande é a confiança que me inspira a candura da sua alma».*

De-facto, muitas pessoas, encantadas por esse semblante de angélica ingenuidade, vinham tratar com ela os mais delicados negócios da sua alma. Gema ouvia modestamente, dava em poucas palavras a resposta, acrescentava, sendo preciso, uma exortação, e entrava imediatamente em si para não mais pensar no objecto da confidência.

Temia que, misturando-se ideas estranhas com os pensamentos celestes, de que somente queria ocupar-se, fôsse alterada a simplicidade da sua alma.

Tentei por mais que uma vez, com o fim de a experimentar sobre este ponto, fazer derivar a conversa para assuntos que já lhe não diziam respeito. Era inútil. «Não esqueci, meu Padre, interrompia ela, *de pedir a Jesus por esse infeliz...; dei-lhe graças pelos bons resultados desse negócio...; não penso mais nisso».*

Era igualmente incapaz, em sua ingenuidade, de formar um mau conceito do próximo, não obstante as aparências e os factos. Em virtude desta rectidão e candura, nunca teve pensamentos de vanglória.

O demónio não conseguiu surpreendê-la, a-pesar-da sua habilidade em lhe fazer passar insidiosamente por diante dos olhos os seus méritos e boas qualidades. O *est est, non non* do Evangelho eram a regra da sua conduta.

Os louvores desagradavam sem dúvida à sua profunda humildade, mas de nenhum modo a perturbavam, como nem os desprezos e as injúrias, porque olhava com



a mesma serenidade para uns e para outros, exactamente como as criancinhas, cuja inocência e simplicidade não sabe fazer caso do que tanto atormenta os pobres mortais.

Tal era o espírito e o coração desta pomba inocente. Ordem perfeita, serenidade, franqueza, candura. Era um coração tão puro que pertencia todo a todos, mas em Deus. Era grata para com as pessoas que lhe testemunhavam affecto, e não sabia querer mal às que a olhavam com maus olhos. Nada desejava, nada procurava e com nada se perturbava.

Durante as horribéis vexações com que quasi de continuo era atormentada pelos demónios, só o temor de ofender a Deus a afligia; e, se não fôra a obrigação de as revelar, o seu próprio director tê-las-lia ignorado; tal era o desejo que tinha de occultar os seus sofrimentos.

Muitas vezes foi injuriada publicamente, mesmo na igreja onde ia confessar-se, e pouco faltou para que certas personagens embatinadas, impertinentes e ociosas a expulsassem do lugar sagrado. Calava-se e a ninguém falava do incidente. Era assim que o Cordeiro Divino subia em silêncio para o Calvário, sem mesmo abrir a boca para dizer as suas dores, sem voltar o rosto para quem o ultrajava.

Se, como diz o Salvador, é da abundância do coração que falam os lábios, podemos afirmar que uma delicada simplicidade de coração era a inspiradora de todas as palavras de Gema. Como nunca pensava mal de ninguém, nunca falava dos defeitos alheios.

Diz uma testemunha que eram precisas tenazes para

lhe arrancar o que ela conhecia de repreensível nos outros, quando se tornava necessário ou útil sabê-lo.

E com o seu próprio director procedia do mesmo modo. Interrogada por elle, a caridosa menina referia-se tão vagamente ao facto, que era difficil compreendê-la, e quando respondia por escrito, usava de reticências, como quem diz: *entenda o resto*, e passava rapidamente a outro assunto. p. 152

Que discreção, maior ainda, quando tomava a iniciativa de descobrir ao seu pai espiritual a irregularidade da conduta de outrem! *«Meu Pai, Fulano ou Fulana já não segue o caminho que Jesus deseja, escrevei-lhe a dizer que se emende»*. E depois, reticências.

Para fazer uma comunicação qualquer, nunca Gema usava de preâmbulos, muitas vezes supérfluos, mas algumas vezes aconselhados pelas conveniências; era a seus olhos uma perda de tempo e às vezes um artificio ou para dissimular alguma coisa, ou para dar uma surpresa ao interessado.

Entrava bruscamente no assunto, qualquer que fôsse a dignidade das pessoas, a não ser que consideremos como exórdios certas fórmulas de inefável simplicidade com que começava muitas das suas cartas. *«Senhor, dignai-vos atender-me»*. *«Meu bom Padre, viva Jesus! Eis uma coisa interessante que vou dizer»* e outras frases semelhantes que agradam certamente mais a um homem de senso que todas as cerimónias affectadas do estilo hodierno.

Na correspondência com o seu director, sabendo a quem se dirigia, Gema não punha nenhum cuidado no modo de se exprimir, e pouco lhe importava que a carta



redundasse em seu louvor ou em sua humilhação. Terminada, sobrescrevia-a sem a ler, e não pensava mais no que tinha escrito. Quando não possuía uma folha inteira de papel de carta, servia-se de meia folha e, em caso de necessidade, do primeiro pedaço de papel que lhe aparecesse (!). Só uma vez me lembra de ela apresentar desculpas.

Não encontrando quem lhe desse o selo, enviou-me uma carta urgente sem franquia. «*Quem sabe, dizia em post-scriptum, o que dirá V. Rev.<sup>a</sup> quando tiver de pagar a sobretaxa? Mas perdoai-me, sou pobre, pobre, não tenho nem um real*».

Condimentadas com tão amável ingenuidade estas negligências não podiam desagradar.

Todavia a bondosa menina deixava-se levar muitas vezes demasiadamente pelo instinto da sua bela alma, expondo-se dêste modo a alguns leves inconvenientes. Tinha então de esgotar todos os argumentos quem quisesse fazer-lhe ver a imprudência duma cega confiança em toda a gente, e a razão de ser das queixas acerbadas que provocava. Supondo em todos uma candura semelhante à sua, julgava poder confiar em todos.

Se alguém com aspereza de palavras lhe fazia sentir o seu desprezo, não queria ver nelas uma explosão de cólera ou de qualquer paixão desordenada, mas apenas uma sugestão diabólica permitida por Deus para a humilhar, e logo ficava em paz.

(1) Muito bem este à-vontade na nossa santa, que é um retrato espontâneo da sua alma simples. Mas ordinariamente não é para ser limitado. O que numa alma é virtude, noutra será desleixo ou excesso de familiaridade. (Nota do Revisor).

Todavia já vimos quanto Gema estava longe de ser desprovida de espírito ou de inteligência; mas procedia dêste modo, porque se tinha feito criança por virtude, por amor do seu Deus.

Sendo a admirável simplicidade desta virgencinha fruto da sua virtude, não é de admirar que ela transparecesse em tudo e por tudo. Simplicidade no seu porte e nas suas maneiras, simplicidade no vestido que usava — pode dizer-se que nenhum tinha de seu —, simplicidade em tudo.

Não quis nunca em seus vestidos nada de supérfluo. Neste ponto interpretava a palavra *simplicidade* com todo o rigor, significando a exclusão de tudo o que não fôsse inteiramente necessário.

Bastava olhá-la para se ficar possuído de admiração. Nada de singular ou affectado no seu porte, e, se não fôsse aquela gravidade digna que era efeito da sua contínua união com Deus, qualquer a tomaria por uma donzela vulgar.

Na igreja, onde passava longas horas em oração ao pé do Tabernáculo, permanecia imóvel como uma estátua, não deixando transpirar nada dos sentimentos de sua alma: nem um suspiro, nem uma só atitude diferente do comum das pessoas piedosas. Se os ardores da sua alma lhe faziam derramar lágrimas, cobria imediatamente com ambas as mãos o rosto, suavemente inclinado sobre o peito.

Em suma, a simplicidade evangélica brilhava em toda a sua pessoa e em todas as suas virtudes, das quais era a forma e, pode dizer-se, o doce condimento. Pode-



mos pois concluir que essa simplicidade constitue o espírito próprio e a característica desta nova esposa de Cristo.

Uma qualidade tão admirável não dava somente encanto às virtudes que cativam os olhares e a admiração dos homens, mas, como tinha as suas raízes no coração e no espírito de Gema, não podia deixar de a seguir nos caminhos sublimes da contemplação mística a que Deus se dignou elevá-la. Entrou nestes caminhos misteriosos, sendo criança por espírito, como o era por idade, e assim ficou sempre. Foi como criança que tratou com a Majestade divina, da qual recebeu inefáveis segredos e saboreou indizíveis doçuras.

É esta, sinceramente o confesso, a maravilha que mais admirei sempre em Gema. Eis o argumento mais convincente que, logo no princípio, me levou a dar uma opinião favorável sobre o seu espírito de santidade. Refiro-me a essa espontaneidade, a esse natural desprendimento que se manifestava até nas mais sublimes transfigurações da sua vida sobrenatural.

Os altos mistérios da fé e da mística são tais, que, já por sua natureza, nos deixam estupefactos. Aquêles mesmo que têm um grande conhecimento experimental desses mistérios, não conseguem nunca habituar-se a eles por completo; e é com profundo respeito e temor, com esperança e amor, que recebem as condescendentes comunicações de Jesus.

Não acontecia assim com Gema. Para ela a fé parecia não ser mais a fé, mas a própria evidência; nos seus mistérios mais ocultos encontrava-se à vontade e como que em seu meio natural. Para sentir o espírito e o cora-

ção suavemente penetrados destas grandes verdades, nenhum esforço necessitava de fazer.

Deus, a Humanidade santa do Verbo, Jesus-Eucarístico, os Anjos e os Santos do céu, são interlocutores a quem fala com franqueza, a cujos pés se humilha, que adora, suplica, diante dos quais chora, como se os estivesse contemplando face a face. E assim acontecia, não só durante os êxtases, durante os arrebatamentos, e as mais vivas iluminações da contemplação, mas também dum modo por assim dizer habitual e até na mais profunda aridez espiritual.

Devo confessar que tive um dia uma dúvida: parecia-me demasiada a luz desta evidência.

Mas depressa se dissipou essa dúvida. Tendo notado a minha hesitação, Gema deu-me conta de algumas das suas mais altas comunicações com a Divindade e terminou pelas seguintes palavras, que valem, a meu ver, uma teologia: *«É certamente o paraíso sobre a terra. Mas eu aspiro ao próprio paraíso, porque, meu Pai, se neste mundo vejo a Jesus, não O vejo inteiramente. Não se dá a contemplar por completo, embora o que me deixa entrever ultrapasse tudo o que se pode imaginar. E eu quero contemplá-LO inteiramente»*.

E nisto está o mérito da fé que permanece intacto com o desejo ardente dos bens futuros, mesmo no meio duma tão grande evidência e tão íntima familiaridade.

Tanto quanto é permitido a uma criatura humana, Gema aproxima-se de Deus, sem que a deslumbre a Majestade infinita.

Fala-lhe com o abandono e a confiança com que



uma menina fala a seu pai, que com toda a naturalidade a tem sentada sobre os joelhos.

Sem em nada faltar à réverência que Lhe é devida, a santa menina conserva, nas suas conversas com o Criador, a mesma simplicidade, a mesma ingenuidade de maneiras que usa com as criaturas. Para dar disto uma idea completa, seria preciso reproduzir os longos colóquios dos seus êxtases e contemplações, felizmente conservados. Destaques apenas algumas linhas duma relação de consciência destinada ao seu director: «*Sexta-feira Jesus deixou-se ver a mim; desta vez estava muito sério, parecia chorar, e eu disse-lhe: Que tendes, Jesus, para chorar assim? Não seria melhor deixar-me chorar, a mim que sinto tanto desejo de o fazer? Jesus porém não me respondia; e então eu, afastando-me suavemente aproximei-me da Mãe celeste e perguntei-lhe: que tem Jesus para chorar tanto? e que poderei eu fazer para O consolar?*»

Emquanto Gema procedia assim com tanta candura, o Senhor elevava-a, pela infusão de luzes sobrenaturais, até à compreensão dos mistérios da sua justiça e misericórdia no governo do mundo, e do seu infinito amor às almas.

A presença visível do Anjo da Guarda era para Gema o que havia de mais natural. Falava-lhe do mesmo modo que a qualquer pessoa amiga, encarregava-o continuamente de missões para os habitantes do céu e para os da terra, com um respeito certamente muito humilde, mas cheio de affectuosa familiaridade. E se, emquanto conversavam, a fôsem chamar, ou ela tivesse de ir para

qualquer occupação urgente, partia sem demora; e, sem qualquer attenção, corria ao seu dever, deixando o Anjo à espera. A noite, quando se deitava, pedia ao mesmo Anjo lhe fizesse o sinal da cruz na fronte e velasse à sua cabeceira. Assim em segurança e sem mais uma palavra, voltava-se para o outro lado e adormecia.

Que delicioso deve ser o sono da alma que os Anjos protegem, visivelmente presentes!

De manhã, ao levantar, se o celeste guardador estava ainda no seu posto, quasi não olhava para elle, tão grande era a ânsia que sentia de ir logo para a igreja receber o seu Bem-Amado, cuja lembrança a occupava durante quasi toda a noite. «*Agora preocupo-me com um bem muito maior do que vós, dizia ao Anjo; vou a Jesus*»; e partia sem demora.

Quando o Anjo em seguida, com uma graça inefável, fazia as suas despedidas, Gema respondia-lhe habitualmente: «*Adeus, querido anjo, saúdai a Jesus por mim*».

Tôdas as semanas, durante muitos anos, se renovavam as misteriosas chagas dos estigmas. Durante a noite de quinta para sexta-feira participava da Paixão do Salvador e sofria dores atrozes, de que parecia dever morrer. A-pesar-disso, terminado o êxtase, Gema levantava-se, como se nada tivesse acontecido, lavava as mãos e a cabeça para fazer desaparecer todo o vestigio do sangue que tinha corrido abundantemente, estendia as mangas para cobrir as grandes cicatrizes das mãos e, julgando não ter sido vista por ninguém, voltava, calma e serena, para entre as pessoas da familia.



E, o que mais admira, é que uma mulher, uma donzela, objecto de fenómenos tão extraordinários, não se detenha a perguntar a si mesma: *«Mas que é isto? Será bom ou mau sinal? Uma operação divina ou um engano de Satanás?»* A sua profunda humildade sugeria-lhe algum temor, sobretudo ao ver a admiração dos outros; entretanto, abandonando-se a Deus e ao juízo dos seus directores espirituais, ficava tranqüila e sem cuidado de se informar.

Depois de ter visto face a face a Jesus Crucificado, sofrido com Ele e contemplado os grandes mistérios da Redenção, encontrava-se perfeitamente disposta, logo depois de retomar os sentidos, a presidir aos divertimentos das crianças da casa.

Muitas vezes recebia durante o êxtase, para si ou para os outros, avisos sobre tal coisa a fazer ou a evitar. Apressava-se a dizê-lo ao seu director. *«Jesus disse isto, aquilo, e ordenou-me que vo-lo communicasse. Se comprehendí mal, fazei que Ele o explique melhor por si próprio»* e não pensava mais nisso.

Se a mesma comunicação se repetia cinco, dez vezes mais, Gema voltava a manifestá-la ao seu director com igual tranqüillidade e candura, lembrando o proceder de Samuel com o Sacerdote Heli: *«Jesus disse isto. Ouvi-O, Padre, e fazei-lhe a vontade»*.

Para dar uma idea completa da candura desta alma virginal, ser-me-ia preciso transcrever tôdas as cartas e todos os colóquios dos seus êxtases, que são um verdadeiro tecido de pensamentos sublimes expressos em palavras ingénuas. Ao lê-los não podemos deixar de exclamar: abençoada simplicidade, quão rara te tornaste no mundo!

## CAPÍTULO XIII

### Desprendimento heróico e completo



*Quem quiser vir após mim, diz Jesus, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.* Seguir Jesus é entrar no caminho da santidade, revestir-se do homem celeste e perfeito, que é o próprio Deus Encarnado. É, pois, despojar-se do homem velho, do homem da natureza, que é terrestre e vicioso, renunciar às suas inclinações desordenadas e resistir-lhe por uma luta contínua.

Uma empresa destas, para ser coroada de êxito, exige um desprendimento absoluto das criaturas, sobretudo de nós mesmos, uma mortificação assídua, uma humildade profunda, uma generosidade de alma e grande coragem na prova e no sofrimento. Estes são os meios que conduzem os raros escolhidos à perfeição evangélica; e os maiores santos são aquêles que mais se assinalaram em os pôr em prática.

Desde a mais tenra infância, concebeu Gema o desejo de imitar a Jesus o melhor possível e compreendeu



perfeitamente quais eram os meios indispensáveis para isso. Tão bem os pôs em prática, que merece ser colocada ao lado das grandes heroínas da virtude, mais em honra na Igreja.

Consideremos em primeiro lugar o seu desprendimento.

É sempre difícil, para uma rapariga que vive no meio do mundo, renunciar à vaidadezinha dos adornos. A natureza inclina tão fortemente o sexo fraco para o desejo de se mostrar e de agradar que, sem um auxílio muito especial do céu, raríssima seria a que não se deixasse arrastar por essa tendência. Cedo concedeu o Senhor a Gema esta graça especial, sobretudo depois da severa advertência do seu Anjo da Guarda, referida no capítulo IV.

Desde esse momento abandonou todos os adornos; e o seu modo de vestir era dos mais simples: uma saia de lã preta, com um mantelete do mesmo tecido e da mesma cor, e um chapéu de palha igualmente preto. Nada de punhos nos pulsos, nada de colares no pescoço, nem de arrecadas nas orelhas, nem broches ou alfinetes de adorno ao peito, nem flores ou fitas no chapéu.

Em vão a censurava sua família por essa austeridade de traje. E este foi o único vestuário de Gema até à sua morte, no inverno como no verão, nos dias ordinários e nos dias de festa; nunca aceitou outro.

Os restantes objectos do seu uso eram no mesmo estilo. Uma tósca mala de madeira, encerrando alguma roupa branca, um crucifixo, um têço, dois ou três livrinhos de piedade e a estatueta da Virgem das Dores

eram todo o haver desta candidíssima virgem. Nenhum desses objectozinhos de fantasia, de que ainda os mais indigentes não estão desprovidos. «*Nada tenho*, dizia ela graciosamente, *sou pobre, pobre por amor de Jesus*».

Desfazia-se com prontidão até das imagens de piedade, sentindo-se tanto mais à vontade, quanto mais despojada estava de tudo o que lhe não era de necessidade absoluta. «*Jesus disse-me*, repetia ela muitas vezes: *lembra-te que te criei para o céu, não tens nada que ver com a terra. Oh! que quereis que eu faça de todas essas coisas de que não tenho necessidade?*»

Mesmo na doença a paciente menina não manifestava nenhum desejo. E para que as pessoas que a rodeavam se não entristecessem por sua causa, dizia que estava bem e que de nada precisava. Sabia sempre dissimular os grandes sofrimentos, com receio de que lhe procurassem remédios ou qualquer alívio. Era uma alma verdadeiramente morta para si mesma.

Amava ternamente a seus pais e mais particularmente sua mãe. Ainda não esquecemos com que admirável resignação ela recebeu a notícia da sua morte e assistiu mais tarde aos últimos momentos de seu pai. Com a mesma serenidade tinha visto morrer seu querido irmão Eugénio. Mais tarde, em um só ano, perdeu uma tia, um outro irmão adolescente e sua irmã mais nova, Júlia, donzela de dezóito anos, a querida confidente dos mais íntimos segredos da sua alma.

Ouvi agora com que tranquilidade ela anuncia ao seu director estas últimas provas: «*Meu bom Padre, mi-*



uma boa cristã. Recomendai-a a Jesus, talvez tenha necessidade de sufrágios. António morreu também, pobre irmão que tanto sofreu! Dizei a Jesus que tenha piedade d'êles».

Um pouco mais expressiva é a carta em que anuncia a perda de Júlia. Nela transparece a dor, embora resignada e calma. «Vós, Padre, conheceis esta irmã: sabeis quanto era piedosa: Jesus, porém, quis levá-la para si. Morreu ante-ontem a minha Júlia. Nada tereis de que me reprender, porque não chorei; sabia que Jesus não o queria. Viva Jesus!».

Os sentimentos de Gema neste último golpe foram-me igualmente manifestados por sua benfeitora e mãe adoptiva que me escreveu: «Sabeis, Padre, quanto estas duas irmãs se amavam. Todavia a pobre Gema não se deixou abater. A principio ofereceu a sua dor por alma da irmã e, imediatamente depois, deu graças a Jesus. Vede que heróica virtude! Eu, ao contrário, chorei muito, e Gema, esforçando-se por me consolar, dizia-me: não choreis».

Embora esta bendita menina tivesse mais do céu que da terra, e parecesse indiferente com relação a qualquer pessoa, nem por isso deixava de ter um coração excessivamente terno e affectuoso.

Virginalmente pura e portanto sem noção do amor sensual ou mesmo simplesmente humano, o que por êsse lado a punha ao abrigo de muitas dúvidas e escrúpulos, ela amava com plena liberdade de espírito todos aquêles que lhe estavam ligados por qualquer laço.

Certamente não era coisa que transparecesse, mas

quem a estudava de perto e a observava assiduamente notava que êste anjo sabia amar, e em certos casos com uma delicadeza rara. Entretanto, êste coração tão puro nunca ficava prêso, nem se importava com ser ou não ser correspondido.

A morte ou a ausência de pessoas queridas só por instantes a comovia. Ia prontamente dizer a Jesus: «Este novo sacrificio de boa vontade Vo-lo ofereço, ó Jesus; sôzinha com a única companhia de Jesus!» e recuperava imediatamente a sua serenidade celeste.

A angélica menina até de seu Pai espiritual era despreendida. Nunca se queixava da raridade das suas visitas ou da demora das suas cartas. «Deixai-me dizer-vos, sem me reprenderdes, escrevia ela, que tenho grande necessidade de vos ver, mas se não vierdes ficarei igualmente contente. Em todo o caso, peço a Jesus que vos envie aqui; se vos inspirar que venhais, apressai-vos. Mandeis-vos três cartas e ainda não respondestes a nenhuma. Parece-me que Jesus quer que me deis uma regra de conduta sobre êste ponto. Hei-de ouvir-vos e obedecer-vos, escrevei-me, mas se não tiverdes tempo ou vontade para isso, fazei como vos aprouwer; estou por completo abandonada a Deus».

Já prestes a morrer, a alguém que lhe perguntou se era preciso mandar um telegrama ao director para o mandar vir de Roma, respondeu a princípio afirmativamente. Depois, arrependendo-se, deu contra-ordem. «Também d'êles, disse, fiz sacrificio a Deus» e expirou, como veremos, só com Jesus, abismada num mar de angústias.

Bem melhor mestre a aperfeiçoava magnificamente



nesta necessária virtude do desprendimento. Era o próprio Salvador. Vou recordar um episódio entre outros. Tinham dado a Gema uma reliquia preciosa: um dente de S. Gabriel, então somente Venerável. Guardava-o com extremo cuidado e nunca o deixava.

Ora, num dos seus colóquios familiares com o Salvador, disse-lhe com a sua candura habitual: «Jesus, o Padre fala-me sempre de desprendimento, mas eu não o compreendo, porque não tenho nada e não sei de que me desprender».

O Salvador respondeu-lhe: e esse dente do Venerável Gabriel, não lhe estás tu demasiadamente presa? «Fiquei confundida, contou-me ela mais tarde, e não pude deixar de me lastimar. Mas enfim, ó Jesus, exclamei eu quasi a chorar, é uma reliquia preciosa.

O Divino Mestre, tomando então um aspecto um pouco mais grave respondeu: minha filha, já te disse, e basta. Ah! Jesus, replicou Gema, do que Vós fazeis caso!»

Quanto se não poderia dizer sobre o admirável desprendimento da santa menina! Havia, em suas conversações, em suas cartas, em seus êxtases, sublimes e continuos transportes pelos quais ela queria ensinar a todo o Universo que só Deus seria sempre o seu amor. «Eu quero ser toda de Jesus e unicamente d'Ele, dizia Gema. E que poderei eu amar sobre a terra, agora que possuo a Jesus? Mundo, criaturas, não mais sereis para mim, como eu não mais serei para vós; não posso nem quero amar-vos».

Nuns apontamentos íntimos escrevia: «Ontem de

manhã, numa comunicação amorosa que recebi do Deus de amor, pedi que me desprendesse de tudo, que me libertasse do corpo a-fim-de que, livre de todo o laço, fôsse direita a Ele, a Ele só e para sempre.

Jesus perguntou: para onde querias tu voar?

— Para Vós, meu bom e doce Senhor.

E Ele continuou: deixa-me vir mais algum tempo ter contigo e depois, quando eu te libertar, virás para mim».

Tal era o tédio que a esta pomba inocente inspirava a terra. O seu coração estava noutra parte. Parecia-lhe que só estava no mundo como uma estrangeira que nêle não conhecia ninguém e que, por sua vez nêle passava desconhecida. Ela mesmo dizia: «Vivo sobre a terra, mas parece-me estar nela como uma alma extraviada; o meu pensamento foge constantemente para Jesus, fora de quem tudo para mim é desprezível».

No meio desta nostalgia celeste ia ela contando os dias, semelhante ao exilado que de regresso à pátria, com a pressa de chegar, se detém de distância a distância para medir o caminho já percorrido e o que lhe resta ainda.

Esta comparação é de Gema que a applicou a si mesma com muita graça. «Eu fico muito contente com que o tempo se passe rapidamente; assim, menos me demoro neste mundo em que nada me encanta e me detém. O meu coração anda incessantemente à procura dum bem, dum grande bem que não encontra entre as criaturas, dum bem que me sossegue, me console e finalmente me dê o repouso».

Quem tão pouca importância liga à vida temporal



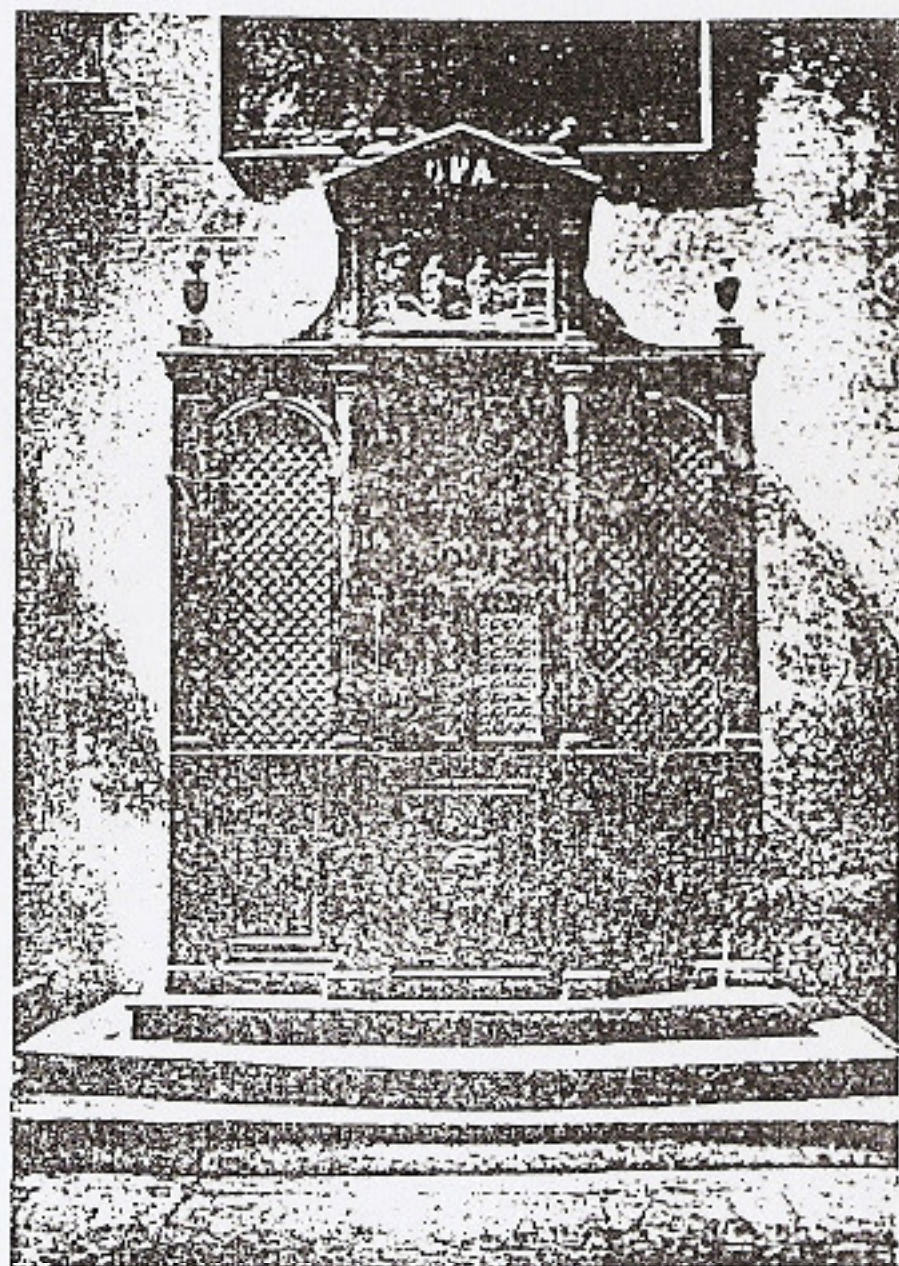
de boa vontade a cede, como coisa sem valor, ao primeiro que a quisesse. E por isso quando Gema via em perigo de morte alguma pessoa amiga, corria a pedir ao seu director autorização para lhe dar um, dois, três anos da sua vida. «Jesus, dizia ela, aceitaria a troca com tanto que vós, Padre, o consentissemos».

Para obter o meu consentimento encontrava argumentos engenhosos e convincentes, e apresentava-os com tal habilidade que era preciso tomar cuidado para não correr o risco de ceder. «Vêdes, Padre, dizia ela, trata-se duma mãe de família que tem muitos filhos. Oh! Que será destas pobres crianças quando não tiverem mãe! Deixai-me dizê-lo a Jesus. Que me importam a mim dois anos a menos?»

Oferecia também a sua vida quando tinha empreendido a conversão de algum pecador; e tinha sempre algum em vista: «Jesus, dou-Vos três anos da minha vida; converteis-mo?»

Por fim deixava-me vencer por esta amável e poderosa eloquência e concedia a permissão desejada. Deus aceitou a troca e Gema morreu no tempo anunciado por ela, em plena juventude e contra toda a expectativa humana.

Em matéria de piedade as mulheres são geralmente muito apegadas à sua opinião; e Deus sabe quanto é difícil a um director esclarecido modificar a sua maneira de ver quando a encontra defeituosa. São talvez mais dóceis em questões de ordem material mas, no que diz respeito à vida puramente interior não acreditam senão em si mesmas, sobretudo se se trata de fenómenos



Igreja de S. Miguel, em Luca. Confessionário em que Mons. Velpi atendia os seus penitentes e que a nossa Santa frequentava



extraordinários, como pretendidas visões, audições divinas, etc.

O confessor deve curvar-se diante destas iludidas, seguir o seu modo de ver, louvar o seu feliz estado, de contrário vêem as queixas, as críticas e muitas vezes uma hostilidade declarada.

O maldito orgulho tem muito domínio sobre as pobres filhas de Eva. Em Gema nem sequer se podia descobrir a sombra d'este grave defeito do seu sexo.

Tinha provas convincentes em favor da origem celeste dos fenómenos, de que sua alma era continuo teatro. O próprio Deus lho assegurava por demonstrações evidentes, palpáveis e por palavras formais como estas: *«Nada temas, sou eu que opero em ti»*.

Mas isso não lhe bastava, queria a opinião de seu Pai espiritual e obedecia-lhe por completo. *«Dizei-me, meu Pai, devo crer que é Jesus, ou devo crer antes que é o demónio ou a minha imaginação? Sou ignorante e posso enganar-me. Que seria de mim se caísse em êrro! Sabeis que não quero estas coisas, basta-me que Jesus esteja contente comigo. Que devo eu fazer para lhe agradar? Dizei-mo, quero agradar a Jesus, custe o que custar»*.

Algumas vezes, um dos seus primeiros directores, ou com o fim de a experimentar, ou levado por dúvida real, contradizia-a, mortificava-a implacavelmente e chamava-lhe sem rodeios *iludida*. Outro, igualmente embaraçado diante de factos tão estranhos para elle, ordenava à sua penitente, para a si mesmo se tirar de dificuldades, que convidasse o Senhor a retirar-se e a deixá-la no caminho ordinário.

Gema agradeceu ao primeiro com uma sincera hu-

mildade e respondeu ao segundo nos seguintes termos: *«Ontem dissestes-me que pedisse a Jesus me tirasse tudo, ou então se revelasse a vós mesmo, ou a uma pessoa designada por vós. Pedirei muito essa graça, pois de toda a minha alma a desejo. A minha cabeça prometeu-me —, cuido eu, seguir em tudo a vontade do confessor. Eu disse a Jesus que, se é verdadeiramente Elle que se manifesta, está bem; se é o demónio, que o expulse, não o quero; e se é a minha cabeça, antes destrui-la que suportá-la. Se duvidais da sinceridade destas palavras, declarai-mo, porque eu não queria dizer mentiras, nem cometer mais pecados»*.

Um dia o Senhor repreendeu-a suavemente, porque, depois de tantas provas, ainda estava hesitante. *«Durado, respondeu humildemente, porque os outros duvidam. Se sois Jesus, fazei-Vos conhecer como desejamos. Convençei-nos, sem isso não podemos ir para diante, nem eu, nem o meu confessor»*.

Algumas vezes o Senhor atraía-a invencivelmente para Si e então ela abandonava-se ao seu divino amor. Mas, ao sair destas infáveis comunicações, Gema perguntava de novo ao seu confessor com humilde simplicidade: *«Dizei-me, Padre, que devo fazer?»*

Travava-se muitas vezes entre Jesus e a sua amada serva uma luta comovedora e terna, e quando o Divino Mestre a repreendia, ela replicava: *«O confessor disse-me que Vós não sois Jesus. É possível que o confessor se engane?»*

A vida dos justos sobre a terra é um tecido de consolações e de provas. O Senhor não poupou nem umas



nem outras à sua amada serva. Mas, enquanto que as provas a alegravam, pouco caso fazia das consolações, de que estava perfeitamente desprendida.

Sem dúvida eram recebidas por Gema com gratidão e sabia muito bem utilizar-se delas como estimulante na sua subida para a perfeição. Mas se Jesus a deixava penar nas trevas e no abandono, por mais doloroso que fôsse este estado ao seu coração apaixonado por Ele, declarava-se sempre contente. «Jesus faz bem, repetia ela então. O que lhe agrada deve agradar-nos. Além disso, mereço porventura as suas consolações? Basta-me poder gozá-las na outra vida, pouco me importa sofrer nesta».

Com tais disposições uma alma não tem que temer ilusões. Só os ignorantes das coisas divinas e os espíritos superficiais o podem supor. Nós, pelo contrário, sabemos que quem se despoja de si por amor de Cristo fica por isso mesmo revestido de Cristo e das suas virtudes: e quem está revestido de Cristo não pode tornar-se juguete do erro.



### Prodígios de perfeita obediência



PRINCIPALMENTE na obediência que se exercita a abnegação, tão essencial à perfeição da vida cristã. Esta virtude que o Redentor nos recomenda pelas seguintes palavras: *Aquêle que quer vir após mim renuncie-se a si mesmo*, brilhou em Gema com um esplendor verdadeiramente extraordinário.

Tinha imolado em tão completo holocausto toda a vontade própria nas mãos de quem a dirigia, que não era possível descobrir nela a menor parcela dessa vontade. Nunca opunha uma recusa, não direi já a uma ordem, mas nem a um desejo, a um sinal expresso da vontade de outrem.

Órfã e hóspede duma casa estranha, tão perfeita era a obediência com que se sujeitava, sobretudo à sua afectuosa tia, que esta podia movê-la como um corpo sem vida. Diziam-lhe sem muitas explicações: «Gema, a pé, saíamos: — volta para o quarto: — deita-te»; e Gema obedecia sem hesitação, sem nada objectar, por mais que isso lhe custasse.



Tôdas as manhãs ia a uma igreja vizinha acompanhada de sua tia, onde se demorava cêrca duma hora. Uma hora! Era pouco para a amante de Jesus, que com tanta felicidade passaria o dia inteiro junto do Amigo divino do Tabernáculo, se lhe desse para seguir o instinto do seu coração. Todavia, ao primeiro sinal de sua tia, arrancando-se do profundo recolhimento ou das delicias celestes em que Jesus a inundava, levantava-se logo, como se ociosamente estivesse à espera do sinal, e partia em paz.

Esta obediência até no meio dos seus êxtases a dominava: «Um dia, conta a sua benfeitora, permanecendo ajoelhada à Santa Mesa muito tempo depois da comunhão, chamei-a para que voltasse ao seu lugar, mas foi em vão. Já estava em êxtase.

No meu ardente desejo de evitar a curiosidade dos assistentes, fiz mentalmente esta oração: «Ó Jesus! Se é da vossa vontade, fazei-lhe recuperar imediatamente os sentidos». Coisa prodigiosa! Gema levantou logo a cabeça. Eu disse-lhe em voz baixa que voltasse para o seu lugar; obedeceu. Depois servi-me muitas vezes dêste processo, que tinha dado tão bom resultado, e o Senhor interveio sempre para levar a sua muito amada serva à prática da obediência».

Quando a doença a prendia ao leito, sua tia dizia-lhe algumas vezes, mesmo em presença doutras pessoas: «Gema, tens necessidade de repouso, dorme». Imediatamente as suas pálpebras se fechavam sob a acção dum sono pacífico.

Um dia em que eu estava junto do leito da doente com muitos membros da família, quis tentar a mesma

experiência. «Dou-vos a minha bênção, lhe disse, e agora dormi, nós retiramo-nos». Gema, logo que ouviu esta ordem, voltou-se para o outro lado e adormeceu profundamente.

Estava eu em presença dum fenómeno de sugestão ou dum efeito miraculoso da virtude da obediência? Quis certificar-me. Caindo de joelhos recolhi-me por um momento. Depois, elevando os olhos ao céu, só mentalmente dei à menina ordem de acordar. Imediatamente, como se fôsse despertada por uma voz sonora, abriu os olhos dirigiu-os para mim com o seu encantador sorriso habitual. «Então assim é que se obedece? disse-lhe eu, não vos mandei eu dormir?»

E ela com tôda a humildade: «não vos aflijais, Padre, senti baterem-me no ombro e uma voz forte gritou-me: A pé, o Padre chama-te». O seu Anjo da Guarda tinha-se feito, sem dúvida, eco da minha ordem.

Tal docilidade não provinha certamente, como se poderia julgar, dum natural tímido, irresoluto ou pouco capaz de discernir a verdadeira importância das coisas, porque o temperamento de Gema era mais para dominar do que para ser dominada, mais para mandar do que para se deixar dirigir. Era unicamente o resultado duma virtude heróica, em que a natureza nenhuma parte tinha.

Esta docilidade em se sujeitar à vontade de outrem na vida doméstica era ultrapassada, se é possível, pela obediência ao director espiritual em tudo o que dizia respeito à vida interior da sua alma, fim supremo de seus continuos esforços. Incapaz, a seus próprios olhos, de avançar um único passo no caminho da perfeição tão



ardentemente desejada, abandonou-se cegamente à direcção do seu guia espiritual. «É tempo, escrevia, de me resolver a seguir a vontade do meu confessor e não a minha. Jesus mo disse e mo repete muitas vezes; não devo ter mais vontade nem sentimento próprio, a minha vontade deve ser a do confessor».

Recorria constantemente a êle, quer para fazer apreciar a sua conduta numa determinada circunstância, quer para perguntar o melhor modo de proceder em outra. Toda a sua correspondência não tem outro fim. Sem esta grande necessidade de direcção, que a obrigava a abrir-se com o seu director, ignoraríamos quasi tudo do admirável trabalho da graça nesta alma de predilecção.

Embora dotada da ciência infusa das coisas celestes, Gema nunca hesitava em consultar, descendo até às menores particularidades. «Eu queria pedir a Jesus que me aliviasse um pouco a cabeça, escrevia, aludindo a dores intoleráveis. Julgais, Padre, que farei bem?

É do vosso agrado que eu faça uma confissão geral com o Padre Provincial? Se sim, fá-la-ei; se não, fico igualmente satisfeita.

Apraz-vos que eu peça a Jesus me mande fazer a hora de agonia todas as noites?»

Ao seu confessor ordinário escreveu o seguinte: «Eu queria dizer ao Padre (isto é, ao seu director) que faça com que eu seja admitida no convento, mas parece-me que êle nem quer ouvir falar nisso. Nada direi. É do vosso agrado que eu vá passar o dia de amanhã com as religiosas? Portar-me-ei lá muito bem».

O leitor permitir-me-á acrescentar a estas outras

citações que nos deixam ver melhor a beleza da sua alma. «Sábado, concedestes-me licença de me levantar a horas de matinas; faço-o e rezo, mas queria imitar as religiosas Passionistas que vão ao coro. Permittis que eu, com este fim, peça a um padre passionista me ponha ao corrente dos seus exercícios nocturnos de piedade?

Ficareis contente, Padre, se eu pedisse a Jesus que me dê a morte pela tuberculose quando chegar o tempo? Eu tinha este desejo, mas acima de tudo, farei sempre com alegria a vontade de Jesus».

Por fim animando-se mais em sua confiança filial, resolveu-se ainda a escrever-me: «Permittis-me, Padre, que torne a pedir a Jesus me tire depressa deste mundo para O ir gozar na glória? Vivo no temor continuo de O ofender».

A estas diversas propostas o confessor e o director respondiam segundo a inspiração de Deus, e Gema, fiel à sua palavra, recebia com igual satisfação o sim e o não. Quando a resposta negativa revestia a forma de uma ordem, ou mesmo a sombra duma proibição, a santa menina não a perdia mais de vista para com ela se conformar absolutamente. Temos manifestações admiráveis desta obediência.

O Senhor tinha-a elevado a um tão alto grau de vida contemplativa que lhe bastava ordinariamente pôr-se em oração para perder o uso dos sentidos. Julgando o seu confessor ordinário dever impor-lhe o método de oração comum aos principiantes, Gema não opôs a menor resistência e fazia continuos esforços para executar pontualmente a ordem recebida, embora se sentisse



continuamente atraída à contemplação dos atributos divinos. Este martírio durou perto de dois anos.

Vimo-la resistir ao próprio Salvador para se conformar com a vontade do confessor que temia uma ilusão diabólica. Repelia heróicamente este Divino Espôso, reconhecido como tal pelo seu próprio director, mas a quem estava proibida de atender. *«Oh! como me tenta o meu bom Jesus! dizia ela. Mas agarro-me fortemente à obediência, a-pesar duma enorme fadiga. Oh! querido sacrificio! oh! bela e querida obediência!»*

Uma vez entre outras pareceu-lhe ver o Salvador, completamente coberto de chagas, convidá-la a aproximar-se para as beijar.

Lembrando-se da proibição do confessor, a virgem compassiva pôs-se a chorar, mas não se aproximou. Entretanto o seu coração ia-se abrasando, e já o sofrimento bem conhecido da impressão dos estigmas se fazia sentir nas mãos, nos pés, no lado. Que fazer? *«Logo que o notei, conta ela, levantei-me e fugi com prontidão para longe de Jesus e fiquei contente por ter obedecido».*

*«Pobre Jesus! dizia Gema mais tarde, que afronta recebeu de mim, repelia-O resolutamente para obedecer ao confessor, e Ele tão bom não se irritava».*

Em certa ocasião recebeu licença de conversar com o Salvador na primeira aparição que tivesse, mas somente por tempo determinado, para não prejudicar o sono. Eis o que aconteceu:

O Senhor mostrou-se como de costume durante a noite de quinta para sexta-feira. Gema participava das dores da Paixão e consumia-se em amor na presença de Jesus, quando deu a hora marcada para termo do coló-

quio. *«Que resolução tomar? escreveu-me ela. Jesus estava ainda, mas via bem o meu embaraço. Para obedecer era preciso despedi-lo».*

Neste momento o Salvador disse-me: prometes-me fazer sempre para o futuro a minha vontade? Então exclamei: Jesus, ide-Vos embora, não Vos quero mais».

Soube um dia que ela conhecia sobrenaturalmente a hora em que as minhas cartas chegavam a Luca, e que, com uma ingenuidade encantadora, a anunciava às pessoas da casa. — *Esta manhã... amanhã de manhã... em tal correio... terei uma carta do Padre. Lançou-a na caixa ontem de tarde... hoje... a tal hora.* — E os factos vinham depois confirmar a infalibilidade do seu vaticínio.

Querendo mortificá-la, declarei-lhe que havia em seu modo de proceder leviandade e um orgulho subtil. Eis como tomou a correcção: *«Padre, prostrada de joelhos, peço-vos perdão. Não, não mais me acontecerá para o futuro profetizar a vinda das vossas cartas. Senti a vossa repreensão durante todo o dia de domingo. Detesto o meu modo de proceder e sinto um arrependimento continuo. Para o futuro escrevei quando vos aprouver, não ousarei violar a vossa ordem».* Depois, lembrando-se de que este conhecimento lhe vinha de Deus, acrescentava timidamente: *«Eu queria desculpar-me; mas não, obedecerei sem nada dizer, nada, nada».*

O tempo não apagava da sua memória os avisos do seu director. Ainda alguns meses depois escrevia: *«Meu bom Padre, vencil esta manhã, ainda cedo, antes da Sagrada Comunhão, soube com certeza, por uma inspiração, da chegada da vossa carta no primeiro correio. Custou-me um pouco conter o meu desejo de a anunciar,*



*mas reprimi-o. Dominei a minha lingua, conforme me ordenastes. Assim tudo corre bem, não é verdade?»*

Em certos êxtases as pulsações violentas do coração provocavam vômitos de sangue. O confessor ordinário, embora soubesse que eram completamente independentes da sua vontade, proibiu-lhos; e a santa menina começou a empregar todos os esforços, mesmo durante o êxtase, para os evitar.

Perante a inutilidade dos seus esforços sentia remorsos e acusava-se de desobediência. *«Desobedeci, escrevia-me, desobedeci ao confessor que me proibiu vomitar sangue. Esta manhã, num forte movimento do coração assomou-me aos lábios um pouco».*

Não sabemos que mais admirar nestas palavras, se a simplicidade columbina, se o heroísmo da sua obediência ilimitada. Este confessor prudente, temendo que as emoções violentas a que a querida vítima estava sujeita tôdas as semanas, nas visões de quinta para sexta-feira, terminassem por lhe arruinar a saúde, proibiu-as por uma ordem formal e, coisa maravilhosa! o Divino Autor dos prodigiosos fenómenos respeitou a ordem do seu ministro enquanto a êste aprouve mantê-la. E êsses fenómenos ordinariamente não se repetiam, pelo menos em suas manifestações externas.

Gema mostrava-se contente, embora sentisse a falta das consolações divinas. *«O confessor proibiu-me, escrevia-me ela, que nada fizesse de extraordinário; obedeço, mas quanto me custa!»*

Certo dia ouviram-na exclamar num êxtase: *«Oh! querida obediência, que me privas de tôdas as doçuras d'Aquêlê que é o meu amor, como te amo!»*

Durante uma indisposição que precedeu a sua última doença, o estômago fechou-se-lhe a ponto de não suportar nem alimento, nem bebida de qualquer natureza. Foi uma ocasião mais de se manifestar a eficácia da obediência. *«Estou disposta, respondeu-me ela, a fazer tudo o que vos aprouver. Jesus há-de dar-me a possibilidade de seguir as vossas ordens e, na primeira sexta-feira do mês próximo, estou certa de não mais rejeitar alimento algum».* Foi o que aconteceu.

Depois destas felizes experiências, as ordens multiplicaram-se sem interrupção. Ao menor embaraço recorria-se ao confessor ou ao director. Estes davam a Gema ordem de ter saúde, de recuperar os sentidos e, como por encanto, a febre desaparecia, o êxtase ou o desfalecimento cessava.

Era assim que Deus manifestava aos olhos dos homens, quanto lhe era agradável a obediência de sua serva. Ele próprio se comprazia em lhe recomendar directamente ou por intermédio do Anjo da Guarda. *Obediência! Obediência!* tal era, pode dizer-se, a conclusão de todos os colóquios celestes. *«Obediência cega, obediência perfeita, tal deve ser a tua grande preocupação, lhe dizia o divino Mestre. Deixa-te conduzir como um corpo sem vida: tudo o que quizerem de ti, executa-o prontamente».*

As repreensões não lhe eram poupadas quando se mostrava menos perfeita nesta virtude. *«Se não obedeces até ao sacrificio, declarava-lhe Jesus, abandonar-te-ei sem socorro nas mãos do teu inimigo».*

*«Se te não violentas para executar as ordens rece-*



bidas, dizia-lhe o Anjo da Guarda, não mais te apparecei». A fervorosa menina tirava proveito de tudo, tanto das ameaças severas como das exortações ternas, tanto das palavras do director espiritual como das do Senhor e do Anjo; e os seus progressos nesta virtude, assim como em tôdas as outras eram maravilhosos.

A obediência dava-lhe tranquillidade e repouso. «Que consolação experimenta a minha alma na obediência, escrevia Gema; ela produz em meu coração uma serenidade indefinível. Viva a obediência, da qual procede tôda a paz! Agradeço-vos, caro Padre, o terdes-me dado a conhecer o valor desta bela virtude e o terdes-me livrado, por vossos conselhos e instruções, de tão graves perigos. Com o auxilio divino e para agradar a Jesus obedecerei sempre».

Em outra carta diz mais: «Recomendai-me a Jesus para que em tudo e por tudo eu pratique a obediência. A força de a praticar já lhe não sinto o pêso em certas coisas. Foi Jesus que me deu, há já muito tempo, esta graça pela qual lhe ficarei sempre agradecida».

Diz ainda: «Jesus prometeu-me manifestar-vos a sua vontade a meu respeito, com tanto que eu lho peça com humildade, como tenho feito até aqui. Dêste modo vivo em paz, com o único desejo de ver cumprir-se em mim a santíssima vontade de Deus».

Aqui está o último grau da perfeição na obediência: alegria na renúncia de nós mesmos. Gema atingiu este grau. Tem por isso direito à realização da promessa divina: o varão obediente cantará vitória. — *Vir obediens loquetur victoriam.*

## C A P Í T U L O X V

### Sua humildade profunda



QUEREIS saber, pergunta Santo Agostinho, qual é o primeiro grau da santidade? É a humildade. E o segundo? a humildade. E o terceiro? a humildade. Quantas vezes renovardes a pergunta, tantas vezes responderei: a humildade.

Com efeito o orgulho, principio funesto de todos os vícios, afasta o homem de Deus, ao passo que a humildade, mãe fecunda de tôdas as virtudes, o aproxima d'ele.

Esta profunda doutrina era a de Gema. Alguns instantes antes de morrer, tendo-lhe pedido uma religiosa enfermeira que lhe indicasse a mais importante das virtudes e a mais querida de Deus, respondeu com vivacidade: «A humildade, a humildade, porque é ela o fundamento de tôdas as outras».

Quando fui chamado a dar a minha opinião sobre o espirito desta angélica donzela, servi-me dessa infalível pedra de toque da perfeição evangélica. Muitas pessoas, e entre elas o seu próprio confessor, mostravam-se mais



que hesitantes perante as manifestações tão extraordinárias que nela se produziam desde os seus primeiros passos na vida interior, e diziam entre si: «*Poderá vir de Deus um tal estado, que mal se encontra nos grandes santos que são a honra da Igreja?*» Virá certamente de Deus, pensava eu, se a humildade lhe não faltar.

Desde o principio do meu exame, verifiquei na angélica menina uma grande compreensão da importância desta virtude e um grande cuidado de a praticar de preferência a qualquer outra. Bem depressa me apareceu penetrada de humildade até ao mais íntimo do seu ser.

Não havia pois lugar para dúvidas. E eu exclamava comovido: feliz menina! Iluminada de precoces luzes de Deus, soubeste edificar sobre uma base inabalável o magnífico edificio das tuas virtudes. A tua santidade é a meus olhos incontestável.

Durante o retiro que fêz aos treze anos no Instituto Guerra, ouviu o pregador repetir com insistência: «*Lembremo-nos que não somos nada e que Deus é tudo*». A impressão produzida no seu espírito por este pensamento foi tão viva que não mais se apagou. Não há uma só de suas cartas para o director, em que o sentimento da própria baixeza não seja expresso com uma força, que vai crescendo, à medida dos seus progressos no conhecimento de Deus.

As luzes maravilhosas e brilhantes que lhe foram comunicadas sobre a Divindade realizaram nela a breve palavra de Santo Agostinho: *noverim te, noverim me*: conhecendo-Vos a Vós, meu Deus, eu me conhecerei a mim. O orgulho parecia-lhe impossível. E na verdade nunca um pensamento de amor próprio contaminou o



*No jardim da casa Giannini*

Instantâneo com que um dos filhos da família surpreendeu a Santa. Apesar de muito imperfeita e algo retocada, a fotografia reflecte a



seu espírito. «Como? costumava ela dizer, eu orgulhar-me? Haveria pior loucura?»

Numa ocasião, depois de eu lhe ter dirigido quaisquer censuras com o fim de a provar, notei que ela passava a exercer grande vigilância contra o orgulho, do qual eu simulava ter descoberto em seu coração um germen secreto.

Recebi a seguinte carta: «Li a vossa carta. Meu Deus, tende piedade de mim. É verdade, é verdade, o orgulho está em mim. Ouvi, Padre: logo que li a palavra orgulho o demônio serviu-se disso para procurar lançar-me no desespero, e durante quasi uma hora sofri muito.

Quando já não podia mais, corri para junto do crucifixo e, prostrada com a fronte no pó, pedi perdão a Jesus, suplicando-lhe que me tirasse a vida a seus pés, mas não ma tirou. Pouco depois recobrei a serenidade. Meu pobre Jesus, fiz-Vos sofrer! E onde irei eu, se continuo a andar por este caminho? Vossa carta dizia a verdade. Padre: de joelhos vos agradeço. Que tristeza terão causado a Jesus os meus pensamentos de soberba!»

Que pensamentos de soberba poderiam ser esses? Certamente seria muito difficil a Gema dizê-lo, mas julgava que os tinha, baseando-se na palavra do seu director.

A sua carta continua: «Padre, disse a Jesus que tenha piedade de mim, da minha pobre alma que, longe de ser sempre boa, é solícita em se encher de malícia, de iniquidade e de orgulho. Mas Jesus, que me concedeu a graça de conhecer este vil pecado, há-de dar-me também a graça de me corrigir».



E mais adiante: *«tenho medo, tremo que Jesus me castigue por O ter ofendido e vos ter desgostado. E que-reis saber o perigo que temo e que eu merecia? É o de ser condenada a não mais O amar, a Ele, o meu Jesus. Não, não, Jesus, escolhei qualquer outro castigo, mas esse não.*

*Meu bom Padre, se notais em mim mais orgulho, não percais tempo, tratai-me seja de que modo fôr, mas curai-me com prontidão».*

E às palavras correspondiam os actos.

Nunca se lhe viu um semblante altivo, e ninguém a ouviu louvar-se ou fazer alarde de suas qualidades. Pelo contrário, a sua modéstia, o horror à ostentação, a habilidade em conservar oculto tudo o que pudesse atrair os olhares dos homens eram sem igual.

*«Por amor de Deus, Padre, escrevia-me ela, não faleis de mim a ninguém, senão para me fazer conhecer tal como sou. Humilhar-me-ei, converter-me-ei e hei-de pedir perdão a todos por ter iludido a sua boa fé com os meus artifícios; e Jesus infinitamente bom terá misericórdia de mim».*

A nossa Santa era dotada, como sabemos, de raras qualidades naturais: vivacidade e penetração de espírito, decisão de carácter, força de alma, etc.; e entretanto dir-se-ia, a julgar pelas aparências, que era uma pobre rapariga sem inteligência e sem tino. Pedia conselho, auxilio e direcção para tudo, como se por si só fôsse incapaz da menor decisão.

No Instituto Guerra tinha aprendido com proficiência francês, desenho e pintura. Mas, terminados os seus estudos, não mais lhe saiu dos lábios uma palavra

que recordasse a bela lingua dalém-Alpes. Também nunca se lhe viu nas mãos o lápis ou o pincel. Sòmente depois da sua morte se soube, por uma das suas antigas mestras, que possuía estes diversos conhecimentos.

Gema também não utilizou a grande facilidade que tinha de fazer versos, a-pesar-das insistentes súplicas que lhe eram por vezes feitas, querendo evitar, dizia ela, um trabalho vaidoso que nunca se empreende sem perda de tempo.

Possuía igualmente uma voz encantadora e disposições pouco comuns para a música vocal. As pessoas que lhe conheciam a paixão de louvar o seu muito amado Jesus e a Virgem Santíssima esperariam ouvir de seus lábios puros, ao menos nas horas de trabalho solitário, algum canto piedoso. Mas não: nunca se ouviu cantar nem mesmo em voz baixa.

Tudo isto em uma jovem de natural tão ardente, e pouco tímido constituía uma prova inequívoca de profunda virtude.

Os dons da graça em nada eram inferiores às qualidades da sua prendada natureza. O Senhor tinha-lhos prodigalizado sem medida. Um cortejo magnífico de virtudes colocava-a ao lado das mais belas almas que a agiografia nos recorda.

Mas, ao passo que as pessoas da sua companhia se maravilhavam diante destes tesouros do céu, só ela parecia ignorá-los, e quando pensava nêles era para mais se humilhar diante de Deus e diante dos homens.

Muitas vezes supplicava ao Senhor, até se tornar importuna, lhe retirasse certas graças assinaladas de que não se julgava digna. *«Não me envieis, ó Jesus,*



dizia ela, estes dons extraordinários que não têm nenhuma proporção com a minha fraqueza; para nada sirvo. Como hei-de corresponder a tão grandes favores? Procurai, procurai outra alma mais generosa».

Numa ocasião, em que insistia mais do que o costume, o Salvador, Mestre incomparável de humildade, querendo consolidar mais e mais nesta virtude a sua serva, disse-lhe interiormente: *«Faze o que puderes, mas quero utilizar-te, precisamente porque és a mais pobre e a mais pecadora de todas as criaturas»*.

Desta vez Gema não pôde replicar, respondeu simplesmente com uma familiaridade encantadora: *«Jesus, fazei o que quiserdes, ficarei contente»*.

Por outra vez mostrou-lhe o Senhor a sua alma à claridade da luz infinita, a-fim-de avivar por esta vista os seus sentimentos de humildade; ao mesmo tempo a sua voz divina dizia-lhe no íntimo do coração que devia ter vergonha de aparecer aos olhos dos homens. Gema abaixou-se então mais profundamente que nunca, ruborizou-se de si mesma e ficou consternada. *«Se visseis, me dizia, como minha alma é disforme! Jesus fêz-ma ver»*.

Durante algum tempo o doce Salvador, para redobrar o amor de sua serva, simulava não fazer caso dela e aparecia-lhe com um ar severo. *«Jesus, dizia Gema, quasi não olha para mim, ou apresenta-se com o aspecto tão grave que algumas vezes me vejo forçada a não olhar para Ele. Parece repelir-me. Passo um verdadeiro tormento. Estou como que abandonada de Jesus por causa dos meus pecados. E que fazer? A quem recorrer?*

*Preguntai-o Vós mesmo a Jesus, Padre, e atendei bem à resposta»*.

O sentimento da sua indignidade cobria-a de tal confusão em presença da Majestade divina que, nas frequentes aparições do Senhor, hesitava muitas vezes em levantar os olhos para O contemplar, ainda quando recebia provas da mais inefável ternura. Os favores divinos podiam descer a torrentes sobre esta alma adornada de tão belas disposições, sem risco de abalar uma humildade que elles de-facto só faziam aumentar.

A santa menina, quando falava comigo de viva voz ou por escrito sobre as comunicações que tinha com a Divindade, terminava sempre por algum acto de profunda humildade.

Apresentemos um exemplo entre tantos outros.

Ao sair dum êxtase dos mais elevados, em que o Senhor a tinha inundado de inenarráveis delícias, pareceu-lhe despertar para uma vida nova. A breve relação que depois me fêz terminava assim: *«Quanto não estou maravilhada diante da infinita misericórdia de Deus! Sim, Jesus é na verdade o meu Jesus, todo cheio de bondade para com uma miserável pecadora, a mais ingrata das suas criaturas. Ele próprio operou de novo o milagre da minha conversão, dignando-se dar-me por uma viva luz o conhecimento da minha baixeza»*.

Gema abismava-se no seu nada em presença do Ser Infinito, mas o pensamento da sua infidelidade aos dons do céu penetrava-a de terror. O alto conceito que fazia da virtude e da honra devida à Majestade do Criador por uma vida santa e pura, o perfeito conhecimento do valor das graças recebidas que custaram, dizia muitas



vezes, o próprio sangue de Jesus, tornavam-lhe impossível toda a vã complacência.

Eis, a este propósito, algumas das suas expressões: «Eu devia pensar, Padre, em tudo o que me falta para ser uma digna filha de Jesus, e pelo contrário (1)... Eu devia lutar corajosamente, violentar-me, e pelo contrário... Só me resta humilhar-me sob a mão onnipotente de Deus e orar, sem consultar os meus gostos».

O sentimento da sua indignidade era uma chaga viva que trazia no íntimo do coração, e que sangrava ao menor toque. «Eis o mês de Maio, escrevia ela. Lembrando-me dos grandes benefícios que recebi da Mãe celeste nos primeiros anos da minha vida, tenho vergonha de não ter sabido reconhecer este coração e estas mãos que me enriqueciam com tanto amor. E, o que é pior, a tantos favores só correspondi com a ingratidão».

Um dia permiti-me dizer-lhe com intenção de a consolidar no desprezo de si própria: «Não compreendo como é que Jesus ousa manchar as mãos em semelhante imundície». A humilde virgem sorriu a estas palavras e deixou ver a sua alegria em ouvir finalmente o epíteto justo que há muito tempo procurava.

Dai por diante a si mesma o applicava a todos os instantes, na conversa, na correspondência e até no êxtase. «Jesus, é possível que mancheis assim as mãos nesta imundície de Gema?»

«Peço-vos, dizia ao Anjo da Guarda, peço-vos que não venhais manchar-vos junto desta imundície».

(1) Estas reticências, tão frequentes na pena de Gema, significam a impossibilidade de exprimir a sua miséria.

Usava ainda outra expressão inventada por ela: *ser abjecto*. «Que havemos de fazer, Padre, d'este ser abjecto?» isto é, desta criatura deshonrada, profanada, aviltada e repugnante aos olhos de Deus e dos homens.

«Ó minha celeste Mãe, escrevia Gema debulhada em lágrimas, ó meu Senhor adorado, não vindes levantar este ser abjecto? E quando?»

Com o mesmo sentimento de alma, tendo sabido que eu ia dirigir-me ao túmulo do Irmão Gabriel de Nossa Senhora das Dores, enviou-me uma longa carta, encarregando-me junto do santo jovem de diversos recados, particularmente do seguinte: *Perguntai ao Venerável (1) Gabriel: que havemos de fazer de Gema? Perguntai-lhe isto, Padre, e dizei-me depois qual foi a resposta*».

As atenções que lhe dispensavam, e de que ela se julgava indigna, confundiam-na e faziam-na sofrer. «Peço a Jesus, escrevia-me ela, que me dê paciência para com esta boa tia. É cheia de atenções comigo, e eu não queria nenhuma. Se visseis, Padre, em certas coisas preferir-me aos outros; chega a ponto de me aquecer o leito. Isso são lá coisas que se façam por mim? Por mim que merecia, segundo a expressão do meu confessor, ser tratada como uma simples galinha. Enchem-me de atenções. Se ao menos eu soubesse dizer obrigada! Se minhas frias orações pudessem ser de alguma utilidade para os que me fazem bem! Eu desejava ser tida por todos como uma escrava».

(1) S. Gabriel ainda não estava canonizado.



As almas piedosas, sobretudo as que fizeram voto de virgindade, de bom grado chamam a Jesus seu esposo e têm afeição ao título de espôsas de Jesus. O Verbo Divino, em seu amor infinito para com a pobre humanidade, contrafu efectivamente com ela uma união muito mais íntima que tôda a união terrestre. Ele próprio se compraz em dar às nossas almas os nomes mais affectuosos.

Gema amava-O com todo o ardor de um coração abrasado, e por sua vez recebia as mais affectuosas provas de ternura divina; a-pesar-disso nunca usou o doce apelido de espôsa. *Pobre filha, serva inútil, virgem louca, miserável criatura*, tais eram, para se designar, os termos preferidos. Duas ou três vezes sômente em um êxtase sublime, se ouviu chamar ao seu muito amado Salvador *Espôso de sangue*.

As suas cartas terminavam invariavelmente pela fórmula seguinte: «*Orai por mim; sou a pobre Gema*».

Aconselhei-a a que tomasse um sobrenome piedoso e que se assinasse, por exemplo: Gema de Jesus.

A minha escolha mortificou-a muito, viu nela uma pretensão excessiva e teve dificuldade em aceitá-la. Insisti, observando-lhe que «*Gema de Jesus*» de modo algum significava que ela era digna de Jesus, mas que só n'Ele desejava glorificar-se.

A explicação pareceu satisfazê-la e assinou-se: a pobre Gema de Jesus. Mas foi por pouco tempo. O sentimento da sua baixaza terminou por prevalecer e fêz-lhe esquecer completamente o meu conselho. Voltou ao antigo costume de se chamar simplesmente a pobre Gema; e isto durou até ao fim dos seus dias.



Monsenhor Volpi, confessor ordinário de Santa Gema desde os sete anos até à sua morte



Nesta viva e profunda convicção da sua miséria, pedia a todos, e com uma eloquência sempre engenhosa, a esmola de suas orações. «Recomendai-me a Jesus, escrevia-me ela, e dizei aos outros que façam o mesmo: é uma grande caridade pedir por mim. Dignai-vos dar-me a vossa bênção e dizer ao irmão Gabriel que pense também na pobre Gema».

E numa outra carta dizia: «Se vós soubésseis, Padre, os meios de que Jesus se serve para confundir a minha soberba! Oh! como sou má, se soubésseis! quem me dera as virtudes que atraem a Jesus! Pedi e recomendai aos outros que peçam a Jesus me dê quanto antes os meios de remediar a minha grande miséria, que me faça conhecer o horror das minhas trevas e que me ilumine».

Em outra parte insiste: «Fazei que tôdas as almas santas orem para que, a-pesar-da minha baixeza e indignidade, Jesus seja glorificado em minha pobre alma».

Mas recomendar-se alguém às orações da serva de Deus era torturá-la. Infligiam-lhe muitas vezes este suplicio, tão alto era o conceito que tinham da sua virtude todos os que a conheciam:

«Ouvi-me, respondia ela a uma confidente intima: estou surpreendida com a vossa insistência em pedir orações por essa senhora. Se não me conhecêsseis, seriais desculpável; mas, sabendo vós bem quem eu sou... não digo mais. Uma alma sem merecimentos, cheia de defeitos, que pouco ou nada se importa com Jesus, que poderá ela obter? Entretanto obedecerei, mas nenhuma con-



A um sacerdote venerando escrevia: *«Pedirei por V. Rev.<sup>ma</sup>, mas sabeis bem que as minhas pobres orações são fracas; Jesus, que se esconde, não as ouvirá». Jesus, que se esconde, era assim que a boa menina chamava ao Senhor quando Ele lhe subtraía o sentimento da sua doce presença para a deixar esmorecer em uma aridez desoladora.*

Suportou muito tempo, sem nunca se queixar, este martírio do abandono divino, que punha à prova a sua fidelidade, mas em que ela via a justa consequência dos seus pecados. *«Meu Padre, escrevia-me ela tremendo, Jesus afastou-se de mim por causa da minha grande tibieza. Oh! tem muita razão; por isso lhe dou graças, a-pesar-de tudo, e O adoro».*

Frequentes vexações diabólicas, sinceramente atribuídas por ela a alguma falta secreta punida pela Justiça divina, eram igualmente motivo para se humilhar. *«Eu sei, eu sei, me dizia, porque é que Jesus me deixa nas mãos do demónio. Eu vo-lo direi, Padre, em confissão, mas já estou arrependida. Parece que até o meu Anjo tem vergonha de estar a meu lado».*

A ingénua menina, julgando que as pessoas da sua companhia viam o Anjo assim irritado, disse-me com uma infável simplicidade: *«Talvez fizésseis bem, Padre, em dizer ao meu Anjo que se não deixe ver pelos outros, mas que se conserve oculto».*

Até no insuperável abatimento físico, provocado pelas dores atrozes dos estigmas, ela encontrava motivo de confusão. *«Vêdes, Padre, como estou sempre atrasada, como o sofrimento me repugna? Ah! que bela é a fortaleza de alma! Eu quasi me atreveria a preferir nas*

*mãos de Jesus os sofrimentos que me agradam e a rejeitar os outros. Pedi pela minha alma».*

Julgava-se pela sua infidelidade às graças divinas, a causa inicial de tôdas as desordens que havia em roda dela e até dos mais ordinários desgostos da vida. De bom grado teria suplicado, como Jonas, a tirassem dêste mundo para evitar que os outros sofressem por culpa sua.

Gema era fiel, como já dissemos, em revelar ao seu pai espiritual os segredos de consciência, quando sentia necessidade de direcção.

Um estranho tê-la-ia tomado talvez por uma dessas almas levianas cuja maior satisfação é falar de si e das suas coisas. E todavia, manifestar os segredos da sua consciência era para a humilde menina um tormento inexprimível. Preferia ocultar-se debaixo da terra a dizer ou escrever uma só palavra sobre as maravilhas que a graça operava em sua alma.

Ouçamo-la: *«Desde a ocasião em que vos disse certas coisas, a vergonha deveria-me ter passado, mas pelo contrário vai aumentando. Não é, porém, vergonha; não sei como exprimir-me: é como que um receio».*

Na realidade havia as duas coisas: vergonha de dizer o que poderia redundar em seu louvor, e medo de levar os outros a êrro, se se exprimisse mal, ficando com responsabilidade. *«Tenho receio, continua, em tôdas as coisas extraordinárias que cada dia me acontecem, tenho receio de me enganar e de enganar os outros. Não o desejo. Pedi muito a Jesus que me auxilie a não enganar ninguém. Tenho um medo tal que em certos dias desejava ocultar-me a todos os olhares».*



Mas de que engano poderia ser capaz esta alma tão cândida, que nem ao menos sabia que coisa fôsse enganar, como prova este pedido ingênuo que me fez um dia: «*Eu desejava, Padre, me explicásseis bem a significação da palavra enganar, pois não queria enganar ninguém*».

Se até este ponto lhe custava manifestar ao seu confessor as coisas de Jesus, segundo a sua própria expressão, qual não devia ser a sua repugnância em as manifestar a qualquer outra pessoa!

Instruída na escola dos Santos, tinha adoptado por norma de proceder a grande máxima do Profeta Isaías: *Secretum meum mihi*: guardo para mim os segredos do meu coração. E guardou-os tão bem que, exceptuando o director e, por ordem formal d'este, a sua piedosa mãe adoptiva, ninguém os conheceu.

A-pesar-disso, Gema vivia no receio continuo de deixar transpirar qualquer coisa contra a sua vontade. «*Velo sobre mim, violento-me*, me dizia, *mas temo da minha parte um arrebatamento repentino e irreflectido que descubra o que deve ficar occulto. No caminho e na igreja procuro distrair-me, mas nem sempre sou bem sucedida, e assim os outros podem conceber a meu respeito uma estima imerecida*».

D'este grande temor provinha o ardente desejo de encerrar a sua vida em um claustro. Ao menos aí, pensava ela, estaria ao abrigo dos olhares do mundo.

Esta alma celeste, tão indiferente a tudo neste vale de lágrimas, tão morta para si, sem inclinação, sem vontade, só neste desejo da vida religiosa me pareceu um pouco tenaz, pelo que a repreendi e mortifiquei muitas vezes. Quasi não há uma de suas cartas em que não

insistia nisto. «*Padre, não me deixeis no mundo. O mundo não foi feito para mim, tenho medo de viver nêle. Vinde de-pressa a Luca para me encerrar num convento. Oh! porque me deixais assim exposta a todos os olhares?!* E que seria de mim, se certas coisas chegassem a divulgar-se!»

Gema somente renunciou ao seu projecto no dia em que o Senhor lhe fez conhecer claramente que tinha outros designios sobre ela.

Este temor excessivo, junto a uma grande reserva para com seus próprios directores, com os quais não se abria sem uma verdadeira necessidade, fêz-nos perder muitos segredos edificantes, levados para o túmulo pela virgenzinha de Luca. O Senhor assim o permitiu para nos deixar um modelo completo de humildade.

Podemos imaginar a dor que devia produzir em sua alma qualquer mostra de veneração que se lhe fizesse. Absteve-se sempre, por piedade, de lhe testemunhar estima quem conheceu a imensa tristeza que isso lhe causava.

Entretanto recebia muitas cartas, assinadas algumas vezes por nomes distintos; e muitas pessoas, desejosas de se aproximarem dela, combinavam com os membros da família o modo de se encontrarem, como por acaso, em sua companhia. Neste ultimo caso, a donzela, segundo o seu costume, procurava retirar-se immediatamente; e se por obediência tinha de ficar, via-se bem quanto isto lhe custava.

Algumas vezes lançava mão duma extravagância premeditada para se libertar. Lembra-me que uma vez, entre outras, veio vê-la uma respeitável personagem.



Encontrava-me eu então nessa casa hospitaleira. Era impossível a Gema esquivar-se. Mas, logo que foi avisada, correu a agarrar um grande gato doméstico, tomou-o em seus braços e apresentou-se na sala, fazendo-lhe mil carícias misturadas com meiguices infantis, ela que, notêmo-lo bem, nunca o tinha feito em sua vida.

Safu-se bem do disfarce. O visitante, sem dúvida pouco conhecedor de processos semelhantes empregados por outros santos com o fim de desviar a admiração dos homens, encolheu os ombros com desprezo; e Gema, alegre com o bom resultado do inocente stratagem, sem mais se preocupar com a importuna visita, afastou-se, saltitando com o gato nos braços.

Bem dita loucura, que é aos olhos de Deus sabedoria e virtude! Bem dita humildade que, conservando o homem no seu lugar, atrai as graças que fazem florescer as virtudes!



## CAPÍTULO XVI

Baixo conceito que de si fazia — O demónio apodera-se da sua autobiografia e é obrigado a restituí-la



**A** HUMILDADE de Gema, e o desprezo de si mesma baseavam-se, como vimos, no conhecimento sobrenatural do seu nada e na convicção da sua infidelidade às graças divinas. Além disso a santa menina julgava cair em faltas a cada passo e estar manchada de defeitos.

Na opinião de muitos, a verdadeira santidade transforma os filhos de Adão em criaturas ideais. Os próprios agiógrafos comprazem-se muitas vezes em nos apresentar os seus heróis envolvidos numa atmosfera celeste que nada tem de comum com a miséria humana. É um erro: os santos são de carne e osso como nós, como nós nascidos dum pai decaído, de quem herdaram uma natureza viciada.

A graça do Redentor eleva, sim, a nossa natureza, mas não até a refazê-la por completo e a restabelecê-la no estado da inocência primitiva. Na vida do homem sobrenaturalizado há uma dupla fisionomia: uma celeste,



ennobrecida por dons sobrenaturais; outra humana com as fragilidades próprias do nosso barro.

Para quê ocultar nas vidas dos santos esta segunda fase que, por oposição à primeira, faz salientar a virtude onipotente da graça divina? *Virtus in infirmitate perficitur*. É no meio da fraqueza, diz S. Paulo, que o poder de Deus se manifesta mais.

As almas mais puras estão sujeitas a repugnâncias e desgostos no exercício das virtudes; sentem também algumas vezes o peso da carne e o agulhão das paixões; têm motivos para temer pela sua salvação e experimentam a necessidade de se violentarem para serem fiéis a Deus.

Também elas podem passar, embora involuntariamente, por leves desfalecimentos, e deixar-se surpreender por movimentos espontâneos da natureza. Mas, iluminadas das mais vivas luzes por esse Deus cuja infinita pureza entreviram em visões misteriosas, a sombra de uma falta parece-lhes uma monstruosidade, e a mais leve fraqueza, um crime.

Tal é o segredo das suas lágrimas, das suas penitências e dos nomes ignominiosos de *grandes pecadores, celerados indignos de viver sobre a face da terra*, que incessantemente se dão a si mesmos.

Assim nos defeitos de Gema e no que ela chamava grandes pecados nada havia certamente de voluntário. Preferia ser lançada no fogo a cometer a sombra duma falta venial. «Eu não queria pecar, afirmava, mas sou tão má!... É em vão que ando sobre mim, estou sempre a recair. O mal é que eu só noto as faltas depois de as ter cometido: aliás Jesus sabe bem que eu não O ofenderia».

No tribunal da penitência Gema não estabelecia distinção entre o voluntário e o involuntário, o consciente e o inconsciente, e, com uma convicção que induziria a erro o mais experimentado dos confessores, declarava-se culpada em todos os pontos.

Acusava as faltas sem timidez, sem essa affectação e êsses suspiros que são o distintivo ordinário das almas fracas, acusava-as com ordem, franqueza e precisão, com distinção de número, espécie e gravidade. Eu deixava-a dizer, depois, avaliando as diversas acusações, não encontrava nelas senão actos de virtude ou imperfeições de mera fragilidade.

A experiência de muitos anos e a audição, frequentemente renovada, da confissão geral de toda a sua vida permitem-me afirmar que a santa menina jamais come-teu um só pecado formal plenamente deliberado.

Passou toda a vida, isto é, vinte e cinco anos, neste mundo corrompido e corruptor sem nunca manchar a candura baptismal, que ela levou para o céu com o seu brilho imaculado. Esta mesma afirmação é feita pelos outros seus confessores e consignada em depoimentos autênticos (1).

Gema, porém, não o entendia assim. O terror, que se apoderava da sua alma, quasi chega a lançá-la no desespero. «Será possível, dizia-me ela oprimida pela angústia, será possível, que Jesus esteja contente comigo?

(1) O leitor bem compreenderá que este testemunho dos confessores não tem nenhum valor jurídico. Em qualquer hipótese elles não podiam falar de outro modo. (Nota do Revisor).



*Oh! eu còro e tremo, vendo-me tão impura diante de Jesus que é a mesma pureza. Desprezei-O muitas vezes, voltei-lhe as costas quando a sua voz terna me chamava. Meu Padre, pedi constantemente a Jesus que tenha piedade da minha alma, implorai-Lhe perdão para os meus pecados. Dizei a Jesus que, para reparar as minhas faltas, mil tormentos do corpo e da alma me parecerão pouco. Ó meu Deus, o castigo, por terrível que seja, nunca igualará a minha culpabilidade. Castigai-me, pois, com tanto que me tireis o pêso dos pecados, que me oprime e esmaga. Infeliz de mim, se por um só minuto perder de vista as minhas iniquidades. Ó Jesus, a quem deshonrei, que desgosto sinto de mim mesma! Só a boa vontade, que me parece ter, me conforta um pouco no meio de tantas misérias».*

Estes sentimentos, repetidos por mil formas sempre expressivas, encontravam-se quasi em tôdas as cartas escritas pela humilde serva de Deus, sobretudo quando escrevia durante o êxtase. Considerando a continuidade de tais sentimentos sempre admiravelmente conservada, julgo nada ter lido de comparável na vida dos outros santos.

Durante uma visão tinha perguntado ao Salvador, que chorava, qual a causa das suas lágrimas. Reflectindo depois nesta aparição, disse-me: *«Reconhecia-me culpada de mil iniquidades e tive a coragem de perguntar a Jesus porque é que Elle chorava».*

Por outra vez, depois de um pequeno incidente de família de que como costumava, se julgou a culpada única, concebeu um tal horror de si própria que foi difficil animá-la. *«Mas que faço eu, Padre? exclamava. Aca-*

*barei por ser abandonada de todos. O desespero levar-me-ia a perder-me; mas não, ó minha celeste Mãe, Mãe dos órfãos, não quero desagradar a Deus, nem a vós, Padre, nem a ninguém. Não, não quero, crêde-me. Não me compreendo, há em mim mistério».*

Gema não compreendia como é que, ao lado de uma vontade tão resolvida a fazer o bem, pudessem existir algumas fragilidades, que ela aliás tanto exagerava.

O Senhor, para a conservar nestes baixos sentimentos de si própria, permitiu ao demónio que perturbasse o seu espirito até quasi a persuadir que estava condenada. Foi então que a pobre menina, procurando inútilmente serenidade e paz, escrevia, tremendo, ao seu director: *«Se alguma vez, Padre, me virdes em perigo de perder-me, se me julgardes nas mãos do demónio, pensai em socorrer-me, quero salvar a minha alma a todo o custo. Que devo fazer para isso?»*

Aprouve a Deus, que de tudo se serve para bem de seus escolhidos, dar alguma efficácia aos meus pobres conselhos, e Gema que se sentia um pouco confortada com elles no meio dos seus temores, reclamava-mos incessantemente: *«Não imaginais, meu Padre, a grande necessidade que tenho de vossos conselhos. Se soubésseis o alívio que me dá uma só das vossas linhas!... as vossas palavras dão-me coragem nos sofrimentos e nas lágrimas. Ajudai-me, ajudai-me, de contrario ver-me-eis dentro em breve reduzida às cinzas do pecado».*

O horror de Gema pelo pecado provinha, sem dúvida, do temor de manchar sua alma e de se condenar; mas provinha ainda mais do seu amor para com



Deus a quem o pecado ofende. A este amor, elevado a um grau tão alto, correspondia uma imensa contrição dos grandes ultrajes de que julgava tornar-se continuamente culpada diante da Majestade divina. «*Como!* exclamava algumas vezes, julgando não ser ouvida, *um Deus tão grande e tão digno de ser amado, há-de ser ofendido por mim? E quem sou eu para ter tal ousadia? Meu pobre Jesus!*»

Este pensamento fazia-a empalidecer e arrancava aos seus olhos lágrimas amargas que se viam correr, como diz uma testemunha ocular, ao longo das faces, como duas fontes. Durante os próprios êxtases, em que de ordinário saboreava as delícias divinas, confundia-se, chorava e pedia misericórdia com um tom de voz comovente: «*Perdoai-me, Jesus! Pai, perdoai-me tantos pecados.*»

Em certos dias o Senhor fazia-lhe experimentar dum modo extraordinário estes sentimentos de compunção: e Gema, preferindo a tôdas as doçuras celestes o favor de chorar as suas faltas com arrependimento cada vez maior, suplicava-Lhe ardentemente que apressasse a vinda de tais sentimentos. Depois conservava dêles preciosa lembrança e contava os momentos que a separavam do reaparecimento destas infáveis angústias.

«*Há tantos dias que já não sentia a dor dos meus pecados. Jesus concedeu-me de novo esta graça. Ontem à noite chorei muito a seus pés. Como estas lágrimas eram amargas e doces ao mesmo tempo, e como eram violentas as pulsações do meu coração que parecia dever partir-se de dor!*»

Eis como se produzia esta graça. No recolhimento da oração uma onda de luz invadia repentinamente o seu espírito, pondo-lhe a descoberto os recantos mais secretos da alma. Via-se então por completo coberta das mais negras manchas do pecado e notava o Senhor umas vezes muito irritado, outras triste e aflito pelas afrontas recebidas dela. A pobre menina começava a tremer; com a imensa dor dos pecados perdia os sentidos e caía por terra inanimada. Estas angústias terríveis duravam muitas vezes longas horas e até mesmo um dia inteiro.

Gema considerava-as doces e amargas ao mesmo tempo. E o que é que podia misturar alguma doçura com tanta amargura? O pensamento de que este suplicio interior agradava a Jesus como uma reparação das ofensas que dela recebia.

Ouçamos as suas palavras: «*Esta noite, Padre, todos os meus pecados se me apresentaram como de costume ao espírito; vi-os tão enormes que tive de fazer esforços para não desatar em soluços; e a minha dor foi tão viva que nunca experimentei outra igual. O número dos meus pecados ultrapassa infinitamente a capacidade dos meus anos. O que me consola é sentir grande dor, que eu queria não mais ver sair nem tão pouco apagar-se da minha alma. Ó Deus, até onde chegou a minha malícia!*»

Gema recebia a graça d'este arrependimento extraordinário tôdas as vezes que era favorecida de recolhimento mais profundo e de uma união mais íntima com Deus, mas sobretudo durante a noite de quinta para sexta-feira em que o Senhor a admitia à participação dos dolorosos mistérios da Paixão.



«Na quinta-feira à noite, escreve ela, sinto-me possuída de uma grande tristeza ao lembrar-me de todos os meus pecados, que se me apresentam nesse momento ao espírito dum modo particular; encho-me de confusão e de imensa dor. Os poucos sofrimentos que Jesus me envia trazem-me um pouco de repouso; ofereço-os pelos pecadores, especialmente por mim, depois pelas almas do Purgatório».

Assim purificada na dor e nas lágrimas e confirmada no desprêzo de si mesma, a virgencinha de Luca encontrava-se admiravelmente preparada para os sublimes êxtases que se repetiam periodicamente tôdas as semanas.

A humildade é um vaso muito puro e muito sólido. É nêle só que apraz a Deus derramar as suas graças; a humildade dilata o pobre coração humano, tornando-o capaz de todos os dons celestes.

Quando em Setembro de 1900, cheguei a Luca, pela primeira vez, a nossa santa estava ocupada, por ordem do seu confessor em redigir um diário, em que se relatavam os acontecimentos quotidianos da sua vida interior. Inimigo, por princípio, do método que conserva o penitente sempre contrariado, aconselhei a suspensão dêste trabalho; a meu ver, inútil e perigoso; e o virtuoso confessor retirou imediatamente a sua ordem.

A leitura atenta do manuscrito, que encontrei cheio de sabedoria celeste e de particularidades interessantes, muito precioso para a eventual composição duma biografia, fêz-me arrepender da minha precipitação.

Excelente em si, o meu princípio não era applicável no caso presente. Procurei reparar o erro.

Tive uma idea que realizei sem demora, auxiliado pela simplicidade da santa menina. «A dar crédito ao que relatais, disse-lhe eu sem mais preâmbulos, tendes cometido desde a mais tenra infância uma infinidade de pecados. Conheço muito bem aquêles de que vos tornais culpada cada dia, mas não seria bom também consignar por escrito numa confissão geral tôdas as faltas da vossa vida com as menores circunstâncias? Dêste modo, conhecendo a pecadora que hei-de dirigir, mais fácil me será guiar-vos bem no caminho da virtude».

A santa menina, que era animada do desejo ardente de uma direcção segura, caiu no laço, manifestando entretanto quanto lhe custaria satisfazer-me. «Ah! dizia ela, de que explicações podereis precisar, meu Padre, e que pecado será preciso manifestar-vos? Fazei uma idea de quantos pecados se podem tornar culpadas as almas mais perversas, tantos são os que eu cometi. Além disso receio que, depois da leitura dêsse escrito, horrorizado com a vista de tantos pecados, não queirais servir-me de Pai».

A instância minha e por mera obediência, Gema pôs mãos à obra, suplicando ao Anjo da Guarda, lhe assistisse e lhe trouxesse à memória tantas coisas, horribes para ela.

«Meu bom Padre, diz na introdução, preparai-vos para ouvir tudo... Escreverei tudo, o bem e o mal; assim podeis melhor compreender qual foi a minha malícia, contrastando com a bondade, de que todos me cercaram; qual foi a minha ingratidão para com Jesus, e



quão pouco tenho atendido aos conselhos de meus pais e superiores. Vou começar, meu bom Padre. Viva Jesus!»

No decorrer do trabalho, Gema teve de sustentar uma luta continua contra a repugnância em falar de si. O cuidado de revelar com exactidão as faltas obrigava-a a escrever a história completa da sua vida, e o cuidado de fazer sobressair as suas infidelidades e ingratidão para com o Senhor obrigava-a, segundo eu tinha previsto, a manifestar as grandes graças que desde menina tinha recebido.

Ouçamo-la dizer-nos mais uma vez qual a intensidade do seu sofrimento: «Meu Jesus, seja sempre feita a Vossa Santíssima Vontade! Quanto soffro por ter de escrever certas coisas! A repugnância que tive a principio, longe de diminuir, vai aumentando sempre, e sinto um tormento mortal. Talvez queirais também, ó meu Deus, que eu escreva essas coisas secretas, que me des-tes a conhecer por vossa bondade, com o fim de me humilhar e conservar sempre no meu nada. Se o que-reis, ó Jesus, estou pronta mesmo para isso. Manifestai-me a Vossa Vontade».

As apreensões da sua humildade agravavam-se com uma dúvida. «Mas, exclamava, para que servirão estes escritos? Para vossa maior glória, ó Jesus, ou para me enterrar cada vez mais no pecado? Vós o quisestes, obede-ci: a Vós pertence velar por mim. Na chaga do vosso Lado esconde cada uma das minhas palavras, ó amável e muito amado Jesus!»

Os tormentos da humilde virgenzinha em grande parte provinham certamente do infernal inimigo, que previa quanto bem ia resultar dêsse trabalho. Um dia

apareceu-lhe e disse-lhe com sorriso amargo: «Está perfeito, escreveste tudo muito bem. Mas acaso ignoras que sou eu o autor de tudo isso? Se se chega a descobrir, que vergonha para ti! E que será de ti?»

Entretanto a obediência triunfou, e em pouco tempo Gema compôs um pequeno volume em oitavo de mais de cem páginas.

Com que rara habilidade procura ella dissimular as mais belas flores de suas virtudes e os melhores dons do céu na sombra do pecado com que declara tê-los profanado! Inúteis esforços todavia. Só lendo essas páginas é que se pode fazer delas uma idea exacta.

Traída pela simplicidade do seu coração, quando julga deshonrar-se, falando de malicia e de desordem, dá-nos uma autobiografia de rara edificação. Estava atingido o meu fim.

Mas o demónio furioso pôs a sua astúcia em acção para frustrar êsse resultado.

Talvez haja quem tenha dificuldade em acreditar no facto que vou descrever. A sua realidade, porém, permanece indubitável e abstenho-me de acrescentar qualquer pormenor tirado da fantasia.

Quando terminou o manuscrito, Gema confiou-o, como eu tinha ordenado, a D. Cecília, que o escondeu numa gaveta, esperando occasião de mo enviar.

Passados alguns dias, Gema julgou ver o demónio sair, com um sorriso de escárneo, pela janela do quarto onde se encontrava esta gaveta, levando na mão um volume. Habituada a semelhantes aparições, a menina não fez caso.

Mais tarde, o inimigo veio atormentá-la com horri-



veis tentações e, como não conseguisse vencê-la, afastou-se, rangendo os dentes e gritando em tom de triunfo: «Guerra, guerra; o teu manuscrito está nas minhas mãos» (1).

Gema, que tinha recebido de mim ordem de manifestar a sua tia tudo o que lhe acontecesse de extraordinário, julgou do seu dever dar-lhe parte desta aparição. D. Cecília, muito intrigada, correu a abrir a gaveta: o manuscrito não estava lá.

Avisado disto, fiquei muito contrariado com tal perda. Como repará-la?

Tendo de ir nessa ocasião a Isola del Gran Sasso, que fica perto do túmulo do Beato Gabriel, veio-me a idea de exorcizar o demónio para o constranger a restituir estes escritos, no caso de êle os ter verdadeiramente roubado. Tomei a estola, o ritual e água benta, e, junto do próprio túmulo do Bem-aventurado, procedi em forma aos exorcismos.

Deus interveiu com o seu poder, pois nesse mesmo momento o volume foi reposto no lugar donde tinha desaparecido, havia muitos dias. Mas em que estado! Tôdas as páginas, de cima a baixo, estavam ennegrecidas de fumo e em parte queimadas, como se tivessem sido expostas, cada uma em separado, por cima de uma fôrnalha ardente. Todavia os caracteres permaneciam legíveis.

(1) Gema conta esta aparição numa carta ao seu director a 18.º do volume: *Lettere ed Estasi della serva di Dio, Gemma Galgani*.

Tenho em meu poder êsse volume, assim passado pelo inferno (1).

Encerra confidências muito preciosas e os mais importantes segredos da vida interior de Gema, arrancados por obediência à sua humildade. Humildade verdadeiramente heróica que devia infalivelmente elevá-la ao mais alto grau de perfeição moral.

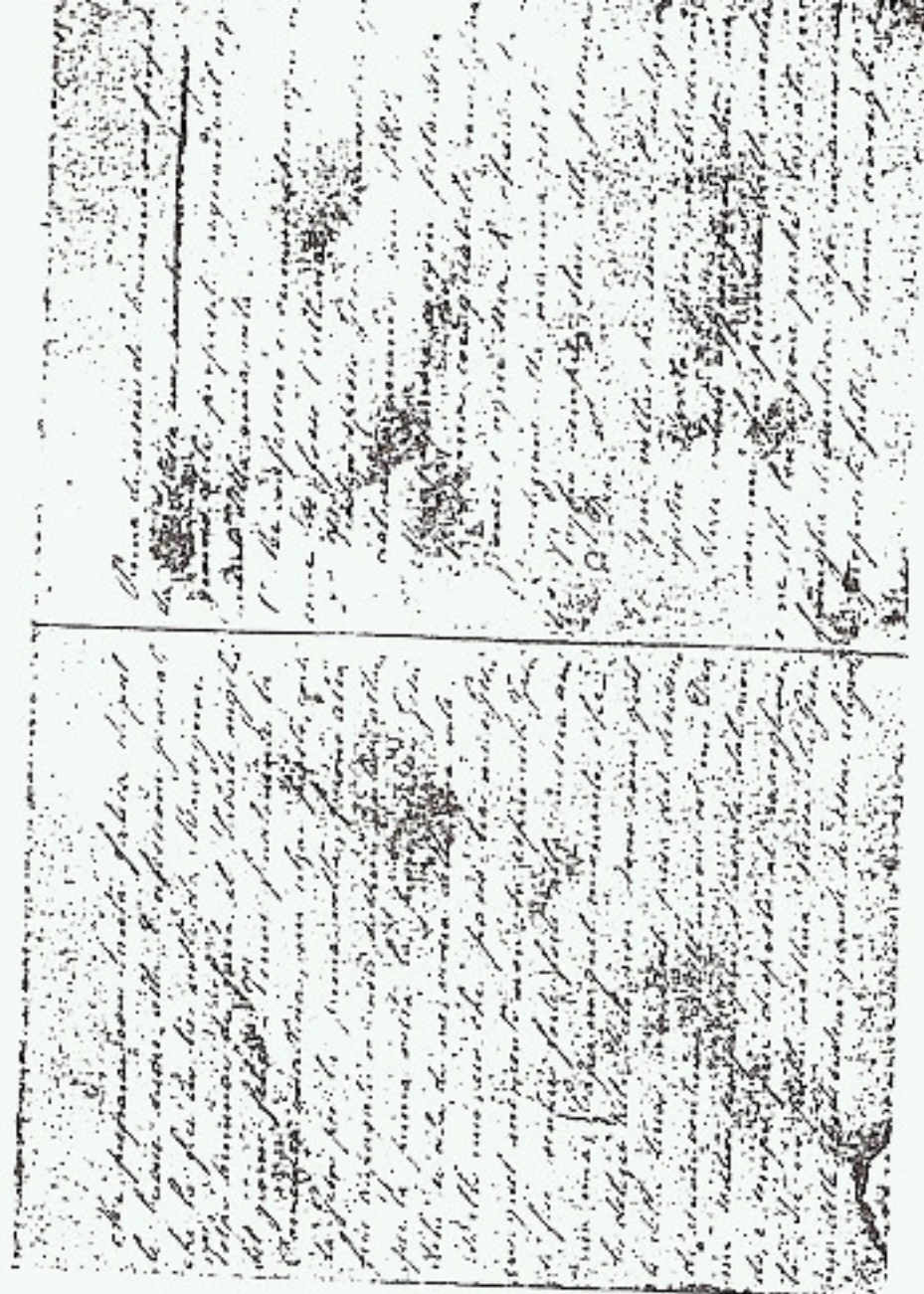
(1) É sabido que êste curiosíssimo acontecimento, consignado pelo Autor na 1.ª edição italiana, foi por êle suprimido nas seguintes edições com receio de melindrar as susceptibilidades de certos espiritos influenciados pelo racionalismo moderno. Essa supressão, porém, provocou os protestos dos leitores: e o bom P. Germano teve de reparar a sua omissão nas últimas edições.

De-facto êste acontecimento parece à primeira vista tão estravagante que qualquer pode ser tentado de cepticismo.

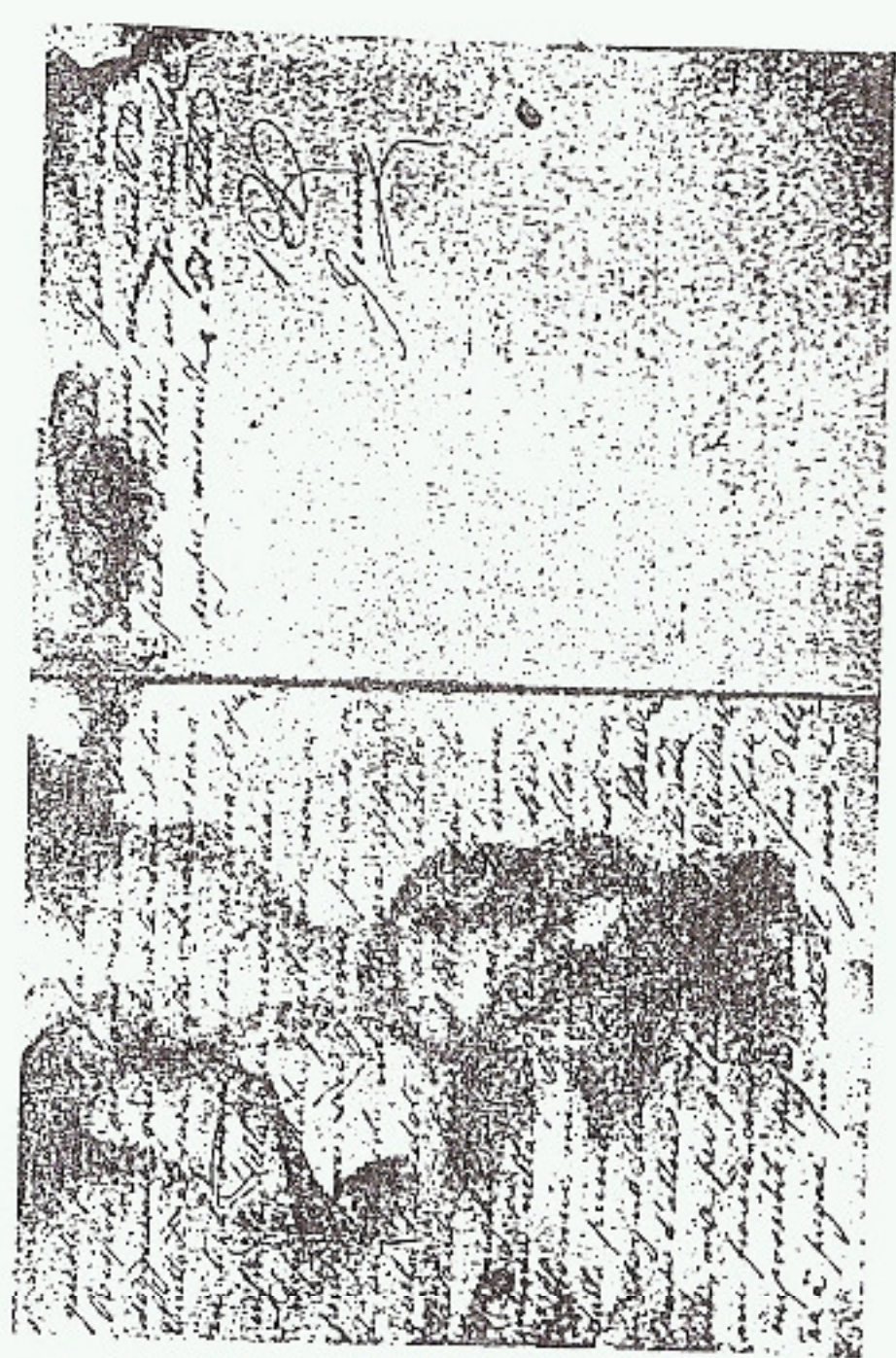
Êste era o meu pensamento quando me chega às mãos, vindo de Roma, o autêntico corpo de delito. É o famoso manuscrito fotografado. Apresenta efectivamente, como diz o Autor, tôdas as páginas ennegrecidas de fumo infernal, mas sem prejudicar gravemente a legibilidade da escrita.

Aquí encontrará o leitor, para amostra, algumas dessas páginas. Nesse gôsto se encontram tôdas e nesse estado se conservam há já 40 anos. (Nota do Revisor).





As páginas 14 e 15 do famoso manuscrito ennegrecido pelo hálito de Satanás. São, ainda assim, as que se encontram menos contaminadas. Nelas pode o leitor ver as referências da Santa à sua primeira comunhão que já ficaram consignadas na pág. 21 e os 5 propósitos que se lêem na pág. 20



As 2 últimas páginas do manuscrito (112 e 113), que dão já melhor ideia do contacto diabólico



## Mortificação heróica



EMA queria a todo o custo ser santa. Este ardente desejo que ela bebera, a bem dizer, com o leite materno, chegou com a idade, depois de ter absorvido todos os outros, a uma intensidade extraordinária. O que não era virtude e perfeição deixava-a indiferente.

Bastava notar-lhe a expressão do rosto, ouvir a sua conversação, observar a sua maneira de proceder para termos a convicção de que vivia com o desejo único de se parecer com Jesus por meio de uma vida celeste. Para isso era vê-la abraçar com ardor a austera virtude da mortificação.

O desprendimento dos bens terrenos, embora aliado à abnegação da vontade pela obediência, não basta ao verdadeiro discípulo de Cristo. Deve, além disso, levar a sua cruz, se quiser chegar a parecer-se com o chefe dos predestinados, que é um Deus crucificado.

Mais: o homem, viciado em sua natureza, tem ne-



cessidade de dominar as inclinações desordenadas do coração e dos sentidos para conservar uma pureza sem mancha, o que não conseguirá sem se violentar pela mortificação de cada momento.

Instruída nesta verdade por experiência própria e estimulada incessantemente pelo desejo ardente de ser uma viva imagem de Jesus Crucificado, Gema entregou-se por completo, e até ao heroísmo, à penitência cristã. Embora nunca tivesse abusado dos sentidos, propôs-se refreá-los e castigá-los como o não teria feito um grande celerado recém-convertido.

Ainda pequena, exercia vigilância sobre os olhos, que constantemente conservava baixos. Com o progresso dos anos e das virtudes esta modéstia veio a ser das mais rigorosas, sobretudo depois da resolução especial tomada na circunstância seguinte:

Estava na igreja; o seu olhar, encontrando o gracioso penteado duma menina colocada diante dela, contemplou-o por alguns momentos com satisfação. Tomada bem de pressa de remorsos por este inocente prazer estético, que pelo menos lhe parecia uma distração, a angélica menina fez o propósito de nunca mais fixar voluntariamente a vista em quem quer que seja.

E a partir desse dia, os seus olhos encantadores e puros, em que brilhava um reflexo da seráfica beleza da sua alma, permaneceram recolhidos e dóceis à sua vontade. Para lhes fazer levantar era preciso uma ordem formal e, a-pesar-disso, em sua modéstia, não tardava a baixá-los de novo. Quem desejasse admirar-lhes o brilho e a expressão celeste devia surpreendê-la em êxtase, porque então estavam de ordinário erguidos para o céu.

O sentido do gosto, um dos mais difíceis de subjugar inteiramente, encontrou em Gema um adversário não menos resoluto. Ninguém jamais soube que alimentos ou bebidas ela preferia. Algumas onças de alimento bastavam-lhe, e ainda assim era preciso vigiá-la para que tomasse o indispensável.

Para encobrir as suas privações, servia-se de mil indústrias, chegando a abrir na sua colher um pequeno orifício pelo qual a sôpa se escapava em grande parte antes de chegar aos lábios. Algumas vezes parecia comer, mexendo com as mãos em volta do prato, mas na realidade não comia. Se não se oferecia qualquer pretexto para deixar a mesa antes de terminada a refeição, via-se que experimentava um verdadeiro mal estar e depois, insensivelmente, desaparecia para não mais voltar.

Nunca se viu provar as iguarias na cozinha; e, fora das refeições, era inútil oferecer-lhe refrescos ou doces. Quando previa não poder recusá-los sem indelicadeza, retirava-se a tempo.

Feita de carne e osso como nós, com um estômago bom e um paladar são, Gema sentia naturalmente o agradável sabor dos alimentos. Isso porém quasi lhe parecia sensualidade.

Para suprimir radicalmente os poucos prazeres da mesa que o seu espírito de mortificação não podia atingir, quis, esperando uma graça particular de Deus, privar-se de todo o alimento, mas não lho permitiram. Depois de muitas investigações, julgando ter feito uma descoberta, apressou-se, toda contente, e com muita habilidade, a submetê-la à minha aprovação.



«Meu Padre, escrevia-me ela, parece-me que Jesus me impele, há já muito tempo, a pedir-vos um favor. Não vos zangueis, porque definitivamente farei sempre a vossa vontade. De certo não há motivos para mo recusardes. Vós porém encontrareis um cento d'êles, por exemplo, que sou magra, que não há necessidade nenhuma, etc. São meros pretextos.

Eis o que desejo: posso pedir a Jesus a graça de não mais sentir, enquanto viver, o gosto dos alimentos? Esta graça é-me necessária e espero que, inspirado por Jesus, me autorizeis a pedi-la. Com qualquer resposta que me derdes ficarei contente».

Não respondi a esta carta. Gema, porém, não se dando por vencida, repetiu tantas vezes o pedido que por fim, quasi levado pela curiosidade do que ia acontecer, dei o consentimento. Com ingénua confiança foi imediatamente apresentar a súplica ao seu Jesus, sendo logo ouvida.

Desde este momento o seu paladar perdeu toda a sensibilidade; as iguarias mais finas, as bebidas mais agradáveis tornaram-se daí por diante completamente insípidas para ela. Os outros sentidos não eram mais bem tratados. Nunca se viu a austera menina tomar uma flor para lhe aspirar o aroma, nem perfumar os seus vestidos. Quanto ao sentido do tacto, não se permitia tocar em ninguém.

Esta alma, que sobre a terra vivia longe da terra, era inacessível à curiosidade. Jogos, divertimentos, distrações, de que, mesmo em criança, nunca tomava a iniciativa, só tinham para ela insipidez.

Um ano quiseram, por ocasião do carnaval, levá-la

com os filhos da casa a um inocente teatro de família. Ficou consternada e insistiu dum modo tão solícito com seu pai espiritual que este, por compaixão, interveiu para que a dispensassem de assistir.

Nada há mais difícil de domar que a lingua. O apóstolo S. Tiago não hesita em canonizar quem a contém dentro dos justos limites. E é a mulher que mais dificuldade tem em alcançar esta vitória, sendo por isso mais digna de admiração quando a alcança.

Gema dominava de tal modo a lingua que um estranho facilmente a julgaria muda. A-pesar-disso, supunha cair em abusos, renovando por isso sempre com mais energia o propósito de lhe não dar liberdade.

Numa ocasião, em que não pôde deixar de receber algumas amigas, a conversa recaiu por alguns instantes num assunto certamente muito inocente, mas que pareceu a Gema um pouco mundano. Chorou de remorsos todo o dia. «Ó meu Deus! exclamava, com que facilidade tomei parte em tais conversas! Ó lingua, lingua, eu saberei reduzir-te ao silêncio!»

A modesta menina não fazia caso nenhum dos triunfos que alcançava nos nobres combates pela virtude, e quando fazia referências a êles era para se humilhar ainda mais. «Ontem, escrevia-me, alcancei uma bela vitória sobre a minha lingua comprida, mas custou-me tanto a reprimi-la! Se soubésseis que tempestade se levantou entre mim e minha tia!... o meu silêncio venceu tudo. Renovei nesse momento o firme propósito de não falar senão quando for interrogada. Comecei a cumprir as minhas resoluções, mas Deus sabe com que dificuldade».

Gema observava estas resoluções desde a mais tenra



idade, com a única diferença de que então, para evitar da sua parte qualquer réplica, fugia do meio da altercação e escondia-se, ao passo que agora, amadurecida na virtude, esperava num silêncio modesto que a tempestade passasse por si mesma.

A sua moderação era tanto mais meritória quanto é certo que uma sensibilidade delicada lhe fazia sentir muito as provocações, e um temperamento de fogo a inclinava à cólera e à réplica. Mas calava-se, embora os recursos do espírito lhe permitissem facilmente vencer o adversário, e continha tão bem as suas paixões frementes, que nem sequer se lhe notava comoção alguma. O esforço era todo interior. Só as pessoas íntimas, em condições de a observar de perto, conheciam as lutas continuas da virtuosa menina, cujo coração era como um altar em que continuamente se imolavam vítimas de mortificação.

Para melhor domar as paixões interiores, inerentes à natureza humana, deu-se desde menina às duras maceações da carne. Quantas vezes importunava o confessor para obter permissão de se disciplinar, de trazer cilícios, cadeias de ferro e outros instrumentos de penitência! Muito insinuante então, bastantes vezes alcançava a licença desejada.

Mas de ordinário, depois de se ter cansado a preparar instrumentos de tortura, via que lhos tiravam todos, restando-lhe somente oferecer ao Senhor a boa vontade.

Eu mesmo tive ocasião de lhe tirar alguns. Eram um cinto armado de sessenta pontas de ferro bem afiadas, uma disciplina, igualmente de ferro, e uma comprida

corda toda cheia de nós, eriçada de pregos, com que apertava a carne.

A austera menina, despojada destes terríveis instrumentos, procurava por outro meio, sem desanimar, uma compensação. Dizia-me ela: *«Minha natureza sempre à procura de comodidades não cessa de me pedir um pouco de descanso. Permittis-me contrariá-la com todas as minhas forças? A carne quereria mandar, mas eu quero que obedeça, e sempre, como é justo.»*

Para isso tenho necessidade duma permissão, espero que ma dareis sem dificuldade, se Jesus vo-lo inspirar. Desejo prometer a Jesus não mais procurar alívio em coisa alguma. Se me concederdes esta graça, ficai certo que procederei com prudência para evitar os excessos».

Um dia em que Gema orava com filial simplicidade, pronunciou estas palavras: *«Como vêdes, Jesus, é o meu corpo que murmura, mas hei-de saber impor-lhe silêncio. Muitas vezes queixa-se e quer subtrair-se à minha vontade, mas eu o vigiarei. Ontem parecia querer revoltar-se; alguns açoites bem puxados restituíram-lhe a serenidade.»*

Ai do director imprudente que favorecesse este generoso fervor! A heróica menina teria certamente arruinado a saúde. Abstinha-se de ceder às suas instâncias repetidas, com tanto mais firmeza quanto é certo que Deus a conservava constantemente sob a pressão de tribulações interiores, que só por si bastavam para a martirizar.

Antes de falar delas num capítulo à parte, admiremos ainda os efeitos maravilhosos desta mortificação.



Primeiro que tudo exercia perfeito domínio sobre as paixões do coração e sobre os sentidos. Gema dava-lhes ordens como rainha e todos lhe obedeciam voluntariamente ou à força. Dizendo *voluntariamente ou à força*, não queremos insinuar que fossem recalcitrantes. A humilde virgem julgava-os recalcitrantes e conservava-lhes a rédea curta, mas na realidade as suas paixões e sentidos ficavam suficientemente domados depois da primeira efervescência.

Daí, a paz tão suave, fruto da vitória, que respirava o seu angélico rosto; daí, a prontidão do corpo em secundar todos os movimentos da alma e os seus mais sublimes transportes. Dir-se-ia que esta carne virginal estava unicamente ocupada em servir os desejos do espírito, tão perfeita era a liberdade que lhe deixava para se mergulhar na oração ou perder no êxtase.

Em qualquer lugar e em qualquer ocasião a santa menina podia dispor de cada um dos sentidos sem encontrar a menor resistência. Queria absorver-se na contemplação das coisas celestes? Imediatamente a imaginação se recolhia, a memória esquecia as lembranças da terra, os movimentos importunos do coração serenavam, as próprias dores físicas, algumas vezes muito intensas, não lhe opunham a menor sombra de dificuldade ou de distração.

Terminadas as comunicações celestes, todos os sentidos, como se tivessem pacientemente esperado pela sua hora, retomavam as respectivas funções, vigorosos e bem dispostos como nunca.

Habitualmente era assim. Em tempo de prova e de aridez espiritual, o Senhor, para lhe proporcionar ocasião

de luta meritória permitia certo afrouxamento d'este império absoluto da alma sobre as potências inferiores. Fora desta excepção, os sentidos não opunham a Gema, chegada à perfeição, nenhuma resistência, repugnância ou cansaço.

Feliz liberdade, feliz paz, a única que só da santidade pode vir ao homem, pois é dela fruto natural: *opus justitiae pax*, a paz é obra da justiça. A virtude é, já neste mundo, fonte de felicidade.

Desta grande serenidade interior, emanção da pátria celeste, nascia na alma da santa uma alegria profunda, que só era momentaneamente perturbada pelo temor de ofender a Deus, ou pela lembrança dos seus insondáveis juízos. Nada mais conseguia inquietá-la. Teria visto sem assombro desaparecer tódas as criaturas ou desmoronar-se o mundo inteiro debaixo de seus pés, com tanto que lhe ficasse Jesus, seu único tesouro.

Semeilhante estado da alma explica o seu bom humor e o perpétuo sorriso dos seus lábios, que formavam um contraste feliz com a gravidade do seu porte e a majestade do semblante.





## Um anjo em carne mortal



RUTO não menos precioso da mortificação é a pureza de alma que brilhou em Gema no mais elevado grau que duma filha de Adão se pode esperar.

O pecado, mancha da alma, tem o seu princípio em três grandes concupiscências: orgulho, sensualidade e amor dos bens terrenos.

Como a santa menina tinha conseguido muito cedo não só enfraquecer mas extinguir estes três focos pestilenciais, o mal não podia aproximar-se dela e a sua alma permanecia isenta de qualquer falta.

Entretanto, a-pesar-de ter chegado ao apogeu duma admirável santidade, evitava cuidadosamente o descanso ocioso. Pomba candidíssima, ela sabia muito bem quão corrompido é o mundo em que vivemos e contagioso o ar que nêle se respira. Temia sempre, e não contente com os rudes esforços empregados no passado para disciplinar os apetites desordenados da natureza, continuava a tratá-los como rebeldes.



Antes de tudo, fugia das ocasiões. Dotada dum espirito atilado, a-pesar-da sua simplicidade infantil, ela via ao longe o perigo. «Aqui não deve estar Jesus, costumava ela dizer ao pressentir qualquer tropêço menos seguro para a sua virtude: por isso, Gema, fujamos». Sem julgar mal de ninguém, não se fiava em qualquer e preferia isolar-se.

Dai a sêde de solidão que a teria sempre impedido de transpor os umbrais da casa, se não necessitasse de ir à igreja ou acompanhar algumas vezes sua tia à cidade. Dai o afastamento de conversas e negócios que não lhe diziam respeito, dai a aversão pelas amizades e relações inúteis. «Gema, dizia muitas vezes, não te fies em ti. Toda a ocasião pode encerrar um perigo, fora de Jesus tudo é engano, permanece só com Ele e caminha para a frente sem te preocupar com mais nada».

Por isso o fruto mais encantador que a tenra virgízinha colheu da árvore da cruz — e a árvore da cruz para ela era a mortificação — foi a castidade.

Sublime virtude, que devias ser o apanágio de toda a alma cristã, cuja vocação, como diz o Apóstolo, é ser santa e imaculada, que rara és neste mundo depravado! Pérola celeste, que com tanto brilho e encanto realças a beleza moral de Gema, até lhe dares uma fisionomia de anjo, nunca elogio algum corresponderá ao teu valor.

Ouçamos a Gema falar da castidade numa carta que, a pedido de sua mãe adoptiva, redigiu para uma criança da família Giannini, prestes a aproximar-se da mesa Eucarística.

«Ó Mariana... estás já instruída em tudo por Sacerdotes santos e zelosos: todavia sinto que é meu dever

dizer-te também algumas palavras. Queres saber sobre que te vou falar? É sobre uma virtude muito bela e muito querida aos olhos de Deus. Jesus reserva aos que a guardarem fielmente um lugar de honra no céu. É a santa pureza.

Espero que Jesus há-de encontrar em ti um coração em que desejará sempre saborear as suas delicias. Já te disseram que Jesus se nutre entre os lírios; conservarás, pois, o teu coração como um lírio imaculado. Jesus não admite nada imundo em sua real corte; se queres ir para lá possuí-LO é preciso que cultives esta bellissima virtude. Pede a Jesus que te conceda uma tão grande graça».

Esta exortação, tinha-a a santa menina ouvido muitas vezes desde a mais tenra idade, dos lábios de sua piedosa mãe. E desde o dia em que o seu coração despertara para o amor de Jesus, cercou de cuidados extremos como de espinhos protectores, o lírio da sua virgindade.

Entre outras práticas santas, que preservam do vicio impuro, a Senhora Galgani aconselhava a seus filhos que recitassem todas as noites três Avé-Marias, com as mãos debaixo dos joelhos, em honra de Maria Imaculada.

A inocente criança praticava este acto numa idade em que não podia ainda comprehender o alcance da sua significação.

Depois de ter repetido três vezes a saudação angelica nessa attitude humilde e penosa, levantava-se e dizia, juntando as mãozinhas: «Minha mãe do Céu, nunca permitais que eu perca a santa pureza. Refugio-me sob o



vosso manto virginal. Guardai-me bem, assim agradarei mais a Jesus».

Gema conservou durante toda a vida esta prática recomendada por muitos santos. Poucos dias antes de morrer, quando, esgotada de forças, lhe era impossível ter-se de pé, surpreenderam-na no quarto a dizer as três Avé-Marias com as mãos debaixo dos joelhos. Todas as suas mortificações, penitências, macerações da carne, e acima de tudo, a guarda rigorosa dos sentidos tinham por fim principal a conservação da angélica inocência.

Considerando que a mais leve e inocente condescendência lhe pode alterar o suave frescor, aborreceu todas as liberdades dos sentidos sem distinção, até cair em verdadeiros exageros. Nunca se via ao espelho, nem mesmo para se limpar do sangue, que muitas vezes lhe corria dos olhos em suas dolorosas contemplações, ou da fronte circundada das picaduras, produzidas pela coroa de místicos espinhos.

Quando mais tarde o seu coração, completamente abrasado no amor divino, submergiu em dores inexprimíveis toda a região peitoral; quando a violência de suas pulsações misteriosas arqueou fortemente três costelas, Gema nem sequer se atreveu a aproximar a mão do seio ou a pôr nêle os olhos, embora não pudesse explicar, a princípio, fenómenos tão extraordinários. E este mesmo rigor de modéstia virginal observou quando um místico dardo de fogo, saído do lado de Jesus, abriu um largo estigma no seu próprio lado.

Logo desde os primeiros anos a casta menina mostrou nesta matéria uma extraordinária severidade. Seu

pai não conseguia abraçá-la; e, tendo apenas sete anos, fêz pagar caro a um primo direito a simples tentativa duma inocente carícia.

O jovem, depois de uma visita à família Galgani, preparava-se para sair. Estava já sobre o cavalo, quando notou que tinha esquecido não sei que objecto. Convidada a ir buscá-lo, Gema obedeceu, voltando logo com o objecto pedido. E com tanta graça o apresentou, que o primo, enternecido, se inclinou para lhe fazer uma carícia em sinal de agradecimento. A menina, porém, apenas notou o gesto familiar, mas a seus olhos quasi criminoso, repeliu vivamente a mão e o braço do jovem, e de tal modo que elle perdeu o equilibrio e caiu da sela, magoando-se bastante na queda.

Era inútil querer ajudá-la na sua *toilette*. Se uma criada ou mesmo qualquer pessoa da família se aproximava, por exemplo, para lhe ajustar o chapéu, ou atar as fitas dos sapatos, dizia resolutamente: «*Deixai, deixai eu posso muito bem fazer tudo sôzinha*».

Na última doença, alguns instantes antes de receber a Extrema-Unção, dispunha-se a enfermeira, segundo o uso inspirado pelo respeito aos santos óleos, a lavar os pés à moribunda, estendida sobre o leito e já quasi inanimada.

A lembrança de ter de suportar o contacto de mão estranha consternou a angélica menina. De subito o amor da modéstia deu-lhe um pouco de vigor e ela, aproveitando a momentânea ausência da enfermeira, tomou a toalha e a água, colocadas junto da cama, e conseguiu lavar-se só.

Quando, ao voltar, ella lhe ofereceu os seus servi-



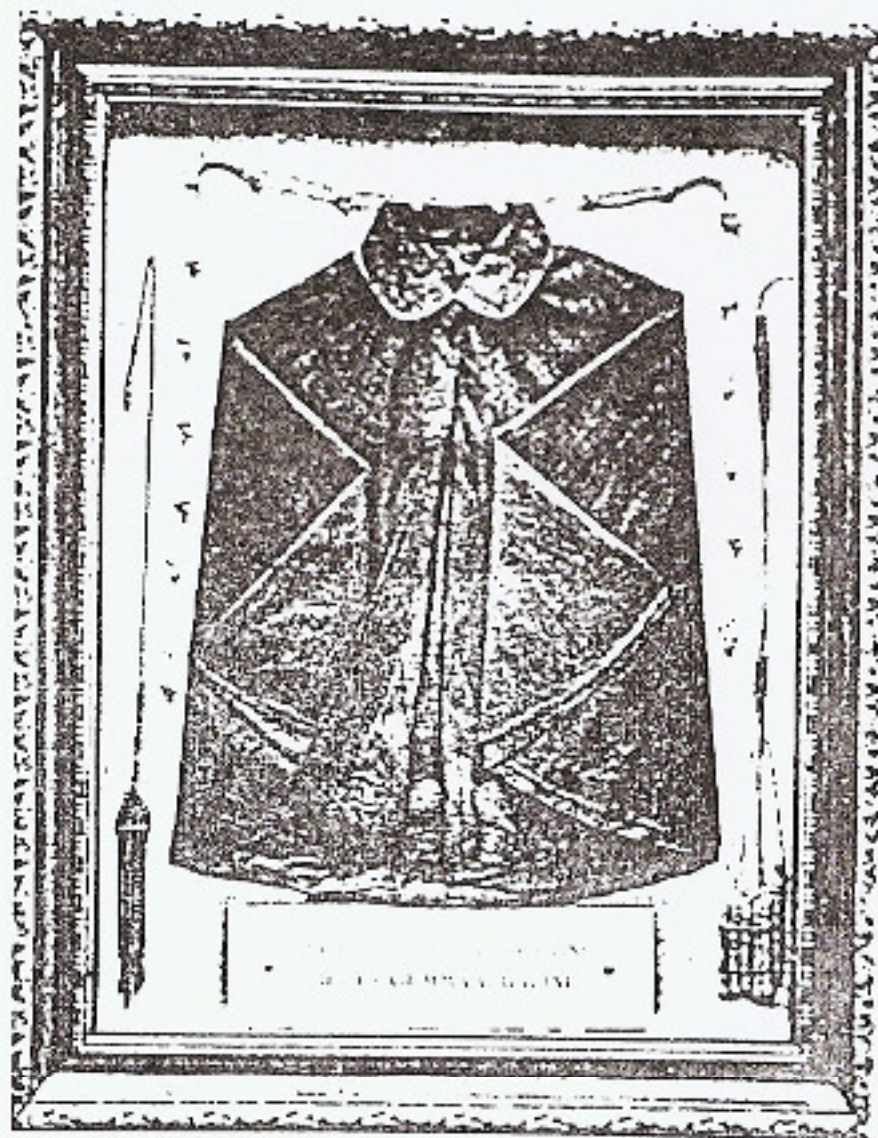
ços. Gema respondeu: *«Agradeço-vos, fiz tudo por minha própria mão».*

Tinha um extremo recato nas alusões, por vezes inevitáveis, ao vício impuro. Longe de usar termos da linguagem vulgar, abstinha-se de certas palavras absolutamente indiferentes e usadas até pelas almas mais piedosas, sobretudo na Toscana, onde há o costume de dar às coisas o seu nome próprio.

Para se exprimir usava perífrases muito naturais em sua boca, o que era muito para admirar, pois ignorava o mal e as diferentes faltas contra a pureza. Disse-me um dia: *«Há certas coisas que não compreendo. Quem sabe se já terei feito alguma coisa proibida? Parece-me que não».* E acrescenta: *«Não, eu não quero ofender a Jesus; antes morrer! Antes ser cega durante o resto da minha vida, que pecar contra a santa modéstia, mesmo venialmente! Antes ser privada de todos os sentidos do meu pobre corpo, que abusar deles!»*

Não sei o crédito que merece certa comunicação divina de que se julgou favorecida uma alma virtuosa do meu conhecimento. Encerra, porém, um tão belo elogio de Gema, e tão conforme à verdade, que não posso deixar de o consignar nesta biografia.

*«Esta querida filha que tanto amo e de quem sou tão amado, dizia Jesus, pede-me amor e pureza. E eu, que sou a mesma pureza e o amor verdadeiro, atendi o seu pedido tanto quanto uma criatura humana podia ser atendida. Sempre lhe guardei aquela pureza de coração que deve possuir uma esposa privilegiada do Espôso Divino, conservando-a no meu puro amor como lírio celeste».*



O mantelete que Santa Gema usou. A corda nodosa e as disciplinas com que a angelica penitente se macerava.



A candura d'este anjo transparecia admiravelmente em seu corpo, o qual apresentava certas qualidades muito raras. Dir-se-ia formado de puro cristal. Embora totalmente desprezado, brilhava como se fôsse objecto de muitos cuidados. Nunca exalou cheiro desagradável, mesmo durante as importunas doenças que por tanto tempo a prenderam ao leito.

Maravilhadas com este facto verdadeiramente extraordinário, muitas pessoas, para melhor se certificarem, permaneceram dia e noite, por várias vezes, junto do leito da enferma.

E, coisa ainda mais admirável! Embora Gema não usasse pomadas, nem perfumes, nem mesmo sabão, fora do caso de verdadeira necessidade, um odor muito agradável se exalava muitas vezes da sua pessoa e dos objectos tocados por ela. Como em nada se parecia com os aromas da terra, e inspirava devoção, ninguém pôs em dúvida a sua origem sobrenatural. «*Não sentis este perfume tão raro?*» diziam umas às outras as pessoas que a cercavam. *É a nossa querida Gema. Com certeza. Jesus! Maria, ou o seu Anjo se encontra junto dela neste momento.*

Este prodigio não é novo nos annaes da agiografia. Verificou-se em muitos santos, entre outros em S. Paulo da Cruz e sobretudo na virgem Santa Maria Madalena de Pazzi, cujo corpo, passados três séculos, emite ainda em certas ocasiões um aroma celeste.

Mas esse dom tão raro e tão angélico devia passar pelo crisol da tentação.

O demónio, cheio de raiva, tornou-se directa e pessoalmente o tentador da angélica virgem. O ataque não



era fácil. Por que lado assaltar tão inocente pomba que nem sequer o nome do vício asqueroso conhecia? Como insinuar grosseiras ilusões a um coração idealmente casto? O espirito do mal de-pressa compreendeu que perderia o trabalho, ou que Deus certamente inutilizaria os seus esforços. Por isso contentou-se com dirigir as suas criminosas tentativas contra os sentidos. Em primeiro lugar apresentou quadros impuros à imaginação da santa menina, depois appareceu-lhe em atitudes lascivas e fêz-lhe ouvir expressões escandalosamente indecentes. Emfim pôs em acção todos os artificios.

Embora Gema não atingisse o sentido de semelhantes palavras e gestos lúbricos, o instinto do pudor nela tão aperfeiçoado, fêz-lhe compreender a abominação de tais atitudes. Acautelou-se contra o inimigo e opôs-lhe uma enérgica resistência. Satanás redobrou de esforços, a-pesar-de serem evidentemente inúteis, para atormentar a casta menina, a quem a vista destas cenas impudicas desolava. Ouçamo-la contar as suas máguas ao director espiritual.

*«Que terríveis tentações são estas, meu Padre! Todas as tentações me desagradam, mas as que são contra a santa pureza fazem-me tanto mal... O que eu soffro só Jesus o sabe, Elle que me olha, permanecendo escondido, e que se compraz com as minhas lutas».*

Para não ver, tanto quanto lhe era possível, estas representações impuras, Gema fechava os olhos, e conservava-os fechados até desaparecer o tentador. Com o crucifixo na mão, chamava em seu auxilio o Anjo da Guarda, os seus Santos Protectores e sobretudo a Rainha das virgens.

Quando terminava o combate, voltando-lhe a tranquillidade à alma, exclamava toda contente: *«Dêmos graças a Deus, porque se passou o dia do melhor modo que Lhe aprouve».*

A corajosa atleta da pureza manejava outras armas defensivas de tempera muito diferente. Ouvira dizer que os santos, para reprimir as tentações da carne, usavam a disciplina, o cilício, e que algum dêles, para melhor apagar o fogo da concupiscência, se tinha mergulhado num tanque de água gelada.

Não distinguindo entre as tentações que comovem os sentidos e as que se deteem, por assim dizer, à sua porta, sem lhes perturbar a serenidade, Gema julgou ter necessidade dos mesmos remédios violentos e propôs-se imitar os santos com um ardor que teria certamente dilacerado o seu corpo virginal, se não fôsse a intervenção do director.

Muitas vezes até, tremendo só com a vista do perigo, deixava de pedir conselho ao director da sua alma e recorria à disciplina ou à corda nodosa, erigida de pregos, com que apertava fortemente a cintura. Quantas vezes caiu no chão, desfalecida e ensangüentada com as intoleráveis dores produzidas por essas grossas pontas que penetfavam na carne viva!

Os que, como eu, conseguiram ver neste lastimoso estado a generosa vítima da santa pureza comoveram-se até às lágrimas.

Num dia de inverno, depois do jantar, o demónio appareceu-lhe sob as formas habituais de cinica lubricidade e, espumando de raiva, declarava querer vencê-la a todo o custo.



A inocente virgem, assustada, levantou os olhos e as mãos ao céu, correu irreflectidamente para o jardim da casa onde se encontrava uma tina profunda de água gelada, aproximou-se dela, fêz o sinal da cruz e atirou-se resolutamente para dentro. Passado pouco tempo, entorpecida pelo frio, estava quasi a afogar-se quando mão invisível a retirou d'êste banho perigoso.

Foi assim que Gema se mostrou, na arena da penitência, rival dos grandes heróis do cristianismo.

Perante tais exemplos deviam còrar de vergonha tantos cristãos que, proclamando-se discípulos dum Deus crucificado, se mostram tão compassivos com o corpo, tão vagarosos em refrear os apetites desordenados.

Não esqueçamos que, segundo a palavra do divino Salvador, o reino dos céus e a perfeição da virtude não se adquirem sem penitência.



### Missão de vítima — Expiando pelos pecadores



**A**LÉM da cruz que, pela mortificação, pela abnegação e pela penitência, os discípulos de Cristo se impõem por suas próprias mãos e levam durante toda a vida, outra há que o Senhor prepara às almas privilegiadas. São as provas, é o sofrimento: *Quem me quiser seguir*, diz o Salvador, *deve tomar e levar a sua cruz*.

Todos os santos têm de levar uma e outra. Pelas penitências voluntárias e pela abnegação, cooperam na obra da sua santificação, que Deus aperfeiçoou no crisol da dor.

Tal é a filosofia do Evangelho: *per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei*; para entrar no reino de Deus é preciso passar pelo fogo de muitas tribulações; sem isso não há verdadeira santidade. A cada novo grau de perfeição corresponde um sofrimento novo, até que, chegada ao último grau que é a semelhança perfeita com Jesus, a alma possa exclaimar: *Eis-me cruci-*



ficada com o Salvador: já não sou eu que vivo, é Jesus que vive em mim».

Quanto mais elevada é a santidade a que Deus chama os seus eleitos, tanto maiores são os sofrimentos que lhes prepara. Gema, predestinada pelo Senhor a todos os regalos da união mística e a um eminente grau de virtude, devia tragar a amarga beberagem da dor, não gota a gota, mas a torrentes. Foi o que sucedeu.

Não voltaremos a falar das aflições pouco vulgares a que ela desde a infância foi submetida quasi sem interrupção. Essas primeiras provas não eram mais que o ensaio com que o Senhor a preparava para maiores imolações, que só sobre o calvário do seu leito de morte se deviam consumir.

Visto que o sofrimento, para ser meritório e atingir os fins da Providência, deve ser voluntário, Deus suscitou em seu coração, pelos meios mais ternos e eficazes, um grande desejo de sofrer. Algumas vezes mostrava-se com a cruz às costas e dizia: «Gema, queres a minha cruz? olha, é a dádiva que te preparou o meu amor.

Dai-ma, meu Jesus, respondia sem hesitar a fervorosa menina; mas dai-me também a coragem para que eu não desfaleça sob o seu peso.

Desagradar-te-ia, continuava Jesus, beber o meu cális até à última gota?

Realizai, Senhor, respondia Gema, os vossos santos designios».

Outra vez, appareceu-lhe o Senhor pregado na cruz, coberto de chagas, e escorrendo sangue. «Este espectáculo, dizia-me ela, encheu-me de imensa dor.

A lembrança do amor infinito de Jesus e dos tormentos suportados em sua Paixão para nos salvar aumentou a minha dor e desfaleci. Ao recuperar os sentidos, algumas horas depois, experimentei um grande desejo de sofrer alguma coisa por quem tanto tinha sofrido por mim».

Este desejo de-pressa se converteu numa verdadeira paixão, a que o seu coração não pôde resistir. «Quero sofrer, exclamava, quero sofrer com Jesus; não me faleis em mais nada. Quero ser semelhante a Jesus, sofrer sempre enquanto viver, e viver sempre para sempre sofrer».

No êxtase estes sentimentos vinham-lhe continuamente aos lábios. Os mesmos sentimentos tiveram todos os santos ao contemplar o Homem das dores. «Não, dizem elles com S. Bernardo, não é justo que, sob a direcção dum chefe coroado de espinhos, os súbditos vivam em delicias. Se Ele sofre, também estes devem sofrer. O contrario seria ingratição e monstruosidade».

Um dia, para mais avivar o fogo dos seus desejos, appareceu-lhe o Anjo da Guarda, tendo na mão duas coroas: uma de espinhos, outra de lírios, de maravilhosa brancura. Propôs-lhe a escolha. «Eu quero a coroa de Jesus, disse immediatamente Gema; dai-me a de Jesus, só essa me agrada».

O Anjo avançou com a coroa de espinhos, Gema tomou-a resolutamente, cobriu-a de beijos e apertando-a affectuosamente ao peito, exclamou: «Graças infinitas a Deus, viva Jesus! Vivam as dádivas de Jesus! Viva a cruz do Salvador!»



Os ensinamentos divinos tinham frutificado na alma da virgem de Luca. Faltava coroá-los com a clara compreensão do último e mais profundo segredo do mistério da dor: a comunicação dos méritos dos justos.

A missão do Redentor, que se realizou principalmente pela expiação, não terminou ainda. Os seus discípulos devem continuá-la, devem até completá-la, segundo a expressão de S. Paulo: *eu supro o que falta aos sofrimentos de Cristo*.

Mas a maior parte dos homens, longe de apaziguar por obras de penitência a cólera de Deus, provocam-na mais ainda com novas ofensas. Aos justos toca então expiá-las e consolar o coração de Deus, segundo está escrito: *O Senhor se consolará em seus servos*. Dêste modo ficam eles associados pela infinita bondade de Deus à missão expiadora de Jesus Cristo.

Para gravar profundamente esta grande verdade no espírito de Gema, disse-lhe Jesus num colóquio íntimo e claro.

*«Minha filha, tenho necessidade de vítimas, mas de vítimas fortes. Preciso de almas que expiem pelos pecadores e pelos ingratos com os seus sofrimentos e tribulações. Oh! se eu pudesse fazer compreender quanto o meu divino Pai está irritado contra o mundo impio!... Já nada contém a sua justiça, e um espantoso castigo está iminente sobre todo o universo».*

Estas palavras eram acompanhadas duma luz celeste que descobria à santa menina toda a sua significação, ao mesmo tempo que um incêndio de amor inflamava a sua alma. Cheia de entusiasmo ia repetindo em alta voz: *«Eu sou a vítima e Jesus o sacrificador. Sacrificai-me, ó*

*Jesus. Quero tudo o que quiser Jesus. Tudo o que Jesus me envia será para mim um presente».*

Depois, prostrada com a face por terra, fez a seguinte prece que submeteu à minha aprovação:

*«Eis-me a vossos pés santíssimos, ó doce Jesus, para Vos exprimir o meu reconhecimento pelos vossos grandes e continuos favores. Dou-vos graças, e se Vos aprouver peço mais outro favor: é esperar. Sim, Jesus, esperai. Sou vossa vítima, mas esperai. A minha vida está nas vossas mãos, mas esperai. Podeis descarregar sobre mim a vossa cólera, mas esperai se Vos aprouver. Que em tudo se cumpra a vossa santa vontade».*

Qual o motivo desta insistência em pedir uma demora? A humilde donzela temia a atenção que os fenómenos sobrenaturais costumam despertar sempre, e com receio de que muitos males misteriosos, difíceis de ocultar, estivessem prestes a ferir o seu corpo, suplicava ao Senhor que retardasse ao menos o lado visível da expiação anunciada, até entrar em um mosteiro que a ocultaria aos olhares do mundo.

A partir dêste dia, Gema ficou transformada. A lembrança da missão recebida do alto fez dela uma criatura nova. A sede do sofrimento consumia-lhe as entranhas. *«Sofrer, dizia, sofrer, mas sem nenhuma consolação, sem o menor alívio, sofrer só por amor».*

Para ela, amar e sofrer, ser amada e ser provada eram a mesma coisa. *«Estou muito contente, continuava, porque Jesus não cessa de me testemunhar o seu amor, isto é, não cessa de me mortificar mais do que nunca».*

Foi do próprio Salvador, que ela aprendeu esta sublime doutrina. Uma ocasião, em que pedia aumento



continuo de amor, ouviu as seguintes palavras: «Se me queres amar verdadeiramente, toma o meu cális por onde já bebi: podes esgotá-lo até à última gota?»

Gema respondeu: «Amável Senhor, os meus lábios estão tão prontos como o meu coração, saciai-me com esse cális, inebriai-me com esse absinto». Estas expressões não eram efeito passageiro dum fervor efêmero.

Quanto mais as tribulações se multiplicavam, mais a sede delas aumentava na vítima de Jesus. Oração, meditação, sucessos tristes ou alegres, tudo despertava as suas aspirações de sofrimento. E, não contente com os sofrimentos da ocasião, pedia de continuo ao Senhor que duplicasse a dose, que os variasse, numa palavra e segundo a sua própria expressão, que a saciasse.

«Num sábado à tarde, escrevia-me ela, fui fazer uma visita ao santo crucifixo (1). Senti nesse momento um grande desejo de sofrer, e de todo o meu coração pedi a Jesus que o satisfizesse. Desde essa tarde sofro uma dor violenta de cabeça, mas tão violenta que choro quasi continuamente com receio de não poder resistir».

A fervorosa menina temia perder as forças, mas nem por isso deixou de continuar corajosamente a pedir até à saciedade este pão das lágrimas, em que parecia saborear misteriosas delícias.

«Sim, escrevia ela, estou contente por fazer em tudo a vontade de Jesus; se me pedir o sacrificio da vida, fã-lo-ei imediatamente; se quiser outros sacrificios,

estou pronta. Só quero ser a sua vítima para expiar os meus inúmeros pecados e, se for possível, os pecados do mundo inteiro».

Certa ocasião, em que suportava havia muito tempo dores crudelissimas, pareceu-lhe ver S. Gabriel aproximar-se e oferecer-lhe a libertação dessas dores. «Não, respondeu, peço-vos que mas não tireis, ou ao menos deixai-me algumas para que não me encontre à noite com as mãos vazias, quando Jesus vier».

Para Gema um dia sem sofrimento era um dia perdido. Dizia-me, lamentando-se: «Dias há que à noite não tenho nada para oferecer a Jesus. Oh! como sou infeliz!»

Esta generosidade agradava imensamente ao Senhor, que a uma esposa segundo o seu coração não regateava provas de satisfação e ternura. Uma vez, entre outras, este Deus, que com tanta solicitude vela pelas suas criaturas, perguntou-lhe se tinha sofrido muito no decorrer duma longa tribulação que ainda durava: «Convosco, respondeu Gema, faz tanto bem sofrer!... E que custa esta prova, vindo Vós pessoalmente consolar-me?»

Jesus continuou: «Sabe que durante os teus sofrimentos estava sempre junto de ti, comprazendo-me com a tua coragem». Para a recompensar, permitiu-lhe que se aproximasse e beijasse as suas chagas. «Como, exclamou Gema, em sua profunda humildade, por tão pouco uma tão grande recompensa?»

Todavia, animada pela sua filial confiança, aproximou-se do Salvador, pôs-se de joelhos e, com o coração inflamado, beijou uma por uma as divinas chagas. Mas

(1) Era o da sala de jantar, ao qual já nos referimos.



quando se levantou para aplicar os lábios ardentes sobre a do Sagrado Lado, sentiu-se desfalecida de amor e caiu palpitante aos pés do seu doce Mestre.

A vítima de Jesus estava agora pronta para maiores imolações. A sede de sofrimento, excitada pelas provas precedentes, tornava-a capaz de suportar um oceano de amarguras. Os abandonos divinos, as vexações diabólicas, a participação em tôdas as dores da Paixão occuparam-lhe os últimos anos da vida, fazendo dela uma imagem viva de Jesus crucificado.

Vou dar uma simples idea do martirio moral que o aparente abandono de Deus fêz sofrer ao seu coração. Esta prova é das mais freqüentes no caminho da perfeição mística.

Depois de ter atraído a alma, durante maior ou menor espaço de tempo, com celestes doçuras, Deus começa a retirar-se pouco a pouco, esconde a sua face, não faz sentir a sua presença, suspende toda a comunicação sensível, deixa a alma só, como que abandonada num abismo de trevas, de dúvidas, de temores, de angústias, a ponto de ela se julgar quasi no inferno.

Para se comprehender nos santos o horror d'este estado, seria preciso ter entrevisto, como elles, os encantos infinitos da Eterna Beleza, da qual se julgam abandonados, e ter experimentando o imenso amor de que ella lhes abrasa o coração.

Mas quem nos poderá dar uma idea aproximada d'este conhecimento sobrenatural e d'este amor ardentissimo? Quem nos poderá dizer quanto era delicioso para

Gema esse Jesus a quem amava tão apaixonadamente? Quem nos poderá dizer quão suaves eram as alegrias que d'Ele recebia desde a mais tenra infância, e quão querida era a sua esperança de um dia se inebriar de felicidade nos seus divinos e eternos amplosos?

As almas vulgares são insensíveis ás provações de ordem sobrenatural. Absorvidas pelos bens mesquinhos d'este mundo, os únicos que lhes agradam e as satisfazem, não têm paladar para saborear os bens celestes, incompatíveis com os da terra. Gema, porém, estava morta para as criaturas. Fora de Jesus tudo para ella era aborrecimento e desgosto. Como poderia então viver sem Elle?

Ouçamos os seus gemidos: *«Procurô Jesus e não O encontro. Parece que se afastou e que já não me quere conhecer; para onde irei? Que há-de ser de mim? Pobre Jesus, ofendi-Vos muito. Mas haveis de permitir que Vos encontre de novo, não é verdade? Aplacai-Vos, aplacai-Vos e voltaí para mim, porque não posso resistir mais. Eu, longe de Vós? oh! não, não!»*

Para a consolar neste lancinante abandono, o Anjo da Guarda e algumas vezes até a Virgem Santissima appareciam-lhe, mas quasi não fazia caso, porque, faltando-lhe Jesus, faltava-lhe tudo.

Inconsolável com o desaparecimento do divino Mestre, como Madalena sobre o Calvário na manhã da Ressurreição, dizia ao Anjo da Guarda: *«Onde está Jesus?»* E a Maria Santissima: *«Dizei-me, ó Mãe, para onde foi Jesus?»* E ao seu director escrevia: *«Por ventura também vós não sabereis ensinar-me o meio de encontrar de novo a Jesus? Dizei-lhe que já não posso resistir mais».*



A santa menina procurava dissimular o melhor possível este martírio interior, mas sem o conseguir por completo. As pessoas mais íntimas viam-na muitas vezes, pálida e extenuada; não raro a surpreendiam no quarto, de joelhos, com os braços estendidos, os olhos cheios de lágrimas e levantados para o céu, o peito ofegante, soltando de vez em quando profundos suspiros: «Meu Deus! Não vêdes que dêste modo me vou consumindo? Longe de Vós eu morro. Lembrai-Vos que sou uma pobre órfã. Sois meu pai, não tenho mais ninguém, e Vós fugis-me?»

Este suplicio, continuado sem interrupção, teria infalivelmente dado a morte a este inflamado serafim, se no mais intenso da desolação, o Senhor não acudisse com solicitude de pai a consolar a sua filha, animando-a, com suaves exortações, a viver crucificada.

O leitor estimará certamente conhecer alguns desses ensinamentos divinos, tais como saíam da pena da piedosa donzela. São documentos duma sabedoria celestial, muito próprios para fazer bem a qualquer alma cristã.

«Minha filha, dizia o Senhor, lamentas-te por eu te deixar nas trevas, mas não esqueças que depois das trevas vem a luz e então te deleitarás numa admirável claridade. Faço-te passar por esta prova para minha maior glória, para alegria dos anjos, para teu próprio proveito, e também para exemplo dos outros. Se me amas verdadeiramente, debes amar-me mesmo nas trevas. Gosto de me entregar às almas afeiçoadas a exercícios do amor. É por isso que finjo abandonar-te.

Mas não te aflijas, não é um castigo, é uma inven-

ção da minha ternura para te desprender inteiramente das criaturas e te prender mais a mim.

Quando finjo repelir-te é para depois te aproximar mais de mim, e quando pareço estar longe, estou mais perto que nunca. Toma coragem: a luta sucede sempre a paz. Permanece fiel e amante. Se eu te deixar só, continua a ser paciente, sofre com resignação e serenidade.

Não imites essas almas que se prendem às consolações e aos gostos espirituais, e pouco se importam com a cruz. Quando chega a hora da aridez, abandonam pouco a pouco a oração, por não lhes proporcionar já as doçuras habituais».

Gema não era certamente dessas almas fracas. Punha em prática com raro fervor os ensinamentos do divino Mestre. Longe de afrouxar a sua marcha para Deus, ganhava novo ardor e procurava agradar-lhe tanto melhor, quanto mais se via aparentemente rejeitada. Com mais ardor do que nunca, ia, qual pomba ofegante, refugiar-se junto do Tabernáculo e nutrir-se com o pão da vida à mesa eucarística. Quando a meditação lhe era completamente impossível, perseverava na oração vocal.

Envolvida em espessas trevas que a não deixavam ver onde punha os pés, ia sempre para a frente, procurando do fundo do abismo, de profundis, segundo a sua expressão, encontrar a Jesus. Sofria sem se queixar e cumpria os seus deveres com a mesma actividade que tinha no tempo da consolação.

Só a graça de Deus pode produzir na alma tanta magnanimidade.



## Vexames diabólicos

**P**ARA purificar os seus escolhidos e fazer d'elles vítimas de expiação, serve-se o Senhor muitas vezes de Satanás que, com o seu ódio ao homem, é nas mãos de Deus o instrumento mais apto dos Seus designios. A Sagrada Escritura e sobretudo os annaes da agiografia oferecem-nos numerosos exemplos desta conduta da Providência Divina.

Quando o Senhor quis elevar S. Paulo da Cruz a um grau mais eminente de santidade, disse-lhe no íntimo da alma: *«Far-te-ei calcar aos pés pelos demónios»*. Gema ouviu também um dia palavras semelhantes: *«Prepara-te, minha filha: por ordem minha o demónio vai declarar-te guerra e, desta forma, dar a última demão à obra que realizei em ti»*.

Podemos afirmar que esta guerra foi geral, isto é, dirigida contra tôdas e cada uma das virtudes e práticas, por meio das quais a santa jovem se esforçava em caminhar para Deus. Tôdas desagradavam ao anjo do mal.



que as atacou com ódio feroz. Dir-se-ia que, no exercício do seu tenebroso império, não tinha outra preocupação que não fôsse perseguir esta pobre menina e inventar meios de a assaltar com tentações.

A oração é o alimento vital da santidade, o caminho luminoso que conduz ao Soberano Bem. Desde há muito que a nossa santa amava e praticava com todo o ardor da sua alma o trato íntimo com Deus. E devia-lhe bens inapreciáveis.

Mas, o que não fez satanás para afastá-la da oração! Nada podendo conseguir com as suas inspirações perversas, provocava-lhe violentas dores de cabeça que teriam levado uma alma menos enérgica a um repouso indolente com grave prejuízo da oração. Recorria ainda a mil outros meios para a desviar d'este exercício divino.

«Oh! dizia-me ela, que tormento para mim o não poder orar! Que indigna eu sofro! E que esforços faz esse velhaco (assim chamava ao demónio) para me tornar a oração impossivel! Ontem à noite queria matar-me, e tê-lo-ia feito se não fôsse a rápida intervenção de Jesus. Eu estava desfalecida, tinha bem gravado na minha alma o nome de Jesus, mas não me era possível proferi-lo com a lingua».

Algumas vezes o infernal inimigo tentava triunfar de um só impeto por meio de sugestões ímpias. «Que fazes tu? lhe dizia. És louca em rezar a um malfetor. Vê como elle te atormenta e te conserva consigo sobre a cruz. Porventura podes amar quem não conheces e quem trata tão duramente os seus melhores amigos?»

Estas blasfêmias não eram mais que poeira lançada

ao vento, mas affligiam profundamente a alma terna e amante, obrigada a ouvir assim ultrajar o seu adorável Jesus.

No meio de tantos sofrimentos, a pobre meniná procurava algum conforto no director da sua alma, apresentava-lhe as suas dificuldades, implorava conselho e direcção.

Este humilde e filial recurso não agradava ao espirito das trevas, que via assim diminuir as suas já tão pequenas probabilidades de êxito. Usou de mil artificios para isolar na luta a corajosa donzela, afastando-a do director espiritual. Pintou-lho com as mais desfavoráveis côres: como ignorante, um fanático, um iluso. «Nos últimos dias, escrevia-me ella, o malfarrico fez-mas boas. Este monstro queria privar-me do meu guia e conselheiro para me perder; não tenho, porém, receio de que o consiga».

Parece que esta confiança em Deus deveria desarmar Satanás, mas não foi assim. Perante a inutilidade das suas insinuações pífidas, recorreu à violência física. Logo que Gema tomava a pena para me escrever, tirava-lhe das mãos o papel e rasgava-o. Algumas vezes, agarrando-a pelos cabelos, arrancava-a de junto da mesa com tal raiva que nas mãos brutais lhe ficavam madeixas inteiras; e ao mesmo tempo uivava com voz furiosa: «Guerra, guerra a teu pai espiritual, guerra enquanto elle estiver no mundo!»

Seja-me licito dizer, aqui só entre nós, que nunca passou das palavras. «Acreditai-me, Padre, dizia ella, ao ouvi-lo, vê-se que este velhaco odeia muito mais a vós do que a mim».



O demónio levou a audácia até ao ponto de se disfarçar no confessor ordinário de Gema.

Um dia acabava a Santa de entrar na igreja e esperava pelo sacerdote para se confessar. Mas qual não foi o seu espanto ao vê-lo já no seu pòsto, sem saber por onde é que ele tinha entrado! Sentiu uma grande perturbação interior, que nela era indício infalível da presença do espírito maligno. Entretanto aproximou-se e começou a confissão. A voz que ouvia era realmente a do confessor ordinário, mas as palavras eram escandalosamente indecentes e acompanhadas de actos deshonestos. «*Meu Deus*, exclamou Gema, *que é isto e onde estou eu?*»

A casta donzela, tremendo dos pés à cabeça, permaneceu por um momento estonteada. Depois sossegou, levantou-se, saiu do confessionário e verificou então que o pretendido confessor tinha desaparecido, sem que nenhuma das pessoas presentes o visse ir.

Não havia dúvida, o demónio procurava com este artifício grosseiro surpreender a santa menina, ou, pelo menos, tirar-lhe tóda a confiança no ministro de Deus.

Tendo falhado este golpe, tentou outro. Apareceu sob a forma de um belo anjo, resplandecente de luz e cheio de solicitude pela felicidade de Gema. Como outrora com Eva no paraíso terreal, empregou a mais subtil astúcia para conseguir enganá-la. «*Olha para mim*, dizia ele, *posso tornar-te feliz; jura sòmente que me obedecerás*».

Gema, que desta vez não tinha sentido a perturbação reveladora da presença do demónio, ouvia tranquilamente. Mas, às primeiras propostas criminosas do espírito perverso, os olhos abriram-se-lhe e pôs-se na

defensiva. «*Meu Deus, Maria Imaculada*, exclamou logo, *vinde em meu auxílio!*» Depois, avançando resolutamente para o anjo disfarçado, cuspiu-lhe na cara.

Desapareceu imediatamente sob a forma duma grande chama vermelha, deixando no soalho do quarto um montão de cinza.

Algum tempo depois, novo assalto. «*Ouvi, Padre*, escrevia-me Gema, *ontem entrava eu em casa, depois de me ter confessado. Aproveitando o momento de solidão, pus-me de joelhos a recitar a coroa das cinco chagas. Ao chegar à quarta chaga, vi diante de mim uma pessoa muito parecida com Jesus. Estava flagelado de há pouco e do seu coração aberto corria sangue em abundância. Disse-me:*

«*É assim, minha filha, que me correspondeste? Considera o estado em que me encontro. Vês como sofro por ti? E não podes continuar a consolar-me com essas penitências?* (1) *E no entanto era bem pouca coisa; podias muito bem retomá-las*».

«*Não, não, respondi, quero obedecer; e desobedeceria se vos atendesse*».

«*Mas emfim, continuou ele, não foi o confessor que tas proibiu, foi esse...* (2) *Ora tu de nenhum modo estás obrigada a obedecer-lhe*».

*E acrescentou muitas mais coisas.*

*Nestes perniciosos conselhos reconheci Satanás, e*

(1) Estas penitências acabavam de lhe ser proibidas.

(2) O demónio queria designar o director espiritual, o Padre Germano.



estava para tomar a disciplina; como das outras vezes em iguais circunstâncias, quando me senti diferentemente inspirada. Levantei-me, lancei-lhe água benta e desapareceu. Recuperei então a paz, não sem ter recebido algumas pancadas com que a besta vil me gratifica de tempos a tempos».

Não podendo obter outra coisa, procurava assim o espírito do mal levar Gema, contra a proibição do director espiritual, a penitências prejudiciais à saúde.

Para a proteger contra visões maléficas, ordenei-lhe que a cada aparição sobrenatural exclamasse: *Viva Jesus!* O Senhor, sem eu o saber, tinha-lhe dado um conselho quasi igual. Gema devia dizer: *Benditos sejam Jesus e Maria!* A dócil menina, para obedecer a ambos, juntava as duas exclamações.

Os bons anjos respondiam repetindo sempre estas invocações, mas os maus ou não respondiam ou se limitavam às primeiras palavras: *Viva, benditos*. Por este sinal eram reconhecidos, e Gema escarnecia deles.

Com a esperança de lhe inspirar orgulho, o demónio mostrava-lhe algumas vezes em sonhos, ou mesmo estando acordada, uma procissão de pessoas vestidas de branco que se aproximavam piedosamente do seu leito para a venerar. Descobria-lhe também que as cartas para seu pai espiritual eram religiosamente conservadas para servirem um dia à sua glorificação, etc., etc. Vãs tentações! a serva de Deus era suficientemente humilde para não se deixar, como Eva, levar pela sedução da vaidade.

Supondo abalar talvez a sua grande confiança em Deus, o maldito aproveitava as ocasiões tão frequentes de abandono e de cruel aridez espiritual para aumentar

em sua alma o horroroso temor da condenação eterna. «Não vês, lhe dizia elle, que Jesus não te escuta, que já te não quiere conhecer? para que te cansas a correr para elle? Só te resta resignar-te com a tua desgraçada sorte».

Para os santos foi sempre essa tentação a mais angustiosa. Gema sentia-lhe toda a violência; mas habituada a recorrer ao seu Deus, a-pesar-de tudo e em todas as circunstâncias, com a mais viva fé, como uma criança recorre a seu pai, depressa recuperava a serenidade. Por isso podia ela dizer-me: «Este celerado cansa-se; queria... Mas Jesus com suas palavras inspirou-me tal tranquillidade que todos os esforços diabólicos não puderam tirar-me a confiança por um só momento».

O anjo da soberba, furioso de ver que toda a sua astúcia se malograva diante duma humilde donzela, num acto de desespero tirou definitivamente a máscara, passando a actos de violência. Aparecia-lhe sob as formas horribéis dum monstro ameaçador, dum homem feroz, dum cão raivoso.

Depois de assim ter procurado aterrorizá-la, precipitava-se sobre ella, batia-lhe, rasgava-lhe a pele, atirava-a dum lado para outro no quarto, como se fôra uma rodilha; arrastava-a pelos cabelos e martirizava de todas as maneiras os seus membros inocentes. E não julgamos que tudo isto se limitava a impressões puramente imaginárias, porque os efeitos sobre o corpo da vítima persistiam por muito tempo: cabelos arrancados, carnes lívidas, ossos quasi esmagados, dores atrozes.

Algumas vezes ouvia-se o barulho das pancadas, via-se o leito mudar de sitio e elevar-se da terra para



cair bruscamente no chão. Estes vexames duravam sem interrupção horas inteiras e algumas vezes toda a noite.

Sobre este assunto dêmos a palavra a Gema. A simplicidade do seu estilo e a ingênua sinceridade da sua alma dispensam-nos de comentários. *«Hoje, que me julgava livre desta besta vil, fui muito molestada por ela, lá para me deitar, esperando poder dormir; não sucedeu, porém, assim. A princípio recebi uma pancada das mais terríveis, da qual julguei morrer.*

*O malvado tinha a figura dum grande cão negro, e punha-me as patas sobre os ombros. Tratou-me de tal modo, que em dado momento supus ter os ossos quebrados.*

*Pouco depois, como eu tomasse água benta, torceu-me o braço com extrema violência e caí com a dor. Os ossos estavam completamente deslocados. Jesus, porém, veio repô-los no seu lugar, tocando-os, e tudo ficou remediado».*

*Em outra carta escrevia: «Também ontem o demônio me afligiu. Minha tia mandou-me encher os jarros do quarto. Ao passar com os jarros na mão, diante da imagem do Coração de Jesus, dirigi-lhe com amor uma prece fervorosa; imediatamente senti darem-me sobre os ombros uma bastonada tão forte que caí por terra, sem nada quebrar. Ainda hoje me sinto muito mal e o menor trabalho me causa dores».*

*A santa menina escrevia-me ainda noutra ocasião: «Acabo de passar, como de costume, uma noite má. O demônio apresentou-se diante de mim em figura de um imenso gigante e bateu-me durante toda a noite,*

*dizendo: «para ti já não há esperança de salvação, estás em meu poder».*

*Respondi que nada temia porque Deus é misericordioso. Então, espumando de raiva, deu-me uma grande pancada na cabeça e desapareceu gritando: «maldita sejas».*

*Fui para o quarto repousar um pouco, mas lá o tornei a encontrar. Começou de novo a bater-me com uma corda toda em nós. Batia-me por eu me opor a fazer o mal que me sugeria. «Não», lhe dizia eu; e elle redobrava as pancadas, batendo-me violentamente com a cabeça no chão.*

*De-repente tive a lembrança de implorar o auxílio do Divino Pai de Jesus e exclamei: «Padre Eterno, livrai-me pelo sangue preciosíssimo de Jesus».*

*Imediatamente o velhaco me deu uma pancada formidável, atirou-me da cama abaixo dando tão violentamente com a cabeça no chão que perdi os sentidos com a dor. Só muito tempo depois os recuperei. Dêmos graças a Jesus».*

Estas cenas repetiam-se com muita freqüência e, em certas épocas, repetiam-se todos os dias. A pobre paciente estava quasi habituada a elas. Exceptuando as torturas corporais, podemos dizer que a vista do monstro infernal já não a atemorizava. Olhava-o com a mesma serenidade com que a pomba olha para um animal imundo.

Gema entretinha-se algumas vezes a responder-lhe e a humilhá-lo, quando não estava proibida de o fazer. E quando à invocação do Santíssimo nome de Jesus, a hedionda besta se rolava por terra para logo fugir a toda



a pressa, a ingênua menina acompanhava-a com zombarias e francas gargalhadas.

«Se vísseis, Padre, como elle fugia e tropeçava em sua fuga raivosa, ter-vos-íeis rido comigo».

Assistia eu numa ocasião à piedosa menina, gravemente doente e em perigo de vida. Sentado a um canto do quarto rezava tranqüilamente o breviário, quando um enorme gato muito preto e de aspecto terrificante me saltou impetuosamente para os pés. Deu uma volta à roda do quarto, saltou para o leito da doente e collocou-se muito perto do seu rosto, fixando nela um olhar feroz.

O sangue gelou-se-me nas veias. Gema, porém, permanecia muito serena, «Então! que há de novo?» lhe perguntei eu, occultando o melhor possível a minha atrapalhão.

«Não tenhais medo, Padre, é esse velhaco do demónio que quer molestar-me; mas não temais: a vós não fará mal nenhum».

A tremer aproximei-me do leito, tomei água benta e aspergi-o. A visão desapareceu immediatamente, sem ter conseguido alterar por um só momento a paz profunda da doente.

Uma só coisa aterrava verdadeiramente a Gema: era o receio de ceder às sugestões do inimigo e de ofender a Deus. Embora no passado nunca tivesse caído, o perigo parecia-lhe sempre iminente e conservava-a aterrorizada.

Não esquecia nenhum meio de defesa: cruz, reliquias dos santos, escapulários, exorcismos, e, acima de tudo, recurso filial a Deus, a Maria Santíssima, ao Anjo da Guarda e ao director da sua alma. Escrevia-me:

«Vinde de pressa, Padre, ou ao menos dai fazei exorcismos, porque o demónio persegue-me de todos os modos; ajudai-me a salvar a alma, tenho medo de estar já nas mãos de Satanás. Ah! se soubésseis como sofro! Como elle estava contente esta noite! Agarrou-me pelos cabelos e puxava por elles dizendo: «desobediência! desobediência! Quero acabar desta vez; vem, vem comigo». Queria levar-me para o inferno. Atormentou-me durante mais de quatro horas. Foi assim que se passou a noite. Tenho receio de algum dia lhe dar ouvidos e de vir assim a desagradar a Jesus».

Nalgumas raríssimas ocasiões permitiu o Senhor que o demónio se apoderasse da santa menina, ligando as potências da sua alma e perturbando-lhe a tal ponto a imaginação que se poderia julgar possessa.

Causava dó vê-la em tão miserável situação. Ela mesma sentia um tal horror a esse estado, que só com lembrar-se d'ele, empalidecia e começava a tremer. «Ó meu Deus, dizia ella, estive no inferno sem Jesus, sem a divina Mãe, sem o meu Anjo! Se sai de lá sem pecado, só a Vós o devo, ó Jesus. A-pesar-de tudo, estou contente, porque sofrendo assim e sofrendo sempre, faço a vossa santíssima vontade».

Se estes assaltos do demónio se tivessem repetido mais vastas vezes ou tivessem sido de mais longa duração, a vida da pobre paciente, a-pesar-de muito resignada, não teria certamente resistido.

A estas tribulações juntavam-se as dores de cruéis doenças, provocadas, como temos fortes razões de crer, pelo próprio espirito infernal.

E se reflectirmos que Gema estava ao mesmo tempo



miraculosamente associada a todos os tormentos sofridos pelo divino Redentor na sua Paixão, teremos uma pálida idea da grandeza do martírio desta virgenzinha heróica, que se tinha oferecido como vítima ao Senhor.

Todavia declarava-se feliz no meio d'este mar de sofrimentos fisicos e morais, feliz por se parecer assim com o Homem das dores, por se elevar sempre mais nas puras regiões do amor divino e expiar pela sua parte os pecados do mundo.



## C A P Í T U L O X X I

Encantadora convivência com o seu bom Anjo



Um dos dogmas mais consoladores da nossa fé é o dos anjos custódios.

Depois do pecado original, o homem enfraquecido e miserável, tinha necessidade de auxilio e de conselho para seguir o caminho do bem e atingir o fim para que foi criado.

Em sua misericórdia infinita e paternal ternura, o Senhor veio em auxilio dos pobres filhos de Eva que Ele queria salvar, colocando-os sob a protecção dos anjos, ministros da sua cõrte celeste.

Cada um de nós é assistido por um d'esses puros espiritos, que chamamos com razão o *nosso bom Anjo*. Toma-nos pela mão, logo que entramos na vida, para não mais nos deixar durante a nossa peregrinação pelo mundo. «Eis, diz o Senhor, que eu envio o meu anjo para ir diante de ti, para te proteger no caminho e introduzir no lugar que te preparei».

Se Deus provê com solicitude as necessidades de



tôdas as suas criaturas, particular cuidado tem com as almas eleitas que, Ele mesmo diz, — *lhe são tão queridas como as pupilas dos seus olhos; e entre os escolhidos tem Ele ainda as suas preferências.* Dai os diferentes graus de importância que apresenta a missão misericordiosa dos anjos custódios.

Estando Gema predestinada a um grau muito elevado de glória na bem-aventurança, era natural e conforme à Sabedoria divina que o Anjo escolhido para seu guarda tivesse com ela um cuidado muito especial. A graça que já se manifestava nesta alma ditosa por fenómenos tão prodigiosos, ia aumentar dum modo não menos prodigioso com a assistência do seu bom Anjo.

Quem não conhecesse pelos sagrados livros a patética história de Tobias, e, pela agiografia cristã, a sua freqüente repetição na vida dos santos canonizados, seria tentado talvez a supor exagerados os pormenores maravilhosos que vou referir.

Mas o Senhor prodigaliza todos os dias a seus filhos bens preciosíssimos sem que ninguém se lembre de *lhe* dizer: porque Vos mostrais tão bom? Gema estava admiravelmente preparada, pelas mais belas virtudes para os favores do seu bom Anjo: inocência, pureza, candura, simplicidade infantil, e, acima de tudo, fê muito viva que *lhe* deixava ver quasi a descoberto os mistérios da eternidade.

Tal era a dotação sobrenatural que devia atrair as simpatias do seu guarda angélico. Com certeza o espirito celeste devia encontrar na sua feliz protegida alguma semelhança com a natureza angélica que *lhe* permitia,

sem se rebaixar muito, manter com ela uma inesfável familiaridade.

O mais maravilhoso nesta suave assistência era a presença sensível e quasi continua do Anjo da Guarda.

Gema via-o com os olhos do corpo, tocava-o com as mãos, como se fôsse de carne e osso, conversava com *êle* como com um amigo. Escrevia-me o seguinte: «*Há seis dias que não vejo a Jesus. Ele porém não me deixou completamente só: o Anjo da Guarda conserva-se sempre visível junto de mim.*»

Com que fervor dava graças a Deus por este beneficio, e testemunhava ao espirito protector o seu reconhecimento!

«*Se alguma vez fôr má, anjo querido, lhe dizia ela, não te zangues. Quero mostrar-te a minha gratidão.*»

«*Sim, respondia o celeste guarda, serei teu guia e teu companheiro inseparável. Não sabes quem te confiou à minha guarda? Foi o misericordioso Jesus.*»

A estas palavras a santa menina, não podendo conter os sentimentos da sua alma, perdia os sentidos e entrava em êxtase na companhia do seu Anjo.

O que se passava então, *ela mesma* o conta por estas simples palavras: «*Permanecíamos ambos com Jesus. Oh! se estivésseis connosco, Padre.*»

Permanecer com Jesus era mergulhar-se no oceano imenso da divindade, para aí aprender e contemplar inesfáveis mistérios.

De ordinário Gema e o Anjo da Guarda passavam os seus colóquios a orar juntamente ou a louvar o Altissimo. Os anjos, segundo um santo doutor, comprazem-se



em assistir às almas em oração. «Quando oravas com lágrimas... disse o Arcanjo Rafael a Tobias, o ancião, eu apresentava ao Senhor as tuas orações».

Que objecto de complacência não seria para o seu Anjo da Guarda esta admirável menina, cujo coração, como a lâmpada do Santuário, velava sempre diante do seu Deus com extraordinária vivacidade de fé.

Gostava de lhe aparecer, umas vezes ajoelhado a seu lado, outras elevado da terra, com as asas abertas e as mãos estendidas sobre ela, ou juntas na atitude de orar.

Recitavam alternadamente as orações vocais e os salmos, e, se diziam jaculatórias, «era, segundo as próprias palavras de Gema, quem com mais força exclamava: *Viva Jesus! Bendito seja Jesus!* e outras affectuosas aspirações».

Nas horas de meditação o Anjo infundia-lhe no espírito luzes altíssimas, dava ao seu coração suaves e fortes impulsos para que o santo exercício fôsse perfeito, e, como a Paixão do Salvador era quasi sempre o assunto da meditação, descobria-lhe os seus profundos mistérios: «Considera, dizia elle, quanto Jesus sofreu pelo homem, considera uma por uma estas chagas. Foi o amor que as abriu todas. Vê quão horrivel é o peccado, cuja expiação custou tanta dor e tanto amor».

Estes belissimos pensamentos iam ferir o coração da donzela como outros tantos raios de luz e de fogo.

Tendo assistido pessoalmente muitas vezes às orações e às meditações de Gema e do seu Anjo da Guarda, pude convencer-me, só pelas minhas observações exteriores, da realidade de todos os pormenores que, depois

do exercício, ela me dava nas suas comunicações de consciência.

Notei igualmente que todas as vezes que ela levantava os olhos para o Anjo a fim de o ouvir ou de lhe falar, mesmo tora da oração, perdia o uso dos sentidos.

Nesses momentos podiam picá-la, queimá-la, sem que a sensibilidade reagisse. Mas vinha a si, logo que afastava os olhos do Anjo ou cessava o colóquio.

Este fenómeno renovava-se infalivelmente em cada uma das suas comunicações celestes, por mais próximas que fôsem umas das outras. Sempre e por toda a parte, no meio das occupaões, no caminho, mesmo à mesa, o Anjo estava à disposição de Gema e Gema à disposição do Anjo.

Nenhum sinal externo manifestava os seus santos colóquios, excepto a absoluta immobildade da vidente e o brilho sobrehumano do seu olhar. Bastava tocá-la para que a sua insensibilidade nos convencesse que estava arrebatada fora dos sentidos e em relações com o sobrenatural. Nestes colóquios transluzia muitas vezes a maior simplicidade; e a familiaridade do Anjo só tinha igual na do Arcanjo Rafael com o jovem Tobias.

«Dize-me, meu Anjo, interrogava a donzela, o que tinha esta manhã o meu confessor para ser tão severo e recusar ouvir-me?

E o Padre responderá de Roma à carta urgente em que lhe peço uma regra de conduta sobre tal ponto?

Dize-me, querido Anjo, quando é que Jesus me converterá este peccador por quem me interesso? Que devo eu responder a tal pessoa que me pede conselho?



*E que pensais vós de mim? Jesus está contente? Como poderei agradar-Lhe?*

O Anjo, acomodando-se com uma encantadora condescendência a esta ingenuidade algum tanto importuna, respondia a tudo. E os acontecimentos não tardavam a mostrar a origem sobrenatural das respostas.

Seria preciso um volume para referir estas diversas comunicações, mas talvez me fôsse preciso outro para defender a sua realidade, tão extraordinárias parecem elas muitas vezes e tão difíceis de aceitar pelo racionalismo contemporâneo.

Pode dizer-se, dum modo geral, que o Anjo da Guarda era para Gema um segundo Jesus. Ela expunha-lhe as suas necessidades e as dos outros, queria-o incessantemente junto de si durante os seus temores e sobretudo durante as lutas contra o infernal inimigo: confiava-lhe diversas mensagens para Deus, para a Virgem Santíssima, para os Santos seus advogados, dava-lhe até cartas fechadas e lacradas com destino a um ou outro destes advogados, pedindo-lhe que a seu tempo trouxesse a resposta, e a maravilha é que as cartas eram levadas realmente por um ser invisível.

Depois de ter tomado tôdas as precauções para me certificar da intervenção duma causa sobrenatural no desaparecimento dessas cartas, convenci-me de que neste ponto, como em outros não menos prodigiosos, o céu, queria, por assim dizer, brincar com uma menina, cuja simplicidade lhe era tão querida (1).

(1) A extraordinária humildade do P.<sup>o</sup> Germano levou-o mais de uma vez a ser omissor na composição desta biografia. Factos

Muitas vezes encarregava o Anjo da Guarda dum negócio particular junto de alguma pessoa deste mundo, e qual não era o seu espanto quando não via chegar a resposta! «E não obstante, escrevia ela, há já tantos dias que vo-lo mandei dizer pelo Anjo: como não fizestes caso? Ao menos podíeis mandar-me dizer por elle que não era vossa intenção ocupar-vos deste negócio. Em todo o caso não vos zangueis se de novo insisto por meio desta carta».

Dêste modo o mensageiro celeste encontrava-se constantemente às ordens desta virgenzinha de inefável candura. Prestava-se de bom grado a todos os seus desejos, acudia, mesmo sem ser invocado, ao menor perigo, à menor necessidade; refreava a audácia do demónio, sem-

---

de que pode redundar alguma glória para elle, são implacavelmente suprimidos pela sua pena.

Já vimos atrás como elle mutilou a transcrição duma carta da Santa, a fim de occultar o modo como Deus visivelmente o escolheu para dirigir a alma da sua biografada.

Nas entrevistas da nossa Santa com o Salvador, com a Mãe Celeste e com o Anjo da Guarda, faziam-se com frequência elogiosas referências a este virtuoso sacerdote. Essas alusões não apparecem nesta biografia.

Agora diz-nos o Autor como ella tinha a seu serviço o Anjo da Guarda para levar cartas a Jesus, à Virgem Santíssima e a alguns Santos, seus advogados. Mas o que elle não diz é que a maioria dessas cartas, confiadas ao Anjo, eram dirigidas a elle, P.<sup>o</sup> Germano, que as recebia com toda a pontualidade, e às vezes até fora de horas, por exemplo, à meia-noite. — Cf. P. Basilio de San Pablo, *La Bienaventurada Gema Galgani* (Barcelona, 1936), pág. 131. (Nota do Revisor).



pre pronto a maltratar a sua protegida, e algumas vezes lutava para lha tirar das mãos brutais.

Eis alguns factos relativos a esta assistência:

Uma vez, estando à mesa ainda em casa de seus pais, uma das pessoas presentes, deixando-se levar pelos maus costumes da época, proferiu uma blasfêmia contra o adorável nome de Deus. Logo que Gema a ouviu, perdeu os sentidos com a dor; e ia já a cair. Antes que desse com a cabeça no chão, o Anjo veio ampará-la na cadeira e com uma só palavra dita ao coração fez-lhe retomar imediatamente os sentidos.

Outra vez, de tal modo ficara absorta na meditação, que começava já a anoitecer, e ela ainda na igreja. O Anjo advertiu-a e acompanhou-a sob uma forma visível, até à porta da casa.

Um dia o demónio tinha-a espancado tão cruelmente na oração da noite que a pobre menina ficou impossibilitada de se mover. O Anjo da Guarda ofereceu-lhe o seu auxilio, ajudou-a a subir para o leito e ficou de guarda à cabeceira.

O Anjo avisava-a em muitas circunstâncias em que a sua vida podia correr perigo e indicava-lhe as precauções que devia tomar.

Sem a intervenção do seu Anjo, por mais duma vez teria sido vítima de algum acidente, tão pouco era o cuidado que ela tinha de si. Um dia disse-lhe elle em tom de amável censura: «Pobre pequena, como és descuidada; tenho eu de velar continuamente por ti».

Mas a missão dos anjos custódios tem como objecto principal os interesses espirituais das almas. Eles devem ser, segundo os desígnios da Providência, guias de san-

tificação que nos conduzam pelos caminhos difíceis da virtude.

O Anjo de Gema não perdia uma ocasião de a repreender, de a aconselhar e até de a instruir por ensinamentos cheios de sabedoria celeste, que a menina em parte consignou nas relações enviadas ao director espiritual.

Uma vez, para que não se perdesse uma sílaba, o Anjo fez-lhe escrever alguns dos ensinamentos que elle ia ditando. Por sua ordem, Gema sentou-se à mesa, tomou a pena e o papel, enquanto elle, de pé a seu lado, como um professor junto do aluno, começava:

*«Lembra-te que quem ama verdadeiramente a Jesus fala pouco e sofre tudo. Ordeno-te da parte de Jesus, que nunca digas a tua opinião, se não te fôr pedida, que nunca sustentas o teu modo de sentir, mas que cedas de pressa. Quando cometeres qualquer falta, acusa-te imediatamente sem ser preciso que os outros te avisem. Obediência pontual e sem réplica ao teu confessor, sinceridade com elle e com os outros, não te esqueças de guardar a vista, lembrando-te que os olhos mortificados contemplarão as belezas do céu».*

O santo Anjo sabia usar de rigor com a sua discipula: não lhe deixava passar uma imperfeição e corrigia-a sem piedade a ponto de ela me dizer: «O meu Anjo é um pouco severo, mas sinto-me bem com isso. Nos últimos dias chegou a repreender-me três e quatro vezes por dia».

Parece até que o vigilante guarda saiu um dia dos justos limites: *Ontem, escrevia Gema, durante a refeição levantei os olhos e vi o Anjo lançar-me olhares severos;*



não falava. Mais tarde, quando fui repousar, olhei outra vez para elle, mas depressa baixei a vista; meu Deus, como estava irritado!

«Não tens vergonha, me disse elle, de cometer faltas na minha presença?»

Lançava-me alguns olhares tão severos... eu não fazia senão chorar. Supliquei a Deus e à minha celeste Mãe que o tirasse de diante de mim, pois não podia resistir mais.

De quando em quando repetia: «envergonho-me de ti».

Rezei para que ninguém o visse neste estado, pois quem o visse assim, de-certo nunca mais se aproximaria de mim (1). Sofri o dia inteiro, não pude recolher-me um só momento; o seu aspecto permanecia tão severo que eu não tinha coragem para lhe falar. Ontem de noite não consegui adormecer até que, finalmente, pelas duas horas da manhã, o vi aproximar-se; pôs-me a mão sobre a fronte dizendo: «dorme, mãe». E não o vi mais.

Não se pode imaginar o fruto que d'este magistério angélico tirava a santa menina, sempre sedenta de virtude e de santidade.

Atenta à menor palavra do Anjo, para lhe agradar, cumpria de todo o coração as penitências que elle muitas vezes lhe impunha. «Repugnava-me muito, dizia-me ella, andar a dizer ao meu confessor certas coisas, como o Anjo por penitência me ordenava; todavia obedeci e.

(1) É um encanto de ingenuidade esta frase. A santa menina julgava que todos viam o mesmo que ella. Não foi a única vez que lhe escaparam semelhantes ingenuidades. (Nota do Revisor).

logo de manhã, violentando-me corri a dizer-lhas. Depois desta vitória sobre mim mesma, o Anjo, muito contente, tornou-se bom para mim».

Por isso amava Gema este guarda tão dedicado pelo bem da sua alma. Tinha constantemente o seu nome nos lábios e no coração. «Querido Anjo, dizia ella, quanto vos amo!» «E por quê?» pergunta elle. — «Porque me ensinais a ser boa e a conservar-me na humildade».

Não admira que este vivo affecto, em alma tão simples e ingênua, desse origem a uma familiaridade que pode parecer excessiva. Ao ouvir as conversas de Gema com o seu querido Anjo, ao ouvi-la algumas vezes discutir vivamente para o trazer à sua opinião, dir-se-lhe que o tratava como de igual para igual.

Eu mesmo a principio fiquei admirado. Adverti-a que era mau o seu proceder, e disse-lhe que era orgulhosa, por levar a familiaridade a ponto de tratar por tu a um espirito puro, em vez de tremer diante d'elle. Para a experimentar, proibi-lhe que ultrapassasse certos limites.

A santa donzela baixou a cabeça e respondeu com toda a humildade: «Tendes muita razão, Padre: hei-de corrigir-me. Daqui por diante tratarei sempre o Anjo por vós; e quando me fôr dado vê-lo, testemunhar-lhe-ei grande reverência, conservando-me à devida distância».

Na primeira visita deu Gema a conhecer ao seu bom Anjo a norma de conduta que eu lhe tracei: «Tende paciência, querido Anjo, o meu director não está contente, preciso de mudar de procedimento». E absteve-se de ultrapassar o limite marcado, enquanto eu não levantei a proibição.

Pela força do hábito acontecia-lhe muitas vezes



enganar-se misturando o tu com o vós, mas corrigia-se, mesmo durante os êxtases.

Algumas vezes o Anjo não vinha só, mas com outros espíritos celestes para fazerem alegre companhia à sua angelica irmãzinha.

Logo que disso tive conhecimento, mostrei estar muito descontente e escrevi a Gema dizendo, sempre para pôr à prova a sua virtude, que era tempo de acabar.

Gema respondeu: «Na verdade, Padre, não compreendo nada disso. Os outros, quando estão a rezar, vêem o seu Anjo da Guarda. Se eu o vejo também, ralhai e afligis-vos. Mas ontem, dia em que eles se festejavam, despedi-os a todos. O meu não quis partir, nem o outro de que vos falei. Ora que hei-de eu fazer? Não vos zangueis outra vez, serei boa e obediente».

A familiaridade de Gema com o Anjo da Guarda era simples, espontânea, cheia de humildade, como testemunham as duas seguintes aparições, tomadas entre mil e contadas pela própria menina:

«Estava eu no leito, muito atormentada, quando me senti súbitamente possuída dum profundo recolhimento. Juntei as mãos e, com toda a força do meu fraco coração, fiz o acto de contrição com uma viva dor dos meus inúmeros pecados. E tendo eu o espírito absorvido pela lembrança das minhas culpas, vejo o Anjo junto do leito. Fiquei envergonhada de me ver em sua presença. Ele pelo contrário, com uma amabilidade cheia de encanto, disse-me: «Jesus tem uma grande afeição por ti, ama-O muito».

Depois acrescentou: «Amas a Mãe de Jesus? Envia-lhe muitas vezes as tuas saudações. Ela fica muito con-

tente em as receber e nunca deixa de as retribuir. Se não o faz sempre sensivelmente, é para experimentar a tua fidelidade». Abençoou-me e desapareceu.

Outra visão: Enquanto eu fazia as orações da noite, escreveu ela, o Anjo da Guarda aproximou-se de mim e, batendo-me no ombro, disse: «Gema, como é que tu levas tanta apatia para a oração?»

«Não é apatia», respondi, «há dois dias que não me sinto bem».

«Faze o teu dever com cuidado», continuou ele, «e Jesus te amará mais».

Roguei-lhe que fôsse pedir a Jesus permissão para passar a noite junto de mim.

Desapareceu imediatamente e, obtida a permissão, voltou para o meu lado. Oh! como se mostrou bom!

Quando estava para partir, pedi-lhe que não me deixasse ainda.

«Não posso», respondeu, «é conveniente que eu vá».

«Está bem, ide», lhe disse eu, «saúdaí a Jesus por mim».

Lançando-me um último olhar, acrescentou: «não quero que tenhas conversas com as criaturas. Quando quiseses falar, fala com Jesus e com o teu Anjo da Guarda».

Tal é, pouco mais ou menos, o género das outras aparições.

Daqui se pode concluir como devia ser amada de Deus esta privilegiada menina, que assim era honrada visivelmente com a visita, a assistência e direcção de espíritos angélicos nos caminhos da santidade.



Não lhe tenhamos inveja, porque também nós recebemos do mesmo Pai celeste um anjo para nos guardar. E se formos, como Gema, muito puros, muito humildes, simples de coração, cheios de fé e de santos desejos de perfeição, Ele também nos cercará da mesma solicitude e do mesmo amor.



## CAPÍTULO XXII

### Elevações místicas de Gema



ORAÇÃO, ao passo que aproxima de Deus a alma, torna-a capaz duma intensa vida espiritual e encaminha-a para a perfeição cristã. Tem diversos graus, que são outros tantos graus de união cada vez mais íntima com o Soberano Bem.

Os primeiros pertencem à meditação ordinária, na qual se consideram as verdades eternas com o fim de excitar na vontade sentimentos e resoluções salutares. Não ultrapassam os limites da vida ascética. A maior parte das almas detêm-se nestes primeiros graus e não passam nunca além.

Outras porém, mais favorecidas do céu, passam da meditação à contemplação, que é própria da vida mística. Pela contemplação a alma sobe dum modo sublime para Deus e para as coisas celestes e esta subida é acompanhada dum olhar da inteligência, simples, afectuoso, cheio de admiração pelas coisas do céu.

Na meditação ordinária, para saborear a doçura das



verdades eternas, a alma tem de se aplicar e muitas vezes de sofrer com as suas três potências: memória, inteligência e vontade.

Na contemplação infusa, rigorosamente falando, não há reflexão, nem raciocínio, nem aplicações; o espírito é transportado, suspenso, inundado de gozo perante as maravilhas da eternidade, entrevistas a uma luz extraordinária. Numa palavra, e salvas as devidas proporções, o místico vê no mundo com a luz da graça as realidades divinas, como o bem-aventurado as vê no céu com a luz da glória.

Depois destas sumárias noções, indispensáveis para me fazer compreender em assunto tão pouco conhecido da maior parte dos cristãos, vamos admirar em Gema o seu espírito de oração em geral, e seguir o progresso da sua alma nos caminhos da meditação e da contemplação.

Vêmo-la, criança ainda, atormentar sua mãe e suas professoras para que a ensinassem a orar melhor. Apenas começou a compreender o valor d'este santo exercício, para se dar a elle evitava a companhia da família e permanecia só no seu quarto durante longas horas em conversação com Deus, ou occupada em qualquer trabalho recolhido.

O seu horror a tudo o que encanta e dissipa espíritos vulgares, o desprendimento absoluto das criaturas, a guarda rigorosa dos sentidos, a delicadeza de consciência, levada até ao escrúpulo, a mortificação continua dos appetites, a prática activa das mais belas virtudes só tinham um fim: franquear-lhe o caminho para um íntimo contacto com Deus.

E os seus esforços foram coroados de tais resultados, que dentro em breve conseguia ter constantemente o olhar fixo em Deus, sem fadiga alguma, como a águia fita o sol. Ora se o fim da oração consiste em estar a alma diante de Deus, unida a Elle pela fé, devemos concluir que, desde o princípio, Gema tinha recebido o dom da oração em grau muito elevado.

Para se absorver em Deus, não tinha necessidade como nós de se pôr em oração e de recolher com esforço as potências da alma. O Senhor estava sempre presente ao seu pensamento em todo o tempo e lugar, sem que nada a pudesse distrair.

E isto parecerá verdadeiramente extraordinário, se se pensar que a piedosa menina, detestando intrometer-se em negócios estranhos, cumpria com tal exactidão todos os seus deveres, que se lhe podia confiar qualquer trabalho, na certeza de o ver executar com perfeição. Uma vez somente se acusou de falta de atenção actual à divina presença. O facto era-lhe muito estranho, pois viu nêlle uma grande desgraça que se apressou a participar-me nos seguintes termos:

*«Nos últimos dias cometi uma grande falta: e é de admirar que Deus não me tenha fulminado. Ó misericordioso Jesus! O Sr. Lourenço tinha-me encarregado de fazer uma conta. Apliquei-me talvez um pouco mais do que devia e saí da presença de Deus: mas foi apenas por um minuto e depressa me recolhi. Pedi perdão a Deus que o concedeu imediatamente».*

Bastava contemplar a seráfica donzela para se ter a certeza da sua continua união com Deus. A majestade do semblante, a gravidade do porte, a solenidade das



palavras, a angélica modéstia de toda a sua pessoa, e esse sorriso suave, espontâneo que lhe brilhava nos lábios, diziam eloquentemente a todos que Gema vivia unicamente do pensamento de Deus e que estava no mundo somente em corpo.

A sua aplicação continua às coisas celestes, para ela muito natural, nunca lhe causava a menor fadiga; pelo contrário, era com grande dificuldade que a interrompia, como provam os factos seguintes, cuja perfeita autenticidade posso garantir, pois se passaram diante de mim.

Encontrava-me em casa da família Giannini. Durante o jantar, notando que a virtuosa menina, colocada em frente de mim, não saía do seu profundo recolhimento, observei-lhe, na qualidade de director espiritual, que não era o momento nem o lugar de fazer oração. Imediatamente vimos o seu rosto empalidecer, e todo o seu corpo ficar numa espécie de agitação convulsiva. Entretanto continuou a comer, como se nada fôsse.

Ao sair da mesa, notei que os seus vestidos gotavam suor, como se tivesse sido mergulhada num banho, completamente vestida.

«Então que é isso?» perguntei-lhe eu, extremamente admirado.

«Vós sabeis bem o que é, Padre, me respondeu com incomparável candura, não me tirastes Jesus durante a refeição? E porventura posso eu estar sem pensar nêle?»

Desviei a conversa e com certo ar de desprezo mandei-a mudar de roupa.

Algumas horas depois renovei a minha ordem e o estranho fenómeno reproduziu-se; renovei-a pela terceira

vez, e sempre com o mesmo resultado. Não insisti mais, com receio de que o coração da santa menina estalasse sob o esforço extraordinário empregado para me obedecer; e além disso tinha pena de a ver em tão grande tortura.

E tu, abrasado serafim, ainda vivias nesta miserável terra?!

Esta constante união com Deus não consistia só no recolhimento mais ou menos sentido que todas as almas experimentam quando recordam piedosamente a presença de Deus. Era um exercício de alta oração, cheio de doçura e de espontaneidade.

Gema falava ao seu Deus, ouvia-O, deliciava-se nêle, e, passando com admirável facilidade dos pensamentos mais abstractos aos sentimentos ordinários, propunha-lhe as suas dúvidas, implorava favores para tal ou tal alma, e agradecia os já recebidos.

Tal era o seu espírito de recolhimento e a sua ocupação durante as vinte e quatro horas do dia. Digo durante as vinte e quatro horas, porque, dormindo pouco e por breves intervalos, não interrompia nada ou quasi nada a oração. Todas as vezes que acordava, retomava a oração no ponto em que a tinha deixado e assim sucedia até de manhã.

Era edificante, era encantador assistir ao seu despertar definitivo. Benzia-se devotamente com o crucifixo que não largava das mãos durante o sono e beijava-o com amor. Depois de ter assim santificado a noite, como se a tivesse passado na igreja, levantava-se sem custo.



Certo dia ouviu-se-lhe dizer num êxtase, aludindo à oração nocturna: «Vede, ó Jesus, até de noite, que horas, que horas!... Eu durmo, mas, ó Jesus, o meu coração não dorme, vela incessantemente, sempre unido a Vós».

Fácilmente se compreenderá o pouco uso que das fórmulas de oração vocal devia fazer este inflamado serafim. Recitava o rosário em família, de quando em quando a coroa da Paixão e a de N. Senhora das Dores, para se guiar na meditação dos mistérios dolorosos e nada mais. «Não tiro proveito, dizia-me, em ler orações nos livros. A minha alma não encontra nelas alimento e fatiga-se. Por isso oro por minha cabeça, como posso». Improvisava as suas orações sob a inspiração da graça e segundo as suas necessidades.

Transcreveremos algumas, fielmente recolhidas dos seus lábios nos momentos extáticos. Talvez se não possam considerar inferiores aos soliloquios de Santo Agostinho.

«Ó minha alma, não te esqueças de consagrar amor apaixonado a Jesus que, em sua piedade para com a minha miséria, me oferece todos os meios de chegar ao seu amor! Vós sois, ó Jesus, um tesouro que a princípio não conheci, mas hoje conheço-Vos, sois todo meu, sobretudo o vosso Coração. Sim, o vosso Coração é meu, porque mo tendes dado muitas vezes. Mas o Vosso Coração está cheio de luz, e o meu cheio de trevas. Quando é que passarei das minhas trevas para a luz sem sombra do meu Jesus?...

Como poderei louvar-Vos, ó meu Deus? Quando me criastes, fizeste-lo sem mim; também sem mim tendes

todo o louvor que mereceis. Que Vos louvem tôdas as obras que fizestes segundo a grandeza da vossa majestade. O meu espírito tem princípio e fim, mas o louvor que Deus possui jamais terá fim; e quando Vos louvamos, ó Senhor, não somos nós, sois Vós que Vos louvais em Vós mesmo».

De outra vez Gema orava assim:

«Jesus, venho a vossos pés pedir-Vos uma graça. Se não fôsseis omnipotente, não Vo-la pediria. Oh! como podeis abandonar a minha alma tão inflamada de desejos? Porventura desprezareis os desejos que Vós mesmo ateais nos corações? Quero esta graça, e Vós haveis de dar-ma, não é verdade? Ó Jesus, tende piedade de mim que tantas vezes Vos tenho pedido pelos outros, tende piedade duma pecadora que Vos custou a vida. Perdoai-me, meu Deus; sou órfã; já não tenho pai nem mãe; tende piedade dos órfãos; sou um fruto da vossa Paixão».

Deixou tantos destes ternos colóquios, que com elles se encheria um volume.

Algumas vezes a seráfica donzela desafogava a sua alma em breves aspirações tôdas inflamadas: «Ó Jesus, ó Deus do meu coração! Ó Pai, quero estar sôzinha convosco só! Quando chegará o momento de Vos ver face a face? Ó terra, como és vil para mim! Ó cruz do meu Jesus, como me és querida!» E como estas, outras semelhantes jaculatórias que do coração lhe subiam aos lábios quando se julgava só.

Tinha feito uma colecção dos versículos dos salmos mais apropriados às disposições da sua alma, e servia-se



dêles, dum modo particular no tempo da aridez mais profunda, e quando o excesso de angústias interiores lhe paralisava o espírito e o coração.

Na aridez ordinária, estas duas faculdades gozavam do seu livre exercício talvez ainda melhor do que no tempo da consolação. Uma só diferença: é que na aridez a oração era dolorosa e despertava tamanha compaixão que bastava para despedaçar o coração das pessoas presentes.

Tratando da contemplação, os doutores místicos dividem-na em infusa e adquirida. A primeira é um puro dom de Deus, independente de toda a indústria humana. A segunda, menos elevada, menos luminosa e menos inebriante, adquire-se só pelas nossas forças auxiliadas pela graça ordinária, e por meio do exercício, mais ou menos assíduo, da meditação.

Pela meditação habituamo-nos a pensar nos bens eternos; o espírito e o coração purificam-se, espiritualizam-se cada vez mais a ponto de não sentirem a necessidade de recorrer à reflexão e ao raciocínio para se mergulharem num profundo recolhimento. À vista duma imagem, um só pensamento bastará então para subtrair a alma à influência de acontecimentos exteriores e fixá-la em Deus com um olhar tranqüilo e quasi extático.

Gema praticou também esta última forma de oração. De-facto nem sempre se houve de modo puramente passivo nos caminhos espirituais; mas pôs também em actividade o seu esforço natural, para se tornar digna dos dons divinos.

Ainda criança, começou pela meditação ordinária à

qual consagrava, sem contar os seus momentos livres, duas horas fixas do dia: de manhã na igreja e à noite antes de repousar.

Não omitiu nenhuma das regras comumente indicadas pelos mestres da vida espiritual: preparação remota que consistia no recolhimento habitual e escolha antecipada do assunto da meditação; preparação próxima, com actos de fé, de contrição, etc.; representação do mistério pela memória e imaginação; consideração dos seus diferentes aspectos pelo entendimento; aplicação a si própria de verdades meditadas; e finalmente actos e affectos da vontade.

Os attributos divinos e a Paixão do Salvador constituam o tema habitual das suas meditações. Deus e o Calvário: para estes dois termos convergiam infalivelmente todos os seus pensamentos.

Sem fadiga e até sem a menor distracção podia Gema prolongar a meditação horas inteiras.

Apenas começava estes doces colóquios com o Senhor, o mundo desaparecia inteiramente do horizonte do seu espírito, como se ela já não fôsse da terra, — privilégio insigne e muito raro que recebeu desde criança. Esta meditação tão profunda dava facilmente lugar à contemplação adquirida, cujos frutos de doçura Gema conheceu muito cedo.

Se, por exemplo, a beleza de Deus, a sua santidade, misericórdia ou justiça, constituam o objecto da meditação, estas perfeições divinas apareciam-lhe como num espelho. Considerava a grandeza e profundidade dèstes divinos attributos e descobria nêles, tanto quanto é permitido ao espírito humano, inefáveis segredos; depois,



estando em silêncio todas as potências da alma, gozava e repousava nesta contemplação.

Meditando os mistérios da Paixão, depois das primeiras considerações, logo o seu espírito se perdia como num mar sem praias, enquanto o coração se consumia de dor e de amor.

Eis em que termos me dava conta da sua oração: «Faço a meditação sem nenhum cansaço. Minha alma sente-se de súbito abismada na imensidade da grandeza divina e absorve-se ora num ponto, ora noutro. A principio considero que, sendo criada à semelhança de Deus, só Ele deve ser o meu único fim. Parece-me então que a alma, livre do peso do corpo, voa para Jesus, e encontrando-me assim na sua presença, perco-me completamente n'Ele. Sinto que amo este celeste Amante das suas criaturas, e quanto mais penso n'Ele, mais o encontro doce e amável.

Outras vezes parece-me ver em Jesus uma luz divina, um sol de eterna claridade, um Deus grande a quem tudo se encontra sujeito no céu e na terra, um Deus cuja vontade é servida pela Onnipotência. Vejo que Ele é o Bem soberano entre todos os bens, o Bem que existe por si mesmo.

Deste modo encontro tudo o que desejo na infinita perfeição de Jesus. Perco-me ainda na sua bondade, e então quasi sempre o meu espírito voa para o Paraíso. Jesus é infinitamente bom e um dia espero gozar n'Ele todos os bens. Termina a oração, pedindo a Jesus que aumente em mim o seu amor para que mais tarde se aperfeiçoe no céu».

Em outra ocasião escrevia-me:

«Na oração estou como que fora de mim numa tranquillidade e paz que se não podem explicar. Não conheço em que lugar me encontro, nem se tenho o uso dos sentidos. Sinto-me atraída por uma força que não é violenta, mas suave. E ao saborear logo depois a plenitude da doçura que sinto em possuir Jesus, esqueço por completo que sou deste mundo, sinto que a minha alma está saciada e que nada mais tem que desejar: o coração está satisfeito, porque possui um bem imenso, infinito, um bem incomparável e sem defeito.

A ventura que Jesus, em sua bondade e caridade sem limites, me faz gozar é tão grande que, depois da oração, não procuro nem quero mais nada sobre a terra. Nem sempre experimento as doçuras do amor; algumas vezes sou possuída durante a oração duma dor tão forte dos meus pecados, que julgo morrer com ela».

Respondendo a uma dúvida que artificiosamente lhe propus, Gema escreveu-me: «Quando entro em oração, não vejo Jesus com os olhos do corpo, mas conheço-O distintamente; faz-me cair num doce abandono e é neste abandono que O conheço. A sua voz faz-se ouvir tão forte que penetra no meu coração mais do que uma espada de dois gumes. As palavras de Jesus são palavras de vida eterna.

Quando vejo assim Jesus e O sinto, não me parece ver uma beleza corpórea ou uma figura; parece-me ouvir um canto suave, uma harmonia; mas quando vejo e sinto Jesus, vejo uma luz infinita, um bem imenso; a sua voz não é articulada, mas é mais forte e faz-se ouvir melhor ao meu espírito do que se fôsse articulada».

Evidentemente oração tão elevada aproxima-se da



contemplação infusa se o não é já. Esta funda-se na plenitude dos dons do Espírito Santo, e muito particularmente nos dons da inteligência e da sabedoria. O primeiro torna a alma capaz de penetrar nos arcanos da fé, o segundo faz-lhe apreciar o seu valor e enche-a da sua vida e das alegrias inseparáveis da contemplação.

Gema possuía ambos estes dons do Espírito Santo em grau extraordinário, como se deduz das cartas ao seu director, das manifestações de consciência, das palavras, dos seus êxtases e de todas as suas atitudes.

Esta virgem mais angélica do que humana era sobrenaturalmente dotada de um espírito subtil e profundo, capaz de atingir sem esforço as mais altas concepções espirituais e de se engolfar no Bem infinito. Ao mesmo tempo um fino discernimento e uma rara prudência faziam-lhe preferir a todos os outros os bens eternos, que procurava com avidez e amava com indizível affecto.

Assim elevada por estes dons eminentes acima da fragilidade humana, e fortificada por uma luz celeste que em certos momentos lhe comunicava o Espírito Santo, via a Unidade da natureza divina e a Trindade das pessoas, a união inefável do Verbo com a natureza humana na Incarnação, os mistérios da sabedoria, da justiça e da misericórdia de Deus no governo de suas criaturas, tudo enfim o que a fé cristã nos apresenta de mais impenetrável. Via tudo isto tanto quanto é possível neste mundo de prova.

A-pesar-de tudo, os seus desejos não estavam satisfeitos: compreendendo que se pode subir ainda mais alto e penetrar mais a fundo, aspirava a melhor, suspirava ardentemente pela visão de Deus face a face.

Uma vez entre outras ouviu-se exclamar: «Oh! Quem me dera as asas da pomba a-fim-de voar para o vosso seio, ó meu Deus! Dai-me Vós, ó Jesus, as asas da contemplação. Como hei-de fazer para chegar até Vós? Quebrai, quebrai estas cadeias que me reteem cativa. Há muitas coisas, ó Jesus, cuja contemplação é como um alimento para a minha alma, mas em nenhuma encontra repouso. Só Vós sois o meu repouso».

Dizia que, se a palavra humana fôsse capaz de exprimir o que Deus lhe dava a conhecer nestas contemplações, poderia escrever volumes sobre cada um dos mistérios da nossa fé. Todavia, para se fazer compreender pelo director da sua alma, que ela queria ter ao corrente de tudo, auxiliava-se, como já vimos, de figuras e semelhanças corpóreas:

«Imaginal uma luz de imenso esplendor que envolve todos os seres, que os penetra e ilumina, que os anima e vivifica: só existem por virtude desta luz; e nela e por ela têm a vida: é assim que eu vejo o meu Deus e as criaturas nEle».

Imaginal um incêndio que encha o universo e se estenda infinitamente além dEle, que tudo abraze sem nada consumir e que abrasando illumine e espalhe o vigor; aquêles a quem as chamas mais cercam são os mais felizes e desejam mais ardentemente ser abrasados: é assim que vejo as nossas almas em Deus».

E sobre a Santíssima Trindade: «Parece-me ver três pessoas numa luz imensa e unidas em uma só essência: trindade na unidade, unidade na trindade e como é única a essência desta trindade, única é também a sua bondade, única a sua bem-aventurança».



O confessor ordinário pediu-lhe um dia no confessional que explicasse claramente o que entendia por este augusto mistério da Trindade. Gema dispôs-se a isso e por meio duma ilustração divina penetrou tão longe nestes insondáveis arcanos que me escrevia depois: *«Tendo chegado ao mais belo, permanecemos ambos calados»*.

Não é fácil exprimir a abundância de doçuras que recebia na profunda contemplação destes mistérios sublimes; muitas vezes, não podendo suportar a plenitude dessas delícias, caía desfalecida ou perdia-se no êxtase.

*«Como explicar, dizia, o que sinto nesses momentos? É o céu todo que se derrama em minha pobre alma. A princípio vem a surpresa, depois o assombro. O espírito permanece confundido, aniquilado. O coração bate com muita força, desamparado, sofre e goza ao mesmo tempo e desejaria não voltar mais à banalidade da vida ordinária. Em que estado se encontra ao sair da oração! Não sei se já o experimentastes. Meu Deus, como sois bom para comigo»*.

Estas excelsas ilustrações, muito frequentes, surpreendiam-na em qualquer ocasião, no meio das ocupações mais distractivas ou durante a oração mais recolhida. Uma luz misteriosa deslumbrava súbitamente o seu espírito e era logo seguida de profundo recolhimento, desaparecia todo o pensamento terrestre para a deixar só, em contemplação diante da infinita bondade de Deus, ou das maravilhas da pátria celeste.

*«Perco a cabeça»* era a expressão ingênua empregada por ela para designar o fenómeno sobrenatural que a arrebatava d'este mundo.

Uma ocasião escrevia-me o seguinte: *«Estava na cozinha junto do lume conversando com a criada, quando senti a acção divina habitual; sem ter tempo de me retirar, perdi a cabeça e encontrei-me com Jesus»*.

Permanece, sim, permanece com o teu Jesus muito amado, ó Anjo d'itoso, que ninguém te arrebatará uma sorte tão invejável!

A contemplação é de três espécies: intelectual, imaginária e mixta. A primeira procede por meio de espécies puramente intellectuais; quer dizer, é independente de toda a imagem sensível. A segunda, por imagens já percebidas pelos sentidos, mas combinadas por Deus, ou então por imagens divinamente impressas no mesmo instante. A terceira participa duma e doutra, quer as imagens sensíveis provenham de Deus, quer se formem em virtude do laço natural que une a intelligência aos sentidos.

A contemplação intelectual, rigorosamente falando, é raríssima, segundo a opinião unânime dos teólogos, porque a graça evita violentar sem necessidade a natureza, limitando-se a corrigi-la quando ela dificulta a sua acção.

A contemplação mixta, em que as imagens sensíveis aparecem por concomitância natural, é a mais comum.

Gema, o mais das vezes, era favorecida da contemplação mixta. Depois da oração lembrava-se muito bem do que tinha contemplado e, embora por termos muito imperfeitos, podia dar uma idea de tudo, valendo-se de



imagens, o que lhe seria impossível se a imaginação tivesse sido totalmente excluída da sua visão.

A imaginação da jovem mística, muito sóbria, permanecia inerte durante as orações ordinárias, só entrava em actividade durante a contemplação dos mistérios objectivamente sensíveis, como a Humanidade Santíssima do Salvador.

Mas neste caso com que delicadeza procedia!

Descobria-lhe as divinas belezas de Jesus, pintava-lhe as chamas do seu coração, as chagas profundas, o corpo ensangüentado, a cabeça traspassada de espinhos. Depois, pondo-se por assim dizer à parte, deixava que o espírito e sobretudo o coração fizessem o resto, com o auxílio das mais vivas luzes e dos mais doces impulsos.

Quando era ainda principiante nos caminhos da mística, o Espírito divino instruí-a pela contemplação puramente sensível e imaginária para se acomodar à sua simplicidade infantil. Mostrava-lhe, por exemplo, o Eterno Padre sob a forma de um venerando ancião revestido de toda a honra e da majestade de um justo juiz; mostrava-lhe a sua bondade infinita como uma chuva benéfica que se infiltra suavemente na terra, reanima e vivifica as plantas e as cobre de flores e de frutos.

Mesmo depois de atingir os últimos graus da teologia mística, as contemplações sensíveis alternavam algumas vezes com as mais abstractas e elevadas, segundo um modo de proceder muito ordinário da Providência.

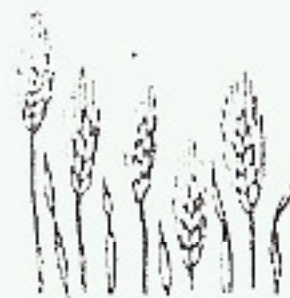
Além disso parece que a sua rara simplicidade, aumentando sempre de ano para ano na mesma medida da sua santidade, inclinava o coração d'Aquela que se

delícia em brincar com as almas simples, a tratá-las ainda algumas vezes como crianças.

De quando em quando era surpreendida a pronunciar ou a escrever, ao lado dos mais sublimes pensamentos, termos ingênuos, familiares, e termos com os quais, sendo criança, falava do Eterno Padre, o *divino Papá de Jesus*, do seu Anjo que a espia, da celeste Mamã que a acaricia e aperta contra o coração.

O Senhor, em sua sabedoria infinita, conduz assim as almas por vários caminhos sempre em harmonia com a sua natureza e com a diversidade das suas aptidões. A todas distribue a sua graça, sob formas e em medidas diferentes, e em proporção com a fidelidade de cada uma.

É certo que nem todos os cristãos são chamados à contemplação mística, mas também não é menos verdade, segundo nota o autor da Imitação, que este grau sublime de oração é muito raro em nossos dias, porque poucos procuram tornar-se dignos dele.





## Novas ascensões místicas



Á na contemplação infusa, que é a alma da vida mística, diversos graus pelos quais o homem se eleva à mais sublime união com Deus. Os teólogos reduzem-nos a nove, que correspondem a outros tantos graus de amor divino. Gema percorreu-os todos, como vamos ver, merecendo o glorioso título de *virgem seráfica*.

Para descrever a maravilhosa ascensão desta alma e desvendar as secretas operações da graça divina, utilizarei quanto possível as suas próprias palavras, tão expressivas em sua simplicidade.

O primeiro grau da contemplação é o *Recolhimento infuso*, produzido por uma luz extraordinária que Deus comunica de improviso à inteligência e que exerce influência sobre os sentidos internos e externos pacificando-os e detendo-os suavemente dentro da alma.

Este recolhimento é também um atractivo que afasta



das criaturas os pensamentos e as inclinações a-fim-de os dirigir unicamente para o soberano Bem. O próprio corpo toma uma atitude recolhida e fica sem movimento, qualquer que seja o tempo e o lugar em que a alma fôr envolvida por esta luz inesperada.

A Gema foi concedido êste grau de contemplação desde a mais tenra idade. Seu coração, ainda com o perfume da graça baptismal, sentiu-se poderosamente atraído para Deus e inflamado de terno amor por Ele. *«Só Deus me basta, dizia ela; não quero senão a Deus, não me faleis de outra coisa. Vós sabeis, ó Jesus, que eu não amo nada fora de Vós. Ainda que me despedacem, se me ficardes, estarei contente».*

Diz o Salmista que o nosso Deus é tão doce, tão suave que basta vê-lo e saboreá-lo uma só vez para lhe ficarmos presos.

Ora, não só uma vez, mas quasi continuamente, a angélica donzela era favorecida com as luzes brilhantes da contemplação e com a suavidade da presença divina. Era como uma esposa ferida de amor pelo celeste Espôso. Para Ele se inclinavam incessantemente o seu espirito, o seu coração, os seus sentidos, todo o seu ser.

Tal era a impressão que se tinha ao vê-la, e sobretudo ao ouvir-lhe as conversas. Suas palavras, breves e concisas, eram ordinariamente inflamadas: *«Oh! se todos soubessem quanto Jesus é belo, quanto é amável, só procuravam o seu amor. Como é que Ele é tão pouco amado? Perde o seu tempo quem o dá às criaturas. Nosso coração é feito para amar uma só coisa: o nosso Deus».* Depois de semelhantes efusões Gema voltava ao recolhimento habitual.

O *Silêncio espiritual* constitue o segundo grau da contemplação. Cativada por uma luz mais viva, por um atractivo mais forte e mais suave, a alma fica estupefacta diante da majestade do Senhor, sem poder proferir uma palavra. A própria imaginação, maravilhada com o que lhe é dado entrever, abstem-se de todo o movimento que possa perturbar a paz celeste do entendimento, e a alma saboreia assim, no silêncio de suas potências interiores, um antegozo do Paraíso.

Êste grau mais perfeito de contemplação e de união amorosa alternava muitas vezes em Gema com o primeiro.

Abismada no gozo do recolhimento infuso, em que os sentimentos de confiança, de reconhecimento, de louvor e humildade se expandiam livremente, de súbito as luzes espirituais tornavam-se mais intensas, o amor mais ardente e ela ficava suspensa, imóvel, renovando-se pouco depois o desabrochar dos affectos.

Fácil era verificar esta alternção em suas orações. Na primeira fase diversos movimentos de alma iam-se-lhe reflectindo sucessivamente na fisionomia, a qual na segunda fase nenhuma alteração acusava.

A nossa Santa descrevia-me êste último modo de oração nos seguintes termos: *«Estive diante de Jesus, nada lhe disse, nem Ele a mim, permanecemos ambos em silêncio. Eu olhava para Ele, Ele para mim. Mas se soubésseis, Padre, como é agradável estar assim diante de Jesus! Já o experimentastes alguma vez? Quereríamos estar sempre diante dEle; mas de repente Jesus diz: vamos, e esta luz afasta-se. O coração, porém, não arrefece logo».*



Na verdade o coração da seráfica virgem conservava-se inflamado muito tempo depois da contemplação, que era sempre breve quando atingia este grau elevado. A taciturnidade habitual da donzela, o seu recolhimento continuo podem-se attribuir à frequência d'este silêncio sobrenatural. Com tais ardores na alma e com a deliciosa lembrança da beleza infinita que acabava de contemplar, como podia Gema alegrar-se no meio das criaturas?

O hábito de saborear no silêncio a doçura da presença divina dispõe para a oração de *Quiétude*, terceiro grau da contemplação. É uma união mais íntima e quasi habitual com Deus, fundada no sentimento vivíssimo da sua divina presença. Desta união deriva uma grande paz interior, um repouso cheio de encantos.

Quem tem a experiência frequente d'este modo de orar pode facilmente, sem sair desta oração sobrenatural, entregar-se a trabalhos exteriores para maior glória de Deus, e unir assim admiravelmente em sua pessoa as funções de Marta e as de Maria.

Gema tinha chegado a este raro grau de perfeição mística nos três últimos anos de sua vida. Como Maria, conservava-se constantemente aos pés do Senhor num recolhimento continuo; como Marta, occupava-se quanto era possível, em boas obras, no exercício activo de todas as virtudes e, levada pelo seu grande desejo de salvar almas, pedia constantemente pela conversão dos peccadores.

Evitava o erro de certas almas que, ás primeiras delicias que sentem na oração de quietude, queriam

não mais sair do retiro ou da Igreja, com prejuizo dos seus deveres de estado, tornando assim impossível todo o progresso sério no caminho da vida interior.

No seu repouso místico Gema colhia frutos maravilhosos. Ouçamo-la:

*«Emquanto eu tinha muitos desejos, a minha alma estava inquieta; agora que tenho só um (o de amar a Jesus), sou feliz. Mas, já que o vosso amor, ó Jesus, é inacessível, deixai-me agir livremente, que eu pensarei, sim, eu pensarei e darei remédio a isso: aqui, no meu coração, quero erguer-Vos um tabernáculo todo de amor; só Vós entrareis nêle; hei-de reter-Vos lá, sempre junto de mim; sereis meu prisioneiro, não mais Vos deixarei a liberdade, emquanto me não derdes a consolação que tanto desejo. É o que desejo eu, o que é que Vos peço, ó Jesus? Ides ver que estamos de acôrdo: peço o que Vós mesmo quereis e desejo o que Vós mesmo desejais».*

O fruto mais precioso da verdadeira contemplação de quietude é a tranquillidade do espirito, uma profunda paz interior no abandono a Deus e no desejo único e activo de O possuir.

O quarto e mais perfeito grau de união divina é o *Sono místico*. Emquanto a *Quiétude* é principalmente o efeito duma luz celeste, o sono provém do amor, que acalenta suavemente e como que adormece a alma com todas as faculdades intellectuais e sensitivas, e a faz repousar tranqüilamente no seio de Deus.

Neste estado a alma abraça com ternura o seu muito Amado, mas sem reflectir nem se importar saber de que



modo chegou àquele delicioso estado. E ainda que o quisesse saber, não lhe seria possível, visto que dorme, com o espírito perdido no seio de Deus. Ama e isso lhe basta.

Pouco antes de elevar a sua fiel serva à *União extática*, o Senhor favorecia-a freqüentemente com este dom, e sobretudo durante o dia. Os sentidos ficavam-lhe adormecidos. De pé, assentada, ajoelhada ou prostrada, parecia dormir, e ela mesmo designa com o nome de sono este fenómeno misterioso. O seu coração, porém, e o seu espírito não deixavam de velar, permaneciam adormecidos somente para as coisas do mundo e para ela mesma.

Ao sair desta sonolência divina dizia Gema, não sabendo exprimir-se de outro modo, que tinha repousado no seio de Deus. «*Imaginal, dizia-me ela, uma criança que adormece reclinada no seio de sua mãe; esquece tudo, esquece-se de si própria, não pensa em nada, mas repousa e dorme sem saber porquê nem de que modo. É assim a minha alma nesses momentos, mas crêde, Padre, que é um sono muito delicioso.*»

Dorme, angélica virgem, dorme sobre esse seio divino que com tanta ânsia procurou o teu coração. É lá que está a felicidade!

Este sono, plenamente sobrenatural, é independente da vontade humana que não pode nem provocá-lo nem evitá-lo. Entretanto, mais para me certificar que para mortificar a seráfica menina, terminei por lhe dizer que este adormecimento, sobrevindo durante o dia, me parecia uma bela ocasião de fomentar a preguiça, e que por

isso era bom não se repetir. E, coisa singular! o fenómeno místico não mais se repetiu.

Em seu amor à obediência a admirável donzela tinha solicitado e obtido do Senhor o afastamento desta graça. «*Vêde, Padre, me dizia Gema, Jesus faz-me cumprir a obediência; já não durmo; agora estareis contente e não vos afligireis mais comigo, a não ser que me aconteça desagradar-vos em outra coisa; mas, hei-de procurar ser boa.*»

A obediência assim praticada em grau tão heróico merecia uma recompensa proporcionada, que não se fez esperar. O sono espiritual deu lugar à *União extática*, favor de ordem muito mais elevada, que o Senhor prodigalizou à sua serva com tanta abundância que dêle trataremos dum modo especial.

Estando agora tão próxima da fomalha ardente do amor, que é a divindade, era impossível a esta alma ditosa abandonar-se aos encantos da Quietude e do sono divino. Chamas celestes começavam a abrasá-la, despertando em seu coração os sentimentos dum quasi delírio de amor.

Estes transportes, tão doces como impetuosos, quando trazem o cunho do sobrenatural, recebem o nome de embriaguez espiritual e constituem um grau da mística, mais ou menos perfeito que os precedentes, segundo as circunstâncias e os progressos da alma.

Neste estado o contemplativo trasborda de amor e de júbilo, não se cansa de louvar a Deus; quereria fazer ouvir a sua voz até aos confins da terra para induzir todas as criaturas a glorificar o Senhor. Levado pelo



ardente desejo de penetrar altíssimos mistérios e de padecer martírios incríveis pelo serviço de Deus, algumas vezes pronuncia palavras e pratica actos que parecem loucura.

Alguns salmos de David e a vida de muitos santos particularmente favorecidos do céu: de S. Francisco de Assis, de Santa Teresa, Santa Madalena de Pazzi, oferecem exemplos desta divina embriaguez.

Gema experimentou-a muitas vezes, como é fácil reconhecer pelas palavras que então escapavam dos seus lábios ou da sua pena. Todavia só duas ou três vezes foi vista exteriorizar os transportes da alma por gestos animados.

Parece que a graça divina quis respeitar a severa reserva que esta virgem modestíssima guardava sempre com tanto cuidado em suas atitudes. As raras vezes que não podia conter os seus arrebatamentos místicos, entregava-se a algumas demonstrações de alegria exuberante, muito moderadas e cheias de dignidade.

Sentindo-se com todo o paraíso dentro do coração, fazia sinal às pessoas presentes para que se aproximassem, e para que colocassem a mão sobre elle a-fim-de se certificarem da sua felicidade; depois exclamava: «*Ó Deus! Ó amor! Ó Paraíso!*»

Fora estas raras excepções, a embriaguez d'este anjo, embora sensível, era tãda interior e só podia conhecer-se pelo rosto inflamado e pelas acentuações da voz que como outras tantas chamas ardentes lhe prorrompiam do coração.

Ouçamo-la: «*Os laços do vosso amor são tão fortes, ó meu Deus, que não posso desprender-me deles.*

*Deixai-me, deixai-me a liberdade; hei-de amar-Vos acima de tudo, hei-de procurar-Vos sempre. Oh! que fizestes, Jesus, que fizestes ao meu coração para que elle esteja assim louco por Vós! Ah! não posso mais, tenho necessidade de me expandir, tenho necessidade de cantar, de exultar. Viva o amor incriado! Viva o Coração do meu Jesus! Ah! se todos os pecadores viessem a este Coração! Vinde, vinde, pecadores, não temais; a espada da justiça não penetra lá dentro. Oh! eu queria, Jesus, que a minha voz chegasse aos confins do universo; eu chamaria todos os pecadores para lhes dizer que entrassem no vosso Coração.*

Estes transportes dum amor exuberante vinham o mais das vezes durante os êxtases de Gema e manifestavam-se também freqüentemente nos seus escritos.

«*Tenho um ardente desejo, escrevia ella, de voar para Deus. Oh! se pudésseis dizer qualquer dia: Gema foi vítima do amor e morreu só de amor... Ah! que bela morte! Não, não me sinto sossegada enquanto Jesus me não consumir em suas chamas. Queria ver o meu coração incendiado pelo amor. Queria que todos pudessem dizer: o amor de Jesus reduziu a cinzas o coração de Gema.*

Não se juigue que, por ser assim sensível, a embriaguez espiritual é menos preciosa, pois consiste antes de tudo em uma luz extraordinária do Espírito Santo e no amor experimental, cuja superabundância trasborda pelos sentidos do corpo.

Algumas vezes estas inundações invadem, como torrentes de fogo, o órgão material do coração e abrasam-no dum modo desusado.



Estes ardores especiais, chamados pelos místicos *Chama de amor*, constituem o sexto grau de união divina. Na virgem de Luca a intensidade desta chama foi inaudita e não se teria podido prolongar por mais dois ou três meses sem queimar por completo o seu coração, como testemunham factos reais, escrupulosamente verificados.

Esse coração transformára-se em autêntica fornalha, da qual ninguém podia aproximar a mão, mesmo através dos vestidos, sem se queimar. Para melhor me certificar do fenómeno, pedi a D. Cecilia lhe examinasse atentamente o peito durante os êxtases. E, ó maravilha! muitas e muitas vezes a parte exterior correspondente ao coração apareceu tostada, exactamente como se tivesse sido exposta ao fogo de carvões ardentes.

O prodígio durou uns dois a três meses, e muito tempo depois podiam-se ainda examinar as cicatrizes das queimaduras e da chaga que tinham produzido.

Ela mesma que nos descrevia o fenómeno.

*«Há cerca de oito dias sinto na região do coração um fogo misterioso que não sei explicar. Como a princípio não experimentava quasi nenhum incómodo, não fiz caso; mas há três dias este fogo aumentou de tal modo que já quasi não posso suportá-lo. Precisaria de gelo para o apagar; impede-me de dormir, de comer; comunica-se ao exterior. Este fogo, longe de me atormentar, deleita-me, mas vai-me esgotando, consumindo. Jesus com certeza já vos fêz compreender tudo isto. Meu bom Deus, quanto Vos amo! quanto Vos amo!»*

A dor produzida por esta espécie de combustão era muito viva, embora misturada de delícias. A uma pre-

gunta que lhe fiz respondeu: *«Para formardes uma idea aproximada, imaginaí que no mais intimo do meu pobre coração foi introduzido um ferro ao rubro que constantemente se conserva neste estado: é assim que me sinto queimar».*

A-pesar-disso, nunca ela trocava por todos os prazeres e tesouros do mundo uma dor tão intensa que no fundo da alma era dulcificada por uma suavidade inexprimível.

Ouviu-se um dia exclamar no êxtase: *«Vós estais abrasado, Senhor; e eu ardo. Ó dor, ó amor soberanamente feliz! Ó fogo dulcíssimo, ó chamas deliciosas! Quereis fazer do meu coração uma chama? Ah! encontrei o fogo que devora e reduz a cinzas. Ah! basta, basta; não consigo subtrair o meu peito a tanto fogo. Que digo? Não, vinde, Jesus; eu Vos abro este peito, introduzi nête o vosso fogo divino. Sois chama, que o meu coração seja também uma chama».*

Algumas vezes, como se ainda não tivesse experimentado tais ardores, dizia: *«Que incêndio é este que sinto em mim? Serão as chamas do vosso amor, ó Jesus? Sim, são as chamas do vosso amor».*

Mas nenhuma efusão conseguia acalmar o fogo interior que devorava a seráfica donzela. *«Pobre Gema, escrevia-me a Senhora que lhe assistia, como sofredor! Consume-se de amor por Jesus; está constantemente a repetir que se sente arder e não vê fogo, que se sente fortemente prêsa e não descobre os laços que a prendem. Ah! se fôsseis testemunha dos seus transportes apaixonados! se ouvísseis as expressões que lhe saem dos lábios durante os êxtases!»*



Estes ardores conservavam tãda a vivacidade, mesmo no meio da aridez espiritual. Num dos seus êxtases exclamava ela:

«Que paz, que repouso, ó Jesus, mesmo quando Vos occultais! Permanecei, permanecei longe de mim; basta que nunca me falte o vosso amor. Abrasai-me, o vosso amor me basta. Oh! se um dia se pudesse dizer que o vosso amor me consumiu! Amor! Amor! não quero separar-me de Vós. Afastai-Vos quando quiserdes, hei-de seguir-Vos sempre».

E cada vez mais inflamada, Gema continuava ainda: «Porque é que, ó Jesus, me deixais só, abandonada, depois de me terdes mostrado tanto amor? É o amor, Jesus, que me faz falar assim. Mas se voltaís, ó meu Deus, morrerei. Ó Jesus, amparai-me. Privai-me de tudo, fugi para onde quiserdes, mas deixai-me o vosso amor».

Não podem sentir, não podem falar de outro modo os que, como S. Paulo da Cruz saboreiam em grau tão sublime as doçuras do amor divino. O próprio Salvador, Espôso divino das almas, inebriado de dor e de amor sobre a cruz, suspirava com angústia: *Sitio: tenho sede*.

Esta Sede ou angústia de amor é o sétimo grau da teologia mística que Scaramelli define assim: As angústias do amor são um vivo e ardente desejo de Deus, de de Deus amado e gostado, mas ainda não possuído pela alma. A persistência, a duração destas angústias, que se fixam por assim dizer nas entranhas da alma, chama-se sede de amor.

Durante tãda a vida Gema teve uma só paixão: a de chegar à posse de Deus. A medida que se purifi-

cava no crisol dos maiores sofrimentos, esta paixão aumentava, inflamava-se, convertia-se numa sede ardentíssima, queimava-lhe as entranhas.

Em tais angústias a inocente pomba não encontrava outro alívio senão o de gemer. E gemia de dia e de noite, dizendo: «Preciso de Jesus, oh! dai-mo, dai-mo». E dirigindo-se ao Divino Mestre suspirava:

«Apressai-vos, Jesus; não vêdes quanto o meu coração Vos deseja? Não vêdes como ele vai desfalecendo? Não Vos custa, ó meu Deus, vê-lo assim consumir-se de desejo? Vinde, vinde, Jesus; não tardeis, correi, aproximaí-Vos, fazei-me ouvir a vossa voz. Ó Deus, quando me saciarei da vossa luz, quando? Jesus, alimento das almas fortes, fortificai-me, purificai-me, divinizai-me. Deus de infinita grandeza, Jesus, ajudai-me, Deus gerado de Deus, vinde em meu auxílio! Tenho sede de Vós. Não vêdes como soffro de manhã, enquanto me não nutro de Vós? Fazei que ao menos, quando estiver nutrida, fique saciada».

Ora seria possível que, no órgão material do coração não se repercutissem os ardores desse fogo espiritual que a ia consumindo? E do coração esse fogo comunicou-se logo às carnes que o cobriam; a seguir foi lavrando gradualmente, até invadir todo o corpo.

Ao contar-me este fenómeno maravilhoso, dizia Gema: «O meu coração, Padre, é vítima de amor; não me será possível resistir, morrerei de amor. As chamas consomem o coração e até o corpo; vou ficar reduzida a cinzas. Ontem aproximei-me de Jesus, exposto no SS. Sacramento, mas senti-me queimar tão fortemente que fui obrigada a afastar-me; ardia por todo o corpo, e este



ardor tinha chegado aos olhos. *Viva Jesus! Não sei como é que tantos cristãos podem aproximar-se d'Ele sem serem reduzidos a cinzas.*

Eu mesmo quis examinar, com o auxílio de um termómetro, o abrasamento geral do corpo de Gema. Apenas o apliquei àquela carne virginal, a coluna do mercúrio elevou-se logo até ao cimo do tubo, como se o tivessem aproximado duma fogueira.

Se neste triste exílio, a-pesar-dos obstáculos dos sentidos, a alma, só com o auxílio das luzes da fé, pode chegar a tal intensidade de amor divino, que transportes não serão os seus, quando lhe fôr permitido na luz brilhante da glória contemplar face a face a Beleza infinita e dela gozar para sempre numa união inefável?



## CAPÍTULO XXIV

### Esponsais místicos



Os sete graus precedentes de contemplação constituem uma preparação para os *Esponsais místicos*, que consistem na união perfeita e estável com o Soberano Bem, mas que são ainda precedidos de outro grau de preparação que a teologia mística chama *foques divinos*.

Pelo *recolhimento infuso* Deus torna a alma atenta à sua adorável presença; pelo *silêncio espiritual* põe-na em estado de ouvir a sua voz; pela *quietude* dispõe-na para a magnanimidade; renova as suas forças no sono, excita-a na *embriaguez*, aquece-a pela *chama*, consome-a e atrai-a pela *sêde* de união e de inteira transformação n'Ele.

Tendo chegado a esta altura de perfeição, a alma vê-se e sente-se próxima de Deus; goza d'Ele com inexprimíveis delícias, mas sem ainda O possuir intimamente.

Semelhante à borboleta que, atraída pela chama,



voa em roda dela, a alma gira em volta da essência divina, caminha para ela impetuosamente, mas sem ela poder ainda penetrar, abismar-se, perder-se.

Por isso geme e suspira numa ansiedade tanto maior quanto mais abundantes e mais vivas tiverem sido as luzes que em suas contemplações lhe descobriram os encantos da Beleza infinita.

Gema descreveu muito bem este estado místico com as seguintes palavras: *«Jesus está em mim e eu sou toda d'Ele; espero agora a graça duma total transformação n'Ele e consumo-me no desejo de me abismar nesse oceano imenso do amor divino»*.

Segundo a lei comum, este insigne favor não se comunica subitamente à alma que com certeza não poderia suportá-lo. Por isso o Pai Celeste começa por lho comunicar num grau inferior, que é o oitavo da Teologia mística e a última disposição para os divinos Desposórios. Deixa-se tocar substancialmente pela alma, ou melhor, Ele mesmo a toca com a rapidez do relâmpago, e assim começa a deixar-se possuir.

Estas finezas do amor incriado, estes contactos fugitivos, chamados *toques divinos*, definem-se: uma impressão espiritual, análoga à do tacto corpóreo pela qual a alma sente a acção divina no mais íntimo do seu ser e saboreia o Soberano Bem dum modo inefável.

Quando os gemidos da seráfica donzela chegaram ao seu auge, quando o seu coração parecia não poder resistir mais ao ardor intensíssimo das suas chamas, Deus teve piedade dela, e para lhe tornar suportável a vida, começou a aproximá-la de quando em quando do seu divino Coração.

Não posso precisar a época em que se manifestaram estes toques divinos. A ditosa menina já gozava d'elles quando a tomei sob minha direcção, isto é, três anos antes de morrer, embora fôsem ainda menos perfeitos e muito raros.

Era de ordinário durante a contemplação que recebia esse precioso dum. À medida que a luz sobrenatural descobria a seu espirito a Beleza incriada, o coração inflamava-se-lhe, batia com mais força e anelava unir-se ao seu Amado. Pouco a pouco, com o aumento destes ardores, caía o muro de bronze que separa a criatura do Criador, e esta alma feliz encontrava-se em contacto com a Divindade.

Durante esses momentos apenas podia suspirar: *«Ó anjos, ó anjos, estou aniquilada: eplaudi vós o amor do meu Deus. Rendo-me, Jesus, rendo-me ao vosso santo amor»*; e, abandonada das forças naturais, caía desfalecida.

Gema sentiu um dia na igreja, depois da sagrada comunhão, um destes toques divinos. À sua humildade ficou tão alarmada que suplicou ao Senhor não mais a favorecesse em público com esta graça. E foi ouvida. Em sua ingênua simplicidade, a seráfica virgem attribuia aos próprios esforços este feliz resultado.

Escrevia ao seu director: *«Jesus continua a fazer-se sentir em todo o tempo e lugar. Seja Ele sempre bendito! Mas que esforços tenho de empregar para que os outros nada suspeitem, principalmente quando estou na igreja ou fora de casa. Passo às vezes o dia inteiro a sufocar estes desejos que tenho de me submergir no oceano imenso do amor divino. E é sobretudo nos mo-*



mentos imediatos à Comunhão que tenho mais receio. Com os esforços que emprego sinto-me à noite com febre. Jesus diz-me que estes esforços lhe agradam muito. Avante sempre! Continuarei a poder conter-me? Temo que não, porque os transportes tornam-se cada vez mais impetuosos e mais frequentes. Quando não puder mais, deixarei correr. Viva Jesus!

Também os sentidos participavam algumas vezes desta graça preciosa. O Verbo Divino aparecia sob a amável forma da sua Humanidade, inflamava com sua doce presença o coração da seráfica espôsa e convidava-a a aproximar-se do Sagrado Lado. Gema beijava-o com lábios afogueados e desfalecia de ternura aos pés do seu Bem Mestre.

Vejamos como ela mesma descreve uma destas inefáveis comunicações:

«Depois de ter comungado senti vir Jesus: e que-reis saber de que modo? Logo que meu coração O recebeu, pôs-se a bater com muita força, como se quisesse despedaçar o peito. Jesus perguntou-me se eu O amava verdadeiramente. Respondi que sim. — E Vós, lhe disse eu também, amais-me? — Neste momento Jesus encheu-me de carícias, beijou-me, e eu fiquei aniquilada diante d'Ele».

Com o tempo, estes assaltos do amor infinito, se é lícito falar assim, tornaram-se muito frequentes sobretudo nos êxtases: e os assistentes notavam os seus efeitos sensíveis.

A este propósito escrevia ela: «Estes pequenos desfalecimentos que me sobreveem na presença de Jesus, multiplicam-se cada vez mais. Mas se Jesus, continua,

de-prêssa ficará só (1). Ah! o amor de Jesus é um amor irresistível. Como não O amar com toda a nossa alma? Como não hei-de desejar perder-me n'Ele e consumir-me nas chamas de seu santo amor?»

A seráfica virgem julgava que todos os cristãos ardiam como ela no amor celeste, e ouviu-se muitas vezes dizer ao Senhor: «Meu amado Jesus, se permitis que todos ardam assim e se consumam diante de Vós, ninguém poderá resistir e ficareis só».

Preguntou um dia a Deus donde provinha em seu interior esta sede de lhe agradar e de se unir a Ele por um laço indissolúvel de amor.

Respondeu-lhe o Senhor: *é que eu venci-te.*

E Gema: *Ah! sim, sou feliz em ter sido vencida por tanta bondade, por tanto amor.*

Chegara para o Divino Mestre o momento de completar o seu triunfo. Tantos anos de provas e de purificações, tantas graças maravilhosas tinham tornado a sua predilecta serva digna do benefício insigne da união estável e perfeita, grau supremo da vida mística.

Como já dissemos ao falar da sua humildade, a modesta virgem não ousava chamar a Jesus seu espôso. Bastava-lhe a ela o nome de serva e sobretudo de filha.

Todavia, crescendo o amor e com o amor a confiança, terminou por aspirar à qualidade de espôsa e por exprimir timidamente o seu desejo. «Se experimento, ó meu Jesus, tanta consolação quando de manhã me con-

(1) Modo de dizer que esse excesso de felicidade e de amor a farão expirar aos pés do Divino Espôso.



vidais a chamar-Vos pai, que será quando me fôr permitido chamar-Vos Espôso? Sim, Jesus, consolai a vossa pobre filha e espôsa prometida».

Noutra ocasião, sempre em êxtase, falava assim com o seu Deus: «Ó Jesus, mas sempre vossa filha? Nada mais? E não obstante eu queria... ó Jesus! Sim, compreendo, era demais para mim. Quereis que Vos diga qual é o meu desejo? Eu queria, Jesus, eu queria ser, Jesus, vossa... espôsa. Sim, vossa espôsa, ó Jesus». Depois destas palavras, caindo desfalecida, esteve longas horas estendida no chão.

Correi, ó divino Espôso das almas, porque é tempo, eizei a esta virgem seráfica que não vive se não para Vós: levanta-te e vem, «vem, espôsa de Cristo, recebe a coroa que o Senhor te preparou desde toda a eternidade» (1).

Os pedidos da angélica menina foram satisfeitos. O Verbo Eterno uniu-se a ela por um laço indissolúvel de amor.

Como a Santa Catarina de Sena, a S. Paulo da Cruz e a outros santos, apareceu também a Gema sob a forma dum gracioso menino sustentado nos braços da divina Mãe. Como penhor destes místicos esponsais, Maria tirou do dedo de seu Filho um anel que colocou no dedo da sua ditosa serva.

(1) Do ofício litúrgico, nas Vésperas do Comum das Virgens, antífona do *Magnificat*. (Nota do Revisor).



Santa Gema Galgani

«Duas coisas, ó Jesus, o meu coração anseia: Viver sofrendo e depois morrer de amor».



Desde então Gema não parecia já criatura humana. A majestade do semblante, o esplendor do olhar, o suave sorriso dos lábios, o conjunto de suas raras qualidades físicas revestiram um não sei quê de celeste que lhe dava tôdas as aparências dum anjo do céu e inspirava um religioso respeito.

«Crêde-nos, Padre, escreveram-me os que com ela conviviam, não se pode fixar os olhos em seu rosto, parece um serafim. Depois de a ter contemplado por um instante somos forçados a baixar os olhos, dominados pelo respeito. Passa quasi tôdas as horas de oração solitária em êxtase. Não a podereis ver nesses momentos sem vos sentirdes comovido até às lágrimas. Se ouvísseis as palavras de fogo que lhe saem dos lábios! Ah! a nossa querida Gema!»

Ela mesmo me descrevia o seu feliz estado com as seguintes palavras, precisas e breves: «Jesus continua a amar-me, mas não do mesmo modo que antes; continua a recolher-me e a unir-me a Ele, mas dum modo diferente. Desde êsse dia começou para mim uma vida nova».

A analogia dos desposórios, embora muito imperfeita e grosseira, pode dar uma idea do grau de amor e de união a que foi elevada a seráfica virgem.

No matrimónio terrestre, duas pessoas dão-se uma à outra com tudo o que são e com tudo o que possuem, a ponto de se fundirem de alguma sorte num único ser. No matrimónio espiritual e divino, a alma dá-se também toda a Deus, e Deus dá-se todo à alma. E esta união, como aquela, mas infinitamente mais perfeita, é íntima, continua, indissolúvel: íntima, porque se opera no centro, na própria substância da alma privilegiada; continua porque



sem interrupção alguma da parte de Deus, seu verdadeiro autor; *indissolúvel*, porque segundo a lei ordinária, jamais acontece que uma tal alma chegue a perder a graça santificante e se separe de Deus.

Esta união perfeitíssima distingue-se, pois, claramente dos graus inferiores da mística. Nestes, o Senhor somente comunica os dons celestes, sem Se entregar a Si mesmo: ou Se comunica só às potências da alma e não à própria alma, ou, se Se une à alma, é unicamente por intervalos mais ou menos longos, e não de modo permanente.

Que nos descreva Gema esta união sublime, já que teve a dita de a experimentar:

*«Hoje já não estou em mim, estou com o meu Jesus, sou toda para Ele; e Ele está todo em mim e é todo para mim. Jesus está comigo e é todo meu; está só comigo, e eu estou só com Ele, só, a bendizê-lo, só, a cortejá-lo. Está encerrado na miserável cela do meu coração onde encobre a sua majestade. Estamos completamente sós, e o meu coração palpita de continuo a uníssonos com o Coração de Jesus. Viva Jesus! O Coração de Jesus e o meu são uma e a mesma coisa. Não se passa um minuto sem eu sentir a sua querida presença; manifesta-se dum modo sempre mais amável».*

Que felicidade não deve ter neste mundo a alma elevada a tanta altura! Que celeste maná não deve ela saborear nesta íntima união com o Soberano Bem, sendo certo que todos os bens do esposo estão à disposição da esposa e que os bens de Deus são infinitos.

Gema nada exagera quando exclama: *«Como são doces para mim os momentos que se passam! É uma feli-*

*cidade somente comparável à bem-aventurança eterna dos anjos e dos santos. Sim, sou feliz, ó Jesus, porque sinto o meu coração palpitar contra o vosso, porque Vos possuo! Mas, ó meu Deus, se nos tornais tão felizes na terra, que será no céu!»*

Escrevia ao seu director: *«Oh! Se pudésseis, Padre, experimentar, saborear tantos favores que Jesus me concede! Oh! como Jesus é bom! Peço-lhe que suspenda os seus dons, porque não resisto mais. Ajudai-me, ajudai-me e abençoai-me».*

É difícil definir a natureza dos dons, cuja superabundância lançava em tão suaves desfalecimentos a nova esposa de Cristo; ela mesma não teria podido fazê-lo. Eram graças sublimes que a nobilitavam cada vez mais, que a embelezavam e tornavam mais agradável aos olhos de sua divina majestade. Sentia-se submergida num abismo de luz, de serenidade, de paz, e como que transformada em Deus com todas as potências e todos os actos da alma que, pode dizer-se, não saia dum êxtase senão para entrar noutro e no intervalo permanecia, absorvida em Deus.

O Verbo Eterno comunicava à sua esposa predilecta os mais íntimos segredos, ilustrava o seu espirito com as mais altas visões intellectuais, encantava até os sentidos com as mais suaves aparições. Descobria-lhe a sublimidade dos mistérios da fé, a perfeição infinita dos atributos divinos, a felicidade que a esperava no seio da glória celeste.

Agora compreende-se que a santa menina, mais desgostosa que nunca das coisas da terra, exclamasse tantas vezes: *«Neste mundo tudo me repugna e me pesa; só*



*desejo amar, amar, amar. Passo os dias em aspirações continuas e em orações jaculatórias».*

Já não nos admira vê-la tão apaixonada do Paraíso, parecendo-lhe sempre pouco o que já possuía no coração. «*Oh! vamos ao Paraíso, ao Paraíso, onde se vê a Deus face a face, onde O possuímos com perfeição e até à saciedade. Quando é que, ó meu Deus, me abrireis as portas do Paraíso?*»

Assim se explica o terror que lhe causava o simples nome de pecado e esse zelo ardente que lhe teria feito aceitar tôdas as torturas para impedir a menor ofensa de Deus, mas também esses desejos inflamados de aplacar a Justiça divina, à custa não importa de que expiação, e de realizar grandes obras para a sua glória.

Dizia com vivacidade: «*Mas que farei eu por Jesus? Oh! quanto queria fazer! Se pudesse dar-lhe já todo o meu sangue! mas não, quero viver sempre, se isso lhe apraz, para trabalhar por Ele e para fazer penitência por meio de muitos sofrimentos e de muito amor. Oh! Se eu pudesse possuir, como sempre ardentemente desejei, o fervor e o amor de tôdas as almas santas, se eu pudesse igualar em pureza os próprios anjos, e até a vós, ó Maria, nossa Mãe Santíssima!*»

Estes pensamentos, estas aspirações e affectos são muito naturais numa espôsa que vive unicamente para agradar ao espôso. Gema não pensa em si; não há sofrimento que pelo seu Amado não suporte de boa vontade. As deshonras, os ultrages que Ele recebe de criaturas ingratas, ferem-na no mais sensível do seu coração.

Um exemplo entre muitos: Certa ocasião, em que voltava da igreja, juntou-se a uma pessoa conhecida que,

devido a qualquer acontecimento deplorável, começou a vomitar horrendas blasfêmias, alucinada por um cego furor..

A santa menina tremeu ao ouvi-la, e dispunha-se a repreender a infeliz, quando, perdendo as forças com o excesso da dor, caiu desfalecida. Entretanto o coração batia com veemência e as veias, violentamente estiradas, deixavam passar através do tecido grande abundância de sangue que lhe jorrava pelos poros e corria por terra, depois de ter manchado todos os vestidos.

Espectáculo comovente este, único talvez nos annaes da agiografia cristã, depois da agonia do Getsemani, em que Jesus derramou um suor de sangue parecido, mostrando-nos assim quão horribéis são as faltas graves contra a majestade divina.

Quando retomou os sentidos, Gema levantou-se, continuou o caminho, mas absorvida pela dor profunda, não notou o estranho fenómeno e appareceu assim em casa.

Sua tia foi a primeira a encontrá-la. Ao ver-lhe o rosto pálido e desfigurado, informou-se apreensiva do seu estado de saúde; mas logo, vendo-a tôda ensangüentada e julgando que se tivesse flagelado ou martirizado com algum instrumento de penitência, repreendeu-a severamente.

A humilde menina, vendo-se assim descoberta, còrou, fêz quanto pôde para sair do embaraço e, como nada conseguisse, confessou ingenuamente, no meio de lágrimas e soluços, que algumas blasfêmias proferidas em sua presença lhe haviam provocado um suor de sangue.



Preguntou-lhe a Senhora, dissimulando uma viva comoção: «*Porventura é a primeira vez que ouves blasfemar nesta desgraçada cidade? Porque é que só hoje se produziu tal efeito!*»

Gema respondeu: «*não é a primeira vez, isto acontece-me sempre, se não consigo retirar-me a tempo, ou ao menos distrair-me.*»

Gema podia ter acrescentado que a violência da dor lhe tinha arrancado algumas vezes lágrimas de sangue. Este fenómeno, de que não havia memória até então, reproduziu-se freqüentemente e foi observado por muitas pessoas quando Gema, chegada à perfeição do amor, recebeu do Divino Mestre a graça dos místicos esponsais.

Sob a pressão duma dor intensa, provocada pelas injúrias feitas ao seu muito amado Espôso, o sangue corria-lhe lentamente dos olhos puros e coagulava sobre a face, donde era preciso desprendê-lo aos grumos.

Outro fruto da perfeita união de Gema com Deus era uma tal ou qual impassibilidade em face das maiores tribulações da vida. Ou não lhes sentia o amargo ou não lhes prestava atenção; e, emquanto à volta dela reinava a tristeza e o abatimento, só Gema permanecia calma e serena. «*Não vos perturbeis, dizia, não é nada. Jesus não há-de permitir que aconteça mal algum. Porventura não está Jesus connosco? Porque ter tanto receio?*» Os sofrimentos físicos, por mais intensos que fôsem, não alteravam a sua alegria.

Até então a aridez espiritual tinha sido o grande tormento da sua alma.

Quando desaparecia o amado Jesus, a seráfica vir-

gem empalidecia e começava a tremer, com receio de O ter perdido para sempre. Mas, depois que se tornou sua espôsa, certa da indissolubilidade dêsse místico laço, nunca mais se perturbou.

Para a experimentar, podia o Senhor subtrair-lhe a doçura da sua divina presença, mas não podia separar-se do seu coração.

«*Quem sabe, dizia ela agora, se Jesus se me mostrará outra vez? Mas, se não olhar para mim, pouco me importa. Quanto a mim, não O perderei de vista, e se não me quiser com Ele, segui-lo-ei, a-pesar-de tudo. Quero pensar sempre n'Ele; por fim há de voltar. Fugi, fugi, Senhor; ter-me-eis sempre atrás de Vós, certa de que nem o céu, nem a terra, nem o inferno nos separarão jamais. Se Vos aprouver martirizar-me com a privação da vossa querida presença, pouco me importa, com tanto que saiba que estais contente. Desde que Vós estais contente, todos o devem estar. Viva Jesus escondido!*»

As vexações diabólicas, cuja horrível atrocidade já conhecemos, também não conseguiram tirar-lhe a paz do coração. Dizia-me na última carta: «*Crêde, Padre, que já não tenho medo do demónio. Ele bate-me, bate-me sempre, mas sei que, se Jesus lhe dá a permissão de me molestar, não lhe dará a de fazer mal à minha alma.*»

Mas o fruto mais precioso que brota do supremo grau da união mística é o admirável abandono em Deus. Desde a sua infância amava Gema a vontade divina e só no seu cumprimento encontrava paz e felicidade. Depois que foi elevada à dignidade de espôsa, a vontade



do Espôso divino absorveu por completo a sua e tornou-se a única preocupação da sua alma.

Seríamos demasiado extensos, se tivéssemos de transcrever uma parte só que fôsse, das notas que possuímos, relativas a êste assunto.

A santa menina pôde escrever-me sem exagerar: *«Meu Padre, estai contente; abandonei-me por completo nas mãos de Deus. Procuro a Jesus, mas só para que me ajude a cumprir a sua Santíssima Vontade. Dêste modo não há mais desejos nem devaneios em minha alma, e vivo no silêncio e na paz do coração. Oh! que alegria e estar totalmente unida à Santíssima Vontade de Deus! Esta felicidade me basta».*

Dêste completo abandono nas mãos de Deus nasciam uma indomável coragem em face de tôdas as dificuldades e obstáculos, uma força heróica nos sofrimentos de tôda a ordem e uma alegria inalterável que da parte superior do espirito descia até aos sentidos, tornando-lhe os dias serenos e fazendo com que ela fôsse amada de todos.

Entretanto o que mais nos comovia no feliz estado da santa donzela era a extraordinária intensificação dos ardores do seu coração para com o soberano Bem. Dificilmente se encontrariam almas abrasadas com chamas tão vivas.

Embora êste serafim estivesse há tantos anos a palpar de amor, ainda algumas vezes exclamava: *«Mas o que é que eu sinto? Não posso, ó meu Deus, abandonar-me a esta doçura, a esta felicidade! O que é, ó meu Deus, o que é que eu sinto? Ah! sinto-Vos no meu coração, sinto-Vos lá, como que vivo. Que mistério! Sinto-me*

*no Paraíso. Alguma vez morrerei, ó Jesus, ao sentir-Vos assim como que palpitar no meu coração. Ó Jesus, se um dia se pudesse dizer que o vosso amor me consumiu! Não, não, Jesus, não me mandeis mais que Vos ame. Não, não Vos pedirei mais amor, porque não posso suportar mais».*

O coração, órgão material do amor, mostrava que realmente era assim. Impotente para agüentar os ardores desta alma seráfica, agitava-se e abandonava-se a movimentos desusados.

Gema escrevia-me: *«O meu pobre coração bate com violência, com muita violência; parece querer saltar fora do peito. É muito fraco, não pode permanecer firme. Fatiga-me muito, obrigando-me a estar sentada no leito; e o leito treme também. Em certas ocasiões parece que o coração me sai do peito e sou obrigada a comprimi-lo com a mão. Ah! não ter eu alguém que me ajude a moderar os ardores e as chamas com que está perpétuamente agitado!»*

Os que procuravam reprimir as palpitações violentas dêsse coração tão possuído do amor divino, fincavam nêle com firmeza ambas as mãos, mas sentiam-se vivamente repellidos.

Eu próprio vi, durante estas fortes comoções, mover-se a cadeira ocupada por Gema e tremer o leito em que jazia, ao passo que ela permanecia em paz e, o que é mais para admirar, sem sombra de angústia, de temor ou de enfado. Falava sem dificuldade, movia-se com desembaraço, como se nada houvesse; mostrava não ter incômodo algum, só o coração estava agitado.

Uma vez perguntei-lhe qual era, na sua opinião, a



causa desse fenómeno. Respondeu-me com a sua habitual candura: «Não o vêdes? Jesus é tão grande e o meu coração tão pequeno!... Jesus não cabe num tão pequeno coração; quer estabelecer-se nêle e o coração agita-se; se Jesus não dá remédio, Padre, isto vai mal. Oh! como este coração se dilata, como se dilata para que Jesus esteja nêle à vontade!»

Um dia, num impetuoso transporte de amor divino, este coração virginal, sentindo-se em espaço muito apertado, levantou três costelas, curvando-as em ângulo recto. O peito sofreu uma deformação que persistiu muito tempo e pôde ser examinada à vontade. Tinha no exterior uma grande saliência e no interior um espaço suficiente para o coração palpitar com mais liberdade.

Paremos aqui, leitor, pois sentimos desfalecerem-nos as forças para continuar. De joelhos Vos adoramos, ó Jesus, autor divino de tão grandes maravilhas. \*



## CAPÍTULO XXV

### A grande extática do nosso século



Os teólogos colocam o êxtase e o arreouamento entre os graus da união mística, e com razão. No êxtase, a luz infusa e a chama do amor elevam pouco a pouco a alma e abismam-na em Deus sem violência, dum modo suave e delicado, que paraliza totalmente o uso dos sentidos; no arreouamento, esse efeito é produzido súbitamente pela acção mais enérgica e mais irresistível do atractivo divino.

Havendo muito que dizer sobre estes dois graus de união mística em Gema, resolvemos tratar dêles em capítulo separado.

Como os dois maravilhosos fenómenos alternavam continuamente na virgem de Luca, e visto que o segundo, a-pesar-da sua impetuosidade, conservava a moderação e a majestade do primeiro, designá-los-ei a ambos com a denominação comum de êxtases.

Gema foi favorecida d'este dom tão raro sem ter sido para êle preparada por essas graças inferiores, com



que o Espírito Santo costuma gradualmente elevar as almas predestinadas à união mística. E adquiriu depois uma tão grande perfeição dessa união que se diria ser-lhe quasi natural.

O estado de extática manifestava-se em qualquer tempo e lugar, no meio de qualquer ocupação, e no momento em que menos o esperava. De ordinário pressentia-o, alguns momentos antes, por um recolhimento súbito seguido de vivas palpitações do coração e dum desejo ardente de se unir mais intimamente a Deus.

A humilde donzela procurava mover-se, distrair-se, e, se o não conseguia, retirava-se para que a não vissem em êxtase.

Quando a comunicação divina a surpreendia de improviso, entrava em êxtase e perdia o uso dos sentidos em qualquer lugar que estivesse: o corpo conservava sempre a flexibilidade e, o mais das vezes, a liberdade de se pôr de joelhos ou de pé.

Neste século infeliz em que o racionalismo, com o seu prurido de incredulidade, procura obscurecer os mais evidentes factos sobrenaturais, ao passo que aceita, de olhos fechados, as afirmações do charlatanismo hypnotizador e do espiritismo, parece que Deus atenuou propositadamente em Gema a forma de certos fenómenos exteriores dos êxtases, que em muitos outros santos poderiam dar pretexto à critica dos sofistas.

Com effeito, mesmo durante o êxtase ela apresentava todos os indícios duma pessoa com perfeita saúde, todos os sinais dum estado fisiològicamente normal; nada de atitudes desusadas, ou de contracções musculares, nenhuma palidez cadavérica, nenhum gesto exaltado. Só

os sentidos externos permaneciam inertes, como dissemos. Podiam picá-la com uma agulha, nas mãos, nos braços, na cabeça; queimá-la com a chama duma vela, fazer ruído ensurdecedor; a santa menina nada sentia, nenhum facto exterior percebia.

Nos freqüentes êxtases dolorosos, os membros, conservando o seu estado normal, manifestavam um profundo cansaço, e era preciso sustê-la para que não caísse; quando êsses êxtases a surpreendiam no leito, ficava absolutamente extenuada.

Nos arroubamentos beatíficos, pelo contrário, o corpo participava da alegria da alma, uma chama misteriosa acendia-se-lhe nos olhos, que resplandeciam como dois sóis, e ruborizava-lhe as faces, e todo o seu rosto parecia o dum anjo que tivesse descido do céu, aureolado pelos eternos esplendores.

Escreviam-me de Luca: «Se a visseis ontem!... Ó meu Deus! Não se podia olhar para ela; não era uma criatura humana, era o rosto dum serafim. Sentiamo-nos penetrados de devoção e chorávamos. Como nos pareceu curta a hora que durou o êxtase».

A família adoptiva da santa menina teve ocasião de gozar muitas vezes este espectáculo celeste que parecia sempre novo, tanto é verdade que o homem neste mundo é sempre insaciável de sobrenatural.

O rosto de Gema, emmagrecido pela doença, tinha perdido toda a beleza no fim da sua vida. O êxtase, porém, restituía-lha súbitamente em grau muito superior, imprimindo nêle uma certa majestade que incutia respeito e veneração.

Os êxtases da serva de Deus podem dividir-se em



três classes: os menos perfeitos, os perfeitos, os extraordinários.

Os menos perfeitos, tão freqüentes, que chegavam a repetir-se muitas vezes ao dia, eram os mais espontâneos e os mais simples. Para os provocar bastava uma luz infusa menos que comum. O mundo sensível desaparecia então para Gema, um profundo recolhimento apoderava-se de todo o seu ser e, num instante, encontrava-se no céu, sem que nenhum estremecimento do corpo precedesse ou acompanhasse o vôo do espírito; os olhos cintilavam, fixos no céu ou no ponto ocupado pela visão.

Quantas vezes me correram as lágrimas ao contemplá-la neste estado, enquanto rezávamos juntos ou recitávamos o ofício divino. Eu estava dum lado da mesa, Gema do outro com o breviário na mão, salmodiávamos alternadamente. Lia as lições dos nocturnos, dizia os versículos e os responsórios com exactidão admirável, voltava as fôlhas do livro.

Como podia fazer isto? Meu Deus, confesso que nunca o compreendi. Estava morta para toda a impressão do tacto. Os olhos, embora applicados à leitura do breviário, permaneciam insensíveis a tudo o mais. Se lhe fôsse preciso interromper o êxtase por qualquer motivo, recuperava imediatamente o uso dos sentidos, mas para os perder de novo, logo que retomasse a oração.

Em nossas conversas espirituais perguntei-lhe algumas vezes se o Anjo da Guarda estava sempre no seu pósto, occupado em a guardar.

Com uma deliciosa simplicidade voltava os olhos para o espirito celeste, permanecia extática e fora dos

sentidos enquanto o contemplava. O Espirito Santo que se deliciava em morar num coração tão puro, proporcionava-lhe durante o dia ocasiões semelhantes a esta para se abstrair do mundo.

Tais são os êxtases de Gema a que eu chamo menores. Eram puramente sensíveis a maior parte das vezes, de curta duração e muito pouco intensos, visto que a perda dos sentidos, exceptuando o tacto, não era total. Muitas vezes podia ler, escrever uma carta ou conferenciar com o seu pai espiritual; mas que cartas e que conversas não eram as suas!

Os êxtases perfeitos, menos freqüentes, mais profundos e mais elevados, embora igualmente simples, eram também de mais longa duração, variando entre meia e uma hora, e às vezes mais. A perda dos sentidos era total e persistente. Para a fazer cessar era preciso uma ordem articulada, formal, que nem sempre bastava, pois o Espirito Santo não está obrigado a conformar-se com a vontade dum homem, ainda que seja seu ministro.

Todavia algumas vezes um simples preceito mental, tirava a piedosa virgem dos êxtases mais sublimes. Voltava à vida exterior sem dar nenhuma prova de descontentamento.

Quando retomava os sentidos, espontâneamente, em virtude da suspensão do influxo divino, oferecia aos assistentes um espectáculo enternecedor e cheio de encanto. Longe de mostrar cansaço ou enfado, confusão de espirito ou imaginação perturbada, o rosto da angélica menina iluminava-se com um sorriso celeste. Dir-se-ia uma pessoa que deixou a doce companhia dum amigo para ir falar com outro que a espera.



Algumas vezes foi vista cobrir os olhos com ambas as mãos, por vergonha de se ver assim surpreendida, ou talvez porque lhe devia saber mal olhar a terra depois de ter contemplado o céu.

Estes grandes êxtases davam-se ordinariamente depois da Sagrada Comunhão, durante a exposição solene das Quarenta Horas e em ocasiões semelhantes, próprias para intensificar mais e mais os ardores da sua alma.

Finalmente os êxtases extraordinários tinham lugar com maior ou menor frequência no decurso do ano, sem regra fixa, e periodicamente duas vezes por semana: na quinta-feira pelas oito horas da noite e na sexta pelas três horas da tarde.

Os primeiros indícios destes êxtases apareciam o mais das vezes durante a refeição doméstica. Notava-se nela sem dificuldade um recolhimento mais profundo, olhares angelicais dirigidos para o céu, certa imobilidade da sua pessoa e a violência que parecia fazer sobre si para resistir.

Logo que se manifestavam os primeiros influxos da acção divina, Gema apressava-se a tomar o alimento indispensável e levantava-se, mesmo no meio da refeição, para ir encerrar-se no quarto.

Alguns minutos depois era seguida por alguma das pessoas da casa que a ia encontrar de joelhos junto do leito, com as mãos erguidas, olhos no céu, completamente perdida em Deus e numa total abstracção dos sentidos.

Quando a atracção divina a surpreendia com maior veemência, a prudente menina, receando cair desfalecida

no chão, corria para o leito, onde se encontrava ordinariamente sentada e numa atitude angélica.

Estes êxtases, a-pesar-de frequentes, eram extraordinários por causa da intensidade da luz divina, da grandiosidade dos objectos contemplados e dos maravilhosos efeitos produzidos em sua alma.

Um destes efeitos era a participação corporal nas dores da Paixão de Jesus. Podia-se notar a abundância e sublimidade das comunicações divinas nestes momentos preciosos, pois ela mesma o manifestava muitas vezes nos colóquios em voz alta com o Salvador.

As piedosas senhoras que a hospedavam recolhiam por escrito, ora uma, ora outra, tôdas as palavras, e é devido a elas que possuímos colóquios de cento e cinquenta êxtases, escriptos e reproduzidos.

Os assuntos são vários, os pensamentos muito elevados, a doutrina dum impecável rigor teológico, a forma é revestida de tal suavidade e majestade divina que penetram o coração do leitor. Que felicidade para aquêles que tinham a consolação de ouvir da sua própria boca estas palavras inflamadas!

Quanto a mim, devo confessá-lo, tôdas as vezes que estive presente, não fiz senão chorar. O tema de cada êxtase, ordinariamente único, consistia umas vezes num hino de louvor a algum dos atributos divinos, outras num epitalâmio ao Espôso celeste, outras numa luta amorosa para obter de sua misericórdia a conversão de algum pecador. O mais das vezes relacionava-se com a Paixão ou com o desejo de se transformar em Jesus Crucificado.

Ofereço à apreciação do leitor uma passagem dum



dêstes colóquios, transcrito por minha ordem pela seráfica virgem, depois do êxtase de 19 de Março de 1901:

«Ó Jesus, quando ouço pronunciar o vosso nome, a minha alma ganha coragem. Só o vosso nome, ó Jesus, sim, só êle serena a minha vida. Ó Jesus, o meu coração está desprendido da terra e repousa em Vós, mas a minha alma suspira, vendo-se cumulada de tantos e tão continuos favores. Não podendo pagar-Vos devidamente com obras heróicas, eleva-se em pensamentos e em efusões de amor».

«Enquanto eu falava assim, continua Gema, Jesus fazia-se sentir cada vez mais à minha alma e eu sentia desejo de morrer para O seguir ao céu. Exclamei: ó Jesus, esta pobre alma, ligada como está a êste pobre e miserável corpo, não pode voar para Vós: bate as asas e eleva-se quanto pode para chegar mais perto de Vós, eleva-se pelo espirito, visto que êle não está ligado ao corpo.

Alentada pela consolação, continua ainda: Voltei-me para os meus queridos anjos do Paraíso, que são testemunhas de tôdas as maravilhas de Deus: disse-me, tôdas estas maravilhas não são as manifestações dum poder sem limites, inspirado por um amor infinito? Depois, voltando-me para Jesus, perguntei-lhe o que me tinha feito ao coração para que eu não fôsse senhora dêle: quer sempre ir para Jesus, sem que o possa impedir. Não quer ser meu, deu-se todo a Jesus. E Jesus com voz doce e penetrante respondeu-me: É que eu veni-te. Ah! sim, sou feliz por ter sido vencida por tanta bondade, por tanto amor. Viva Jesus!»

Todavia as efusões mais ternas desta alma seráfica tinham por objecto a Paixão do Salvador.

Um exemplo entre muitos: «Quem vos matou, ó Jesus?! O amor. Ah! os cravos, a cruz, o sangue derramado são obra do amor... Fazei, meu Jesus, que, quando os meus lábios se aproximarem dos vossos para Vos beijarem, eu sinta o vosso fel. Fazei que eu sinta os açoites da flagelação. Fazei-me sentir a vossa Paixão quando a vossa carne se comunicar à minha na Eucaristia; que eu sinta os vossos espinhos quando a minha cabeça tocar a vossa; e quando o meu lado se aproximar do vosso, que eu sinta os vossos ardores e a vossa lança... que Vos poderei eu dar por tantos dons, por me terdes amado e tornado feliz? Que podereis esperar duma vil criatura? Dar-vos-ei tudo o que tenho de Vós».

Depois, dirigindo-se a si mesma, começou a dizer: «Minha alma, bendize a Jesus e nunca te esqueças de tantos benefícios que te tem feito; ama a Deus que tanto te ama, eleva-te para Êle que tanto se abaixou por ti, ama a Jesus que te tirou de tanta miséria, ama o teu Deus, bendize o teu Senhor».

Jesus, mostrando comprazer-se, insistia para que ela O amasse sempre mais e compreendesse bem que o amor se prova pelo sacrifício. E Gema continuou: «Sim, Jesus, para aprender a amar, é preciso aprender a sofrer. Ah! Agora vejo bem que a efusão do vosso sangue foi obra do amor. Oh! se me quizerdes, Jesus, de boa vontade me ofereço por vítima. Quero beber pelo mesmo cálix por onde bebestes. Agradeço-vos, Jesus, por me conservardes assim sobre a cruz».

O mais das vezes com estes sublimes affectos se mis-



turava uma inefável simplicidade. Gema suplicava ao Senhor lhe tirasse os estigmas sagrados, pois sofria por não poder escondê-los aos olhos dos que com ela viviam. Ouçamo-la: *«Que dizeis, ó Jesus, dais-me esta consolação? Tendes-me concedido tantas graças e recusar-me-eis a mais necessária? Se assim acontecer, quando me preguntardes: Gema, amas-me? responderei não. Mas quando Vos tiver cumulado de instâncias e fatigado com impertinências, dir-me-eis com certeza: vá lá, concedo-te essa graça»*.

O doce Salvador parecia sorrir, ouvindo estas ingenuidades. Mas a angelica donzela, cada vez mais animada, continuava: *«Vós sorris, Jesus: eu, porém, não sorrio. Ouvi-me, Jesus: concedei-me esta graça? Dizei-me que sim, vamos, de contrário isto vai acabar mal. Não considereis os meus méritos, considerai os méritos daqueles que a pedem por mim»*.

O Salvador prometeu atendê-la pelo menos em parte, como aconteceu; e Gema exclamou imediatamente: *«Bem me parecia! era impossível que me não ouvisseis. Muito bem, Jesus!»*

Dito isto, alegre e sorridente, retomou os sentidos. Os êxtases da serva de Deus podem comparar-se, por sua elevação e vivacidade, com os de Santa Maria Madalena de Pazzi e de outros santos ilustres.

Mas a simplicidade própria do espírito de Gema torna-os únicos nos anais da santidade. Mostram a que altura a graça divina pode elevar uma humilde virgenzinha e quanto a Majestade do Deus da inocência se compraz com as almas ingénuas, elogiadas por Ele dum modo particular: *Ex ore infantium perfecisti laudem*.

As almas extáticas são algumas vezes atraídas para Deus com tal impetuosidade, que o corpo perde o seu peso, eleva-se da terra e fica suspenso no ar. É o voo místico que acompanha algumas vezes o arrebatamento perfeito e que também se deu na virgem de Luca, embora muito raramente.

Havia na sala de jantar, pendurado na parede, um grande crucifixo, que era objecto de especial veneração da piedosa menina. Era vista muitas vezes ao dia ir a esta sala, sob pretexto de a pôr em ordem.

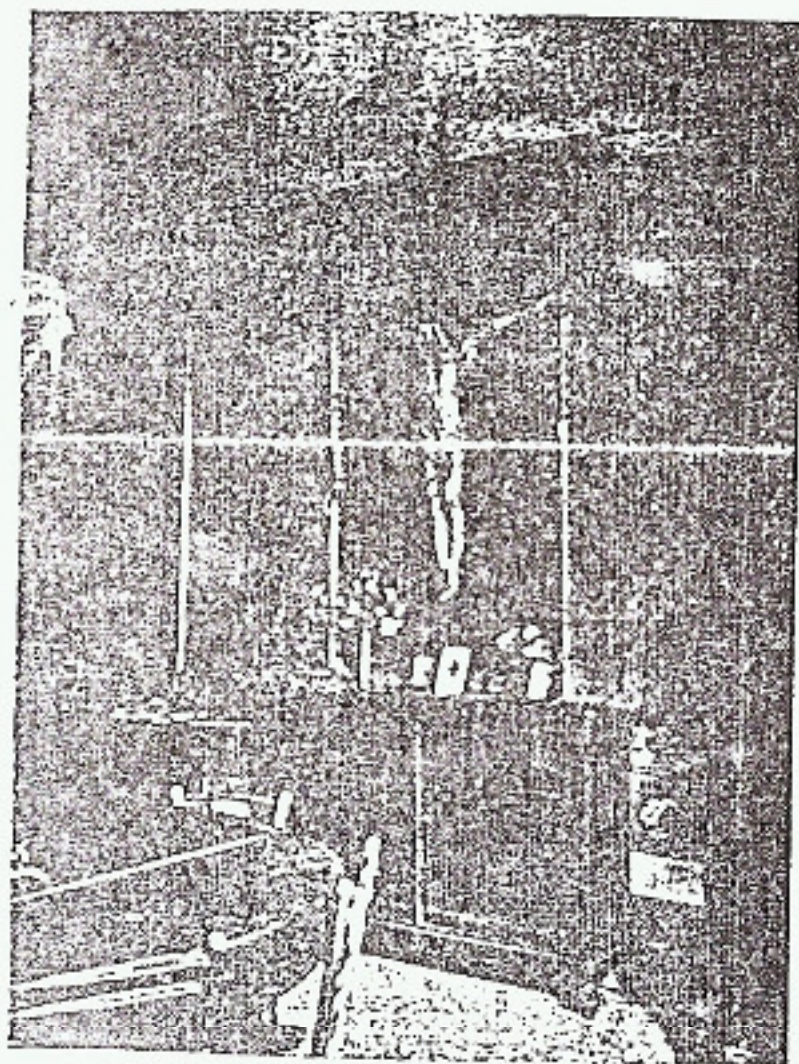
Quando se encontrava só, collocava-se diante da santa imagem, de pé ou de joelhos, com os olhos fixos nela. A vista do Divino Crucificado, os mais elevados e mais ternos pensamentos não tardavam a aquecer-lhe o coração.

Com receio de cair em êxtase afastava-se sem demora, depois de ter beijado affectuosamente os pés de Jesus Crucificado. Algumas vezes, vencida pelo amor, demorava-se, queria aplicar os lábios à própria ferida do Coração de Jesus; mas como chegar lá? Nisto, entrava em êxtase e, elevando-se sem nenhum auxilio humano, aproximava-se do Salvador e conservava-O abraçado por muito tempo.

Em certa manhã de Setembro de 1901, enquanto preparava a mesa para o jantar, andava como uma borboleta em volta do seu querido crucifixo. Quanto mais olha para elle, mais o coração se lhe abrasa e palpita. Por diferentes vezes procurou aproximar os lábios do Salvador para lhe beijar o lado, mas em vão. Não se podendo conter, exclamou: *«Jesus, dai-me a possibilidade de chegar junto de Vós, tenho sede do vosso sangue»*.



Espectáculo prodigioso! Como outrora aconteceu com S. Francisco de Assis e com S. Paulo da Cruz, a imagem transformou-se na própria realidade divina que ela representava: Jesus desprendeu da cruz o braço



Retiro da sala de jantar, da família Giannini e o Crucifixo, diante do qual a Santa teve vários êxtases

direito e com amoroso olhar convidou sua fiel serva a ir ter com Ele.

Gema lança-se e consegue chegar até ao Coração do Salvador, que abraçando-a com o braço desprendido da cruz, lhe aplica os lábios à chaga do lado. Gema bebeu a largos tragos nesta fonte de vida. Abraçava o Salvador com os dois braços, estava de pé, parecendo repousar sobre uma nuvem.

Ah! Não estar um pintor presente a esta cena com o pincel na mão e a tela diante de si! Que belo quadro poderia deixar à posteridade, como prova do amor de Jesus pela sua criatura, e da felicidade da criatura intimamente unida a Jesus!





## Visões e aparições sobrenaturais

**S**ENDO o êxtase um grau tão elevado de contemplação infusa, por sua natureza é acompanhado de visões, porque a alma não perde o uso dos sentidos senão na medida em que um objecto arrebatador, que se faz ver ou sentir, a atrai ou inebria de gozo.

Depois dos precedentes capítulos consagrados à contemplação de Gema, parece-me inútil falar da natureza das suas visões. Direi somente que nunca manifestavam nada de estranho, de exagerado ou de incoerente, nada que fizesse suspeitar ser a imaginação a sua causa única.

Longe de ofender a santidade e a majestade dos mistérios da nossa santa fé, estas visões decorriam sempre com decôro, ordem, dignidade e a mais pura verdade dogmática. É este certamente o melhor argumento em favor da sua origem sobrenatural e divina, pois é impossível que uma donzela tão ingênua, sem mais instrução



que a das classes elementares, chegasse a coordenar tão bem, só com a imaginação, os pormenores de innumeráveis êxtases e nunca fôsse encontrada em êrro.

Além disso, ao contrário do que acontece com tantas almas levianas, vítimas fáceis da ilusão, que queriam dizer ao céu e à terra o que lhes acontece de extraordinário, a serva de Deus, tão profundamente humilde, guardava rigoroso silêncio sobre os favores divinos e só os manifestava ao director da sua alma, quando sentia verdadeira necessidade de direcção. É outro sinal, e muito certo, da origem celeste das suas visões.

A nossa Santa era também muito favorecida de colóquios íntimos com o Senhor. O Verbo Eterno descobria-lhe as suas grandezas infinitas, os desígnios da sua Providência, o estado de alguma alma em particular. Indicava-lhe qualquer obra que desejava se estabelecesse na Igreja, ou qualquer abuso que se devia eliminar.

E Gema, dócil à voz do Divino Espôso, logo que saía do êxtase, empregava todos os meios para fazer executar os seus desejos adoráveis, dirigindo-se directamente às pessoas competentes ou interessadas. Escrevia: *Senhor, a vontade de Deus é que vos empregueis em tal coisa, que eviteis tal outra, e sem demora, se desejais agradar-lhe.*

Certo dia, num êxtase depois da comunhão ouviu o Senhor dizer-lhe: *«Minha filha, hás-de comunicar, em meu nome, um negócio muito importante ao teu director».*

Julgando que Jesus se referia ao confessor ordinário, a donzela respondeu com tãda a simplicidade: *«Meu Jesus, fizei-me esta caridade, não me envieis a êsse,*

*sabeis perfeitamente, bom Jesus, que êle não acredita nas minhas fantasias».*

E Jesus: *«Não, mandar-te-ei a teu Pai (o seu director espiritual), que dará certamente ao meu Coração a satisfação que deseja».* Adiante se verá qual era o objecto desta divina mensagem. É raro encontrar cartas dirigidas por Gema aos seus directores, em que ela não mencione algum destes colóquios celestes. E os acontecimentos, que ela certamente não podia conhecer e ainda menos prever por meios naturais, vinham infalivelmente demonstrar a sua veracidade.

Muitas vezes o divino Mestre dava-lhe úteis ensinamentos espirituais para dirigir e estimular incessantemente o seu ardor nos caminhos da virtude. Conhecemos já muitos extractos que seria fácil multiplicar indefinidamente.

Por isso não é maravilha que, na escola da Sabedoria Encarnada, a ditosa discípula tivesse chegado a tão elevada perfeição. Gema recolheu também frutos salutareos das aparições sobrenaturais que lhe foram prodigalizadas juntamente com outras graças.

As aparições não diferem objectivamente das visões; mas, ao contrário destas, dão-se fora do êxtase, embora a alma, maravilhada, possa perder o uso dos sentidos, como sempre acontecia com Gema.

Inútil é recordar a doce, familiar e quasi continua presença do seu Anjo da Guarda.

Já falámos e voltaremos ainda a referir-nos às aparições de outros anjos e de muitos santos do céu, em particular de S. Gabriel, bem como das almas do Purgatório.



O mesmo dizemos das aparições tão ternas de Jesus, que se mostrava ordinariamente com os estigmas da Paixão.

É tempo de o leitor admirar outras aparições mais belas. Começemos pelas da Santíssima Virgem:

A nossa Santa amou sempre com o amor mais ardente a celeste Rainha dos Anjos, a quem chamava com doce confiança a *minha Mamã*. Órfã de mãe desde os mais tenros anos, fora de Maria não quis ela outra mãe e mostrou-se sempre para com ela uma filha ternamente afectuosa. A Virgem Santíssima, depois de Jesus, pertencia todo o seu coração.

«Quanto amo a *minha Mamã*!, costumava dizer. Ela sabe-o, e além disso foi Jesus quem me deu e me disse que a amasse sempre. Como esta celeste Mãe se tem mostrado boa para comigo! Que seria de mim sem ela? Tem-me auxiliado sempre em minhas necessidades espirituais, tem-me preservado de muitos perigos e livrado das mãos do demónio que incessantemente vem molestar-me. Desculpa-me diante de Jesus quando O ofendo, sossega-O quando é irritado pela minha vida má, ensina-me a conhecê-LO, a amá-LO, a ser boa e a agradar-lhe. Ah! *minha querida Mamã*, hei-de amar-vos sempre, sempre».

Estas expressões da mais viva ternura saíam-lhe quasi continuamente dos lábios e apareciam a cada instante nas suas cartas. E podia a divina Mãe deixar de retribuir centuplicadamente este amor tão terno de sua filha dedicada? Na realidade, Maria deu-se por completo a Gema, assim como Gema se tinha dado por completo a Maria Santíssima.

Além dos inumeráveis favores que lhe obteve do seu divino Filho, dignou-se aparecer-lhe muitas vezes dum modo sensível, cumulá-la de carícias e apertá-la ao seu seio materno. Deixemos a ditosa vidente pintar-nos a delicadeza deste amor. Ninguém o poderia fazer melhor do que quem lhe experimentou as inefáveis doçuras.

Numa comunicação de consciência Gema escreve: «*Quem poderia imaginar que a minha querida Mamã viesse visitar-me? Eu não o esperava, por causa do meu mau proceder. Tive porém compaixão de mim, e em breve senti um grande recolhimento interior. Depois, como sempre me acontece, perdi a cabeça e encontrei-me, segundo me pareceu, com a Mãe das Dores. Que felicidade durante estes breves momentos! Que doçura no meu coração! Explique-o quem puder.*

Depois de alguns momentos de comoção, colocou-me sobre os joelhos, fez-me pousar a cabeça sobre os seus ombros e assim me teve por alguns instantes. O meu coração, cheio de felicidade, nada mais tinha a desejar.

Não amas senão a mim? perguntava-me de vez em quando.

Oh! não, respondia eu; primeiro que a Vós, amo outra pessoa.

E quem é? continuava, fingindo não o saber.

Uma pessoa que me é muito querida, mais querida do que tudo o que existe. Amo-a tanto que dava já todo o meu sangue por ela; por ela pouco me importa a vida.

Mas dize-me quem é, perguntava impacientemente.

Se tivésseis vindo ante-ontem à noite, tê-la-íeis encontrado junto de mim. Não vem muitas vezes; eu,



pelo contrário, é que vou a ela todos os dias (1). E, se pudesse, iria ainda mais vezes. E quereis saber porquê querida Mamã? Porque sei que, estando longe de mim, quere ver se sou capaz de a esquecer. Mas, quanto mais se esconde mais me sinto transportada de amor por ela.

Dize-me, quem é, voltava a perguntar.

Não, não vo-lo direi. Vêde querida Mamã, parece-se convosco por sua beleza; os seus cabelos têm a cor dos vossos.

Neste momento a doce Mãe, acariciando-me, perguntou mais uma vez: mas, minha filha, a quem é que te referes?

Então exclamei com força: não me compreendeis? Refiro-me a Jesus, a Jesus.

Olhou-me, sorrindo, apertou-me ardentemente contra o seu coração e acrescentou: Sim, ama-O, ama-O muito e não ames senão a Ele.

Não temais, respondi, ninguém no mundo, fora de Jesus, gozará o meu affecto.

Apertou-me de novo contra o coração e beijou-me na fronte. Depois acordei (2), e encontrei-me estendida por terra, junto do crucifixo.

Deliciosa narração esta, encantadora pela ingenuidade e tocante simplicidade! Lendo-a muitas vezes, encontramos-a sempre nova, sempre comovente.

(1) A Santa refere-se evidentemente à sua comunhão quotidiana.

(2) Acordei, assim exprime a Santa o regresso à vida dos sentidos depois de terminado o êxtase com a despedida da celeste aparição.

Eis uma outra pouco diferente: «Repousava eu no leito sem dormir ainda, quando me pareceu ver uma bela senhora aproximar-se e inclinar-se sobre mim para me abraçar. Fiquei imediatamente em êxtase e muito longe deste mundo. Fiz mil protestos, em obediência às vossas ordens, mas a minha Mãe celeste olhava-me sorridente e dizia: Querida filha!

Perdoai-me, meu Padre, se cedi com facilidade. Abandonei-me à minha doce Mãe que me tomou nos braços. Julguei morrer, sim, morrer com excesso de felicidade... Que caricias!... Quere-me tanto bem!...

Lastimava-se e dizia que tinha vindo buscar o meu ramallete; compreendeis (1) Encontrou-me muito pobre e excitou-me à virtude, sobretudo à humildade e à obediência.

Depois de algumas palavras que não compreendi, acrescentou: Minha filha, purifica e aperfeiçoa a tua alma, mas depressa. Neste ponto não sei o que aconteceu. Esta palavra — depressa — provocou um movimento tão violento do meu coração, sobre o qual a minha Mamã colocou logo a mão, que eu não podia falar. Pedi ao meu interior uma explicação, abri os olhos, com os quais a interroguei.

Respondeu: dize a teu Pai (2), que se ele não pensa em ti (3), eu te conduzirei dentro em breve ao Paraíso.

(1) Era o ramallete das suas penitências e actos de virtude.

(2) Aquel, como sempre, «Pai» é o director espiritual de Gema.

(3) Quere dizer, se não se resolve a encerrar-te no claustro da vida religiosa.



Neste momento beijou-me, dizendo: *sim, se não pensa nisso depressa, mais depressa do que julga estarmos juntas*.

E foi o que aconteceu, ainda sinto remorsos. Em menos dum ano, e contra toda a expectativa, este anjo voou da terra, passando a melhor vida.

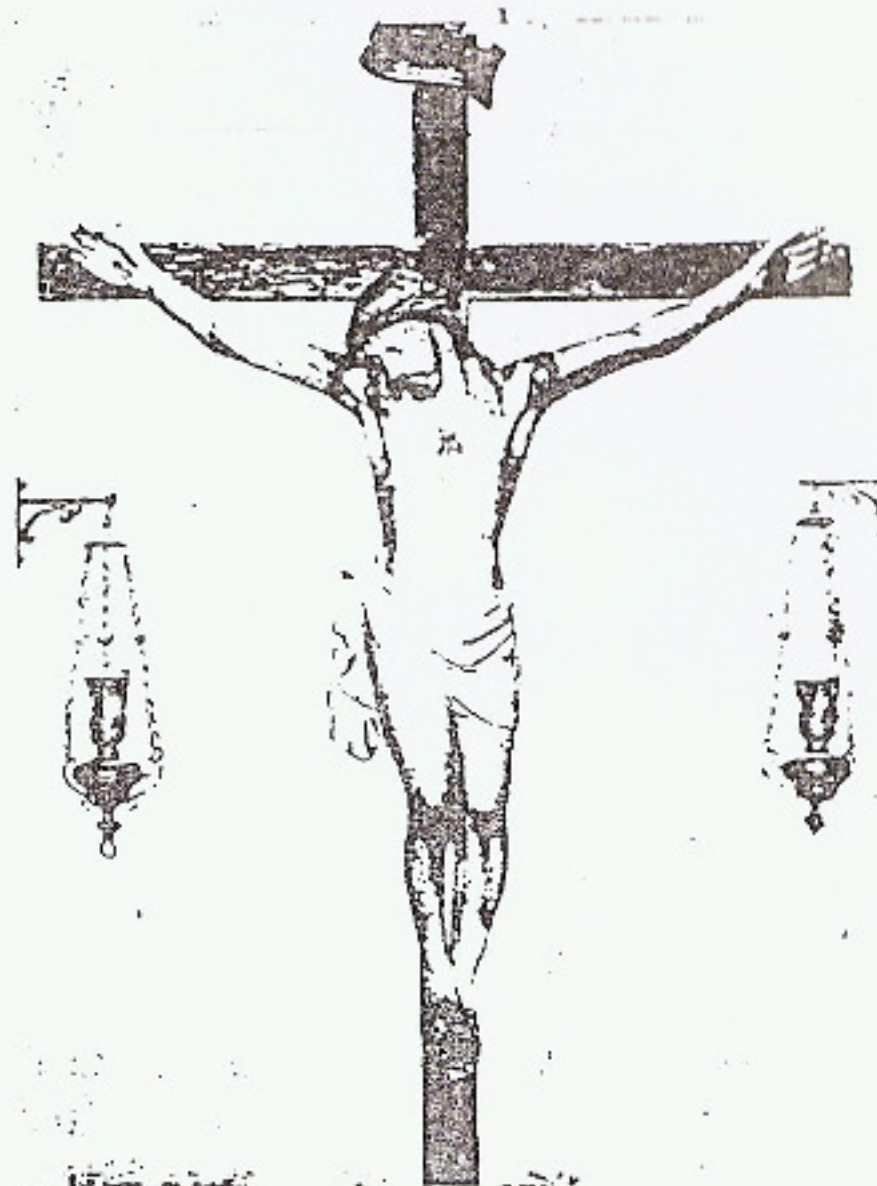
«*Meu Padre, dizia ela, depois destes instantes divinos, como o mundo parece desprezível! Não sei se já o experimentastes. Oh! como a celeste Mãe era bela. Já a viste alguma vez? (1) Embora tenha vindo muitas vezes visitar-me, conservo sempre um ardente desejo de a tornar a ver*».

Por outra vez a Mãe Santíssima apareceu-lhe, tendo nos braços o seu divino Filho sob a forma dum gracioso menino. Colocou-o no regaço da sua querida filha que o apertou contra o coração e o cobriu de carícias e de beijos inflamados. O divino Infante retribuía-lhe estas carícias e dava-lhe sapientísimos ensinamentos. Por último abençoou-a, voltou para os braços de sua Mãe, e desapareceu a visão.

Gema recebeu pelo menos três vezes este raro favor. Por outras quatro o Senhor apareceu-lhe só, sob a forma de meigo infantinho.

Ouçamo-la contar-nos como lhe apareceu em certa ocasião: «*Ontem à noite, à hora habitual de recolher,*

(1) O leitor não deixará de saborear uma vez mais os encantos desta ingenuidade infantil. Por mais de uma vez aparecem interrogações destas em suas cartas. A angélica menina julgava que os outros eram como ela favorecidos por celestiais visões. (Nota do Revisor).



O Santo Crucifixo, diante do qual se deram alguns dos factos extraordinários narrados nesta obra.

«*Quem vos matou, ó Jesus! O amor. Ah! os cravos, a cruz, o sangue derramado são obra do amor*».

(Santa Gema)



retirei-me para a solidão do meu quarto, onde o Menino Jesus foi ter comigo. Oh! como Jesus era belo! Se todos O conhecessem, como O amariam! Pôs-se sôbre os meus joelhos, acariciou-me, beijou-me, perguntou-me se eu O amava. Por minha vez abraçava-O também com força e testemunhava-lhe todo o meu affecto. Perguntou-me se queria ser tôda d'Ele. Transbordando de alegria nem sabia responder, e abraçava-O, abraçava-O sempre».

Extasiêmo-nos na contemplação d'este quadro arrebatador. Esta juvenzinha era afinal uma pobre filha de Adão, e Quem ela estreita em seus braços é o Deus de Infinita Majestade, o Verbo Encarnado, que se dignou revestir as aparências de menino para abraçar a sua criatura, para se deixar abraçar perdidamente por ela e d'este modo ser amado com mais intensidade. O mistério da Encarnação e do amor de um Deus, como és sublime!

A extática de Luca penetrou tanto nestes adoráveis mistérios que se encontrava completamente à vontade diante do seu Criador.

Dêmos-lhe ainda a palavra: «Por fim comecei a falar com tôda a confiança. Pedi a Jesus que vos desse, a vós, meu Padre, e ao confessor a compreensão do que se passa em minha alma e que não me deixasse mais na inquietação a êste respeito. Jesus sorria e dizia-me: «Assim o farei»; mas exprimia-se com voz baixa e num tom pouco resolutivo. Pedi-lhe que se desembaraçasse, porque não estava disposta a esperar mais. Jesus continuou: «Mas eu amei-te mais que tantas outras criaturas, embora fôsses a pior!»

Este colóquio inefável durou uma hora.



Gema termina assim a narração: «Jesus afastou-se e eis-me de novo só. Dizei-me, Padre, é do vosso agrado que Jesus volte ter comigo? — Se é, voltará certamente. Abençoai-me e enviai-me novamente a Jesus, porque não posso viver longe d'Ele».

Não respondi a esta carta enternecedora; mas, com o coração profundamente comovido, exclamei: O amor fez perder o tino — ainda bem —, a esta seráfica menina, porque só pode falar d'este modo, quem ama sem mediça.



## CAPÍTULO XXVII

### O Serafim do Tabernáculo — Afectos eucarísticos



GUIADA pelo Espírito Divino, no caminho duma admirável santidade, a ditosa menina dirigia-se instintivamente para o que era mais sólido e mais perfeito.

Embora lhe agradassem tôdas as práticas de devoção autorizadas pela Igreja, e se alegrasse de as ver seguidas por um grande número de fiéis, todavia para si escolheu poucas, escolheu as que melhor correspondiam às disposições da sua alma: devoção à Santíssima Humanidade do Verbo e à sua Paixão, à Mãe de Deus e às suas Dores, e à Sagrada Eucaristia.

A primeira enternecia-lhe o coração, excitando-o ao sacrificio; a segunda inspirava-lhe coragem e confiança filial; a terceira alimentava a sua alma, tornando-a capaz de viver neste mundo uma vida celeste.

Sobre esta devoção, de ternura incomparável, possuímos pormenores extraordinários e patéticos, que permitem acreditar que o Senhor por especial providência,



suscitou, esta sua fiel serva para servir de modelo e estímulo aos cristãos no culto e amor ao SS. Sacramento, nestes tempos em que a piedade se encontra tão resfriada.

A Eucaristia é por excelência o mistério da Fé: *mysterium fidei*. A razão humana, nos outros mistérios, pode encontrar, mais ou menos, onde se apoiar: neste não pode, só a fé tem a possibilidade de descobrir o tesouro divino que este Sacramento encerra.

Gema possuía, como vimos, uma fé tão viva que quasi atingia a evidência. Tinha, além disso, o coração puro, e o Senhor prometeu deixar-se ver aos puros de coração. Era humilde e simples como uma criança, e a estas almas é que o Senhor descobre os segredos da sua Sabedoria e Bondade.

Com o olhar claro e penetrante da sua virgindade, simplicidade e pureza sem mancha, e com o auxilio das vivas luzes derramadas a torrentes em seu espirito durante as altas contemplações, Gema penetrava nos segredos d'este inefável Sacramento e media a profundidade dos seus mistérios.

De ordinário as almas piedosas não podem entrar em comunicação com o Deus escondido da Eucaristia sem antes se recolherem, o que de ordinário só com certa dificuldade se consegue.

A Gema bastava trazê-lo à lembrança — nem tanto era preciso a uma alma que sempre pensava n'Ele — para O ver imediatamente, como a descoberto, sobre o altar para onde tinha voado o seu pensamento; para O sentir presente no santo Cibório e aí exultar de alegria em todo o seu ser diante desta amável Majestade.

Para fazermos uma idea do ardor desta devoção, seria preciso ter assistido aos seus colóquios sobre a Eucaristia, seria preciso ler tudo o que escreveu em sua correspondência, e o que outros recolheram de seus lábios durante os colóquios extáticos. Só ela pode fazer-nos conhecer os pensamentos elevados que recebia do céu sobre este mistério, e os sublimes sentimentos de que o seu coração era foco inextinguível.

Vamos pois reproduzir alguns documentos mais edificantes sobre este assunto.

Escrevia-me: «*Meu Padre, ides ler uma carta sem sentido; não importa, deixai-me falar da sagrada comunhão; não posso conter os meus sentimentos. Será possível haver almas que ignorem a riqueza inefável que se encerra na Divina Eucaristia? Almas insensíveis aos amplexos divinos, às misteriosas e ardentes efusões do Coração Sagrado do meu Jesus? Ó Coração de Jesus, Coração de amor!*»

Escrevendo a uma senhora romana, sua amiga íntima, dizia: «*Como é suave o vosso espirito, ó Jesus! O que é que levou Jesus a comunicar-se a nós dum modo tão belo e tão admirável? Meditemos: Jesus nosso alimento. Jesus meu alimento! Neste instante, quantas coisas eu queria dizer-lhe, mas não sei: somente sei chorar e dizer muitas vezes: Jesus meu alimento! E pensar que se dá assim pelo grande amor que nos tem.*»

E as lágrimas da santa menina, tão doces como espontâneas, corriam continuamente; lágrimas silenciosas de reconhecimento e de felicidade celeste, segundo a sua própria expressão.

Durante um êxtase, falando com Deus, exprimia-lhe



do seguinte modo a sua gratidão e felicidade: «*Vejo bem, Senhor, que em lugar de riquezas temporais e passagens, me destes a verdadeira riqueza: o alimento eucarístico do Verbo. Que seria de mim se não dedicasse à santa Hóstia toda a minha ternura! Oh! sim, compreendo, Senhor, que para me fazer merecer no céu o Paraíso me destes já um sôbre a terra*».

Gema parecia até não distinguir entre as delicias do céu e o Paraíso de Jesus que saboreava no Banquete divina. Nos êxtases, chamava também à Eucaristia: «*Academia do Paraíso em que se aprende a amar. A Escola, — acrescentava ela, explicando o seu pensamento, — é o Cenáculo; o Mestre é Jesus; e as doutrinas são a sua carne e o seu sangue*».

A admirável virgenzinha conservava-se noite e dia, em espírito, diante do Tabernáculo. Mas o seu maior prazer era ir pessoalmente à Igreja adorar a Jesus Sacramentado.

Para evitar a singularidade, a que teve sempre horror, contentava-se em ir à igreja duas vezes por dia: de manhã para ouvir a santa missa e comungar, e à tarde para tomar parte na adoração pública. «*Vou a Jesus, vamos a Jesus. Está muito só, ninguém pensa n'Ele, pobre Jesus!*»

Logo que chegava à igreja, voltando-se com modesto desembaraço para o santo Tabernáculo, fixava nêlo os olhos em chamas e permanecia imóvel, de joelhos, sem se importar com os outros, como se estivesse só diante de Deus. Exceptuando esta atitude, o inflamado do rosto e as lágrimas que lhe deslizavam lentamente pelas faces, nada mais havia por onde se pudesse dis-

tinguir exteriormente de qualquer outra pessoa piedosa em oração.

Mas se fôsse visto o seu interior, com certeza todos a tomariam por um ardente serafim. «*Oh! exclamava ela, como é grande a alegria, a felicidade do meu coração diante de Jesus Sacramentado! E se Jesus me permitisse entrar no santo Tabernáculo onde reside em corpo, sangue, alma e divindade, não estaria eu no Paraíso?*»

Diante do altar eucarístico, suspirava ainda: «*Jesus, alma da minha alma, meu Paraíso, Hóstia Santa, eis-me junto de Vós. Senti que me procuráveis e corri*». Depois com uma confiança filial, acrescentava que vinha fazer-lhe companhia, oferecer-se toda ao seu amor, fazer-lhe presente de alguma pobre virtude praticada para lhe agradar, receber as suas ordens, ou, pelo menos, ouvir de sua boca algumas palavras ternas, e acima de tudo pedir-lhe amor, sempre amor.

E com que ardor não fazia ela estes actos! Demonstram-no as seguintes palavras proferidas durante as elevações do êxtase:

«*Eis-me diante de Vós, ó Jesus. Apresento-Vos a minha alma, esta alma, ó Jesus, que formastes, não da vossa substância nem de qualquer elemento material, mas pelo poder do Verbo que sois Vós mesmo: esta alma espiritual, vossa obra imorredoura, que santificastes, purificastes pelo santo baptismo, ah!...*»

Aqui Gema conserva-se em silêncio, desenvolvendo mentalmente o seu pensamento.

Depois continua: «*Se o bem, neste mundo, se faz amar por si mesmo, que amor não inspirareis Vós, que sois o rei de todos os bens! O prazer que dão as cria-*



turas sobre a terra é muito diferente do que se goza em Vós, que sois o Criador. Vede, ó Jesus: quando uma criatura deseja algum objecto, morre por possuí-lo; mas, quando chega a possuí-lo, não fica satisfeita, nunca está saciada. Só Vós a podeis saciar, só Vós tornais puros e imaculados os que vivem em Vós e Vos possuem. Ah! encontrei a vossa morada, ó Jesus. Habitais nas almas que criastes à vossa imagem, nas almas que Vos procuram, que Vos amam, que Vos desejam. Oh! a minha alma, que é tão pobre, compreendeu as riquezas do vosso amor».

Depois, humilhando-se, segundo o seu costume, no meio das mais doces comunicações do céu, prosseguia: «Sou vossa, sou vossa, ó Jesus. Tivestes razão para Vos queixardes de mim, porque Vos ofendi. Indigna como sou, devia restituir ao altar tantas hóstias e tanto sangue quanto de lá tirei. Mas prometo-Vos a emenda, basta-me que continueis com a corrente dos vossos favores. Antes morrer que faltar à fidelidade e ao amor. Que quereis de mim, que quereis de mim, ó Jesus? Que o meu amor seja constante? Nutrir-me-ei todos os dias da vossa carne e do vosso sangue».

Uma vez foi ouvida a dar graças pelas vitórias alcançadas contra o inimigo infernal, nos termos seguintes:

«Esta manhã vencestes, ó Jesus. Depois de Vos ter recebido, pus-me a considerar os grandes combates que, com o vosso auxílio, tenho sustentado vitoriosamente contra o demónio. Contei tantos! Quem sabe quantas vezes, se me não auxiliásseis, a minha fé teria vacilado, a minha esperança e caridade teriam diminuído? A minha

inteligência ter-se-ia obscurecido se Vós, ó Eterno Sol, a não iluminásseis. Quantas vezes o meu amor teria enfraquecido sem o conforto das vossas carícias! E a minha vontade, quantas vezes se abandonaria à preguiça! Mas o vosso fogo vinha inflamá-la. Tudo isto era unicamente, eu o compreendo, obra do vosso amor infinito. E desde então, Senhor, não deveria eu ser reconhecida?»

Serafim abrasado em chamas do mais ardente affecto, não se cansa de insistir com acentuações vibrantes, neste terno pensamento que é todo seu: «Meu Deus, abri-me o vosso Coração. Ó Jesus, abri-me o vosso peito eucarístico, quero depor nêle todos os meus affectos. Que eu Vos ame sempre, ó Jesus! Mas, porque é que me tratais tão amorosamente, a-pesar-de eu Vos ofender com tanta ingratidão? Este único pensamento bem compreendido devia transformar-me em uma chama de amor. É belo e doce amar quem não se irrita contra os que o ofendem. Ó Jesus, se eu considerasse bem o muito que fazeis por mim, como deveria distinguir-me na prática de todas as virtudes! Perdoai-me, ó Jesus, tanta negligência, perdoai-me tão profunda ignorância. Jesus, meu Deus, meu amor, Bem inciado, que seria de mim se a vossa solicitude me não tivesse conduzido para Vós? Abri-me o vosso peito eucarístico, eu abro-Vos o meu».

Depois destas efusões, em que os mesmos pensamentos eram repetidos em fórmulas sempre novas, Gema quasi cansada, ficava em silêncio. Uma luz celeste descia ao seu espirito e elevava-o a uma contemplação altíssima.

Neste estado sublime, Jesus falava-lhe e fazia sentir ao seu coração quanto lhe era agradável esta visita



na qual encontrava, dizia Ele, uma compensação às ingratidões da maior parte dos homens e aos ultrajes dos pecadores. Louva-lhe a fidelidade, declara-se contente com ela e sempre pronto a beneficiá-la com novas graças, a enriquecê-la de novos dons; e anima-a enfim a retribuir-lhe constantemente amor com amor.

Ao ouvir tais palavras, o coração da santa menina abraça-se cada vez mais. Começa de novo a falar e, depois de ter confessado humildemente a sua indignidade, exclama:

«Quereis amor, ó Jesus! Amor Vos darei, mas não tenho mais no coração: Ah! eu queria inflamar nêle tôdas as criaturas do universo». E, querendo dar uma prova destes sentimentos, acrescenta, ingenuamente: «Suponhamos, Senhor, que Vós éreis Gema e eu Jesus. Quereis saber o que eu faria? Deixava de ser Jesus para que Vós o fôsseis».

Tais eram os sentimentos que desabrochavam no coração virginal desta santa menina diante do SS. Sacramento.

Muitas vezes, nos seus transportes de amor, faltavam-lhe as forças: «Ah! exclamava, não posso resistir mais ao lembrar-me que Jesus se faz assim sentir à última das suas criaturas e lhe manifesta, em prodigiosa expansão de amor paternal, todos os esplendores do seu amabilíssimo coração».

E, dizendo isto, caía desfalecida nos braços de sua companheira que, prevendo estes casos, sabia dispor as coisas de tal modo que ninguém na igreja notava nada.

Duma candura colombina julgava que tôdas as almas piedosas estavam inflamadas, como ela, no fogo do

amor divino. Por isso muito se admirava de as não ver experimentar os mesmos fenómenos. «Eu não sei, dizia, como é que tantos, que se conservam junto de Jesus, não são abrasados. Quanto a mim, se permanecesse um quarto de hora apenas, parece-me que deveria ficar reduzida a cinzas».

Por causa disto, ao pressentir os primeiros assomos dèsses misteriosos transportes da sua alma, saía apressada da igreja, sobretudo quando não tinha consigo sua companheira.

Recomendei-lhe em uma carta que, quando se encontrasse diante de Jesus, me apresentasse a Ele e lhe dissesse que eu também O queria amar muito. Deu-me esta ingênua resposta: «Será isso coisa que se deva fazer, meu Padre? E se vos acontece como a mim? Quem estenderá as mãos sobre o vosso coração (para comprimir as palpitações) e que seria se, estando só, caísseis por terra? Não, não se deve fazer».

Durante um êxtase dizia familiarmente ao Senhor: «Ouvi, Jesus, a pergunta que me fez o confessor: que fazeis, Gema, quando estás diante de Jesus? — O que faço? Se estou com Jesus crucificado, sofro; se estou com Jesus Eucarístico, amo».

Quando escrevia às suas amigas não deixava de as convidar a ir junto do santo Tabernáculo: «Corramos a Jesus com o coração cheio de ternura, cheio de amor. Espero-vos junto de Jesus, amanhã de manhã. Permanecemos juntas diante do SS. Sacramento para que Jesus nos abençoe!»

O seu horário, que ela constantemente se apressava a comunicar-me, trazia em primeiro lugar a hora da



entrevista eucarística, que variava segundo as estações do ano: «De manhã, às 7 horas, com Jesus; à tarde, às 6 horas, diante de Jesus, por todo este inverno.

*Vinde fazer-me companhia e ajudar-me a amar o nosso Deus».*

Tinha combinado com as suas mais íntimas amigas a comutação da comunhão quotidiana, julgando, em sua humildade, que só ela lucrava com essa troca. Nunca esquecia estas combinações, e em suas cartas as ia lembrando às interessadas.

Ditosas amizades que dêste modo se nutrem e conservam aos pés de Deus!



### O Serafim do Tabernáculo — Amplexos eucarísticos

**M**AS entremos já no ponto essencial da devoção à Divina Eucaristia, — a sagrada comunhão, em que propriamente se realiza na terra o mistério do amor de Jesus.

Ah! se a santa menina pudesse dar às minhas palavras aquela entoação ardente com que tantas vezes me abriu a alma, para descobrir as chamas com que o Espôso divino a abrasava no banquete eucarístico! Se a seráfica virgem andava dia e noite, com o pensamento, em volta do Tabernáculo, era porque se sentia consumida pela fome e pela sede de Jesus Sacramentado. O seu coração precisava dêste alimento divino, não anelava outro.

Lembramo-nos ainda que, na idade de nove anos, teria corrido o risco de morrer de tristeza, se não lhe apressassem o dia da primeira comunhão. E com que ardor de fé, com que amor iluminado se ajoelhou então à santa mesa!

Ora esta fome e esta sede, longe de diminuir com



a recepção quotidiana do inefável Sacramento, aumentaram continuamente e acabaram por martirizar-lhe as fibras mais íntimas da alma.

Escrevia-me a-propósito: «*Tôdas as manhãs, embora sem as disposições necessárias, recebo a santa comunhão, meu único e delicioso conforto. O testemunho de amor que Jesus me dá tôdas as manhãs, vindo a mim, comove-me em extremo e reclama tôdos os affectos do meu miserável coração.*»

Depois exclamava: «*Eis, ó Senhor, o meu coração e a minha alma! Vêde, Senhor, abro-Vos o meu peito, penetrai nêle, fogo divino; abrasai-me, consumi-me. Vinde, não tardeis. Eu queria habitar no meio de vossas chamas.*»

Estes desejos manifestavam-se regularmente tôdas as tardes; iam crescendo de hora para hora e atormentavam-na, embora suavemente, tôda a noite, a ponto de a fazerem desfalecer.

«*Durante a noite de ontem e a de hoje, ao pensar na sagrada comunhão, o meu coração pôs-se a palpitar e cai desfalecida. Ontem à tarde, antes da refeição, recitei algumas orações e entre outras esta jaculatória: Fazei, Senhor, que desta pobre refeição eu passe já a gozar o vosso magnífico festim. Detive-me alguns minutos a considerar este desejo e senti-me imediatamente impelida para Jesus (1). É o que me acontece tôdas as vezes que penso em Jesus, principalmente quando O ouço convidar-me a recebê-lo, ou quando O ouço dizer-me que vem repousar no meu coração.*»

(1) Maneira de dizer que se sentiu arrebatada em êxtase.

O confessor, para que a donzela dormisse algumas horas e não prejudicasse a saúde, viu-se obrigado a proibir-lhe que se detivesse voluntariamente de noite a pensar na comunhão da manhã seguinte.

Logo ao romper do dia Gema não contendo os seus santos ardores, levantava-se, vestia-se em poucos minutos e estava pronta para ao primeiro sinal se pôr a caminho da igreja.

Quantas vezes, encontrando-me eu hospedado nesta casa de benfeitores da minha Congregação, tive ensejo de me comover até às lágrimas ao ver a santa menina, de pé, com o chapéu na cabeça, profundamente recolhida, esperando que a companheira saísse do quarto para irem ambas à igreja!

«*Onde vais, minha filha?*» perguntava eu.

«*A Jesus, Padre.*»

«*E que vais fazer?*» — A resposta era um modesto sorriso que significava: vós o sabeis.

«*Ao vê-la, diz a sobredita companheira, dava a impressão de que ia tôdas as manhãs para alguma festa nupcial.*» E na verdade ela ia, segundo a sua expressão, para a festa do amor de Jesus. Não se lhe notavam maneiras affectadas, mas o seu coração estava numa actividade extraordinária. Só a necessidade ou as conveniências podiam arrancar-lhe nestes momentos alguma palavra.

O próprio Anjo da Guarda, se lhe aparecia, era amavelmente convidado a suspender qualquer conversa, a fim de a deixar livre para bem melhor ocupação, como dizia.

A piedosa menina compenetrava-se tanto da gran-



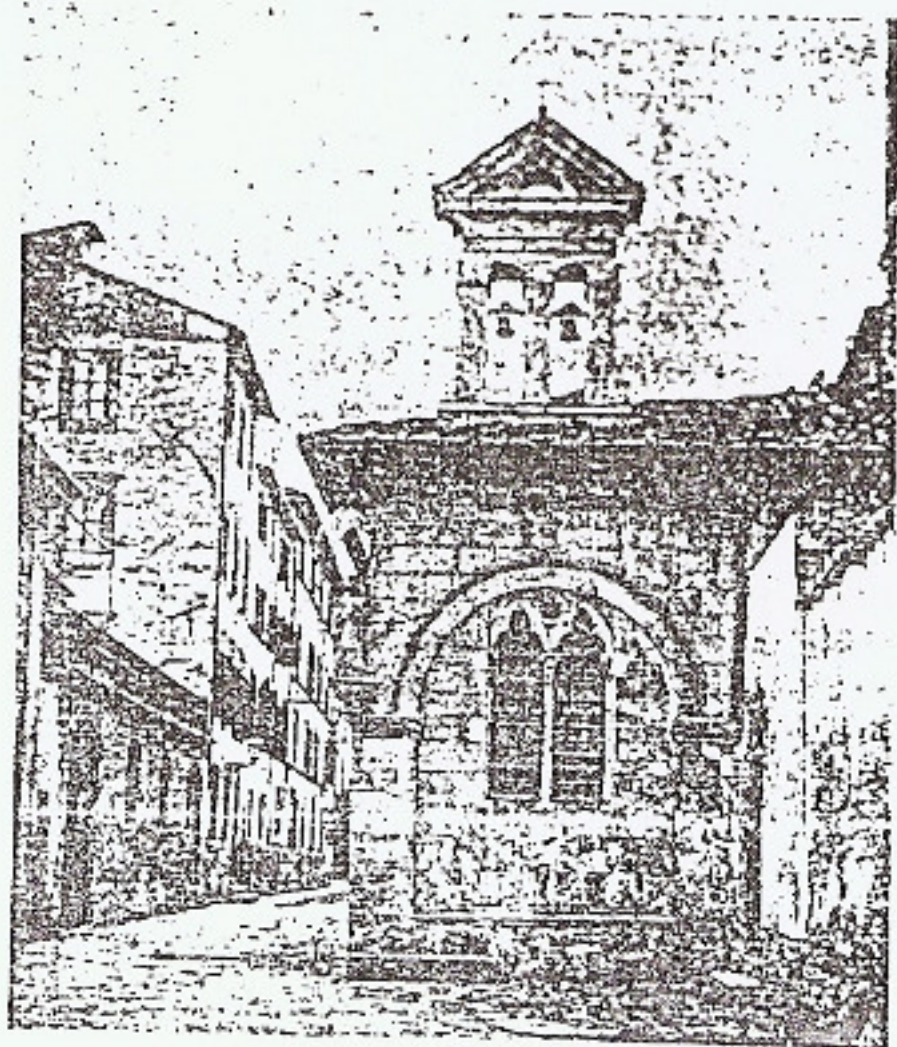
deza duma comunhão, que tudo o mais lhe desaparecia do espírito. Dava o seguinte motivo desta preparação tão cuidadosa: *«Trata-se de juntar dois extremos: Deus que é tudo, e a criatura que é nada; Deus que é a luz, e a criatura que é trevas; Deus que é a santidade, e a criatura que é o pecado. Trata-se de tomar parte à mesa do Senhor. Poderá haver preparação que baste?»*

Ao considerar tão profundos contrastes, Gema empalidecia de horror. Por sua parte, sem a coragem que lhe inspirava a sua grande fé, nunca se teria aproximado do banquete divino, embora tivesse grande desejo de tomar parte nêle.

Nas horas de aridez como nas de consolação, e até no meio das mais afectuosas comunicações do divino Amante das almas, estes contrastes agitavam sem descanso o seu coração, faziam-no sofrer, e levavam-na a lamentar-se diante do Senhor: *«Sim, eu sei, Jesus: é melhor receber-Vos do que contemplar-Vos: mas affijo-me ao pensar que anos e anos de preparação angélica não me tornariam digna de Vos receber. Ó Jesus, sinto doçura em confessar diante de Vós a minha miséria. Ajudai-me, Senhor. Ah! posso ainda lançar-me a vossos pés e repetir mil vezes com fé ardente: é melhor receber-Vos do que contemplar-Vos».*

Estas palavras tinham-lhe sido sugeridas pelo próprio Jesus, como é fácil deduzir do contexto.

Dêste modo, temperando a confiança com o temor, e o temor com a confiança, estabelecia-se no coração da inocente jovem o equilíbrio necessário para uma digna comunhão.



Exterior da Igreja de Santa Maria da Rosa

Por estar muito perto da casa Giannini e por ser muito pouco concorrida, era preferida por Gema. Ali comungava frequentemente e atrás das suas colunas ia esconder os seus êxtases durante a acção de graças.



Na manhã da festa de S. Lourenço, dirigiu ao Senhor as seguintes palavras:

«Meu amado Jesus, que vergonha para mim esta manhã! Segundo o vosso desejo, ocupei o meu espirito a pensar em S. Lourenço. Mas fico confundida, ao vê-lo no meio dos tormentos, enquanto eu, na santa Hóstia, gozo as doçuras do Paraíso. Ó Coração do meu Jesus, coração terníssimo, se quisésseis dar-me uma parte grande (dos sofrimentos desse Santo mártir), oh! fazei-o, já basta que eu venha sempre a Vós com receio de Vos ofender. Pus as nossas duas almas em confronto: a dum santo e a duma pecadora. Podia eu não ficar confundida? Eu queria, por intermédio do mesmo Santo, apresentar-Vos a minha alma pecadora, mas tenho medo, porque a conheço culpada diante de Vós. Queria que a visseis bela, como saiu de vossas mãos».

Escrevendo um dia ao seu director, dizia: «O que me dá um pouco que pensar, é que a comunhão quotidiana, o pão angélico não tem comunicado à minha alma todos os bens que a tantas outras almas tem conferido abundantemente. A culpa, eu o reconheço, está na fraqueza da minha pouca virtude: aproximo-me de Jesus sem nenhum mérito. Ajudai-me, ajudai-me, meu Padre.

Hoje poderia ter atingido graus elevados; e, pelo contrário, retrocedi, com detrimento da minha pobre alma.

Algumas vezes, acreditai meu Padre, tremo e envergonho-me muito ao pensar que vou receber, impura, a Jesus que é a pureza por essência. Mas Jesus, o querido Jesus ainda me ama, assim mesmo como sou e faz-se sentir continuamente à minha alma».

Era com estes sentimentos de fé, abandono, desejo, amor e, acima de tudo, humildade, que Gema se dispunha para a sagrada comunhão.

Que admira então, que ela colhesse frutos abundantes e preciosos? Que admira que o Senhor mostrasse tanta complacência com a comunhão da sua serva? Fazia-se sentir muito, como ela mesmo dizia, à sua alma durante os felizes momentos da sagrada comunhão e inundava-a de grande suavidade.

As espécies eucarísticas produziam-lhe muitas vezes no paladar uma sensação deliciosa e desciam-lhe às entranhas com a doçura dum bálsamo.

Algumas vezes sentiu até na bôca a impressão e o gosto do precioso sangue. Ouçamo-la:

«Ontem, dia da Purificação, depois de comungar senti a bôca cheia de sangue. Mas como era bom! Como fazia bem! Comprimi fortemente o peito para que descesse todo ao coração. Experimentai, Padre, como faz bem alimentarmo-nos de Jesus-Eucaristia! Eu experimentei-o no mês de Outubro (pela primeira vez) desde uma sexta-feira até à sexta-feira seguinte; depois acabou. A mesma impressão recomeçou esta manhã, mas consome-me, sinto-me morrer continuamente, Jesus aniquila-me. Mas como estou bem! Como é doce! O fogo do meu coração subiu esta manhã até à garganta. Viva Jesus! Vede, Padre, se Jesus continua a conservar-me neste estado, não viverei mais que alguns meses, e quem sabe?»

Também a Mãe celeste se comprazia muito com as fervorosas comunhões da angélica menina.

Para lhe dar um testemunho da sua satisfação e ao



mesmo tempo para mais a asimar, acompanhou-a algumas vezes ao divino banquete com os anjos da Eucaristia. Depois de tantos outros favores maravilhosos, este já não nos deve admirar.

A esta visão inesperada a santa menina extasiava-se e exultava de alegria aos pés de sua doce Mãi. A-propósito escrevia-me: «Como é bela a sagrada comunhão feita em companhia da Mãi do Paraíso! Ontem, oito de Maio, pela primeira vez, comunguei assistida por Ela. Quereis saber, Padre, o que diziam neste momento todos os transportes do meu coração? Diziam estas únicas palavras: *minha Mãi, minha querida Mãi!*»

Lê-se na vida de alguns santos mais famintos da Eucaristia, que o Senhor quando elles não podiam ir à igreja, lhes mandava a casa, por meio dos anjos, uma hóstia consagrada (1).

Parece que Gema recebeu três vezes pelos menos a divina Hóstia das próprias mãos do Salvador. Eis como o refere uma testemunha ocular:

«Na manhã de sexta-feira, em que a nossa querida Gema foi submetida pela primeira vez ao suplicio da flagelação, como estava coberta de horribéis chagas, não a deixei levantar-se. A pobre menina obedeceu e começou imediatamente a preparar-se para a comunhão espiritual, com tanto recolhimento e fervor, como se fôsse receber realmente a Santíssima Eucaristia. Passa-

(1) Foi o que se deu por exemplo com S. Estanislau Kostka quando em Viena de Austria adoeceu gravemente em casa do literato que o hospedava. (Nota do Revisor).

dos instantes entrou em êxtase e num dado momento vi-a juntar as mãos e retomar os sentidos. Os olhos cintilavam e o rosto inflamou-se como durante as visões extraordinárias. Estendeu a lingua, recolheu-a pouco depois e caiu em êxtase para dar a costumada acção de graças.

A mesma cena se repetiu na sexta-feira seguinte e provavelmente outras vezes ainda, sem que eu fôsse testemunha. Gema disse-me ingenuamente que o próprio Salvador, e não um anjo, lhe tinha trazido a comunhão.

Depois do que fica dito sobre a fome que a piedosa virgem tinha da Eucaristia, fácil é imaginar qual não seria o seu tormento, quando alguma doença grave a impedia de acudir à igreja.

Em tais casos, felizmente muito raros, implorava de Deus as melhoras precisas para se poder levantar e suplicava-Lhe que, se a queria mortificar com dores físicas, as tornasse cem vezes mais intensas, antes que deixá-la sem o pão da vida.

E para mais O obrigar acrescentava: «Para um Amante apaixonado, como Vós sois, Senhor, não são precisas tantas súplicas; atende logo ao primeiro pedido. Dizei, pois, que sim, e eu venho».

A maior parte das vezes o celestial Espôso dizia que sim, e Gema, haurindo coragem da sua grande fé, podia levantar-se, embora o termómetro tivesse marcado, instantes antes, 40 graus de febre.

Quando o Senhor dispunha doutro modo, a santa donzela baixava a cabeça, dizendo: fiat. E contentava-se com a comunhão espiritual, sempre acompanhada de inefáveis comunicações divinas, que amplamente a compensavam da abstinência eucarística.



Um dia o confessor ordinário, para a experimentar e mortificar, fingiu querer suprimir-lhe a comunhão. Gema anunciou-me esta desgraça nos seguintes termos: *«Meu Padre, meu Padre, hoje, às 5 horas, fui confessar-me e o confessor falou em me tirar Jesus. Meu Padre, a pena recusa-se a escrever, a minha mão treme, choro».*

E na verdade estas palavras, que tenho diante dos olhos para as transcrever, estão traçadas com mão convulsa.

Contudo, fiel às normas seguidas em semelhantes circunstâncias, entrou imediatamente em si para se entregar a sentimentos de humildade: *«Graças sejam dadas a Jesus! Até que enfim encontrei alguém que me conhece e que me ajudará a salvar-me. Não, Padre, não sou digna de receber a Jesus. Quantas vezes Jesus quis vir já a este rude coração, pior que uma estrumeira. Neste momento reconheci tão vividamente a minha miséria que desejaria, desejaria... Padre, meu Padre!»*

O ilustre confessor tinha tão pouco a intenção de a afastar da sagrada mesa, que dizia aos membros da sua família adoptiva: *«fazei todo o possível, embora esteja doente, por conduzi-la à igreja: como passaria a pobre menina sem comungar?»*

Por outra vez, sendo já alta noite, o demónio persuadiu-a de que tinha cometido não sei que falta grave.

A perspectiva de não poder ir no dia seguinte à Sagrada Comunhão martirizou-a toda a noite. De manhã, ouviu missa e voltou sem se ter aproximado do Banquete divino. Chorava inconsolavelmente.

Ao chegar a casa entrou em êxtase. Apareceu-lhe o demónio disfarçado na pessoa do Salvador para a fazer

cair no desespero. A cena, das mais comovedoras, arrancou lágrimas a todos os assistentes.

A luz penetrante do êxtase, Gema descobriu o embusteiro e exclamou com voz angustiosa:

*«Não, não te quero. Oh! para onde foi o meu Jesus? Onde estais, Jesus? É verdade que Jesus esta manhã não veio a mim; mas tu não, nunca entrarás, não te quero dentro de mim. Ó Jesus, afastai-o! Mas como permitis, ó Jesus, que o demónio venha em vosso lugar? Vinde Vós, Jesus, vinde triunfar no meu coração que Vos deseja. Apressai-Vos, Jesus; o meu coração anseia por Vós. Não vedes como sofre? Afastai este mentiroso; não vedes como quer levar-me ao pecado? Porque me abandonais assim? É verdade que fui a primeira a deixar-Vos, mas eu quero-Vos; não me deixeis só».*

Neste momento parece que o Senhor a repreendeu por não ter atendido ao convite que lhe fez de ir comungar sem receio. E Gema, desculpando-se com toda a candura, diz: *«Sim, resisti, ó Jesus; mas sofri muito. Ouvi o vosso convite esta manhã; mas, Jesus, como havia de fazer para Vos receber? Vede, Jesus: se o meu confessor me tivesse dito que fôse à comunhão, tê-lo-ia feito, mas ele mesmo me diz que não me posso fiar em mim própria. Deste modo, deixei-Vos porque julgava ter pecado».*

*Portanto, Jesus, perdoai-me e vinde, vinde agora ao meu coração. Ah! Ele é vosso, vinde, Jesus; é vosso. Vinde e fazei-Vos sentir».*

Esta luta, este colóquio, de que apenas dei um extracto, durou cerca de uma hora e terminou pela vitória completa da santa menina sobre o Coração terníssimo do Salvador. A julgar pela veemência dos senti-



mentos e agitação de toda a sua pessoa, devia ter saído do êxtase extenuada, mas não foi assim. Logo que retomou os sentidos, ficou serena e sorridente, podendo entregar-se activamente às ocupações domésticas.

Aqui tem o leitor uma pálida idea do que era a preparação de Gema para o Banquete divino.

Devia agora dizer alguma coisa sobre a acção de graças, mas não faria mais que repetir-me, porque os transportes de fé, de amor, de confiança, de humildade e de abandono, que precediam o acto solene da comunhão, renovavam-se depois d'êla.

A acção de graças, começada na igreja, continuava durante todo o dia entre as ocupações domésticas. O seu coração, exultando com a suave lembrança da comunhão, experimentava incessantemente a necessidade de se expandir: e o corpo, incapaz de resistir à veemência de tantos affectos, perdia de quando em quando o uso dos sentidos.

Tal é a explicação dos numerosos êxtases de Gema, desde a saída da igreja até à noite. As impressões profundas sentidas de manhã à sagrada mesa repetiam-se a todos os instantes.

A dar-lhe crédito, teria querido sepultar para sempre no seu coração êsse Jesus que recebera no altar, teria querido aprender até que ponto e até que medida devia levar o seu amor para agradecer tanta condescendência. E, reconhecendo a sua impossibilidade, exclamava: *«Meu Deus, meu Jesus, meu Pai, minha doçura! Amor que me sustentais! Consolação de toda a criatura! Fogo que sempre ardeis sem nunca Vos apagardes!»*

Depois perguntava ao Senhor se as chamadas que a consumiam lhe eram agradáveis. Pedia a seus santos advogados, aos anjos, à sua celeste Mãe, que a ajudassem a bem-dizer, louvar e agradecer o amor de Jesus Sacramentado.

As cartas escritas durante o dia ressentiam-se destes ardores. Qualquer que fôsse o assunto dessas cartas, o pensamento da Eucaristia devia ter sempre lugar, quando não predominava: e o mais das vezes, tocando esta matéria tão sensível ao seu coração, a seráfica donzela perdia os sentidos e continuava a carta arrebatada em êxtase. O pensamento da Eucaristia absorvia-a por completo: e da Eucaristia tinha o coração a trasbordar. Ora é da abundância do coração que falam os lábios e que a mão escreve.

Entre as provas dolorosas a que foi submetida, especifiquei a aridez espiritual e disse que foi a mais atroz. E na verdade, correr atrás de Jesus e nem ao menos receber um olhar, chamar ansiosamente por Elle, e não ouvir resposta, é para a alma, que só aspira pelo céu, um tormento que só experimentado, se pode fazer d'êla uma idea.

Ora, para Gema o céu era a Eucaristia, Jesus Sacramentado era tudo. Vivía d'êste doce mistério, encontrando n'êle toda a sua felicidade. Todavia o Senhor, cuja providência só tem em vista a santificação das almas, deixava-a de quando em vez sem as inebriantes delícias, que costumava saborear junto do altar, ou à mesa eucarística. Eclipsava-se totalmente aos olhos da sua seráfica espôsa.

Escrevia-me então para me pôr ao corrente das suas



angústias: «Padre, meu Padre, tôdas as consolações que eu experimentava de manhã depois da comunhão e que duravam o dia todo, converteram-se em outros tantos abandonos. Não sei qual seja o motivo».

Outra vez, depois de me ter falado de certas comunicações extraordinárias recebidas à mesa eucarística, acrescentava: «Mas há dias em que não acontece assim. Há já três manhãs que Jesus, depois de eu O ter recebido, procede como se não tivesse vindo ao meu coração. Cala-se e faz-me morrer de desejo».

Mas nem por isso a terna amante do Salvador era menos fervorosa ou menos activa. Visse ou não visse o seu Jesus, ouvisse ou não o eco dos seus chamamentos, continuava a correr para a igreja, procurava-O sempre com o mesmo ardor e morria de desejo, dum desejo que, como ela afirmava, a ia consumindo.

Ah! se todos os homens conhecessem como Gema as riquezas inefáveis que encerra a Eucaristia, não os veríamos mendigar entre as criaturas que passam, uma felicidade que elas não podem dar a corações criados para o infinito.



## CAPÍTULO XXIX

Gema apóstola.—Espírito profético

**D**EUS costuma dar a certas almas, maravilhosamente favorecidas da graça, a vocação especial de trabalhar na salvação de seus irmãos, não só pelo exemplo de heróicas virtudes, mas por obras de zelo também.

A virgem de Luca foi dêste número: trabalhou dum modo muito particular na conversão dos pecadores, em virtude da missão que solenemente recebeu em circunstâncias especiais. Ela que nos conte o sucedido:

«Há dias, logo depois de ter recebido a sagrada Comunhão, fez-me Jesus a seguinte pergunta: Dize-me, filha, amas-me?»

Que resposta podiam dar os meus lábios? Mas respondeu o meu coração com as suas fortes palpitações.

Se me amas, acrescentou o Salvador, farás tudo o que eu quiser de ti.

Depois suspirando exclamou: Quanta ingratidão e malícia vejo no mundo! Os pecadores obstinam-se per-



*tinazmente em sua vida de pecado, as almas vis e fracas não fazem nenhum esforço para vencer os instintos da carne, as almas aflitas caem no desalento e no desespero, os ministros do meu santuário..., a indiferença geral vai crescendo e ninguém desperta. Entretanto, do alto do céu não faço senão conceder graças e favores a todas as criaturas, luz e vida à Igreja, virtude e força aos que a dirigem, sabedoria a quem deve iluminar as almas que andam nas trevas, constância e energia aos que devem seguir-me mais de perto, graças de toda a espécie aos justos, e até aos pecadores que permanecem nos seus antros tenebrosos. Faço chegar-lhes até lá a minha luz, procuro por todos os meios enternecê-los e convertê-los.*

*Mas com tudo isto que lucro eu? Que correspondência encontro nas minhas criaturas que tanto amo? Ninguém já se lembra do meu Coração nem do meu amor.*

*Sou esquecido como se nunca tivesse amado, como se nunca tivesse sofrido, como se fôsse para todos um desconhecido. O meu Coração está continuamente triste: quasi sempre me deixam só nas igrejas, e quando nelas se reúnem muitos, é por outros motivos, e não para me honrar; sofro por ver a minha Igreja, a minha casa convertida em um lugar de divertimentos. Muitos, sob aparências hipócritas, atraioam-me com comunhões sacrilegas...*

*Jesus teria continuado, mas eu fui obrigada a dizer-lhe: Jesus, Jesus, não resisto mais».*

Com estas comoventes queixas inspirava o Senhor à sua serva uma dedicação sem limites pelo bem espiritual do próximo e pela conversão dos pecadores, des-

cobrimdo-lhe ao mesmo tempo a forma do seu apostolado.

Resposta de Gema: *«Duvidareis, Senhor, que eu queira sacrificar-me inteiramente? Por Vós suportaria os maiores tormentos; para contentar o Coração de Jesus e para impedir que tantos pecadores o ofendessem eu daria todas as gotas do meu sangue».*

Depois das palavras, vejamos as obras da santa menina. Não falarei mais de tormentos; não há tormentos que não tenha experimentado, e com grande intensidade. Não falarei de sangue derramado; derramou-o a torrentes pelas mãos, pelos pés, pelo lado, pelos olhos, pela cabeça e por todo o corpo, a ponto de podermos duvidar se lhe restava ainda alguma gota.

Mas que apostolado poderia exercer uma frágil donzela? Levada pelo Espírito do Senhor, Gema cumpriu a sua missão dentro da esfera das suas relações e, onde não podia chegar com a acção, chegava certamente com a oração e com as lágrimas.

Pelo que me diz respeito posso afirmar que, desde o primeiro dia em que conheci esta virgenzinha admirável até à sua morte, sempre a vi trabalhando com zelo pela conversão dos pecadores. Disse desde o primeiro dia, aludindo à cena tão patética descrita a páginas 164 e seguintes.

As minhas memórias conteem outros factos notáveis de conversões, semelhantes, sob muitos aspectos, ao que aí deixei referido, e não menos autênticos. Omitto-os para ser breve e não me repetir.

Gema conhecia o segredo de comover o Coração do



seu Jesus. As suas lágrimas inocentes, os seus suspiros inflamados e os argumentos que hábilmente sabia manejar, obtinham sempre o seu efeito. Só no dia de juízo saberemos o número de almas arrancadas ao poder de Satanás por esta humilde virgem, que não deixava passar um só dia sem pedir pelos pecadores.

Ouvia-se muitas vezes repetir, durante os êxtases: *Imaginal, Senhor, que me dáveis um por dia*. E continuava: *Ó Jesus, não abandoneis os pecadores, pensai nos pecadores, quero que todos sejam salvos*.

Depois, visto que tinha sempre algum particularmente em vista, dizia: *Lembraí-vos daquele, Jesus, dum modo particular; quero que seja salvo comigo*. Salvo comigo! Sugestivas palavras, bem próprias para comover o Coração do Divino Redentor, tão terno para com a sua fiel serva.

Muitas vezes a virtuosa menina dirigia-se à Mãe Celeste, cujo poder sobre o Redentor já ela tinha experimentado muito bem num negócio que a interessava.

Um dia, estando arrebatada em êxtase, viu Maria Santíssima muito aflita e, ao mesmo tempo, resolvida a não se interessar por uma alma, em favor da qual Gema pedia.

A santa menina esforçou-se por demovê-la da sua determinação. *«Mas que dizeis hoje, minha querida Mãe? Abandonar aquela alma!... Porventura não é uma alma de Jesus? Não derramou Jesus todo o seu sangue por ela? É verdade que eu mesmo a esqueci estes dias. É por isso que a quereis abandonar? Não, não, não hesiteis, ide aplacar a Jesus»*.

A divina Mãe deu a entender que achava difícil a

emprêsa, e Gema continua: *«Mas Jesus obedece sempre a sua Mãe. Afirmas que nada conseguireis? Mas eu sei que junto de Jesus gozais de onipotência suplicante! Oh! antes de abandonar uma alma... será possível, ó minha Mãe, que Jesus queira abandonar uma alma? Mas, coragem! Ele teve piedade do ladrão.*

*Sei, respondeu Gema, mas isso não quero eu ver; poderia mostrar-te como é malvada a sua alma.*

*Sei, respondeu Gema, mas isso não quero eu ver, quando for salvo, então, sim, o verei. Ó minha querida Mãe, como é estranho o modo por que me falais hoje. Vós, a advogada dos pecadores! Porventura deixastes de ser Mãe? Impossível. Ó minha querida Mãe, quereis deixar-me hoje assim aflita? Obtende-me de Jesus o que me obtivestes sábado (1). Como ficarei contente!»*

Abandonar uma alma! Esta palavra horrorizava Gema e traspassava-lhe o coração. Eu mesmo me aventurei uma vez a repeti-la, a-propósito duma penitente, cuja indocilidade me levava a desembaraçar-me dela. A virtuosa menina, alarmada, escreveu-me:

*«Meu Padre! E porque é que, em vez de perder o ânimo e pronunciar essa vil palavra abandonar, não a chamais para que diga toda a verdade? Porque não lhe testemunhais esse affectuoso interesse que tendes por mim, que sou mil vezes pior do que ela? Atendei: se vos for possível vê-la, fálai-lhe; se não, escrevei-lhe imediatamente a dizer que, se não entra no recto caminho e não*

(1) Gema aludia à conversão doutro pecador, pelo qual tinha pedido muito.



abandona todo o vestígio do pecado, Jesus a fulminará. Nada mais direi sobre este assunto. Sei tudo, sei tudo».

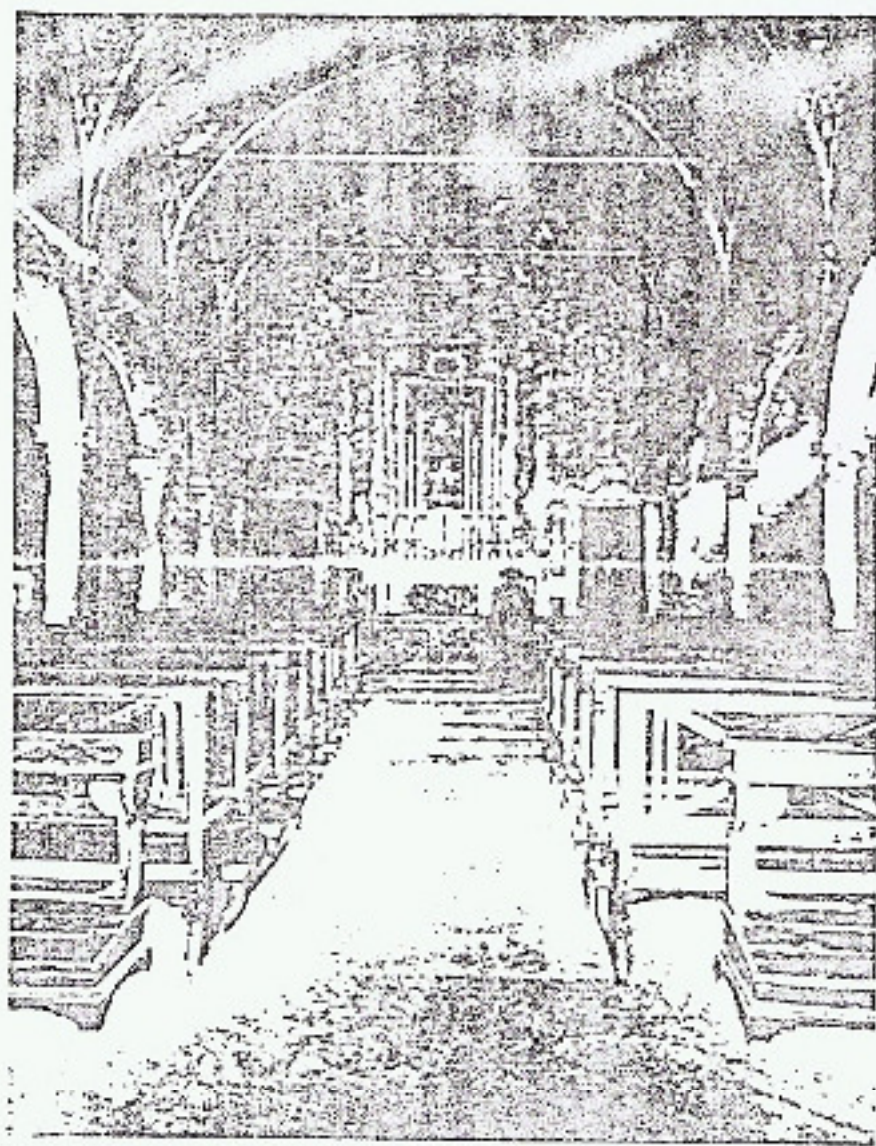
Gema não pôde manter por muito tempo a resolução de se calar. Escreveu-me ainda outra vez: «Na verdade, Padre, Jesus não está contente com essa alma, não, não. Disse-me coisas muito graves! Dizei-lhe que, se não se emenda, Jesus a fulminará. Fazei assim, Padre, e, quando a virdes, fazei-lhe de mim e instai com ela para que venha ver-me. Se tivesse vindo, nada teria acontecido».

Testemunha muito digna de crédito conta-nos o seguinte facto: «Pedi-me uma senhora minha conhecida que recomendasse a Gema um seu irmão, grande pecador. Assim o fiz, e a santa donzela não o esqueceu. Jesus porém disse-lhe num êxtase, evidentemente para experimentar a sua fé, que não conhecia tal pecador.

Como o não conheceis, respondeu, sendo ele vosso filho?

Depois dirigiu-se a Maria. Mas, vendo-a silenciosa e banhada em lágrimas, voltou-se para S. Gabriel que também guardou silêncio. Gema não perdeu a coragem e multiplicou os pedidos. Dizia-me então: Esse homem deve ser realmente um grande pecador, pois Jesus diz que o não conhece, a divina Mãe chora, e o irmão Gabriel não me responde.

Depois dum ano de súplicas assíduas, uma ocasião em que eu ia para a igreja com Gema, encontrei a criada da referida senhora toda aflita, a qual nos disse que o irmão de sua ama estava moribundo. Ficámos muito tristes. Mas, mal tínhamos dado uns vinte passos começou Gema a exclamar: Está salvo, está salvo!



Igreja de Santa Maria da Rosa em Luca — A Santa ajoelhada no comunhão



Quem? perguntei. O irmão da senhora.

Soube depois que este homem tinha expirado, apertando a mão do sacerdote, no momento preciso em que a criada entrava em casa. Ora, esse instante coincidia exactamente com aquêlê em que Gema tinha exclamado: *está salvo, está salvo!*

Aquí se manifesta como levadas pelo zêlo e pela grande estima em que tinham a santidade de Gema, pessoas amigas recorriam às suas orações para obter a conversão de entes queridos. Mas não era raro também que Deus lhe fizesse conhecer directamente certos pecadores em providenciais encontros, ou mesmo em casa dos seus benfeitores.

De qualquer parte que viessem, a caridosa menina recebia-os com alegria, como se fôsem um tesouro. E quanto mais o número aumentava mais ela desejava vê-lo crescer. Dizia: *«Eu desejava que todos os pecadores fôsem salvos, porque todos foram resgatados pelo sangue de Jesus».*

O'último, cuja salvação teve a peito dum modo particular, ou, como ela dizia, que levou aos ombros, foi um habitante de Luca, pecador famoso e obstinado, e dela pessoalmente desconhecido. Durante muito tempo a santa menina implorou de Jesus a sua conversão, sem nunca desanimar.

Na última doença disse a uma confidente íntima: *«Hei-de tê-lo aos ombros por tôda esta quaresma, depois aliviar-me-ei dêle».* E com efeito, na Quinta-feira Santa, o zeloso sacerdote que lhe tinha recomendado esta alma fêz-me saber, todo contente, que acabava de reconciliar com Deus um grande pecador: era o pecador de Gema.



Dois dias depois, a virtuosa donzela, aliviada deste peso e com mais uma palma na mão, voava para o céu. Foi esta a última conversão visivelmente operada pela serva de Deus. A primeira deu-se por ocasião da longa e dolorosa doença que sofreu na casa paterna, antes de ter recebido a solene investidura do seu apostolado. Arquivêmo-la, que é verdadeiramente digna de menção.

Entre as pessoas que prestavam os seus cuidados à jovem enferma encontrava-se uma mulher de vida pouco edificante, cujos serviços a família desejava dispensar. «Como, dizia Gema com o rosto inflamado, porventura Madalena foi repelida por Jesus, pelo facto de ser pecadora? Deixai-a vir. Quem sabe se se poderá fazer-lhe algum bem? Não a afasteis de mim, eu vo-lo peço». E, embora extenuada e quasi moribunda, occupou-se dela.

O caso era difficil, porque a mulher vivia da sua infame profissão. Mas, o que não pode a caridade de Cristo exercida por uma alma tão ardente como a de Gema?

A sua tia de Camaiore enviava-lhe de tempos a tempos algum dinheiro para as suas grandes necessidades. A doente passava-o para as mãos da pecadora com uma graça cheia de encanto, e pagava-lhe a renda da casa, para que ela não tivesse de a ganhar offendendo a Deus.

E quando alguém da familia lhe perguntava que destino dera ao dinheiro mandado pela tia — «Sossegai, respondia, não desperdiço nada; vereis, haveis de saber o uso que fiz dele». Por esta forma adquiriu um tal prestigio sobre aquella alma que em pouco tempo, com estas industrias e exortações assiduas a arrancou das mãos do

demónio. A mulher fez uma confissão geral e viveu daí por diante como boa cristã.

E como não havia o demónio de se enraivecera com o zelo da piedosa menina, que assim lhe arrebatava as mais belas presas? Muitas vezes apparecia-lhe com os olhos sinistramente illuminados por uma chama do inferno e gritava em tom ameaçador: «*Pelo que te diz respeito pessoalmente, procede como entenderes; mas livra-te de fazer alguma coisa em favor dos pecadores, porque mo pagarás*».

Algumas vezes disfarçava-se em prudente conselheiro e dizia: «*Como? donde te vem tanta presunção? Estás carregada de pecados, todos os anos da tua vida não bastariam para os chorar e expiar, e perdes o tempo a occupar-te com os pecados dos outros? Não vês que a tua alma está em perigo? Que bela vantagem: pensar nos outros, descuidando-se de si mesma!*»

Vãos esforços esses que ainda estimulavam mais os santos ardores da nossa missionária. «*Quereis saber, Jesus, dizia ella num êxtase, quem me proibiu de pensar nos pecadores? O diabo. Mas, pelo contrario, Jesus, pensai nos pobres pecadores, eu Vo-lo recomendo. Ensinai-me a trabalhar para os salvar*».

Quando algum lhe manifestava hostilidade, as orações em seu favor tornavam-se mais vivas.

Um exemplo entre muitos outros. Um dia ouviram-na dizer, em êxtase: «*Jesus, por ordem do meu confessor, recomendo-Vos o meu maior inimigo, o meu pior adversário. Guiai-o, acompanhai-o, e se a vossa mão tem de cair sobre elle, que caia antes sobre mim. Cumulai-o de bênçãos, Jesus, não o abandoneis, consolai-o. Pouco*



*importa que me façais sofrer, mas a ele não, eu Vo-lo recomendo agora e para sempre. Fazei-lhe muito bem, entendeis-me, Jesus? Para Vos mostrar que o amo, comungarei amanhã por sua intenção. Ele talvez pense em nos fazer mal; mas nós queremos-lhe muito bem.*

A paixão da santa menina não era só trabalhar por trazer ao redil as ovelhas desgarradas, mas também ajudar tôdas as almas a progredir no amor de Deus, na fidelidade ao seu serviço, na perfeição da virtude. Ao ver tanta tibieza nos cristãos de nossos dias, nos membros dum e doutro clero, e até no interior dos claustros, o seu coração parecia não poder sossegar.

Não contente de pedir sempre por todos, não perdia uma ocasião de dar conselhos, de advertir, de corrigir, e, sendo necessário, de ameaçar em nome do Senhor. *«Isso não agrada com certeza a Jesus, dizia a certa pessoa, deveis proceder de outro modo».* E a outra: *«Para agradar a Jesus deveríeis seguir tal linha de conduta».*

Um venerando superior veio consultá-la e perguntou-lhe na minha presença se o seu modo de governar agradava a Jesus. Gema, sabendo que ele era algum tanto precipitado em suas decisões e áspero para com os subordinados, respondeu-lhe: *«Seria conveniente que procedesseis com mais prudência e que em tudo usásseis de suavidade, aliás não contentaríeis a ninguém».*

Cheia de simplicidade, a todos manifestava assim o seu modo de pensar, com modéstia e humildade, é certo, mas sem reticências. E esta liberdade não desagradava a ninguém, porque a todos era manifesta a candura angélica com que procedia.

Mandava cartas urgentes aos directores de almas,

conhecidos dela, e ao seu próprio confessor, para os levar a corrigir certos penitentes: *«Essa alma ama-se mais a si do que a Jesus; dissei-lhe que não pode ser assim e corrigi-a».* Nem eu fui poupado. Muitas vezes advertia-me francamente dos meus defeitos, acertando sempre no alvo.

Esta angélica menina, embora aborrecesse ocupar-se de negócios alheios e andasse tão concentrada em si, que o mundo parecia não existir para ela, encontrava-se muitas vezes no exercício do apostolado, levada pelo zelo da glória de Deus.

Algumas vezes o Senhor mandava-a, como sua embaixatriz, levar avisos, mesmo a pessoas de nomeada. E ela ia sem demora, depois de ter solicitado, visto que desconfiava sempre das próprias forças, a aprovação do seu confessor ou do seu director. Escrevendo a pedir uma destas autorizações, dizia:

*«Há já muitos dias que Jesus me disse as seguintes palavras:*

*«Vai ter com a Superiora (de tal mosteiro de religiosas) e dize-lhe que, se persiste no seu projecto e continua a desprezar as minhas inspirações, resistindo às ordens de seus superiores, em breve se arrependerá, pois que o seu castigo já está preparado. Infeliz dela se não prestar atenção a este último aviso! Dize-lhe que o seu castigo foi deferido até agora, em atenção a algumas almas que me são muito queridas. Agora, porém, não espero mais. Dize-lhe que tudo depende dela».*

Pouco tempo depois, Gema escrevia de novo sobre o mesmo assunto: *«Quinta-feira, durante a hora santa, perguntou-me Jesus se eu tinha aplicado de boa vontade*



os sofrimentos daquela noite (refere-se aos tormentos periódicos de quinta para sexta-feira) pelas faltas de algumas religiosas.

*Respondi-lhe: sim de muito boa vontade.*

*Em seguida ouvi estas palavras: ai delas e daquela que as dirige, se recusam cumprir a vontade de Deus! Se ficarem surdas à voz, dentro em breve se arrependarão, mas será tarde.*

*Jesus nunca mais fará reinar entre elas a paz que há muito tempo gozavam, a discórdia irá aumentando sempre, e depressa serão obrigadas a separar-se».*

Felizmente a voz do Senhor foi ouvida e a paz firmou-se naquele mosteiro, graças às orações e dolorosas expiações daquela que, a-pesar-de tudo, queria ser chamada a pobre Gema.

Deus facilitava maravilhosamente a Gema o seu ministério em favor das almas por meio de dons extraordinários, tais como o discernimento dos espíritos e o conhecimento de coisas ocultas e futuras. Estava em relações espirituais com certas almas extraordinárias, sem nunca as ter visto. Escrevia-lhes e tinha delas um conhecimento que admirava os próprios confessores que há muito as dirigiam.

Certas impressões interiores revelavam-lhe, a maior parte das vezes, o estado de pessoas que se apresentavam diante dela, mesmo pela primeira vez.

Distinguia assim as almas queridas de Deus das almas vulgares, reconhecendo muito particularmente as que se encontravam em pecado mortal.

Em presença destas, o seu rosto não podia dissimu-

lar a viva repugnância que lhe causavam, e, se as conveniências o permitiam, não deixava de as advertir. Assim utilizava o melhor que podia, para bem do próximo, estas luzes secretas que Deus lhe concedia.

Eu próprio que por princípio e por feitio, em matéria de revelações sobrenaturais, não sou fácil em acreditar nos penitentes, sem provas claras das suas disposições, e muito menos em mulheres, recorri muitas vezes nas minhas dúvidas às luzes sobrenaturais de Gema. Passados alguns dias recebia resposta.

Num destes casos afirmava-me o seguinte: «Crê-de-me, Padre, posso enganar-me, mas a pessoa de que me falais não está animada de boas intenções. Custa-me dizê-lo, mas fareis bem em não vos occupardes dela, pois perdereis o trabalho. Ah! como eu vejo essa alma disforme diante de Deus!»

O futuro não tardou a demonstrar a verdade desta apreciação, e dou graças à santa menina por me ter esclarecido a tempo.

Outras vezes, pelo contrário, sossegava-me sobre certas almas, cujas aparências me inspiravam desconfiança e que eu estava para abandonar. Deixava-me guiar pelas suas opiniões e nunca me arrependi.

Gema anunciava com a mesma certeza as consequências funestas que se produziriam, se não fôsse seguida a linha de conduta transmitida por ela em nome do Senhor. Sobre este ponto, muito havia que dizer; mas, por brevidade, não desço a particularidades.

Entretanto Gema, quasi sempre silenciosa e duma circunspecção extrema, mostrava-se muito sóbria nestas predições. Só o motivo certo da glória de Deus ou do



bem duma alma a fazia sair de sua reserva. Fora d'êstes casos, nunca se arvorava em profetisa. Nunca, repito, pois quando pessoas curiosas, ainda que fôsse o seu director, procuravam tentá-la, respondia modestamente: «Não sei, perguntai a Jesus».

Eis, segundo as suas próprias palavras, como lhe vinham estas luzes acêrca de coisas ocultas ou futuras:

«Querido Padre, digo-o só a vós: algumas vezes, sem pensar em nada, brilha uma luz no meu espírito. Não faço caso e, um dia depois ou no mesmo dia, noto que a iluminação vinha de Deus. Isto acontece-me muitas vezes, mas tudo se passa em silêncio».

Tal é, segundo a opinião dos místicos, a maneira mais ordinária como Deus costuma falar a seus servos. Gema na sua humildade parecia dar pouco crédito a estas revelações. Mas no fundo da sua alma não existia sombra de dúvida, e só o seu director espiritual poderia persuadi-la da realidade duma ilusão.

Para melhor fazer ver o espírito apostólico da serva de Deus vou referir-me a uma obra que me diz respeito.

Instituíra eu em Roma e em várias outras cidades e aldeias, com o nome de *Colégio de Jesus*, uma associação de almas generosas que, sem nenhum aparato externo de cargos e dignidades, sem secretariados nem tesourarias, se applicam a cultivar em si a vida interior e se esforçam, sob a direcção dum bom sacerdote, por conservar na igreja a decência e o decôro do culto divino, sobretudo do culto eucarístico, e por fazer algum bem nos hospitais, nas prisões, nas famílias, por tãda a parte emfim onde haja almas a auxiliar, desordens a eliminar.

Agradou a muitos o regulamento que dei a esta piedosa agremiação. Em pouco tempo afluíram numerosos adherentes e, graças a Deus, algum bem se tem feito.

Falei a Gema na minha obra, alegrou-se muito e quis ser a primeira, na cidade de Luca, a inscrever-se. Tratou logo de a propagar, andando de casa em casa a recrutar membros, a excitar o zêlo dos directores, a organizar as obras.

Nos êxtases falava freqüentemente a Jesus desta associação, e o Senhor dignava-se responder que lhe era muito agradável e que abençoava com particular affecto os que dela faziam parte. Possam estes encontrar um incentivo na lembrança de que tiveram por compa-nheira a seráfica virgem de Luca.

O amor, quando é verdadeiro, abraça indistintamente todos os homens e não conhece limites. O de Gema, chegado a uma alta perfeição, estendia a sua solicitude não só aos pecadores privados do inestimável dom da graça e às almas imperfeitas que se arrastam indolentemente pelos caminhos da virtude, mas também às pobres almas do Purgatório.

Com extraordinária dedicação oferecia a Deus, por tôdas em geral, orações continuas, penitências e os seus grandes sofrimentos físicos e morais.

Mas entre elas, como entre os pecadores, encontrava-se sempre alguma feliz privilegiada. «Sim, sofrer, dizia ela, sofrer pelos pecadores e em particular pelas almas do Purgatório, sobretudo por aquela...»

E o Deus de misericórdia, que tanto deseja levar para o céu estas almas justas, estimulava o zêlo da sua serva, oferecendo-lhe novos meios de expiação: «O Anjo



da Guarda disse-me, escrevia, que esta noite Jesus me fará sofrer alguma coisa a mais, durante duas horas e a partir das nove, em favor duma alma do Purgatório».

Segundo ela mesmo confessou, a dor foi muito viva e durou precisamente o tempo anunciado. «Eu tinha a cabeça excessivamente dorida e cada movimento me despertava torturas terríveis». O céu aceitava as generosas expiações desta alma inocente, e as pobres padecentes do Purgatório sentiam aliviar os seus sofrimentos e diminuir o tempo do seu cativeiro.

Um exemplo entre muitos outros: Gema soube sobrenaturalmente que uma religiosa passionista do mosteiro de Corneto, bela alma muito querida de Deus, acabava de cair mortalmente doente. Preguntou-me se era verdade e, respondendo-lhe eu que sim, suplicou a Jesus lhe fizesse pagar a ela neste mundo as dívidas que essa enferma teria para com a justiça divina a-fim-de que, depois da morte, o céu lhe fôsse prontamente aberto.

O Senhor ouviu-a, pelo menos em parte, pois a fervorosa doente morreu depois de muitos meses de cruéis sofrimentos.

Apareceu depois a Gema sob os traços mais dolorosos, implorando que a socorresse nas penas terríveis que no Purgatório sofria por causa de certos defeitos.

Nada mais era preciso para lhe comover tôdas as fibras do coração. A-fim-de angariar para a pobre Irmã numerosos sufrágios, Gema anunciou sem demora a sua morte à família adoptiva, designando-a pelo seu nome de religião, desconhecido em Luca: Maria Teresa do Menino Jesus.

E a compassiva Gema, a partir dêste momento,

sem mais descanso, pedia constantemente, chorava, lutava amorosamente com o Senhor e exclamava: «Jesus, salvai-a: Jesus, levai Maria Teresa para o Paraíso. É uma alma muito querida de Vós, fazei-me sofrer muito por ela, quero-a no céu».

Vítima voluntária, a generosa menina sofreu cruelmente dezasseis dias consecutivos, no fim dos quais, estando satisfeita a justiça divina, soou a hora da libertação. Eis o que sobre o caso me escreveu:

«Por volta da uma hora e meia (da noite) a Senhora veio, segundo me pareceu, anunciar-me que estava próximo o momento. Algum tempo depois julguei ver caminhar para mim Maria Teresa vestida de religiosa passionista, acompanhada do seu Anjo da Guarda e de Jesus. Ah! como o seu aspecto era diferente do que tinha quando a vi pela primeira vez! Sorrindo, aproximou-se de mim e disse que era verdadeiramente feliz e que ia gozar do seu Jesus para sempre. Depois de novos agradecimentos, acenou muitas vezes com a mão a dizer-me adeus. Depois, com Jesus e o seu Anjo da Guarda, voou para o céu, cerca das duas horas e meia da noite».

Oh! se no mundo houvesse muitas destas almas generosas, quantas graças não atrairiam! Deus, que por meio de doze pobres pescadores converteu o mundo, poderia salvá-lo ainda pelas lágrimas secretas, penitências e expiações de humildes virgens, desprezadas dos homens, mas grandes a seus olhos, tais como Gema Galgani.



Funda-se em Luca o mosteiro de Religiosas  
Passionistas



UMA tão apaixonada dos bens celestes não podia encontrar-se à vontade no mundo: «*Oh! o que hei-de fazer, dizia Gema, para viver no mundo, onde tudo me enfastia? Tirem-me, tirem-me do mundo onde já não posso estar. Suplico-vos, em nome de Jesus, escrevia noutra ocasião ao seu director, que venhais encerrar-me num convento, o mundo não é para mim.*».

Em quasi tôdas as cartas se lia a ardente expressão dêste seu desejo, que o Senhor declarava ser conforme à sua vontade e de cujo cumprimento Elle mesmo lhe tinha dado a certeza, quando as pessoas encarregadas de executar os seus designios quisessem pôr mãos à obra (1).

---

(1) A profecia, como se vê, era condicional. Assim mantinha o Senhor em sua serva os vivos desejos da vida religiosa, que apresaram certamente, ou mereceram até a fundação do mosteiro de Religiosas Passionistas em Luca.



Durante muitos anos viveu a piedosa virgem numa vã expectativa. Mas as suas aspirações, longe de enfraquecerem com o tempo, tornaram-se angustiosas, sobretudo no resto da vida, até que por fim aprouve ao Senhor mostrar-lhe claramente que era inútil esperar a sua realização.

Desde então desistiu de todos os pedidos, não tolerando na sua alma senão pensamentos e aspirações em perfeita harmonia com a vontade divina.

O seu primeiro impulso sobrenatural para a vida religiosa data de 1899, quando teve essa doença mortal de que foi prodigiosamente curada, graças ao Sagrado Coração de Jesus. Eis o facto, atestado depois da sua morte por Leticia Bertuccelli, antiga criada da família Galgani:

*«Entrando eu de noite no quarto da doente, vi-o todo iluminado e uma pessoa ao lado dela. Transida de medo, porque julguei ser uma aparição de seu pai, morto pouco antes no mesmo quarto e no mesmo leito, fui apressadamente avisar a tia de Gema. Ela, porém, julgou-me vítima duma ilusão, e tive de voltar, só e a tremer, para o quarto. Nada tinha mudado. Lá estava a mesma pessoa, que era uma senhora. Não ousei fixar os olhos nela e recuei, cheia de terror. Entretanto, como eu ouvia falar, embora estivesse com medo, coloquei-me por detrás da porta a ouvir.*

A senhora dizia: «Gema, tu tinhas uma vez a intenção de te fazer religiosa: desejas ainda realizá-la?»

«Certamente que sim, respondeu Gema, se a Senhora me auxiliasse. Sou tão pobre e tão doente!»

A senhora continuou: «Se a tua admissão no mos-

teiro se tornasse impossível, não faltariam pessoas para te socorrer neste mundo».

«Está bem, acrescentou Gema, seja feita a vontade de Deus».

*Desapareceu a visão e entrei no quarto. A doente confessou que Nossa Senhora tinha vindo visitá-la, mas proibiu-me de dizer qualquer coisa, durante a sua vida, do que tinha visto e ouvido. Dois dias depois estava curada».*

A santa donzela solicitou inutilmente, como vimos no capítulo VI, a sua admissão nas Visitandinas. O confessor concebeu logo o projecto de a apresentar às Capuchinhas, depois às Carmelitas, e por fim a duas outras casas religiosas. Gema repetia sempre: «Irei, se o desejarem, mas o coração diz-me que Jesus não me quer lá. Jesus não parece ser dessa opinião, por isso nada se conseguirá».

E de-facto, umas vezes por um motivo, outras por outro, nada se conseguia.

Um único mosteiro havia para o qual a alma de Gema se inclinava: o das Religiosas Passionistas, que conhecera pela leitura da vida de S. Gabriel.

Este servo de Deus tinha-lhe dado grandes esperanças; e daí por diante, sem mostrar outro desejo, nunca deixou de suspirar diante de Deus pela sua realização. Mas o único convento italiano de Religiosas Passionistas encontrava-se na cidade de Corneto, a cinqüenta e cinco léguas de Luca. Que fazer então?

Depois de ter reflectido muito e tomado conselho, resolveu com três companheiras ir lá assistir a uns exercícios espirituais. Fizeram o pedido colectivamente.



A resposta causou uma viva decepção. A superiora, mulher de espírito elevado e de coração, respondeu: «Podem vir as três, mas sem Gema, e abstenham-se de a trazer, aliás não receberemos nenhuma».

A boa superiora, tendo ouvido de Gema apreciações tão divergentes tomava-a por uma dessas raparigas histéricas ou alucinadas, com a presença das quais as comunidades nada têm a lucrar.

A santa menina recebeu a notícia com grande tristeza, mas sem se indignar; e, se ouvia murmurar alguma pessoa da casa, dizia logo: «Porque falais assim? Não digais mal da Madre Presidente (assim se chama a superiora das Passionistas); eu amo-a muito e quando entrar no Paraíso, será a Madre Presidente a primeira que hei-de saudar». E mais tarde, escrevendo a uma sua amiga, dizia: «Vi em sonhos a Madre Presidente: olhava-me com um semblante muito severo. Amo-a muito e ela não me consagra nenhum amor».

Entretanto, firmemente convencida da sua vocação, Gema não perdeu de todo a esperança. Depois da recusa da Superiora de Corneto, travou amizade com uma veneranda madre do mesmo convento, a quem escreveu cartas dum alto misticismo, invariavelmente terminadas por alguma expressão do seu ardente desejo, expressão sentida e por vezes ingénua:

«Recebei-me no convento em vossa companhia. Serei boa, obedecerei. Dai-me esta satisfação. Não tenho um real, sou muito pobre, mas procurarei tornar-me útil como irmã conversa. Crêde que sei trabalhar: sei varrer, pôr a mesa, ajudar na cozinha, e as minhas forças suportam qualquer trabalho fatigante. Recebei-me para agra-

dar a Jesus. Sei que o Padre (seu director) está em Córneto. Dizei-lhe muitas coisas em meu nome, dizei-lhe que me meta no convento convosco. Serei sempre obediente, e nunca farei nada por minha cabeça. Serei muito franca e farei o que quizerdes. Encontro-me muito mal no mundo. Dizei ao Padre que reze muito e depois que se resolver, porque dentro em breve já não haverá tempo».

Eu próprio recebia directamente as mesmas solicitações, expressas ainda com maior insistência. «Depressa, Padre, ouvi a Jesus, aliás já não haverá tempo». Veremos depois o sentido destas palavras tantas vezes repetidas: «já não haverá tempo».

Começava-se então a falar da fundação dum convento de Religiosas Passionistas na cidade de Luca. Que alegria para Gema, a qual julgou enfim conseguir o que tanto desejava! Todos os que trabalhavam na piedosa empresa animava-os a confiar no Senhor, a não se deixarem desanimar pelas dificuldades, mas, ao contrário, a haurir nelas novo ardor: «Jesus quer a fundação, dizia, e o que Jesus quer será com certeza bem sucedido, por isso mãos à obra e sem demora».

Os que julgavam as coisas com uma prudência talvez mais humana — e eu era um deles — persistiam em esperar mais tempo. E só as razões de Gema não bastavam para os convencer. Como é que, diziam, se pode fundar sem dinheiro um convento de rigorosa clausura? Era preciso comprar casa, acomodá-la, mobilá-la. E depois onde ir buscar o necessário para o sustento das religiosas?

Passados dois anos em trabalhos constantes, só se tinham reunido duas mil liras, enquanto que a cúria



arquiepiscopal de Luca exigia uma avultada soma por cada religiosa. Nem as irmãs de Corneto estavam resolvidas a permitir que alguma fôsse tentar a fundação, sem garantias suficientes para o futuro. Gema não deixava de insistir. *«Interessai-vos mais, meu Padre, escrevia-me ela, Jesus não está contente com a vossa pouca confiança. Como se Ele não pudesse em um momento providenciar a tudo! Comecem e verão o que Jesus sabe fazer».*

E ela mesma, acompanhada de sua inseparável mãe adoptiva, percorria as ruas da cidade à procura de casa conveniente, ou ao menos de um terreno onde se pudesse construir.

Em Março de 1901, como já não houvesse dúvida alguma sobre a fundação, escrevia à religiosa de Corneto sua amiga:

*«Sinto tanta alegria em vos ouvir dizer que Jesus quer o novo mosteiro!... Sim, Jesus o quer e brevemente vos dará essa consolação». E acrescentava: «Segundo diz Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> (o bispo auxiliar de Luca), para se resolver alguma coisa é preciso vir falar com o Sr. Arcebispo. Hoje arranjámos oito mil libras. Além disso, há muitas casas grandes para vender ou alugar, à vontade dos superiores. Mas, se estes dormem!... Enfim, tenhamos esperança. Que Jesus se digne recolher-me em algum canto».*

E continuava ainda, referindo-se a mim: *«Se o nosso bom Padre se decidisse a fazer a vontade de Jesus, vontade que elle conhece muito bem, a obra terminaria depressa. Peçamos a Jesus que lhe dê a graça de vencer as suas hesitações».*

Assim importunado, eu estava sobre espinhos e supplicava à Majestade divina, no meio de insuperáveis dificuldades, que me mostrasse um caminho. Os meses, porém, iam correndo sem haver mudança de situação. Durante este tempo, para melhor excitar a sua seiva à oração e ao trabalho em favor da santa empresa, o Senhor mostrava-lhe a grande estima que tinha pelas Religiosas Passionistas, a glória que Lhe adviria do estabelecimento do novo mosteiro, o grande bem que nelle se havia de fazer.

Em uma visão, depois de ter declarado que a justiça do Pai celeste pedia vítimas, Jesus acrescentou: *«Quantas vezes O tenho detido, apresentando-Lhe almas queridas e vítimas fortes! Agora ainda lhe ofereço vítimas para O apaziguar, mas são poucas».*

*Quem são? Interrogou Gema.*

*As filhas da minha Paixão. Se soubesses quantas vezes vi acalmar meu Pai ao considerá-las! Escreve imediatamente ao teu director espiritual, dize-lhe que vá a Roma e que fale ao Papa sobre o meu desejo; que lhe diga que está imminente um grande castigo e que há necessidade de vítimas».*

A idea do novo mosteiro, sempre aliada à esperança de encontrar nelle um refúgio pacífico, acompanhava a virgem de Luca até nos êxtases. Ouvia-se algumas vezes exclamar: *«Jesus, o confessor diz-me que insista convosco para que se realize a fundação, muito desejada por elle. Fôstes Vós que me incutistes este grande desejo. A Vós pertence pensar na sua realização, a Vós que estais obrigado ao que prometeis, não é verdade? Vamos, Jesus, não Vos demoreis».*



A santa menina tinha recebido de S. Gabriel e da Mãe celeste a firme certeza do feliz êxito da obra. Tinham-lhe revelado o modo pelo qual seria levada a bom termo, sem omitir as particularidades mais minuciosas que se realizaram pontualmente depois da sua morte.

Anunciou que a fundação terminaria a pouca distância da beatificação do então Venerável Gabriel. Contribuíram para ela: o Sumo Pontífice, o Bispo, um Consultor geral e o próprio Geral dos Passionistas, convencido e levado pelo Consultor, o Provincial da provincia romana e um outro padre enviado por elle a Luca para organizar tudo.

«Com o fim de impedir a obra, vaticinava ella, o demónio dará formidáveis e continuos assaltos, a ponto de se julgar que é impossivel realizá-la. Mas, uma vez realizada, os próprios adversários ser-lhe-ão favoráveis e manifestarão o seu contentamento».

Um vaticínio houve da serva de Deus que foi certamente doloroso para o seu coração. «Resolvam-se, insistia ella, porque dentro em breve já não será tempo. Jesus não espera. Disse que me levaria para Elle, se a fundação não estivesse começada dentro de seis meses. A Mãe celeste curou-me desta doença perigosa (1), mas com a condição de se fazer o convento. Se o não começarem quanto antes, mandar-me-á uma recaída e leva-me consigo».

Deus por último fez conhecer a Gema que a condição não se cumpriria, sendo-lhe forçoso resignar-se.

«Eu não saberia exprimir, escrevia ella, o que senti esta manhã. Direi somente que tive uma grande vontade de chorar. Para estar mais à vontade, retirei-me para o quarto onde derramei muitas lágrimas. Por último exclamei: Fiat voluntas tua. Todavia as minhas lágrimas não eram lágrimas de dor, mas de resignação».

O fiat estava pronunciado. Daí por diante Gema não pensou mais na vida claustral, nem disse mais uma palavra sobre ella, occupou-se unicamente em se preparar bem para a morte, que teve lugar, segundo a sua profecia, ao cabo de seis meses. Deus contentou-se com o seu desejo e com o sacrificio tão generosamente feito.

Além disso, Gema tinha já feito por devoção particular os votos da profissão religiosa. Religiosa e Passionista, era-o de coração e de espirito quem trazia a cruz tão profundamente gravada no seu coração, e os estigmas sangrentos da Paixão impressos na sua carne.

Podia, pois, partir contente d'este mundo, com a satisfação intima de ter desempenhado admiravelmente a missão, que Deus lhe destinara.

Senti remorsos logo que a nossa virgenzinha exalou o último suspiro. E tinha motivos para isso.

Os remorsos acordaram-me e, sem mais demoras, tratei activamente da fundação do mosteiro. Lembrei-me da ordem que, da parte do Senhor, me tinha transmitido um ano antes a saudosa menina, de ir a Roma falar ao Sumo Pontífice. Dirigi-me à Cidade eterna e fui recebido em audiência por Pio X. pouco antes elevado à cadeira de S. Pedro. Ouviu-me com interêsse, sorriu ao ver o projecto da obra, tomou a pena e deu a sua alta approvação. O precioso documento diz assim:

(1) Dela se fala na capitulo seguinte.



«Abençoamos com paternal affecto a fundação do novo mosteiro de Religiosas Passionistas na cidade de Luca, abençoamos o nosso venerável irmão, Arcebispo Nicolau Ghilardi, que a favorece louvavelmente, a reverenda madre Maria José do Coração de Jesus, que deverá ser a primeira superiora, todos os benfeitores que concorreram ou hão-de concorrer para o seu estabelecimento, e as religiosas presentes e futuras que dêle fizerem parte.

Queremos que estas piedosas virgens, em suas orações, penitências, práticas de devoção e outros exercícios prescritos pela regra do seu Instituto, se proponham, como fim especial da sua comunidade, oferecerem-se como vítimas ao Senhor pelas necessidades espirituais e temporais da santa Igreja e do Sumo Pontífice.

Vaticano, 2 de Outubro de 1903.

Pio X. PP. ».

Jesus acabava de falar ao coração do seu Vigário e levava-o a declarar solenemente, como Gema tinha predito, que as religiosas do novo mosteiro deveriam oferecer-se como vítimas de expiação pelo bem da Igreja.

Com este venerando documento nas mãos, apresentei-me em Luca, depois em Corneto. Por toda a parte me abria o caminho. Mais duas cartas pontificias para os prelados destas cidades, vieram, pouco depois, reforçar as minhas diligências e a fundação foi resolvida.

Note-se que foi o próprio Sumo Pontífice que quis designar a superiora do novo mosteiro, e a sua escolha recaiu precisamente na religiosa a quem Gema tinha escrito: «Jesus o quer e brevemente vos dará essa consolação».

Entretanto a questão pecuniária voltou a retardar os últimos preparativos, até que uma terceira carta do Papa ao administrador apostólico da diocese de Luca, estando a Sé vaga, fêz desaparecer todas as dificuldades.

Duas religiosas do coro e uma irmã conversa partiram imediatamente de Corneto para a cidade de Luca.



Luca — Mosteiro das Religiosas Passionistas

Era em Março de 1905, dois anos depois da morte de Gema.

Em vão procurou o demónio levantar mil dificuldades, e até verdadeiras perseguições de todos os lados. A obra prosperou; e, enquanto outras comunidades, há muito tempo estabelecidas na cidade, tinham dificuldade em recrutar noviças, esta aumentou rapidamente.

Até 31 de Julho de 1908 as Religiosas Passionistas ocuparam uma habitação provisória, não tendo podido, contra toda a previsão humana, entrar na posse do seu



mosteiro, adquirido havia já certo tempo. Só nesse dia, que foi uma sexta-feira, segundo a predição de Gema, é que os antigos proprietários lhes entregaram as chaves.

A serva de Deus tinha igualmente afirmado que a fundação terminaria a pouca distância da solenidade da beatificação do então Venerável Gabriel de Nossa Senhora das Dores. Esta tinha-se realizado dois meses antes, a 31 de Maio.

Quando recusaram a Santa Rosa de Viterbo a entrada no convento das Franciscanas da sua terra natal, pronunciou ela estas palavras proféticas: *«Não me querem viva, mas ter-me-ão morta»*.

Gema, que se encontrou numa situação idêntica, depois de ter proferido o generoso *fiat*, exclamou também: *«As religiosas passionistas não me querem receber, mas eu quero estar com elas, e estarei depois de morta»*.

É de esperar que esta profecia se realize, se a Igreja, em seu juízo infalível, reconhecer um dia a santidade de Gema. Então, as filhas de S. Paulo da Cruz, de Luca, felizes por possuir os seus restos mortais sob o altar da sua capela, dirão à posteridade que a verdadeira fundadora e protectora do seu mosteiro é a seráfica virgem, Santa Gema Galgani (1).

(1) Com a recente canonização da Virgem de Luca, acaba de se realizar o sonho doirado do seu virtuoso director espiritual.

Muito antes se havia já realizado a profecia da sua dirigida, por ele tão acertadamente interpretada. Effectivamente os restos mortais da Virgem de Luca lá descansam já no mosteiro das religiosas Passionistas, sob o altar da sua capela. (Nota do Revisor).

## CAPÍTULO XXXI

Última doença de Gema — Visita do director da sua alma — Últimos Sacramentos da moribunda



EMBORA Gema tivesse sofrido muito com frequentes efusões de sangue, continuas e horríveis vexações do demónio, angústias espirituais e com jejuns e macerações, a sua saúde não deixava nada a desejar. Tinha uma boa disposição, e um verdadeiro vigor muscular. A parte êsses ligeiros acessos de febre, devidos mais aos ardores celestes do amor divino que a uma causa natural, nenhuma doença a tinha perturbado, desde a cura prodigiosa de 1899 até Pentecostes de 1902.

Nesta solenidade o seu recolhimento foi mais profundo e o seu rosto inflamou-se mais que nunca, emquanto o coração lhe palpitava com toda a força. Recebeu, no meio de comunicações excepcionais, a revelação do grande papel sobrenatural que ia coroar a sua vida.

A angélica donzela tinha-se oferecido como vítima pela salvação das almas, mas a vítima não se torna verdadeiramente tal senão quando é imolada.



Para coroar a sua missão de expiação, Gema devia deixar-se estender sobre o lenho do sacrificio, e o Senhor dignou-se vir solicitar o seu consentimento. «Tenho necessidade, lhe disse Elle, tenho necessidade duma expiação imensa, particularmente pelos pecados e sacrilégios com que me vejo ultrajado pelos ministros do santuário... Se eu não atendesse aos anjos que cercam os meus altares, quantos fulminaria no mesmo lugar!»

A estas palavras, à vista dum Deus irritado, o coração da esposa fiel tremeu de dor e de horror; uma palidez mortal lhe cobriu o rosto e os olhos encheram-se de lágrimas. Quando em seguida o Senhor lhe perguntou se ella mesma queria aceitar esta expiação, exclamou, no meio dum transporte espontâneo de toda a sua pessoa: «Como me perguntaes, ó Jesus, se aceito? Sim, immediatamente, ó Jesus: descarregai sobre mim a vossa cólera e glorificai-Vos nesta miserável criatura».

Deus aceitou a oferta heróica, e Gema caiu gravemente doente. O estômago fechou-se a ponto de recusar todo o alimento. Qualquer coisa, mesmo em quantidade mínima, lhe revolucionava as entranhas e fazia sofrer cruéis dores, emquanto não vomitasse. Apenas tolerava alguns tragos de vinho, que constituíam a sua exclusiva alimentação durante dois meses inteiros. E é de espantar que pudesse viver só com este alimento.

Nunca ninguém soube dizer qual era a natureza do mal e a causa dos estranhos fenómenos que o acompanhavam. Mas a vítima sabia-o, porque um dia, estando em êxtase, foi ouvida falar assim com o Senhor: «Jesus, depressa chegaremos ao fim do vosso mês (o mês de Junho). Todo elle é verdadeiramente vosso. Vós o sabeis,

ó Jesus. Mas eu nunca me saciarei. Depois deste mês tenho tanto que fazer por obediência!... Ajudai-me, Jesus».

De-facto, conhecendo eu a origem sobrenatural da doença e não querendo que Gema caísse nas mãos dos médicos, ordenei-lhe, em nome da obediência, que pedisse a Deus a sua cura. E ella, com a maior docilidade, mas fazendo violência a si mesma, fêz o pedido. Jesus respondeu-lhe que, em atenção à obediência e para mostrar que era Elle o autor da misteriosa doença, a curaria sem demora, mas por pouco tempo.

A cura foi repentina. Gema voltou a tomar o alimento habitual e, ao cabo duma semana, as forças tinham voltado àquele corpo extenuado que já parecia um cadáver, depois de sessenta dias de dieta absoluta.

Mas os designios de Deus deviam cumprir-se. A 9 de Setembro, depois duma trégua de três semanas, voltou a manifestar-se o mal, e a 21 do mesmo mês a santa menina, cheia de febre, começou a vomitar sangue. Já não era esse sangue provocado pelos impetuosos transportes de amor do seu coração, era sangue vivo dos pulmões.

Ao mesmo tempo, para se lhe agravarem os tormentos, a vítima de expiação ficava privada das doçuras da contemplação, das suaves palpitações do coração, e, salvo raras excepções, de todos os favores místicos: desfalecimentos de amor, arrebatamentos, visões, etc. Só e sem nenhum conforto, consumia-se no sofrimento, em holocausto ao Senhor.

O que me mandavam dizer de Luca a seu respeito causava dó: «Gema está muito doente, é um esqueleto



coberto de pele, sofre dores terríveis e penas interiores que fazem tremer. — Gema não pode mais. Receio que expire dum momento para o outro. Eu mesmo não posso mais por não saber o que hei-de fazer para a aliviar. Sente uma grande necessidade de vos ver. Vinde depressa dar-lhe uma norma de conduta».

Depois de repetidas instâncias, resolvi ir a Luca. Era em Outubro do mesmo ano de 1902. Ao saber da minha chegada, a angélica menina manifestou grande alegria e quis sair do leito para me dar de pé as boas-vindas. Qual não foi a minha dor ao vê-la neste estado, com o pressentimento de que agora o Senhor no-la levaria! Abençoei-a e ordenei-lhe que voltasse para o leito.

Depois, sentado ao lado dela, disse-lhe: «Então, Gema, que faremos nós?»

«Eu, Padre, vou para Jesus», respondeu com um acento de indizível alegria.

«Deveras?»

«Sim, Padre, esta vez Jesus disse-mo muito claramente. No céu, meu bom Padre, no céu com Jesus!»

«E os pecados, acrescentei eu, quando os havemos de expiar? Que belo projecto é o teu!»

«Jesus, respondeu ela, Jesus já pensou nisso. Fazer-me-á sofrer tanto no pouco tempo que me resta, que, satisfeito com os meus pobres sofrimentos, santificados pelos méritos da sua Paixão, me conduzirá com Ele para o Paraíso».

«Mas eu não quero, lhe disse, que morras ainda».

E ela, com ingênua vivacidade: «E se Jesus quiser, então?»

Neste ponto, não sei como, começou a falar das particularidades mais minuciosas da sua morte: de que modo lhe seriam administrados os últimos sacramentos, como a haviam de vestir depois de expirar, como seria colocada no caixão, transportada ao cemitério e sepultada.

Gema dava estes pormenores com uma admirável tranquillidade, exactamente como se se tratasse apenas de mudar de quarto ou de casa. Ouvia-me e respondia-me graciosamente, mas, quando a conversa recaiu sobre o lugar da sepultura, retomando de repente a sua gravidade, disse-me com voz um tanto comovida: «Vigiai bem, Padre, sobre o que vão fazer do meu cadáver. Não vos retireis de Luca antes de o ter pôsto em segurança».

Como eu não compreendesse o alcance destas palavras, pedi uma explicação. «Não quero, disse ela, que o meu corpo seja visto nem tocado por ninguém, porque é de Jesus». Algumas palavras tranquilizadoras dissiparam a sua inquietação.

Quem pode descrever o contentamento da santa menina, ao ver a seu lado o director espiritual? Julgava ela que, de futuro, estaria segura no meio das crises mais terríveis e agradecia interiormente ao Divino Mestre o ter-lhe dado esta consolação depois de tantos sofrimentos.

Nessa mesma noite, para a contentar, deixei-a repetir a confissão geral, e convenci-me mais uma vez, derramando lágrimas de consolação, que, durante todo o curso dos seus vinte e cinco anos, a angélica donzela nunca tinha cometido com plena advertência um único pecado



veniai e que levava para o céu, ilibada de toda a mancha, a inocência baptismal.

Não seria fácil descrever a alegria espiritual manifestada pela doente depois desta nova absolvição. Foi preciso moderá-la com receio de que a sua viva comoção e fervorosa conversa agravassem a extrema fraqueza em que já se encontrava.

Na manhã seguinte, ainda cedo, preparou-se tudo para a administração do Sagrado Viático. Apesar dos ardores duma congestão pulmonar, Gema nada quis tomar de noite para ficar em jejum. Sentaram-na no leito e cobriram-lhe a cabeça com um véu branco.

Depois de lhe ter dirigido algumas palavras de edificação adaptadas à circunstância, retirei-me para um canto do quarto, esperando de joelhos a chegada do Santíssimo Sacramento. Gema ficou logo fora de si, arrebatada em profundo êxtase, com as mãos juntas sobre o peito, os olhos fechados, o espírito recolhido, insensível a tudo. Parecia um anjo em adoração diante da majestade de Deus.

Chegou o sacerdote com o Sagrado Viático, colocou o cibório sobre o pequeno altar improvisado e voltou-se para a doente. Mas, ao ver esse rosto angélico que parecia despedir chamas e irradiações de amor, ficou possuído dum religioso temor.

Animei-o, dizendo-lhe que se aproximasse com a sagrada partícula, porque a extática procederia como se estivesse no pleno uso dos sentidos.

Com efeito, ao aproximar-se o seu muito amado Jesus, a seráfica virgem abriu os olhos cheios de lágrimas,

mas, estendeu a língua, recebeu a Sagrada Hóstia e recaiu imediatamente em êxtase.

Terminada a piedosa cerimónia, o sacerdote levou o Santíssimo Sacramento à igreja, para voltar a toda a pressa para o quarto da doente, onde esteve de joelhos junto do leito, rezando e chorando todo o tempo que durou a acção de graças da extática virgem.

Eu mesmo, embora habituado a semelhantes transfigurações desta alma celeste, não podia conter as lágrimas. Jamais esquecerei aquêle dia, aquêle quarto, aquella cena do Paraíso.

Entretanto a doença seguia o seu curso com alternativas de melhor e de pior. As síncope eram frequentes e perigosas, sendo preciso estar alguém de dia e de noite ao lado da enferma, sempre pronto para evitar a asfixia e auxiliar a respiração por meio de inalações de oxigénio.

Passados alguns dias, disse-lhe eu: «Gema quanto tempo durará ainda a doença? Eu queria partir».

«Se quereis, Padre, podeis ir, não morro ainda. Terminarei certamente com esta doença, mas ainda não; pelo menos Jesus assim me disse».

Abençoei pela última vez aquêle anjo que não tornaria a ver sobre a terra e retirei-me.

Mas antes de me despedir da piedosa família Gianini, tratei de recomendar sérias providências para a preservação das crianças, pois entendi que não se deve tentar a Deus.

A maior parte dos médicos diagnosticavam uma tuberculose pulmonar. Outros, é certo, não encontrando a prova disso na análise microscópica, disseram que era



uma doença nova e misteriosa: mas todos concordaram na possibilidade de infecção por contágio e na urgência de isolar a enferma.

Ora, quem o havia de dizer? Encontrei neste ponto as maiores dificuldades. «Como privar-nos de Gema? dizem grandes e pequenos. Deus conduziu-a para nossa casa e havemos de a deixar sair? Isso, nunca. Se está prestes a morrer, somos nós que lhe queremos assistir».

O filho mais velho, estudante da Universidade, exclamou: «Que seria de nós quando Gema já não estivesse em nossa casa? Deus abençoou e favoreceu sempre a nossa família pelos méritos da santa a quem damos hospitalidade. Verieis, verieis o que seria de nós».

Tal era o modo de pensar geral, sucedendo que, três meses depois da minha partida, ainda se não tinham resolvido a separação.

Os conselhos de prudência sempre prevaleceram por fim, e concordaram num meio termo. Uma tia de Gema, D. Elisa, alugou um pequeno aposento que estava contíguo à casa Giannini, com vistas sobre ela; e na noite de 24 de Janeiro de 1903 transportaram para lá a querida doente.

Nada ou quasi nada foi mudado por isso na assistência que lhe prestavam. Seus dedicados benfeitores não deixavam a cabeceira da enferma. As próprias crianças, apesar-da da proibição dos médicos, conseguiam iludir toda a vigilância, e, ora um, ora outro, escondendo-se detrás da tia, chegavam-se para junto de Gema de quem não podiam ver-se separados.

Por sua vez a pobre enferma não sentia menos a dor da separação, porque amava ternamente todos os

membros desta família afectuosa, e mais particularmente a que chamava sua segunda mãe (1).

Quando estava para deixar a casa hospitaleira, onde se tinham passado em paz os últimos anos da sua juventude, exclamou com as lágrimas nos olhos: «É a segunda vez que perco uma boa mãe: mas viva Jesus! Só e unicamente com Jesus!»

A 6 de Fevereiro escrevia-me: «Meu bom Padre, viva sempre Jesus! Tais são as minhas palavras a todos os instantes do dia. Viva Jesus! porque me deu tanta força e coragem que eu devia incessantemente agradecer-Lhe. Completei o sacrificio de muito boa vontade, sem mesmo o notar. Compreendi, Padre, que já terminou

---

(1) Agora que o leitor já conhece o que foi para Gema esta bondosa senhora, D. Cecilia Giannini, a quem ela chamava a sua querida mãe, já não será inoportuno revelar-lhe a confidência que a Santa faz ao director da sua alma, na 68.ª das suas cartas:

«Estou muito contente nos braços de minha mãe, só, só, sem mais ninguém. Mas, aclare-me, meu Padre, esta dúvida: porque é que, sempre que eu mostro predilecção por alguma pessoa da terra, Jesus me repreende; e só tratando-se da tia (a 2.ª mãe) Ele me não repreende?»

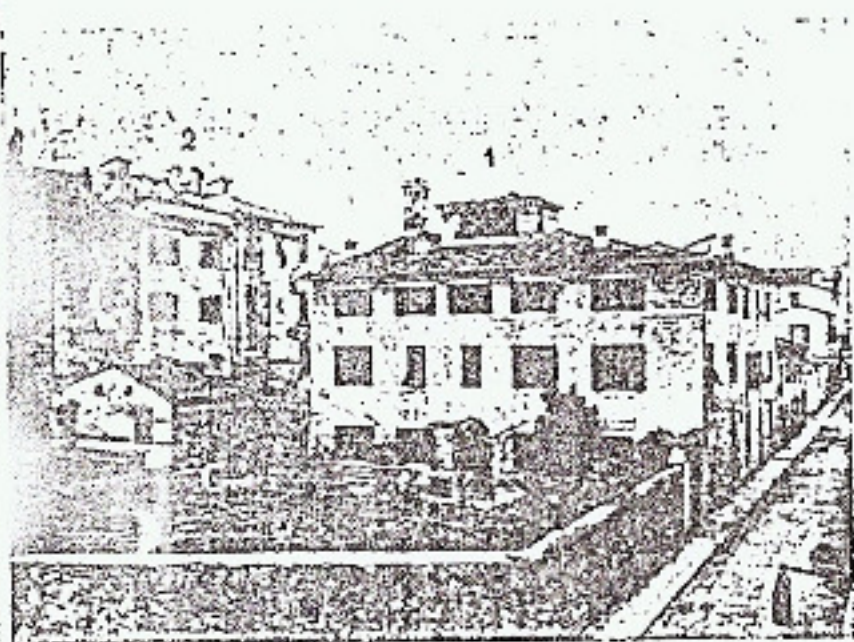
Era assim que o Salvador mostrava aprovar a predilecção da cândida virgem de Luca pela sua maternal benfectora.

E se o leitor quere saber ainda o motivo porque ela não chegou a sacrificar essa predilecção que tinha pela mãe, a mesma carta o vem revelar, referindo a confidência que desse seu amor a própria Gema fizera a D. Cecilia.

«Só a idea de me encontrar alguma vez nos braços d'outra pessoa ao perder os sentidos (quere dizer, ao cair em êxtase) me causa uma pena incrível e me inspira este ardente affecto que vos tenho». (Nota do Revisor).



*o tempo de ser criança. Força e coragem! Mas nunca deixeis de me ajudar com alguma dessas exortaçõesinhas que me fazem tanto bem. Estai contente, como eu, no meio das aflições. Abençoai-me sempre. Todas as*



1. Casa da família Giannini na cidade de Luca.
2. Casa contigua, para onde a Santa foi transferida a 24 de Janeiro de 1903.
- + Janela do quarto onde a Santa faleceu.

*manhãs, a todos os momentos, peço por vós para que tenhais ainda um pouco de paciência comigo. Sou a pobre Gema».*

Instalada em sua nova habitação, escreveu pouco depois uma última carta à Mãe Celeste, como fazia nas suas festas principais ou em qualquer necessidade parti-

cular. E, não sei porquê, encerrou-a, contra o seu costume, na última carta que me enviou.

A bondosa menina não podia certamente deixar-me lembrança mais preciosa do que esta fôlha onde se reflecte toda a sua alma. Eis os pontos principais:

«Minha Mãe, a minha débil existência continua neste mundo a batalhar; mas estou contente, e, no temor ou na esperança, abandono-me a Deus. «Se eu sou todo por ti, me disse Jesus esta manhã, quem poderá jamais vencer-te?...» Minha querida Mãe, não estou completamente bem, a minha vida esgota-se. E o meu espirito? Oh! meu Deus! Eu clamo, clamo com muita força no meio dos meus grandes sofrimentos; volto-me para Jesus e faço-lhe promessas de amor, mas Jesus permanece escondido, já pouco ou nada me ama. Paciência! Não está longe de mim. Ó minha Mãe, viva Jesus! Ele há-de vingar-se dentro em breve e santamente por seu divino amor da mais ingrata das suas criaturas. Ó Mãe, pedi por mim, dizei a Jesus que serei boa, obediente. Mas quero ir depressa para o céu, se isso Lhe apraz. Abençoai-me, sou a pobre Gema».

Era assim que, no meio das ondas mais encapeladas, a virgenzinha de Luca conservava sempre a mais viva fé. No mais amargo da agonia nunca perdeu a doce expansão do amor: e, diante do horror da morte, era animada pela serenidade da esperança e pelo desejo do céu. Feliz de quem sabe, como ela, radicar em seu coração tais sentimentos.

Uma vida, passada toda aos pés de Jesus crucificado, tinha de terminar sobre o calvário do sofrimento.



Gema apropriara, um por um, todos os tormentos do Homem-Deus: as suas angústias interiores, o suor de sangue, a flagelação, os maus tratos, a coroação de espinhos, a deslocação dos ossos, as chagas causadas pelos cravos.

Para que fôsse um perfeito retrato do Redentor só lhe faltava a agonia e a morte no meio dum oceano de dores. Foi o que Jesus lhe concedeu nos últimos dias da vida. Mas, como o seu corpo delicado não podia suportar tantos sofrimentos, compensou a intensidade com a duração, conservando a vítima pregada à cruz durante longos meses.

Assistamos à continuação dêste martírio. A-pesar-da gravidade do seu estado, a piedosa enferma teve, a principio, coragem de se arrastar tôdas as manhãs, ainda cedo, até à igreja para comungar. A sua incansável mãe adoptiva acompanhava-a tôdas as vezes e, de volta, colocava-a no leito por suas próprias mãos, e lá a deixava em acção de graças.

Mas a felicidade e o conforto que a piedosa donzela sentia com êste alimento celeste eram grandes de mais para quem desempenhava o papel de vítima, e Jesus tirou-lhos. Em menos de dois meses os progressos incessantes da febre paralisaram-na por completo. Perante êste novo sacrificio, Gema inclinou a cabeça numa pacífica resignação.

Até então o seu alimento tinha consistido nalguns tragos de liquidos substanciais e fortificantes, mas dentro em breve nem isto sequer podia tolerar no estômago. O seu corpo, sem alimento, ia-se desfazendo pouco a pouco, de tal maneira que não havia nêle parte alguma sã e que não tivesse a sua dor especial.

*«Pobre mártir, escreviam-me de Luca, pobre vítima de Jesus! sofre continuamente; sente os ossos como que a serem esmagados. Vê-se que é torturada em todos os membros, consome-se e não pode mais. Há vinte dias que perdeu a vista, e a voz é tão fraca que, a-pesar-dos seus esforços, difficilmente se ouve. Parece um esqueleto que se vai consumindo de hora para hora; o vê-la causa pena e arrepios».*

E todos estes tormentos visíveis não eram nada ao lado dos que o demónio infligia à pobre enferma.





Supremo combate com o inferno — Visita  
de sua irmã

**D**IZ-NOS o Espirito Santo que Satanás, nos últimos momentos da nossa vida, sabendo que tem pouco tempo para fazer mal, nos assalta com pérfidas tentações, como um leão que vê a presa prestes a escapar-lhe.

Que supremos e furiosos ataques não devia dirigir contra a angélica donzela, a quem tãda a vida tinha perseguido com ódio mortal, e procurado vencer, ou ao menos desanimar com uma guerra sem tréguas.

De outros santos se lê que no fim dos seus dias tiveram que suportar assaltos do demónio mais ou menos violentos e terríveis, mas passageiros. Gema, porém, suportou um ataque continuo de sete meses, apenas interrompidos por curtos intervalos de trégua. O facto é aterrador, mas absolutamente certo, porque é unânime-mente atestado por tãdas as pessoas que acompanharam a angélica jovem durante a sua última doença.

O espirito das treyas perturbava-lhe a imaginação



com mil fantasmas próprios para encher o seu coração de tristeza, de ansiedades, de temor. O seu fim era levá-la ao desespero. Representava-lhe, sob os mais tétricos aspectos, o quadro da sua vida tão cheia de angústias, as desgraças da sua família, as privações de toda a ordem. Fazia-lhe passar diante dos olhos os agentes da força pública indo, depois da morte de seu pai, acompanhados pelos credores, sequestrar os bens da sua casa, e depois exclamava: «*Ai tens o resultado de todas as tuas fadigas no serviço de Deus*».

Explorando o estado de extrema aridez espiritual em que, durante a maior parte do tempo, o Senhor a deixava para mais purificar a sua alma, o anjo das trevas empregava todos os artifícios para a persuadir de que estava irremediavelmente abandonada de Deus e que não havia meio de escapar à condenação. O tentador astucioso insinuava-lhe que as suas heróicas virtudes e até os mais insígnies favores divinos eram apenas ilusão e hipocrisia.

Esta prova, a mais terrível e duradoura de todas, lançou a pobre donzela numa insuportável aflição. Sem cair no desespero, resolveu remediar, quanto possível, o seu passado por uma confissão geral: tomou a pena e, nessa agitação de espírito e confusão de ideias, escreveu toda a história da sua vida, em que se declarava digna de mil infernos, por ter, com malícia diabólica, enganado os confessores, os directores e a si própria.

Passando em seguida uma revista minuciosa aos mandamentos da lei de Deus e da Igreja, pecados capitais e deveres de estado, confessava-se culpada dos maiores crimes.

Estas páginas, febrilmente escritas, foram lidas a princípio por uma pessoa autorizada, depois levadas a um santo sacerdote, designado pela doente, com o pedido de vir dar-lhe a absolvição de todos aquêles pecados.

Veiu, confessou-a e restituiu-lhe a serenidade, mas nem assim o inimigo se deu por vencido. Procurou uma vez mais insultar o pudor virginal da angélica menina. Sabia muito bem o tentador com que amor e cuidado a santa donzela tinha guardado, toda a vida, o inestimável tesouro da sua pureza, com que heroísmo tinha já sustentado, neste campo, lutas terríveis, sempre coroadas de triunfo.

Mas queria, se não alcançar uma vitória que julgava impossível, ao menos vingar-se das suas derrotas por meio de tentações, que sabia serem as mais próprias para amargar os últimos dias da inocente menina.

O quarto da enferma pareceu converter-se então num prostíbulo do inferno. Não eram já pensamentos, imaginações, atitudes lascivas, às quais não podia ser sensível uma alma daquela ténpera. Eram aparições reais sob formas sempre novas duma lascívia cínica e brutal. «*Padre, Padre, escrevia-me ela do seu leito de dor, este sofrimento é muito intenso para mim. Pedi a Jesus que o troque por outro qualquer. Enviai, mesmo de longe, maldições e esconjuros para afastar o velhaco do demónio, ou ordenai ao vosso Anjo da Guarda que venha afastá-lo para longe daqui*».

Vencido em todos os campos, terminou por afligi-la com cruéis vexações exteriores.

A enfermeira da angélica mártir escrevia-me por várias vezes: «*Esta besta hedionda acaba-nos com a*



querida Gema. — Saio sempre de junto dela a chorar: este horrivel demônio consome-a, e não vejo nenhum remédio a opôr. — São pancadas ensurdecedoras, figuras espantosas de animais ferozes; mata-a com certeza. Corremos em seu auxilio, lançando água benta no quarto, o barulho cessa, mas para recommençar pouco depois com mais raiva».

Ninguém imagina até onde chegou a crueldade do invisivel inimigo para com a inocente vítima! Gema sentiu algumas melhoras quanto à dificuldade de ingerir os alimentos.

Satanás, porém, estava de atalaia: logo que a comida era apresentada à doente, apparecia-lhe coberta de insectos repugnantes, de tudo quanto possa imaginar-se de nojento. Perante a repugnância do estômago, era forçoso retirar tudo. Bichos repelentes, reais ou imaginários, invadiam-lhe o leito, e torturavam-lhe o corpo de mil maneiras, sem que pudesse ver-se livre d'elles.

Dizia muitas vezes à Irmã enfermeira com um tom de terror, que sentia uma serpente a envolvê-la da cabeça até aos pés e tentando sufocá-la.

Muitas vezes pediu exorcismos; mas como não se desse importância aos seus pedidos, ella mesmo, voltando-se para o inimigo com o rosto inflamado, exclamou resolutamente: «Espiritos perversos, ordeno-vos que entreis no lugar que vos está destinado, aliás, desgraçados de vós! acuso-vos ao meu Deus».

Depois, voltada para a Mãe celeste, começou a dizer: «Minha Mãe, encontro-me em poder do demônio que me fere, me flagella, trabalha por me arrancar das mãos de Jesus. Não, não, Jesus, não me abandoneis, ser-

-vos-ei fiel. Ó minha Mãe, pedi a Jesus, por mim. De noite, estou só, cheia de terror, oprimida e como que ligada em tôdas as potências da alma e em todos os sentidos do corpo, sem me poder mexer. Viva Jesus!»

O divino Mestre vinha de tempos a tempos, reanimar-lhe a coragem e sossegá-la, fazendo-lhe sentir a sua doce presença e dizendo-lhe algumas palavras. «Minha filha, porque é que, em vez de te entristeceres com as perseguições do inimigo, não aumentas a tua esperança em mim? Humilha-te sob a minha poderosa mão, não te deixes abater pelas tentações. Resiste sempre, sem desânimo, e, se a tentação perseverar, persevera também na resistência: a luta levar-te-á à vitória».

Outras vezes era o Anjo da Guarda que vinha confortá-la. Mas pouco duravam estes felizes momentos. Em breve a sua alma recaia nas trevas e o tentador apparecia de novo, mais furioso que nunca.

Dêste modo se passavam, para a pobre donzela, os dias, as semanas, os meses.

Que exemplo admirável de resignação e que motivo de salutar receio para nós, que não temos os méritos de Gema, na hora terrivel da morte!

Na maior parte dos doentes, com o corpo extenuado pelo sofrimento e com o espirito esmagado pela consciencia do próprio estado, o rosto manifesta tristeza e abatimento. Gema, porém, conservava sempre o seu aspecto alegre e um angélico sorriso.

Nenhum abatimento moral se reflectia nela, nunca lhe saíram do peito êsses suspiros, êsses gemidos que a força da dor arranca até aos mais corajosos.

Nunca pedia alivio, nem mesmo uma simples mu-



dança de posição no leito, embora fôsse incômoda a posição em que estava. Nunca se queixou por causa dos cuidados que o seu estado exigia, ainda que, por algum equívoco, a deixassem só noites inteiras, quando mais necessidade tinha de ser assistida por alguém.

Para evitar este inconveniente, recorreu-se às religiosas enfermeiras, chamadas Barbantinas, que, movidas da sua bem conhecida caridade, se encarregaram de cuidar de Gema até ao fim.

Uma delas, maravilhada com a heróica paciência desta mártir, fêz o seguinte depoimento:

*«Durante todo o tempo que tive a consolação de assistir à querida Gema nunca a ouvi queixar-se. Só no principio a ouvia algumas vezes dizer: Meu Jesus, não posso mais! Mas quando lhe lembrei que tudo é possível com a graça de Deus, não repetiu mais aquelas palavras; e, quando alguma das pessoas presentes, movida de piedade, dizia: Pobre menina, na verdade não pode mais, Gema respondia imediatamente: Sim, sim, ainda posso um pouquinho. E, no entretanto, continua a irmã, vi-a suportar tais sofrimentos que me parece não os haver mais terríveis no Purgatório».*

No meio de tantas dores, de tantas perseguições diabólicas, a virtuosa donzela não sentia a menor dificuldade em conversar familiarmente com o seu Deus, e com a mesma calma e suavidade de espírito que tinha no tempo das maiores consolações.

*«Oh! onde estais, Jesus? dizia ela habitualmente no fim de cada batalha com o anjo rebelde. Não julgueis que Vos esqueço: não Vos esqueço? e Vós, que vêdes o meu coração, sabei-lo muito bem».* Proferia estas palavras

com uma acentuação de inexprimível ternura, tendo os braços abertos e os olhos fixos no céu.

Depois, voltando-se para Nossa Senhora, acrescentava: *«Minha Mãe, dissei a Jesus que cumprirei as minhas promessas e que lhe serei fiel».*

Algumas vezes, sentindo-se repentina e mais vigorosamente atacada pelo inimigo, exclamava com o mesmo abandono affectuoso: *«Ó Jesus, se Vos apraz, dai-me um pouco de repouso! Sinto-me desfalecer, dai-me um pouco de repouso, Jesus!»*

Estas aspirações sucediam-se sem interrupção, algumas vezes articuladas e muitas puramente interiores: *«Não sabeis, Jesus, que sou toda vossa? Sim, toda vossa: quero juntar-me convosco no Paraíso».*

A Irmã enfermeira disse-lhe um dia: *«Se Jesus a deixasse escolher entre ir para o céu, deixando de sofrer, e ficar na terra no meio de dores, que faria, supondo que o último partido era o mais vantajoso para a Sua glória?»*

Antes sofrer que ir para o céu, respondeu com vivacidade, quando se trata de sofrer por Jesus e dar-lhe glória».

Durante as longas horas da noite, Gema pedia encarecidamente à Irmã enfermeira que recitasse em voz alta orações e jaculatórias, sentindo, ao ouvi-las, grande consolação: *«Vamos minha Irmã, vamos, coragem, oremos: não nos ocupemos doutra coisa, Jesus só!»*

Ao verem tanto fervor numa enferma quasi moribunda, as boas religiosas entusiasmadas disputavam a consolação de lhe prestar os seus cuidados.

Ouçamos uma delas, a irmã Camila:

*«A impressão que esta donzela me deixou, é que era*



um complexo de todas as virtudes. Durante todo o tempo que lhe assisti, não fez senão edificar-me. Notei nela um conhecimento profundo da espiritualidade e do misticismo.

Nas conversas que tinha com ela, que versavam sempre sobre coisas celestes, eu hauria uma grande força de alma: parecia-me ouvir um anjo. Suas expressões eram tão nitidas, tão precisas e exactas que não se poderia desejar mais dum mestre da vida espiritual. Se, para a animar a sofrer, eu lhe recordava o exemplo de Jesus, todo o seu rosto se inflamava, vinha-lhe aos lábios um doce sorriso e parecia já não sofrer, tão deliciosa para o seu coração era a lembrança de Jesus.

Os sentimentos da sua alma eram ordinariamente de profunda compunção. «Muitas vezes, diz uma testemunha, via-se tremer ao pensar nos seus pecados. Durante todo o curso da doença a lembrança desses pecados enchia-a de horror, e não se podiam ouvir, sem chorar, as palavras comovidas que saíam então dos seus lábios.

«O Jesus, exclamava, quantos pecados. Não os vêdes, Jesus? Mas a vossa misericórdia é infinita. Já vos tendes perdoado tantas vezes!... Perdoai-nos novamente. Depois, dirigindo-se a Maria com os olhos cheios de lágrimas: «Minha mãe, quando eu me apresentar diante do vosso Filho, dizei-lhe que use de misericórdia comigo». «A sua jaculatória ordinária era: «Meu Jesus, misericórdia!»

Uma das Irmãs enfermeiras pôde atestar: «A virtude, que mais brilhou em Gema durante a doença e que mais vivamente me comoveu, foi a sua grande humildade».

A oração da santa menina era continua. Quando não via ninguém junto dela, voltava-se para um grande crucifixo suspenso da parede do quarto, ou para uma imagem da Virgem Santíssima, colocada em frente do leito, e orava em voz alta. Depois calava-se; mas pela expressão do rosto, conhecia-se que continuava a orar com o mesmo ardor.

«O Sr. Bispo, dizia ela, aconselhou-me a orar com o coração, quando não pudesse falar com os lábios; e assim faço».

Antes de perder a vista, Gema entregava-se por vezes a alguma leitura piedosa. Sua tia, ao vê-la um dia com um livro na mão, perguntou: «Que estás a ler, Gema?»

«Estou a ler a preparação para a morte. Há muito tempo que me preparo assim para a morte».

E de facto não omitiu uma só noite, desde o principio da doença, este devoto exercício.

«Mas, dize-me, continuou a tia, não tens pena de morrer?»

«Oh! não, respondeu Gema: já não tenho afeição a nada deste mundo».

As suas dores, assim como não lhe impediam a íntima união com Deus, também não lhe dificultavam as relações com as criaturas. Se não estava em oração ou em luta com o demónio, a heróica menina, esquecendo as suas torturas, entregava-se por completo às pessoas que a cercavam, edificando-as, como vimos, com santas conversações, e procurando distraí-las da compaixão que lhes inspirava o seu estado lastimoso.

De sua tia, que chorava junto do leito, disse uma



ocasião: «Minha Tia! conheço-a bem, tem um natural muito compassivo, aflige-se por me ver sofrer. Que se afaste, que se afaste. Sim, afastai-a, porque se aflige muito. Não a façais vir junto do meu leito».

Tinha sempre alguma palavra amável para os que dela se aproximavam e sabia condimentar a conversação com ditos espirituosos. Aos agradáveis gracejos com que procuravam distraí-la respondia com outros gracejos, acompanhados de sorrisos encantadores.

Quando as crianças da família benfeitora vinham ter com ela, Gema dava-lhes, acompanhados de afectuosas carícias, bolos e doces com que a tinham presenteado e que guardava cuidadosamente para estas ocasiões.

Um dia foi visitada por sua única irmã ainda viva, a qual, ao ver o triste estado da sua querida Gema, não pôde conter os soluços. «Não chores, Ângela, lhe disse, sossega, não é nada. Ângela, peço-te perdão se te dei maus exemplos».

Estas palavras aumentaram a comoção da irmã, que por sua vez pediu perdão. «Não penses nisso, continuou Gema, procura ser virtuosa, sou eu que to peço». E despediu-a.

Mostrava-se cheia de atenções e de gratidão para com as boas religiosas que lhe assistiam; e, embora o seu natural franco e ingênuo tivesse pouco jeito para cumprimentos, a linguagem dos olhos manifestava eloquentemente quanto era profundo o seu reconhecimento.

Um dia que ouviu sua mãe adoptiva dizer à superiora destas religiosas: «está chegada a ocasião de as recompensar, saberei cumprir o meu dever», Gema interrompeu e, com o rosto animado, disse: «Não, não, sou eu



Morte de Santa Gema

«Agora é bem verdade que não posso mais. Jesus, encomendo-vos a minha pobre alma... Jesus!»



que, junto de Jesus, pagarei às irmãs». A quem quer que lhe prestasse o menor serviço dizia sempre: «Sêde bom cristão, pensarei em vós, não o duvideis. Quando estiver junto de Jesus, não esquecerei o que fazeis por mim».

No último período da doença, a santa donzela, devido à extrema fraqueza, caía muitas vezes em desfalecimento ou em delírio, e o demônio aproveitava êsses momentos de impossível reacção para melhor a torturar com fantasmas aterradores. Mas a vítima expiatória, ainda neste estado de prostração, soltava o seu habitual grito de guerra: «Viva Jesus! Tudo para Jesus, Jesus só!» E repelia vitoriosamente as sugestões malignas.

No mais intenso do delírio, notava-se que, apenas lhe falavam de Jesus, logo voltava a si e respondia a-propósito como se estivesse no seu estado normal. O mesmo acontecia quando, movida pela graça divina, se excitava a algum elevado pensamento de Deus. A inconsciência dava imediatamente lugar à razão, e Gema falava em termos sublimes sobre a vida mística.

Certa ocasião, numa destas perturbações de espírito, provocada por um ataque de tosse que parecia sufocá-la, exprimia ideas incoerentes e risíveis, quando uma pessoa da sua família adoptiva se aproximou, envolvendo-a num olhar de compaixão. A doente reconheceu-a, olhou para ela com amor e disse-lhe: «Vê, Eufémia, e aprende como Jesus quer ser amado».

Eufémia era a predilecta de Gema e a confidente de todos os seus segredos, assistiu-lhe assiduamente durante toda a doença e encontrou-se presente à hora da morte.

Mas voltemos ao nosso calvário para lá vermos expirar a pobre crucificada.



É consumado o holocausto — Morte e  
sepultura de Gema — A autópsia do  
coração

**G**EMA não tem mais que um sopro de vida. Todo o seu corpo é vítima do sofrimento e o rosto cobre-o já a palidez da morte. Jaz imóvel sobre o leito, numa atitude impressionante que recorda o Salvador expirando na cruz.

Quatro ou cinco dias antes de morrer tornou-se tão pesada que três pessoas robustas com dificuldade a podiam levantar. E no entanto a sua pequena estatura e extrema magreza deviam permitir que uma simples criança a movesse. «*Temos tratado de tantos doentes, diziam as religiosas enfermeiras, e nunca vimos coisa igual*».

Aos que lhe notavam este fenómeno, Gema respondia: «*Não sou eu, estai certos, que peso assim*». E na verdade podemos crer que fôsse uma intervenção diabólica, com o fim de aumentar os tormentos da pobre vítima, porque logo depois da morte, o corpo voltou ao peso normal.



Era Quarta-feira Santa, 8 de Abril. Gema parecia levemente extática e fixava de quando em quando os olhos no céu, exclamando com voz abafada pela angústia: *Jesus! Jesus!*

A um dado momento entrou bruscamente num desses grandes êxtases, tão freqüentes em sua vida. Foi de pouca duração; mas, ao retomar os sentidos, a moribunda, com o rosto ainda transfigurado, respondeu candidamente à religiosa, que lhe perguntava se Jesus a tinha consolado: *«Ó minha Irmã, se vos fosse permitido ver um bocadinho do que Jesus acaba de me mostrar, que felicidade não seria a vossa!»*

Recebeu nesse mesmo dia o Sagrado Viático com sentimentos de extraordinária devoção, abstendo-se, todavia, de qualquer manifestação externa de piedade fora do comum. A pobre menina estava privada da Comunhão desde o dia 23 de Março. Por isso pediu lhe trouxessem o seu Jesus no dia seguinte, Quinta-feira Santa, solenidade da instituição da Eucaristia, tão doce ao seu coração.

Como o sacerdote hesitasse em lhe trazer de novo a Comunhão por viático, disse que de bom grado esperava em jejum, a-pesar-dos tormentos duma sede ardente, para não ser privada do conforto divino.

*«Parecia uma santa, diz uma testemunha, assentada no leito, juntas as mãos, os olhos baixos, o aspecto radiante e os lábios sorridentes, a-pesar-da violência do mal.»*

Recebida a Comunhão, entrou imediatamente num profundo recolhimento, êxtase de duas horas, que não lhe tirou a faculdade de responder, de quando em

quando, aos que lhe falavam de coisas santas. Nesse êxtase pareceu-lhe ver uma coroa de espinhos e disse: *«Antes de terminares, que terríveis momentos hás-de passar!»* E acrescentou, voltada para a Irmã: *«Que dia terei amanhã!»*

Chegou esse *amanhã*. Sexta-feira Santa. Pelas dez horas da manhã, a senhora que lhe assistia, sentindo-se extenuada de fadiga e de insônia, ia a retirar-se para repousar um pouco.

*«Não me deixeis, suplicou a moribunda, até que eu seja pregada na cruz. Vou ser crucificada com Jesus. Jesus disse-me que seus filhos devem morrer crucificados.»*

A senhora ficou e em breve Gema caindo num êxtase profundo, estendeu pouco a pouco os braços e permaneceu nessa atitude até à uma hora e meia.

No seu semblante reflectia-se um misto inefável de dor e de amor, de desolação e de calma. Nenhuma palavra lhe saia dos lábios, mas como era comovente o seu aspecto! Agonizava com o Salvador sobre a cruz. Os assistentes, tomados de admiração, não se cansavam de a contemplar. *«Imaginal, escrevia-me um deles, imaginal Jesus crucificado, moribundo, tal era o aspecto de Gema naquele momento.»*

Continuou a sofrer dores mortais durante o resto do dia, na noite seguinte e na manhã de Sábado. Parecia dever expirar dum momento para outro sob a violência de espasmos horrorosos e, mais ainda, sob a violência de angústias interiores.

No Sábado Santo, pelas oito horas, a moribunda recebeu a Extrema-Unção, com singular piedade, es-



tando no uso perfeito das faculdades e procurando responder com voz quasi apagada às orações rituais.

Afirmam os santos que o maior tormento de Jesus na agonia do Calvário, foi o abandono aparente da parte de seu Eterno Pai, e o abandono real da parte dos homens. Dêste abandono se queixou Ele do alto da cruz. Nisto ainda devia Gema parecer-se com o seu divino Mestre.

Motivo de admiração será para o leitor ver que, em momento tão angustioso, não se encontrasse junto da moribunda, nem confessor, nem director, mas só algumas mulheres piedosas, que ali estavam mais para se compadecerem dos seus sofrimentos do que para a confortarem espiritualmente.

Este isolamento foi sem dúvida querido pela Providência para elevar ao mais alto grau o martírio e o mérito da sua serva.

O sacerdote da igreja mais próxima trouxe-lhe o Sagrado Viático e desapareceu; o pároco da freguesia administrou-lhe a Extrema-Unção e só voltou para lhe ler a encomendação da alma; o confessor extraordinário, chamado por ela, retirou-se imediatamente depois de lhe ter dado a absolvição, para não mais aparecer; o confessor ordinário, o único que conhecia todos os segredos da sua alma, pois a dirigira desde a infância, e que por isso podia prestar-lhe grande auxilio no meio de tantas penas espirituais, de tantas dores, lutas supremas, tentações, esteve com ela apenas alguns instantes e não voltou mais; e eu, longe de Luca e ignorando as grandes necessidades da doente, não pensei em visitá-la, nem em lhe dirigir algumas palavras de conforto.

A principio pediu ela que me chamassem por telegrama; depois calou-se, tendo sido avisada por inspiração interior, que Deus lhe pedia também o sacrificio da minha assistência.

E a quem lhe recordava a minha pessoa, depois de ter mostrado com modesto sorriso que me tinha presente no espirito, respondia: *«Fiz a Deus o sacrificio de tudo e de todos, não peço mais nada. Agora preparo-me para morrer»*.

Por seu lado o Senhor retirou-lhe o sentimento da sua divina presença e nunca mais fez descer ao seu espirito um raiuzinho de luz, nem ao seu coração uma gotazinha de bálsamo consolador.

Aniquilada finalmente pela veemência do mal, esmagada sob o peso de imensas dores, atormentada em tôdas as faculdades da alma e do corpo pelos espiritos infernaes, sem conforto nem do céu nem da terra, a inocente mártir elevou a voz quasi apagada e pronunciou estas últimas palavras: *«Agora é bem verdade que não posso mais. Jesus, encomendo-Vos a minha pobre alma... Jesus!»* Era o *consumatum est* e o *in manus tuas* do Salvador expirando sobre a cruz.

De-facto ia consumir-se o holocausto... Para remate do sacrificio faltava só... o último suspiro... Questão de meia hora apenas... Gema está sentada no leito, com a cabeça apoiada no ombro duma das senhoras da sua familia adoptiva...

Sua jovem confidente, Eufémia, de joelhos diante dela, como Madalena aos pés de Cristo crucificado, toma-lhe as mãos entre as suas, e umas vezes as aperta contra o peito, outras coloca a fronte sobre elas...



A Irmã enfermeira e as outras pessoas da família benfeitora, homens e mulheres, estão de pé, contemplando este quadro sublime e comovente... Gema parece adormecida e calma.

De repente, enquanto todos os olhos estão fixos no seu rosto angélico, ainda belo apesar dos estragos da longa doença, um doce sorriso lhe aflorou aos lábios, inclinou suavemente a cabeça e deixou de viver do mesmo modo que de Nosso Senhor se lê no Evangelho: *Et inclinato capite tradidit spiritum.*

Imediatamente a sua alma seráfica, recreada, como firmemente creio, pela presença visível do seu muito Amado Jesus, da sua Mãe celeste, do seu Anjo da Guarda, de S. Paulo da Cruz que tantas vezes invocava nos últimos momentos, de S. Gabriel, de quem era tão devota, voou carregada de coroas e de palmas para o seio de Deus.

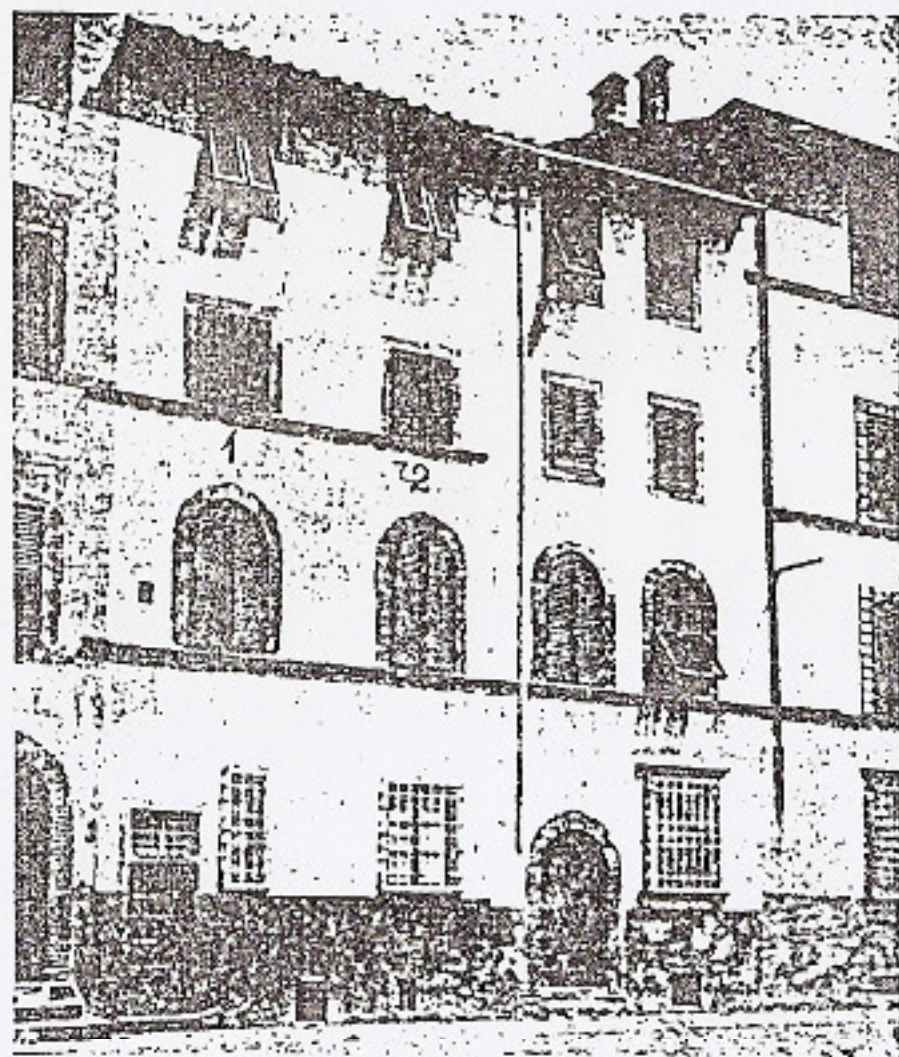
A princípio ninguém notou a sua morte, que não fôra precedida de agonia. O último suspiro da santa menina dera-se sem esforço, sem nenhum sinal de opressão. Dir-se-ia um simples beijo de despedida que aquela alma inocente dava ao seu corpo virginal. Foi, como diz o salmista, o sono dos amigos de Deus.

Esta ditosa morte deu-se à uma hora da tarde de Sábado Santo, 11 de Abril de 1903.

Certa ocasião disse Gema à sua tia: «Tenho pedido a Jesus que me dê a morte por ocasião duma solenidade grande. Como é belo morrer por ocasião duma solenidade!»

E nós podemos acrescentar: como é belo morrer na

solenidade da Ressurreição, depois de ter santificado a Sexta-feira Santa sobre a cruz do Salvador e de ter tomado parte em todas as suas dores!



Casa em que a Santa morreu

No 1.º andar, alugado por sua tia Elisa, está a janela (1) do aposento em que Gema viveu os últimos 77 dias da sua vida.



Jovem bemdita, inspira-nos também o amor ao sofrimento; sem ele não se entra na pátria da eterna felicidade.

As Irmãs enfermeiras prestaram os últimos serviços ao cadáver virginal da Santa; e, por inspiração de quem conhecia a fundo os seus antigos desejos, vestiram-na de preto, como uma religiosa passionista, e colocaram-lhe sobre o coração o emblema da Paixão, distintivo próprio do Instituto de S. Paulo da Cruz. Puseram-lhe na cabeça uma coroa de flores, ao pescoço o rosário e juntaram-lhe as mãos sobre o peito, na mesma atitude que costumava tomar durante os êxtases. Os lábios conservavam o amável sorriso com que tinha expirado.

Assim composto aquêle santo corpo, inspirando um não sei quê de celeste, dir-se-ia suavemente adormecida, ou arrebatada fora dos sentidos e em íntima comunicação com a divindade. Os assistentes não se cansavam de olhar para ele.

Apenas se anunciou a morte de Gema, vieram muitas pessoas junto do seu leito fúnebre. Os filhos da família que a tinha hospedado foram os primeiros. Até os mais pequenos, de três e cinco anos, lhe beijavam as mãos geladas, chamando num tom comovedor: Gema! Gema!

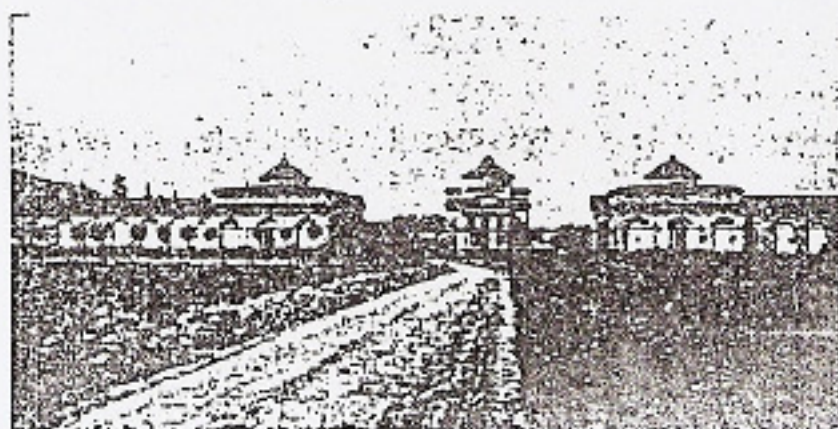
O sacerdote da casa, um santo ancião, que, mais do que ninguém, venerava e amava aquêle anjo, encerrou-se na câmara mortuária e lá esteve todo o dia de Páscoa orando e chorando até ser levantado o corpo bemdito.

Entre os visitantes, foi particularmente notado o digníssimo sacerdote a quem Gema, fortemente atormentada pelo demônio, tinha feito uma confissão geral.

Ficou possuído duma tal comoção religiosa, ao ver a defunta, que exclamou, caindo de joelhos. «Gema, tens a teus pés um grande pecador, pede a Jesus por mim».

Muitos eclesiásticos e leigos tocavam-lhe têrços no rosto para os conservarem como reliquia.

A concorrência do povo continuou durante todo o Domingo de Páscoa. Este levava uma flor da coroa, aquêle por devoção tocava-lhe nas mãos e nos pés, mul-



Cemitério de Luca

tos arrancavam-lhe cabelos, chegando a indiscrição a tal ponto que, se não fôsse a enérgica intervenção da Religiosa que estava de guarda, nada ficava da abundante cabeleira de Gema.

Um respeitável eclesiástico, não tendo chegado a tempo de ver o cadáver, quis ter ao menos a consolação de rezar na câmara mortuária já deserta. Logo que entrou não pôde conter as lágrimas e disse: «Parece-me estar num santuário de que este leito é o altar. Como se reza aqui bem! O meu desejo era não sair daqui».



Teve de sair, mas, atraído por um encanto irresistível, voltou exclamando: «*Como és feliz, Gema, por ter sabido viver como os anjos e morrer como os santos!*» Partiu finalmente, mas voltando-se ainda de vez em quando para o quarto, onde a bela alma de Gema parecia ter deixado como que um perfume do céu.

A tarde do dia de Páscoa, aproximava-se. Era tempo de proceder à cerimónia da inumação. O corpo foi colocado num modesto ataúde de madeira, onde tiveram o cuidado de introduzir, encerrada num tubo de cristal, a seguinte memória, escrita em pergaminho e ditada pelo P. Roberto Andreuccetti:

«*Gema Galgani, nascida em Camigliano, perto de Luca, a 12 de Março de 1878, de Henrique Galgani e Aurélia Landi.*

«*De costumes imaculados e de singular piedade, foi um modelo admirável de virtudes cristãs. Provada, desde a infância, por grandes desventuras domésticas, purificada por uma longa e dolorosa doença que suportou com edificante resignação, encontrou sempre o seu único conforto na devoção constante a Jesus crucificado, a quem ardentemente desejava consagrar-se por completo, vestindo o hábito religioso das Filhas de S. Paulo da Cruz.*

*Madureza para o céu, para lá voou no Sábado Santo, 11 de Abril de 1903.*

*Vive com os anjos, alma piedosa, e pede por nós.*

A honra de levar o ataúde foi reclamada pelo filho mais velho da família benfeitora, estudante da Univer-

sidade, por um dos seus irmãos e por mais dois membros duma irmandade de penitentes, todos revestidos com o hábito da sua piedosa associação.

A grande solenidade pascal contrastava certamente e dum modo singular com a cerimónia fúnebre. Mas quanto não significava um tal contraste!

Este préstito parecia uma apoteose festiva. Enquanto a alma da virginal donzela, levada pelos anjos ao seio do eterno esplendor, celebrava no céu o triunfo da Ressurreição de Jesus, os homens iam confiar às entranhas da terra os seus restos mortais até ao dia em que, vivificados de novo por um sopro do poder divino, se vão levantar para uma eterna juventude.

Foi sepultada numa campa privilegiada ao ar livre (1); e sobre uma placa de mármore foi gravado o seguinte epitáfio latino:

---

(1) A sepultura da serva de Deus já não é ao ar livre como aqui disse o autor. Na manhã do dia 7 de Outubro de 1908, o corpo venerando foi exumado e reposto, a alguns metros de distância, no lóculo n.º 18, sob a arcada 59. Por essa ocasião, elevaram sobre o novo túmulo da serva de Deus um gracioso monumento encimado por um anjo com as mãos juntas e os olhos voltados para o céu, recordando a vida de oração e de êxtase de Gema Galgani.

Tendo os restos mortais da Santa sido trasladados do cemitério de Luca para o mosteiro das religiosas Passionistas, este monumento conserva-se hoje a um ângulo da capela. Veja-se adiante a gravura correspondente. (Nota do Tradutor, completada pelo Revisor).



GEMMA GALGANI LVCENSIS  
VIRGO INNOCENTISSIMA  
QVAE

DIVINI AMORIS AESTV MAGIS  
QVAM VI MORBI ABSVMPA  
QVINTO AETATIS LVSTRO VIX EMENSO  
AD CAELESTIS SPONSI NVPTIAS EVOLAVIT  
DIE XI M. APRILIS A. MCMIII  
PERVIGILIO DOMINICAE RESVRRECTIONIS

ANIMA DVLCIS TE IN PACE  
CVM ANGELIS

cuja tradução é a seguinte:

*Gema Galgani, de Luca, virgem inocentissima, a qual, apenas completado o quinto lustro da sua idade, consumida mais pelas chamas do amor divino do que pela violência da doença, voou às núpcias do celeste Espôso a 11 de Abril de 1903, véspera da Ressurreição do Senhor.*

*Repousa em paz, ó alma ditosa, na companhia dos anjos.*

Este desenlace veio provocar na família benfeitora uma dor tão viva, e em todos os espíritos uma tal confusão que foi esquecido o projecto, há muito concebido, de abrir o peito de Gema depois da sua morte, na esperança de se lhe encontrar no coração algum sinal extraordinário. Dêle se lembraram porém logo depois da inhumação, e trataram de o executar sem demora.

As formalidades que em tais circunstâncias exigem as autoridades civis prolongaram-se até 24 de Abril. Só nesse dia, o décimo terceiro depois da morte da Santa, é que se procedeu à exumação.

O cadáver estava intacto dentro do caixão, tal como fôra colocado, mas já com sintomas de incipiente decomposição.

O coração, tendo sido descoberto e extraído, appareceu, contra toda a expectativa, fresco, vermelho, flexível, como se estivesse cheio de vida, o que fêz admirar em extremo os técnicos encarregados da autópsia.

A forma daquele órgão era verdadeiramente singular, contrastando com o tipo natural. Muito achatado nas duas faces e muito dilatado dos dois lados, parecia mais largo que alto.

Mas foi um assombro para todos, quando, ao ser o coração aberto pelo escalpeio, se viu jorrar dos ventriculos e das aurículas um sangue vivo, avermelhado e muito fluido que inundou a mesa de mármore da operação.

Ninguém ignora que, immediatamente depois da morte, todo o sangue contido no coração se escapa ou,



Luca — Túmulo da Santa



no caso dum rápido resfriamento, coagula, perdendo a cor viva. Com maior razão se devia isso verificar treze dias depois da morte, e morte causada por uma doença infecciosa.

Ah! Aquêlê coração que foi fornalha de tantas chamas celestes, que palpitou de tão puro amor de Deus, que, não podendo conter-se na sua cavidade natural, levantou três costelas do peito, curvando-as fortemente, que abriu uma saída para o exterior na misteriosa chaga do lado, e que inflamava tôda a região torácica dêsse lado, a ponto de ninguém poder aproximar a mão sem experimentar uma sensação de queimadura, êste coração de serafim não podia morrer!

Foi um êrro, foi uma desgraça sujeitá-lo ao escalpelo profano. Mas Deus o permitiu para que se manifestasse um prodígio que, sem isso, ficaria ignorado.

A forma anormal observada no coração da seráfica virgem não parece ter outra explicação que não seja a dos tormentos extraordinários, provocados pelo fogo de amor divino que a abrasava. O que nos deve admirar é que êle não tivesse sido reduzido a cinzas.

Gema nunca apresentou sintomas de doença cardíaca que pudesse produzir tão estranho efeito. O seu coração, sempre robusto e são, nunca manifestou a menor irregularidade, fora dos êxtases e do martírio místico da sua alma. Mas logo que cessavam essas comoções divinas, retomava imediatamente o estado normal.

Ê certo que Gema foi atingida duma leve anemia nos últimos meses da vida. Mas quem dirá que esta doença podia produzir, em tão pouco tempo, semelhante deformação do órgão vital?